



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

NO RASTRO DE DORES:

**trajetórias de vida e registros de superação em narrativas de
mulheres negras com experiência de relações afetivo-sexuais com
outras mulheres**

GLÊIDES SIMONE DE FIGUEIREDO FORMIGA

Brasília

Maio de 2015

GLÊIDES SIMONE DE FIGUEIREDO FORMIGA

NO RASTRO DE DORES:

trajetórias de vida e registros de superação em narrativas de mulheres
negras com experiência de relações afetivo-sexuais com outras
mulheres

Tese Apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Antropologia Social do Instituto
de Ciências Sociais, Departamento de
Antropologia, Universidade de Brasília para
obtenção do título de Doutora em Antropologia.

ORIENTADOR

Drº José Jorge de Carvalho (UnB)

Brasília

Maior de 2015

GLÊIDES SIMONE DE FIGUEIREDO FORMIGA

**NO RASTRO DE DORES:
trajetórias de vida e registros de superação em narrativas de mulheres
negras com experiência de relações afetivo-sexuais com outras mulheres**

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutora em Antropologia Social. Aprovada em:

Brasília, 29 de maio de 2015

Examinada por:

Presidente: Prof^o Dr^o José Jorge de Carvalho - UnB

Prof^a Dr^a Juliana Florez – Universidad Javeriana - Bogotá

Prof^a Dr^a Antonádia Borges - UnB

Prof^a Dr^a Tânia Mara Campos de Almeida - UnB

Prof^o Dr^o Pedro Paulo Gomes – UNIFESP - SP

Suplente: Prof^o Dr^o Guilherme José da Silva e Sá - UnB

*À todas/os as/os Orixás que me
acompanharam, em especial às Yabás*

*À Iansã que me envolve sempre e leva-me em
seus poderosos ventos de transformação*

*Às mulheres que, na trajetória deste trabalho,
refletiram a si e sobre si, doaram-se, trocaram,
amaram, arriscaram corajosa e
poderosamente...transformando a mim e a si
sem ter a mínima ideia de como seria.*

*Às mulheres da minha vida hoje e sempre
Herbatha, Agatha e Aisha*

*À toda a minha ancestralidade preta e
feminina, em especial minha mãe. Como
projeto de superação e desconstrução, que
venham novos tempos!*

AGRADECIMENTOS

Às vinte interlocutoras e parceiras na construção deste trabalho, pela coragem, por compartilharem do desafio de tentar compreender melhor a própria subjetividade e as relações estabelecidas na trajetória de vida. Agradeço também pela confiança, pela crença nas possibilidades que envolvem a troca e o compartilhamento das histórias, pelo afeto, carinho, amizade e cuidado, bem como, pelo imenso aprendizado que me proporcionaram.

Às minhas filhas Herbatha, Agatha e Aisha pelo amor, por fazerem da conclusão desse trabalho um projeto afetivo, coletivo e familiar. Agradeço por acreditarem, por sonharem junto, pela paciência, pela compreensão nos momentos de ausência e por me fazerem lembrar diariamente o tamanho dos meus sonhos, da minha força e pelo que se vale a pena lutar.

À minha mãe, Helena Nazário, a minha irmã, Gleiciane e ao meu pai, Antônio Formiga pelo amor e afeto comigo e com as netas e sobrinhas, pelo apoio logístico, prático, financeiro e cotidiano; pelo investimento de uma vida num projeto formativo e profissional, por apoiar até mesmo nos momentos em que não concordavam e/ou não acreditavam, por sonhar juntas/os e por comemorar juntas/os cada momento.

Ao Cláudio Vicente, pelo carinho, pelo afeto, por acreditar num projeto de vida, por compartilhar uma proposta acadêmica e as indignações sociais, por ressaltar regularmente minhas possibilidades e competências, por ser amigo e por ser parceiro no projeto de orientar, apoiar, educar e amar a pequena Aisha. Agradeço pela paciência e pelo apoio logístico, nos mais diversos momentos e nas mais diversas dimensões.

À Mariana Nunes Vicente, pelo carinho, pela companhia, pela escuta e pelas discussões sobre estruturas literárias e escrita das narrativas. Agradeço também pela contribuição na tradução do resumo e construção do abstract

À Eliane Vicente, pelo cuidado e carinho com a Aisha em momentos significativos do desenvolvimento deste trabalho

Ao Prof^o Dr^o José Jorge de Carvalho, por todos os anos de parceria e luta; pelos ensinamentos acadêmicos e existenciais e por ser uma referência a mim, enquanto acadêmico e ativista em prol de uma academia e de construção de saberes não eurocêntricos.

À Prof^a Dr^a Tânia Mara e a Prof^a Dr^a Antonádia Borges, pelas imensas contribuições teórico-metodológicas provenientes das discussões no momento da qualificação do projeto de pesquisa. Esse momento foi crucial para reelaborações, para dissipar dúvidas e para angariar estímulo à continuidade do trabalho.

À Prof^a Dr^a Juliana Florez, a Prof^a Dr^a Tânia Mara, a Prof^a Dr^a Antonádia Borges e ao Prof^o Dr^o Pedro Paulo Gomes por terem aceito participar da banca de defesa desta tese, pela disposição em ler, discutir, avaliar e contribuir com suas expertises ao texto, aos temas e aos princípios que estruturaram a pesquisa como um todo.

Às/os professoras/os do departamento de Antropologia da Universidade de Brasília que durante minha trajetória acadêmica por vezes me instigaram, provocaram e colaboraram para transmutações no campo intelectual e relacional.

À comissão de elaboração da proposta de cotas para negras/os e indígenas no processo seletivo da Pós-Graduação do DAN, pela força, pela energia advinda da união de esforços em prol de um projeto de sociedade, de um projeto de Universidade mais equânime. Membras/os da comissão: Paulo Henrique Da Silva Santarém (Paique), Guilherme Moura Fagundes, Marcela Stockler Coelho de Souza, José Jorge de Carvalho, Guilherme José da Silva e Sá (membras/os da comissão).

À Profª Drª Antonádia Monteiro Borges e Profª Drª Marcela Stockler Coelho de Souza, pela densa formação teórica, pela sensatez nas discussões políticas, por inspirar coragem e determinação, pela sensibilidade e acolhimento, pela coerência do dia-a-dia e pelo reconhecimento e parceria em discussões teóricas e metodológicas fundamentais à Antropologia.

Às/os colegas de turma, pelo companheirismo, pelas discussões acadêmicas, pelo compartilhar de inquietações e em especial à Julia Otero e à Carolina Pedreira pelo companheirismo nos momentos que antecederam a defesa, por contribuírem para a o acolhimento e o cuidado mútuo. Colegas de turma: Julia Otero, Carolina Pedreira, Nicole Soares, Andressa lewandowski, Diogo Bonadiman e Roberto Almeida.

Às/os colegas de Katakumba, pela disponibilidade e abertura para discussões, pela abertura de espaços como o “Conversas da Kata”, importante evento em que tive oportunidade para discutir elementos cruciais para o início da escrita desta tese.

Às representantes discentes Rosana Castro e Chirley Ferreira Mendes, pelo apoio e força política nos momentos decisivos que antecederam a conclusão desta tese.

Ao “Grupo de Estudos Mulheres Negras”, em especial à Bruna Cristina J. Pereira, coordenadora do grupo, pelo acolhimento e recepção, pelos momentos de discussão profunda, pelo compartilhar de bibliografias e escritos de pessoas negras, tão difíceis de reunir mediante a estrutura racializada da academia e do mercado editorial seletivo e excludente. O grupo possui um número maior de componentes, peço desculpas às pessoas não citadas e licença para listar alguns nomes como representantes do coletivo como um todo. Desta forma, agradeço às pessoas de Renata Melo Barboza, Priscila Pascoal, Beatriz Maria, Daniela Marques, Gilza Mercês, Maraísa Almeida, Fernanda Ribeiro, Adhani e Luíza, pelo acolhimento coletivo, o compartilhamento de ideias e o incentivo.

Às/os todas/os que contribuíram espiritualmente para o equilíbrio, força, sabedorias nas escolhas e lidas cotidianas na trajetória deste trabalho. Agradeço, portanto, às sacerdotisas, sacerdotes, oráculos etc com quem tive contato durante esse período.

À Íris Regina Lima, pela parceria e orientação num projeto de autoconhecimento, pela amizade, pelo apoio e acolhimento espiritual, estruturante do aspecto emocional e crucial para lidar com temas emocionais densos e complexos como os discutidos nesta tese. Agradeço também pela constante disposição e paciência, por promover uma escuta sensível e acolhedora, mas com posições sempre firmes. Agradeço ainda pelas trocas de experiência de vida, de dores, de vivências de violências comuns e distintas, pela sabedoria, profundidade e densidade na vida que colocou sempre à disposição das discussões dos temas e das histórias em nossas conversas.

Às parceiras da Flor Labore, Natália Maria Machado e Tamara Martins, pelo apoio, por compreender as ausências, por sonhar junto, por unir forças, por compartilhar um ideal de projetos de justiça social.

À Natália Maria Machado, pelas diversas discussões e trocas sobre os temas do trabalho, por compartilhar dores, afinidades, experiências de violências comuns e distintas em nossas trajetórias e com isso reforçar com constância a importância desta discussão. Agradeço pelo cuidado, pela amizade e afeto. Agradeço também pela contribuição com as epígrafes.

À Paula Balduino de Melo, pelo afeto, pelas trocas e conversas sobre as relações na Universidade, as relações raciais, as relações familiares, sobre a vida e pelo apoio emocional, companheirismo e cuidado de sempre nos momentos tensos e cruciais da trajetória deste trabalho e na vida pessoal.

À Mariana de Lima e Silva pelas trocas acadêmicas cruciais no momento de estruturação da escrita desta tese e pelas discussões temáticas. Agradeço pela abertura, pela coragem em embarcar de forma integral na profundidade deste trabalho e por colocar à disposição do mesmo a competência acadêmica e as experiências de vida. Agradeço também pela amizade, pelo apoio, pelo incentivo e pelo cuidado comigo nesse processo.

Ao Tiago Eli de Lima Passos, pela leitura sensata, atenta, minuciosa, competente e absolutamente comprometida com a qualidade desta tese. Agradeço profundamente seu apoio em toda a trajetória desde a seleção de doutorado, principalmente no processo de finalização deste texto. Agradeço pelo cuidado, responsabilidade e pela competência acadêmica que colocou à disposição deste trabalho.

À Daniele Jatobá pela disponibilidade, pelas conversas iluminadoras e pelo apoio emocional importante para a conclusão do trabalho.

Às amigas Erli Helena Gonçalves e Sandra Freitas pela compreensão devido à falta de tempo, pelo afeto, pela amizade tão leves e importantes no período de desenvolvimento deste trabalho.

À Rosa e ao Jorge Máximo, pelo suporte administrativo, em especial à Rosa pelo cuidado, carinho e amizade.

Às/os colegas da CEDIV, Coordenação de Educação em Diversidade, pela amizade e pelo incentivo à finalização do doutorado.

Ao “Nosso Projeto” grupo de pessoas ativistas contra a homofobia, pelo acolhimento, pelos primeiros lampejos de ideias, pela empolgação com a proposta do trabalho.

À todos os grupos de compartilhamento que me receberam de forma atenciosa, respeitosa e contribuíram com indicações e sugestões ao trabalho

Às instituições que abriram as portas para que eu pudesse empreender o trabalho de campo, quais sejam, Vara de Execuções Penais, Vara da Infância e Juventude, Comunidade de Educação, Integração e Apoio e Unidade de Internação do Recanto das Emas. Agradeço a recepção respeitosa e pela conduta competente.

Às técnicas da Unidade de Internação do Recanto das Emas, pela sensibilidade e pela viabilização da pesquisa neste espaço.

Ao Lima Neto e ao Waldec, policiais civis da Penitenciária Feminina do DF, sem os quais o desenvolvimento do trabalho de campo neste espaço e no formato em que ocorreu não seria possível.

À CAPES e a EAPE pelo financiamento da pesquisa

*(...) Para aquelas de nós
que foram marcadas pelo medo
como uma linha tênue no meio de nossas
testas
aprendendo a ter medo com o leite de nossas
mães
pois por essa arma
essa ilusão de alguma segurança vindoura
os marchantes esperavam nos calar
Pra todas nós
este instante e esta glória
Não esperavam que sobrevivêssemos*

*E quando o sol nasce nós temos medo
ele pode não durar
quando o sol se põe nós temos medo
ele pode não nascer pela manhã
quando estamos de barriga cheia nós temos
medo
de indigestão
quando nossos estômagos estão vazios nós
temos medo
nós podemos nunca mais comer novamente
quando somos amadas nós temos medo
o amor vai acabar
quando estamos sozinhas nós temos medo
o amor nunca vai voltar
e quando falamos nós temos medo
nossas palavras não serão ouvidas
nem bem-vindas
mas quando estamos em silêncio
nós ainda temos medo*

*Então é melhor falar
tendo em mente que
não esperavam que sobrevivêssemos.
AUDRE LORD
(Uma ladainha pela sobrevivência)*

*(...) Pelo processo branqueador não sou a
beleza padrão,
Mas na lei dos justos sou a personificação da
determinação (...)
YZALÚ
(Mulheres negras)*

RESUMO

Esta tese consiste em uma etnografia de histórias, de narrativas e trajetórias de vida de mulheres negras com experiência de relações afetivo-sexual com outras mulheres. Apresento reflexões sobre relações afetivas e construção de subjetividades atravessadas por relações de gênero, raciais, sexualidades, espaços, classes e encarceramento dentre outras. Nos diálogos empreendidos, as emoções dolorosas foram centrais. O objetivo desta tese é, portanto, apresentar a dinâmica de construção da subjetividade a partir dessas emoções, da dor de relacionar-se com o outro, um terceiro, mas também um outro que habita em si, conflitante, sob o modo de uma violência introjetada. Tento apreender também os sentidos que são atribuídos à essas dores, que posição ocupam no interior das dinâmicas relacionais e como se reatualizam no cotidiano dessas pessoas, na trajetória de vida e na dinâmica social, contribuindo no processo de construção de bases sólidas, profunda, estruturais e silenciosas de produção, reprodução e reatualização de um sistema patriarcal, heteronormativo, racializado, classista e misógeno. Para tanto, este texto expõe de forma direta, a trajetória, a narrativa e reflexões fruto do trabalho realizado com cinco das vinte interlocutoras que participaram da pesquisa. A pesquisa foi realizada no Distrito Federal, em espaços e regiões administrativas distintas, quais sejam, Penitenciária Feminina do Distrito Federal – PFDF, Unidade de Internação do Recanto das Emas – UNIRE, Cidade Estrutural e a Universidade de Brasília – UnB. Utilizei enquanto instrumento de pesquisa a escuta das narrativas, diálogos e trocas de experiências, observações em campo e vivência/imersão nas mais diversas dimensões em meio às relações empreendidas em campo. Nos relatos que apresento, as dores são protagonistas de sensações, reações e emoções profundas, marcam e estão presentes na memória corporal, psíquica e afetiva de cada uma dessas mulheres. Categorias como abandono, ausência, desrespeito e fracasso são frequentes nos relatos enquanto elementos de uma gramática de gênero que causam dores, uma vez que emergem e são sentidas como a ausência e a frustração de expectativas do cumprimento de uma promessa patriarcal e heteronormativa. É frequente também, o relato de dores advindas de um corpo tido como abjeto, dos silenciamentos e ambiguidades dos discursos racializados, da frequência com que os corpos de mulheres negras ocupam o lugar de bodes expiatórios em relações racializadas. Dores advindas de um desejo homoafetivo considerado socialmente como indigno, da negação, repressão e da ambiguidade com que são tratadas nas relações interpessoais e sociais a emergência de atributos simbólicos entendidos como masculino, bem como a introjeção desses enunciados e fundamentos por muitas de minhas interlocutoras. Todos esses elementos são construídos profundamente desde as relações familiares sendo reproduzidos, reelaborados e reinventados nas relações afetivo-sexuais e consigo mesmas no decorrer da trajetória de vida. Diante da instabilidade gerada pelo medo do abandono e pela dor, minhas interlocutoras relatam melancolia, sensação de estagnação e aprisionamento, que por sua vez geram mais dores. Mediante a possibilidade da instabilidade e de reviver essas dores, elas buscam de um lado afastar-se de posições e caracteres que a aproximariam da fragilidade do feminino e da possibilidade de abandono e, de outro, valer-se de princípios que lhes geram expectativa de estabilidade e lhes trazem a sensação de equilíbrio, quais sejam, as concepções e fundamentos das relações heteronormativas. A dinâmica de articulação entre gênero, raça e sexualidade no mecanismo engendrado pela dor, bem como a multiplicidade e diversidade de formas criativas e estratégias de enfrentamento e rompimento dessa dinâmica que reifica as relações de poder e legitima a estrutura social excludente da sociedade ocidental, patriarcal e racializada são discutidas no texto que se segue.

PALAVRAS CHAVES: trajetórias de vida, relações de gênero, sexualidade, relações raciais, dores, construção da subjetividade

ABSTRACT

This Thesis consists of an ethnography of stories, narratives and life stories of black women with experiences of emotional and sexual relationships with other women. I present reflections on personal relationships, and the building of subjectivities crossed by gender relations, race, sexuality, location, classes and incarceration among others. Painful emotions were central in the dialogues that were undertaken. The goal of this thesis is therefore to present the dynamics of the construction of subjectivity from such emotions as, the pain of relating to one another, a third, but also with another that lives in you, conflicting under the guise of an introjected violence. I also try to grasp the meanings that are attributed to these pains, what position they occupy within the relational dynamics, and how they are refreshed in the daily lives of these people, in the trajectory of life and social dynamics contributing in the process of building solid, deep, structural and silent foundations, of the production, reproduction and refreshing of a patriarchal, heteronormative, racialized, classist and misogynistic system. Therefore, this text exposes in a direct way, the trajectory, narrative and the reflections, which resulted from the work carried out with five of the twenty interlocutors in the survey. The survey was conducted in the Distrito Federal, in different spaces and administrative regions, namely, the Women's Penitentiary of the Distrito Federal – PFDF, the Detention unit of Recanto das Emas – UNIRE, the Cidade Estrutural and the University of Brasília – UnB. As a research tool, I listened to the narratives, dialogues and exchanges of experience, used field observations and experience / immersion in several dimensions amid the relations undertaken in the field. In the accounts that I present, the pains are protagonists of feelings, reactions and deep emotions, mark and are present in the body, psychological and emotional memory of each of these women. Categories such as abandonment, absence, disrespect and failure are common in the accounts as part of a gender grammar that causes pain, once they emerge and are experienced as frustration and lack of fulfilment of expectations of a patriarchal, heteronormative promise. Often, the pain reported is the result of a body seen as abject, of silences and ambiguities of racialized discourses, of the frequency with which the bodies of black women take the place of scapegoats in racial relations. Pains arising from a homoaffective desire considered socially as undignified, of denial, repression and ambiguity with which they are treated in interpersonal and social relations in the emergence of symbolic attributes perceived as masculine, as well as the internalization of these statements are basis for many of my interlocutors. All these elements are deeply built since the family relationships being reproduced, reworked and reinvented in affective-sexual relationships and with themselves over their life trajectory. Faced with the instability caused by the fear of abandonment and pain, my interlocutors report melancholy, a sense of stagnation and imprisonment, which in turn generate more pain. Upon the possibility of instability and to relive these pains, they seek, on the one hand, to move away from positions and characters that would approach them to the female fragility and the possibility of abandonment and, on the other hand, they draw on principles that generate expected stability and bring them a sense of balance, namely the concepts and fundamentals of heteronormative relations. The text that follows discusses the dynamic linkage between gender, race and sexuality in the mechanism engendered by pain as well as the multiplicity and diversity of creative forms, coping strategies and the disruption of this dynamic that reifies power relations and legitimizes the exclusionary social structure of the patriarchal and racialized Western society.

KEYWORDS: life trajectories, gender relations, sexuality, race relations, pain, construction of subjectivity

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COMEIA - Comunidade de Educação, Integração e Apoio

FUNAP – Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso

GEAP – Gerência de Assistência Penitenciária

NUEN – Núcleo de Ensino (Penitenciária Feminina da DF)

PFDF – Penitenciária Feminina do Distrito Federal

SCIA (Setor Complementar de Indústria e Abastecimento)

SEMSE – Seção de Medidas Socioeducativas

SESIPE – Secretaria de Estado de Segurança Pública

UNIRE – Unidade de Internação do Recanto das Emas

VEP – Vara de Execuções Penais

VIIJ – Vara da Infância e Juventude

LISTA DE REGIÕES ADMINISTRATIVAS DO DF CITADAS NO TEXTO

ÁGUAS CLARAS

CEILÂNDIA

CRUZEIRO

GAMA

GUARÁ

PLANO PILOTO

RECANTO DAS EMAS

REGIÃO ADMINISTRATIVA DO SCIA – CIDADE ESTRUTURAL

RIACHO FUNDO

SAMAMBAIA

SANTA MARIA

TAGUATINGA

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	15
A BUSCA, OS PRIMEIROS PASSOS E DEFINIÇÕES SOBRE A PESQUISA... ..	19
PORQUE DORES? QUE DORES? SOBRE AS DUAS HISTÓRIAS QUE NOS RECEPCIONARAM	21
DESLIZANDO SOBRE ALGUNS TEMAS	25
ORGANIZAÇÃO DA TESE	31
CAPÍTULO 1 - DELINEANDO PASSOS E COMPASSOS: OS ESPAÇOS, OS CAMINHOS, OS ENCONTROS, AS TROCAS, OS AFETOS E A ESCRITA.....	33
POR ONDE ANDEI.....	34
METODOLOGIA	37
PARCERIAS E AFETOS	45
AS INSTITUIÇÕES: PFD – PENITENCIÁRIA FEMININA DO DISTRITO FEDERAL E UNIRE – UNIDADE DE INTERNAÇÃO DO RECANTO DAS EMAS.....	54
CAPÍTULO 2_- LAÍSA: A ETERNA BUSCA	62
ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS	63
SONHO, BUSCO, IDEALIZO, ME FRUSTRO, ME RELACIONO, DÓI, FALO, SILENCIO, LUTO.....	69
O QUE LAÍSA ME DIZ?	80
CAPÍTULO 3_- ALICE: FLORESCER NO LIMITE DA DOR.....	85
ENCONTAR ALICE.....	86
O MUNDO DE ALICE	88
A DOR DE ALICE.....	110
CAPÍTULO 4 - FILIPA: HISTÓRIAS DE VIOLÊNCIA.....	122
ENTRE NARRATIVAS E A CONVIVÊNCIA EM BARES DA CIDADE: OUVINDO, TROCANDO, OBSERVANDO, INTERAGINDO, VIVENDO.....	123
MUITO PRAZER PRINCESA, EU SOU FILIPA	125
DA IMERSÃO E CONVIVÊNCIA COM FILIPA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES	142
CAPÍTULO 5 - RUBY: ENTRE A DOAÇÃO E A DISPOSIÇÃO	148
NOSSOS ENCONTROS	149
"ENTÃO, QUERO FALAR!"	150
ENTRE A DOAÇÃO E A DISPOSIÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DA NARRATIVA DE RUBY	173
CAPÍTULO 6 - DANDARA E SEUS MORANGOS.....	181
ENCONTROS DERRADEIROS, PRIMÓDIOS DE REFLEXÕES.....	182
“E É ASSIM QUE EU TENHO LIDADO COM AS ADVERSIDADES...”	183

DANDARA E SEUS MORANGOS: SUTILEZAS DA AUTONOMIA EMOCIONAL – REIFICAÇÃO OU ROMPIMENTO COM ÀS BASE DE UMA ESTRUTURA HETERONORMATIVA, PATRIARCAL E RACISTA?	213
EPÍLOGO - DOR, DINÂMICAS DA SUBJETIVIDADE E INTERSECCIONALIDADE	221
DE LAÍSA À DANDARA	222
A DINÂMICA DE CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE A PARTIR DAS DORES...	226
RELAÇÃO ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA – INTERSECCIONALIDADE?	231
O CASO DA CENTOPÉIA AMARELA	234
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	237

PRÓLOGO

Este texto consiste, dentre outras coisas, em uma etnografia de histórias, de narrativas e de emoções. E como tal, inicio-a trazendo duas histórias que marcaram a trajetória e transformaram os rumos da pesquisa ao me instigarem questões e reflexões sobre as dinâmicas das relações cotidianas e as experiências subjetivas. Trago, portanto, duas situações que acompanhei e que foram marcantes no processo de construção subjetiva das duas figuras centrais das histórias – uma criança e uma adolescente, de três e quatorze anos, respectivamente.

“Me lembro como se fosse hoje... Enquanto eu trabalhava, minha filha, Lia, ficava com a tia, irmã do pai, alguns dias da semana e com minha mãe outros dias da semana. Ela tinha três anos e não frequentava a escola ainda e considerei que dar a ela a oportunidade de ter a companhia e cuidados de mais de uma pessoa da família seria uma boa experiência para ela, talvez menos restritivo e mais enriquecedor. Ela é uma criança muito falante, muito cheia de energia e fantasias. É uma menina negra linda, com cabelos cacheados maravilhosos. As mulheres dos dois lados da família compartilham o hábito de fazer escovas e procedimentos que deixem seus cabelos lisos, apesar de uma ou outra falar as vezes que prefere seu cabelo natural, mas...e a Lia era sempre instigada a fazer escovas, a deixar seu cabelo bonito.... ‘vamos arrumar o seu cabelo?’, mas nunca chegaram a fazer de fato, porque nunca sabiam qual seria a minha reação ou a reação do pai. Já que estamos sempre discutindo sobre as questões raciais eu imagino que tinham receio. Esse receio aliado às investidas mascaradas sobre o cabelo e o corpo de Lia trazem a mim a sensação de assédio...Um dia estavam o pai de Lia, Lia e algumas tias na casa da avó, quando uma delas está fazendo uma escova em seu cabelo e chama a menina no quarto e propõe: ‘vamo arrumar seu cabelo e fazer uma surpresa pro seu pai?’ Lia topou imediatamente. Fizeram a escova e a tia sugeriu: ‘vai lá no seu pai e fala que isso é que é cabelo bonito’. Assim fez a menina, foi a cozinha onde se encontrava o pai e disse: ‘olha como meu cabelo está bonito!’ o pai perguntou quem havia feito isso e ela contou que tinha sido a tia. O pai afrontado e furioso foi tomar satisfações com a tia, já que ela sabia que ele não permitia que fizessem isso com o cabelo da filha. A discussão foi calorosa, todos presentes presenciaram, inclusive Lia. O pai queria saber: ‘porque passou por cima de minha autoridade, porque me desconsiderou, desrespeitou, sempre faz isso etc etc etc?’ A tia rebatia dizendo que o pai era autoritário e que não tinha nada demais fazer isso no cabelo da garota. Os dois discutiram sobre o que pode e não pode no cabelo e sobre o que você sempre faz etc... A tia resolve: ‘vou embora,

não vou te escutar mais, você é isso e aquilo...’ a menina gritou: ‘não tia, não vai embora!’ Lia em prantos disse: ‘quero lavar meu cabelo...eu vou lavar meu cabelo tia (se dirigindo à outra tia que cuidava dela uma parte da semana) lava meu cabelo!’ Pouco tempo depois o pai também saiu. Essa é a versão que a tia que ficou com ela me contou, pois eu não estava lá.”

Eu estava trabalhando quando recebi um telefonema da tia dizendo que minha filha não estava bem e que queria que eu fosse até sua casa naquele exato momento. Perguntei o que havia acontecido e ela disse que contaria quando eu chegasse lá. Fui. Apreensiva. Ao chegar lá, estavam Lia e a tia deitadas na cama...essa cena me angustia até hoje...a tia também estava com um aspecto de quem havia chorado. Lia com olhos inchados de chorar e um aspecto que parecia um misto de muita tristeza com uma grande exaustão, ela me estendeu uma das mãos e pediu colo chamando mãe, na outra mão segurava uma escova. Por um minuto achei que ela havia se machucado fisicamente...a tia me conta isso que acabei de falar, eu peguei Lia então no colo e a levei para casa. No caminho, senti um misto de confusão, raiva e dor por tudo que tinha ouvido e por não saber o que estava acontecendo e o que eu ia fazer. Pensei que naquele momento precisávamos de muito carinho e silêncio talvez, deitei-me com ela e a deixei dormir. Quando ela acordou e percebeu que eu havia tirado a escova de sua mão, se alterou e pediu a escova de volta, falei que o cabelo já estava penteado, mas ela não aceitou. Perguntei o que havia acontecido, mas ela não quis contar; comecei a perguntar contando a versão da tia: ‘você estava fazendo uma escovinha no seu cabelo? E seu...’ ela no meio de minha tentativa de falar o que eu sabia disse: ‘e minha tia foi embora e meu pai ficou bravo’.”

“Durante duas semanas, a partir desse dia, Lia não tirou um pente ou uma escova de sua mão, penteava um lado do cabelo sempre que lembrava e não eram poucas vezes. Tentamos falar como o cabelo dela era lindo, como a mãe, o pai e outras pessoas da família também tinham o cabelo cacheado, como outras pessoas de vários lugares também tinham os cabelos cacheados e ela se mostrava irritada todas as vezes que a história terminava com bonito igual seu cabelo, parece com o seu...”

“Com o tempo, ela foi se acalmando, mas o pente continuava em sua mão. Entrava em pânico todas as vezes que estava no carro e as janelas se encontravam abertas, pedia para que fechasse a janela porque o vento bagunçaria seu cabelo e tratava de penteá-lo. Essa situação me deixava também em pânico, até que tive uma ideia: o aniversário de sua vó paterna seria em duas semanas, então comprei um vestido maravilhoso e a chamei para juntas fazermos um penteado lindo como uma rainha e ela topou. Fiz uma grande flor trançada em meu cabelo e uma trança em forma de tiara com adereços coloridos no cabelo dela. Ela não gostou, disse que aquele não era um cabelo bonito e não conhecia nenhuma rainha com aquele penteado. Eu a

convenci a deixar o cabelo como estava e fomos ao aniversário da avó. Era um almoço e lá estava toda a família, chegamos já com a hora meio adiantada, quando todos já estavam. Quando entramos e todos viram, as pessoas vinham nos cumprimentar e todos, todos falavam do quão linda ela estava e de seu cabelo e do meu cabelo. O que eu senti foi que ficou marcado e reforçado minha insatisfação com o acontecido e o semblante de Lia mudou sensivelmente neste dia, largou o pente... depois desse dia, ela continuou dizendo que não achava o cabelo cacheado bonito por mais algum tempo, mas se abriu com tranquilidade para ouvir elogios sobre seu cabelo, largou o pente, não demonstrava uma certa chateação como antes e eu continuei tentando falar a ela, sem muita pressão, como seu cabelo era lindo e especial. Sempre que o penteávamos ou na leitura de histórias, mas sempre tomava cuidado para não fazer disso um tema central e angustiante. Demorou algum tempo ainda até que o ventinho voltou a ser seu amigo e uma de minhas recompensas foi ouvir dela, uma criança super imaginativa, a seguinte pergunta: ‘sabia que meu cabelo é mágico? E eu: não, porque? E ela: porque ele faz cachos sozinho...’

Sabrina é uma adolescente que aos quatorze anos estava experimentando seu primeiro namoro com um rapaz da escola onde estudava e no qual ficaram juntos por aproximadamente um ano. A responsabilidade e um certo grau de autonomia, não tão comuns em sua idade, era uma característica visível da personalidade de Sabrina. Com objetivos bem definidos, visando sua preparação para a trajetória profissional, ela seguia de forma disciplinada. Sua postura não a impedia, contudo, de namorar, sair e ter um grupo de amigas com vínculos fortes e relações tranquilas. Sabrina se comunicava muito com sua mãe e as trocas se davam desde curiosidades até questões emocionais e sexuais. Era também uma pessoa impaciente, ansiosa e o que podemos chamar de “pavio curto”.

Após um ano do namoro, com todas as experiências intensas amorosas e conflitivas, o relacionamento começa a apresentar momentos mais frequentes de crise. Brigas, alguns terminos e retornos até que acontece um rompimento que parece ser definitivo e que é de sua iniciativa. Sabrina, diante da perda, chora, se entristece, tranca-se no quarto etc. Mas continua seu cotidiano sem grandes problemas. Por quase uma semana parecia um pouco triste, até que numa noite ela chama a mãe e chorando diz: “Não sei o que está acontecendo, eu não consigo

ter vontade de ir à escola, nem de estudar, parece que não tem sentido mais querer as coisas. Eu tento, mas não consigo, me sinto sozinha, como se faltasse alguma coisa”. A mãe tenta confortá-la e diz que é assim, é natural ficar triste quando perdemos e que não existe uma fórmula mágica, ela só deveria tentar ficar firme e continuar buscando fazer o que vinha fazendo, tentar se divertir um pouco talvez ajudaria e que ela soubesse que não estava só e que não foi a única que passou por isso, mas todas passavam e um dia realmente essa sensação passaria. Sabrina parecia mais tranquila e seguiu por mais alguns dias, até que foi se negando a sair com os amigos, ficava mais tempo trancada, dormindo e um pouco melancólica. Um dia a mãe chega em casa e encontra ela e a irmã conversando. Ela sentada no chão, próxima à cama, dizia que não ia aguentar e não ia fazer mais nada. A mãe pergunta o que ela está sentindo e ela diz em prantos: ‘eu não sei, isso é que é pior...eu não sei, eu tentei, você disse que estava aqui, que eu não estava sozinha e disse que as coisas iam melhorando, eu não consigo mais ter vontade de fazer as coisas....eu sinto um vazio, uma tristeza e uma angústia que parecem que vão tirando a vontade de mim. Eu sei que não dá mais, mas tenho uma sensação de que eu preciso tentar mais.’ A mãe tentou sentar-se perto e acalmá-la e ela nervosa dizia: ‘não, não vem e não diz que você está aqui e pode me ajudar porque todo mundo já disse isso, falam coisas e parece que fica pior eu não sinto que me ajuda! Eu me sinto abandonada...A mãe pergunta: “mas não foi você quem terminou, porque não estava mais legal a relação?” E ela retruca: “mas me sinto abandonada mesmo abandonando. É como se eu não conseguisse abandonar o sentimento que eu tenho e é horrível pensar que eu tenho que abandonar o sentimento que eu tenho por ele, dói quando penso isso. É como se você levasse um tiro e ficasse sentindo uma dor durante muito tempo”’.

As duas histórias ocorreram em momentos próximos, em meio ao processo de meu trabalho de campo. Na época, havia estabelecido alguns contatos com mulheres negras lésbicas na Universidade de Brasília e de algumas outras localidades como Taguatinga, Ceilândia e Riacho Fundo, todas estas são regiões administrativas do Distrito Federal. Tinha em mente que essas mulheres seriam minhas interlocutoras e que pretendia ouvir narrativas sobre relações, não só as afetivo-sexuais, mas de outras ordens. As duas histórias relatadas acima me confrontaram com a dimensão emocional dessas experiências e relações. Que emoções eram essas? Como as pessoas se apropriam e/ou são afetadas por experiências similares? Como elas significam e organizam internamente as emoções geradas a partir dessas experiências? Que implicações internas e ao nível das interações interpessoais a vivência dessas situações dolorosas teriam para a constituição subjetiva dessas pessoas? O que elas nos falam sobre as vivências emocionais a partir de situação de racismo e envolvendo relações de gênero e a

sexualidade dessas mulheres? De que modo a dinâmica que envolve o receber e vivenciar essas situações e o ter que lidar com elas pode relacionar-se com formas de lidar com situações similares ou não nas trajetórias de vida? Como essa dinâmica se relaciona com elementos estruturais de gênero, raça e sexualidade?

A BUSCA, OS PRIMEIROS PASSOS E DEFINIÇÕES SOBRE A PESQUISA...

Eleger enquanto grupo para interlocução nesta pesquisa, mulheres negras lésbicas, foi um passos importante numa trajetória acadêmica que vem expressando interesse por temas ligados à raça, relações de gênero, sexualidade, violências dentre outros e me instigavam tanto academicamente, quanto politicamente e em minhas relações pessoais. Após um mestrado em que a temática raça foi a norteadora da pesquisa, dos questionamentos e reflexões, moveu-me o intuito de compreender a intersecção entre as categorias raça, gênero e sexualidade a partir das interações interpessoais e das construções intersubjetivas.

Inicialmente, procurei contatos que pudessem me levar a pessoas colaboradoras. Dialogando com alguns colegas que trabalham temáticas afins, e reverberando sobre antigos interesses, fui pouco a pouco me aproximando da possibilidade de trabalhar com memórias e narrativas de vida dessas mulheres, de modo associado às observações, por acreditar ser um ótimo recurso metodológico para trabalhar com o sensível de forma profunda, como eu pretendia empreender nessa pesquisa.

Esses meus contatos me levaram a conhecer várias mulheres brasilienses potenciais parceiras na pesquisa. No entanto, eram na maioria pessoas que tinham uma trajetória política e de inserção nas discussões do feminismo negro que me deram um perfil específico de discurso e narrativa com a qual eu já tinha contato e de certa forma me era familiar, uma vez que meu lastro formativo se dá a partir de uma trajetória acadêmica e porque não, militante. Era de meu interesse entrar em contato com uma diversidade de histórias que envolviam outras categorias, outros espaços e outros grupos. Essa reflexão inicial levou-me a procurar esses outros espaços que me eram até certo ponto desconhecidos, não familiar. Em outras palavras, busquei entrar em contato com experiências dotadas de um particular eixo de sentido, capaz de dar significação à realidade, que não me eram “óbvio”.

Paralelamente a essa nova orientação espacial, passei a frequentar um grupo de discussão, compartilhamento e de organização de ações políticas concretas com objetivo

primordial de combate às fobias ligadas ao grupo LGBT. Fui convidada a participar do grupo após conversar com um antigo amigo gay que há muito vinha sendo vítima de homofobia no seu ambiente de trabalho chegando ao ponto de ter que sair do país por um período. O grupo era majoritariamente masculino e de classe média. Os encontros eram semanais. As discussões que surgiam denotavam uma preocupação com a violência física a que estavam sujeitos, mas com muita frequência surgia a indagação e a indignação pela não preocupação política com grupos de classe baixa e a exposição em maior frequência e intensidade a esse tipo de violência. Essas discussões convergiam para o que eu estava pensando com relação à reorientação do espaço de trabalho de campo e vieram ao encontro das reflexões que eu estava empreendendo sobre a possibilidade de ter contato com uma violência sem tanto floreamento nem velamentos aos quais estavam submetidos aquelas pessoas de classe média.

Frequentar esses grupos me deu oportunidade de observar que eram frequentes o compartilhamento de emoções que expressavam dor e indignação, até mesmo porque estávamos tratando de violências. Ficaram evidentes a mim também que essas emoções emergiam na partilha das trajetórias pessoais e coletivas realizadas, bem como um reconhecimento da importância das trocas enquanto coletivos como forma de gerar um sentimento de coletividade, de pertencimento, apoio emocional dentre outros e que dava sustentação para todo um novo direcionamento das suas vidas.

Foi então que passei a considerar as narrativas de vida enquanto proposta metodológica que me possibilitaria o contato com várias dimensões dos processos de construção da subjetividade e a rede de sentidos compartilhados ou não por essas mulheres a respeito de suas vivências e suas emoções, corpos e relações. Julguei importante que uma pesquisa realizada em comunidades periféricas seria caminhar em direção a espaços e grupos negligenciados ainda em trabalhos que não tenham enquanto proposta de análise prioritária o recorte de classe. Além disso, se de fato, como apontei anteriormente, esses espaços expressam a violência de forma menos velada, mais direta e com um discurso de legitimidade; se em muitos casos não há estrutura de apoio, trocas e intercâmbios coletivos acessíveis, interagir com os mesmos me proporcionaria entrar em contato com formas estruturais de organização, expressão e reprodução de violências em dimensões relacionais, profundas e emocionais.

Com essa perspectiva inicial, frequentei reuniões públicas de grupos que se encontravam em extremo processo de exclusão. Fui a algumas reuniões do NA (narcóticos anônimos); MADA (Mulheres que amam demais), grupos de discussão e acolhimento à pessoas LGBT etc. Inicialmente, queria compreender melhor o que essas reflexões iniciais me apontavam, que trocas estavam sendo estabelecidas, que demandas e sensações estavam sendo

expressas ali. Eram reuniões públicas, geralmente de conscientização e acolhimento de parentes, amigos e pessoas que buscavam segurança para lidar com alguém próximo que julgavam necessitar de ajuda. Me apresentei como pesquisadora, fui bem acolhida e consegui alguns contatos. Desses primeiros contatos conheci minha primeira interlocutora, uma moça de 18 anos, chamada Lara com quem mantive proximidade e acompanhei por quase dois anos, todo o período de pesquisa de campo.

Nesses espaços, a partilha das emoções e das vivências se davam em grande parte no registro da dor, do sofrimento e da dificuldade em lidar com as mesmas, tanto de quem estava relatando quanto de terceiros. Me chamaram atenção como a troca e uma espécie de compreensão sensível, profunda, quase que do campo do pertencimento eram atribuídas como instrumentos essenciais que geravam novos entendimentos e percepções. Isso me trouxe as primeiras reflexões sobre a abordagem, o vínculo, a relação e forma de condução da pesquisa. Como estabelecer esse vínculo? Como estabelecer essa troca de experiências? O compartilhamento e acolhimento emocional pareciam fundamentais para a expressão do sensível que eu buscava compreender.

Me vi também em um pequeno grande dilema que eu mesma havia criado: Será que a dor expressada nesses momentos é tão central por serem experiências “extremas”, ou teriam protagonismo e relevância em outros grupos, outros espaços, outras dinâmicas? Diante disso, me vi instigada a buscar esses outros locais e grupos. Relacionando as questões que estavam me inquietando decidi, então, buscar diferentes espaços, conversar e acompanhar algumas mulheres nesses locais. As instituições prisionais e cidades classificadas no senso comum como periferias foram os que logo procurei me inserir. As histórias que iniciaram o texto aconteceram pouco tempo depois desses momentos iniciais.

PORQUE DORES? QUE DORES? SOBRE AS DUAS HISTÓRIAS QUE NOS RECEPCIONARAM

Começava a pouco minha busca de campo quando as duas situações descritas acima aconteceram. Diversas questões me vieram a mente, no entanto, buscando apreender as emoções, o sentir ao vivenciar encontros e ao estabelecer relações, a dor era o sentimento comum às duas narrativas e outras tantas que eu estava ouvindo naquele momento. Ao mesmo tempo em que pareciam situações tão comuns e cotidianas para mulheres e especialmente para

as mulheres negras, merecia especial atenção pelos desdobramentos que pareciam apresentar e pela recorrência com a qual tais situações ocorriam. Além disso, são experiências que apresentam uma relação direta e estreita com o ser, a subjetividade e a existência enquanto mulheres e enquanto negras.

Que dinâmica se desenvolveria interna e externamente a partir dessas experiências? Até que ponto essas situações não configuram um reviver, um reorganizar e um orientar das outras pessoas envolvidas e suas cenas pessoais de dores? Considerando a dor como produtora de marcas, feridas e sofrimento que reverberam na vida e nas relações que o indivíduo estabelece no decorrer de sua trajetória, cabe indagar que dimensões ganhariam essas feridas? Como elas operam? Que relação teriam elas com as dinâmicas de construção das subjetividades em uma estrutura sócio-histórico-cultural pautada em relações de gênero patriarcais, em relações racistas e heteronormativas? Existiria uma dor de ser negra, uma dor de ser mulher e, no caso de minhas interlocutoras, uma dor do desejar uma outra mulher? Como essas coisas se relacionariam ou se interseccionariam?

São muitas questões e todas com amplas dimensões. Não é intenção deste trabalho responder a todas elas, mas tê-las enquanto expressões advindas da inquietação e do diálogo entre mulheres que buscam significar e dar sentido a sensações não raras, de difícil compreensão e expressão relacionadas às suas experiências dolorosas, seu EU e suas relações.

Na história de Lia, senão o primeiro, um dos primeiros contatos que teve com seu corpo negro e a experiência da dor do pertencimento a uma posição racial historicamente negada foi no seio familiar. Seu cabelo - seus cachos protagonizando um drama familiar dessa proporção - constituiu uma experiência dolorosa para Lia. Experiência essa que envolveu muito mais que relações raciais, mas que foram sentidas por ela como provocadas ou de responsabilidade de algo que a pertencia e a constituía corporalmente. Lia, em sua tão pouca idade, mas também pela complexidade que envolvia a situação, não compreendia que o conflito ali posto transcendia o universo do seu corpo implicando dramas familiares de outra natureza, quais sejam, parentais, de gênero envolvendo a tia e o pai dentre outros. Sua dor em ter a sensação de que seu cabelo produzia uma cisão familiar aliada à intensidade da cena que reproduzia vivências dolorosas dos adultos envolvidos, raciais, de gênero e relacionais, confirmou o que provavelmente a menina tinha enquanto sensação sobre seu corpo e sua estética captada a partir de uma leitura referencial e espelhada, bem como de enunciados culturais reproduzidos diretamente por terceiros.

Falar de vivências racializadas no ambiente familiar de famílias negras em si constitui uma dor. Muito tem se lutado para desconstruir o argumento racista de que o negro é ele mesmo

o próprio algoz e o mais racista. O argumento utilizado é o de que tendo sua trajetória desenvolvida em uma coletividade que valoriza o branco e pejorativiza o negro, é compreensível que o negro se desloque daquilo que justifica sua exclusão e tente aproximar-se dos elementos que garante o privilégio do branco. No entanto, como no caso de Lia, observamos que esta dinâmica não é exclusivamente racional, não se constitui em uma estratégia de sobrevivência social somente e nem tampouco se encerra com o deslocamento das pessoas do espaço da não consciência das relações racializadas, dito isso, registro aqui que o pai e a mãe de Lia são negros, intelectuais e ativistas das questões raciais e a família do pai como um todo tem contato regular com a discussão e a luta anti-racista. A família como espaço em que relações profundas são estabelecidas; bem como onde sócio e culturalmente formam-se expectativas diversas quanto a comportamentos, papéis, posições, identidades, desejos, referências ou a frustração de muitas delas, é também o espaço onde a sedimentação das relações e de subjetividades racializadas se inicia. As dores tanto vividas quanto lidas e revividas por intermédio de fantasias através do outro enquanto espelho e referência são ao meu ver uma forma poderosa de dinamização desse processo.

A introspecção e tristeza inicial, bem como um posterior aspecto melancólico acompanharam a negação de seu cabelo que em princípio parecia feio, não admirado e depois protagonista de problemas com pessoas a quem ama intensamente. Algo que lhe constituía corporalmente e que a caracterizava lhe remetia a uma grande dor. A tentativa quase obsessiva de Lia por modificar seu cabelo era também uma busca por modificar o símbolo dessa experiência, que tanto poderia vir a trazer novas situações similares quanto a fazia rememorar o vivido. Essa estratégia que envolve apagamento, silenciamento e a dimensão temporal na esperança que esses elementos eliminem a dor e as sensações posteriores são comuns. No entanto, me intrigou o desfecho dessa história. A forma como Lia “deu a volta por cima” me suscitou algumas questões: seria a valorização das características afro suficientes para gerar um desabrochar? O que possibilitaria ou como se deu a reorganização emocional e a reorientação dinâmica que permitiu a ela desabrochar saindo de uma postura de melancolia e evidente falta de força para um momento de recuperação de sua capacidade de luta? Em que situações assumir significa uma ação de reflexividade profunda e em que situações isso é a reprodução de um enunciado discursivo e racional? A reflexão sobre essas questões, bem como das outras anteriores, será paulatinamente desenvolvida no decurso da análise nas narrativas das minhas interlocutoras e parceiras nesse trabalho e ao final dessa tese retomarei essa história para que possamos fazer mais algumas considerações.

Sabrina, uma adolescente em final de relacionamento, vivencia uma situação e sensações muito comuns. A primeira questão, todavia, foi: comuns a que e a quem? Os sentimentos e sensações relatados por Sabrina nos remetem a uma experiência de dor decorrente de uma perda, do fim de seu relacionamento. O luto, a melancolia e outras qualificações decorrentes de experiências de perda é algo já discutido na literatura acadêmica¹, principalmente da psicologia. No entanto, o vazio decorrente da perda e a sensação de que a solidão transcende a situação em si e a figura da pessoa que se foi associada a elementos sócio culturais estruturais e relações de poder que emergem e se desenvolvem a partir disso, vão além de situações individuais, circunstanciais ou uma patologia tratável clinicamente e devem ser levados em consideração na constituição da subjetividade e como parte de uma dinâmica de construção e reprodução de uma estrutura relacional, social e de poder. E para tanto, a “cura” ou melhor transmutação dessa ordem devem levar em conta todos esses elementos.

No caso de Sabrina, o vazio é racionalmente compreendido, o apoio é objetivamente reconhecido, mas o sentimento de impotência aliado a uma sensação de que ela deveria investir nas possibilidades da relação ainda que ela mesma tenha reconhecido sua vontade em finalizar o vínculo é constante. O relato de que se sente abandonada, o medo de “abandonar o sentimento que tinha”, a paralisa que se reflete em outros campos de sua vida, que tira sua energia e que a faz duvidar sobre a sua possibilidade em continuar com seus projetos e sua vitalidade entrecortam e assombram sua fala. Atentei-me aqui não só para a vivência e para as emoções decorrentes, mas para as reações.

Perguntei-me em que medida as sensações relatadas e as reações não expressariam elementos constitutivos das relações de gênero. A dor, o vazio e o abandono são centrais na história de Sabrina e de várias das minhas interlocutoras, sendo protagonistas da angústia, da sensação de impotência e da impossibilidade de seguir sua trajetória de forma autônoma. O que

¹ Em seus estudos, Freud (1996) formula noções sobre luto e melancolia e estabelece alguns princípios que os diferenciam. Para ele: “Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. Esse quadro torna-se um pouco mais inteligível quando consideramos que, com uma única exceção, os mesmos traços são encontrados no luto. A perturbação da auto-estima está ausente no luto; afora isso, porém, as características são as mesmas. O luto profundo, a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo estado de espírito penoso, a mesma perda de interesse pelo mundo externo — na medida em que este não evoca esse alguém —, a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significaria substituí-lo) e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele.” (FREUD, 1996, p.1)

Interessa-nos ainda a diferenciação que ele estabelece entre luto e melancolia quando afirma que na melancolia (...) “não podemos, porém, ver claramente o que foi perdido”, diferente do luto e mesmo que o indivíduo “esteja cômico da perda que deu origem à sua melancolia, mas, no geral, está apenas no sentido de que sabe quem ele perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém” e no qual vai promover uma falta de interesse e inibição enigmática, pois não podemos ver e não sabemos o que está absorvendo o melancólico. (IDEM, IBIDEM, p.1)

essa situação me apontava em um período de reconhecimento de conquistas históricas do movimento de mulheres e feminista? Momento em que se luta por desconstruir enunciados de caráter binário, restritivo e subjugantes. De que forma essas mulheres vivenciam suas dores e perdas? Seriam semelhantes a experiência masculina? Como se relacionariam esses elementos simbólicos nessa dinâmica? A vivência dessas dores tal qual a primeira história, a da menina Lia, teriam que relação com a construção da subjetividade e com as relações estabelecidas por essas mulheres? Como o deslocamento, em parte, do modelo heteronormativo empreendido por mulheres lésbicas poderia me ajudar a compreender essas dinâmicas interna? Que relação teriam essas dores com as vivências raciais?

No decorrer da tese as narrativas, assim como foi na trajetória da pesquisa, vão me dando elementos para refletir sobre essas questões e a história de Sabrina. E, assim como na história de Lia, retorno ao final a esse contexto para retomar algumas considerações. É interessante notar, no entanto, que coincide nas duas histórias a sensação de se estar só numa empreitada, qual seja, a de lidar com elementos dolorosos, existenciais e advindos do encontro, das relações. É comum às duas o sentimento de abandono, como definido por Sabrina em outro momento enquanto “ser jogada no espaço sem ter onde se segurar, onde pisar”. Na minha tentativa de interpretar a metáfora, ela estaria me comunicando a dor da falta de estabilidade ou de raiz, gerando uma dificuldade em equilibrar emoções pulsantes e intensas. Como essas mulheres negras lidam com isso? A experiência do desejo e do afeto por mulheres traria algum elemento novo para essas reflexões?

Dito isso, esta tese se propõe a compreender a dor. Que dor? A dor experienciada na relação com o outro, um terceiro, mas também um outro que habita em si, conflitante dentro do sujeito, sob o modo de uma violência introjetada, de uma desvalor inculcado, que age de si para si, de maneira implacável e insidiosa; o outro que consiste em acatar o olhar de menos-valor lançado sobre si. A dor inescapável que a relação com o outro implica. Que dor é essa? Que dinâmicas ela atravessa? Quais envolvimentos as construções raciais, de gênero e sexualidade apresentam nessas dinâmicas? Que desdobramentos relacionais, subjetivos e sociais podemos perceber?

DESLIZANDO SOBRE ALGUNS TEMAS

O objetivo do prólogo neste momento inicial, não é empreender uma discussão que esgote os temas que já se encontram sinalizados até então em forma de questionamentos e proposta de reflexão. No entanto, deslizar sobre alguns desses temas, acredito, se faz necessário a fim de pautar o leitor e prepara-lo para uma leitura mais acurada do que se segue. Também não é minha intenção aqui antecipar nenhum indício conclusivo, ao qual, de forma semelhante ao processo de pesquisa seguirá em construção ao longo do texto.

Dito isso, pontuo que este trabalho, de cunho eminentemente antropológico, se insere dentre outros debates nos meandros da Antropologia das emoções e mais especificamente da Antropologia da dor. Trabalhar numa perspectiva e intenção de pesquisa voltada ao emocional, me colocou diante da complexidade desse, como o fato de constituir-se enquanto um elemento que atravessou a pesquisa sob várias dimensões e perspectivas e nos mais diversos momentos do fazer antropológico. Um dos objetivos, talvez o mais geral, era o de dialogar sobre o emocional, sobre o vivido e sentido, sobre o construído a partir das relações cotidianas e essa foi uma das dimensão em que o emocional esteve presente no trabalho, a do diálogo sobre e a partir dele. No entanto, o falar sobre emoções me remete às próprias emoções emersas no ato de falar sobre elas, bem como as emoções presentes e construídas a partir do vínculo de pesquisa. Outra dimensão ainda foi a da escrita do registro emocional e suas dificuldades.

É inegável o limite do registro escrito como forma de expressão e compreensão do emocional. A dificuldade consiste, dentre outras coisas, em conseguir expressar não só o conteúdo do diálogo que em si, no caso desse trabalho, versa sobre o emocional, mas em expressar o emocional que atravessou o processo e a trajetória de pesquisa e suas interações. Envolvendo vários pormenores, a discussão clássica está assentada sobre o discurso de objetividade ou subjetividade dos processos de pesquisa na Antropologia, sugerindo uma divisão dicotômica desses processos que guarda paralelo com seu caráter racional ou emocional respectivamente e que foi apontado por George Marcus e Dick Cushman² (1982) como a diferença entre etnografias realistas e etnografias experimentais, e na qual Favreet Saad³ (1985)

² Para esses autores, uma *etnografia realista* é caracterizada pela busca de uma totalidade cultural e social que permita a comparação com outros todos sociais. Para tanto, negligenciavam a individualidade, as narrativas, retirava do texto o pesquisador e tinham na exposição de detalhes a intenção de legitimar sua inserção em campo e sua autoridade inquestionável no que se propunha a analisar. A *etnografia experimental*, de outro modo, busca inserir o autor, explicitar a relação entre o vivido, as descrições e a análise. Me permito uma observação quanto aos termos utilizados nas definições que denunciam a pejorativização atribuída às formas de pesquisa e escrita etnográfica que não se esquivam do caráter emocional e subjetivo das relações em campo e do processo de escrita.

³ Segundo a autora, ao trabalhar com feitiçaria, deixou-se “afetar” pela vivência de campo ao invés de observar e/ou participar da maneira de uma etnografia clássica. Fez isso adotando um dispositivo metodológico que a permitiu elaborar um saber posterior no qual a participação em si foi um instrumento de conhecimento. Seria ocupar o lugar ao invés de imaginá-lo, até mesmo porque determinadas experiências estão no campo do inimaginável e nem tudo é representado ou significável.

ao defender a condição de ser afetada em todo processo de pesquisa como postura relevante para a construção do conhecimento acaba por posicionar-se enquanto uma pesquisadora que considera o envolvimento e conseqüentemente o emocional e a subjetivo como relevantes. A tese que aqui apresento se insere no rol de pesquisas que levam em consideração a relação íntima entre emoção, razão, relações, interações sociais e os sentidos percebidos, construídos, recebidos, expressos por todos os envolvidos no processo de pesquisa.

Sobre o emocional enquanto objeto de compreensão neste trabalho, assumimos a posição deste como elemento atravessado de interações de diversas ordens, reiterando em parte o que Le Breton (2009) pontua como articulação entre corpo, natureza e cultura. De forma mais específica, neste texto, proponho numa busca pelo entendimento do emocional em princípio a partir da dor⁴ e na interação entre corpo, psique, relações intersubjetivas, experiência e aspectos sócio culturais como raça, relações de gênero, sexualidade, violências e relações de poder. As relações entre esses elementos por si só não dão conta da compreensão dos fenômenos que envolvem emoção, pois incorrem em risco de encerra-la na ordem da reflexão e do pensamento. Dessa forma, compartilho da noção de que como as significações e sentidos que envolvem a experiência corporal e perceptiva são vividos e não apenas pensado (MERLEAU-PONTY, 2014), há de se considerar essa dimensão nos processos de trabalho em campo.

Partindo do princípio de que a significação e os sentidos que envolvem o emocional estão na ordem da prática, do vivido e que não são dados previamente, nem naturais como parte de uma essência humana, pode-se estabelecer a relação intrínseca das emoções com o cultural, o histórico e o psicológico, além de serem, é claro, tributárias das relações de poder entre grupos sociais, servindo simultaneamente para expressar e reforçar tais relações. A partir dessas afirmações podemos inferir que a diversidade no ato de sentir dor – como sentimos e como reagimos a esse sentimento; bem como o quanto e como somos atingidos por ele ou ainda a dinâmica que movimentam essas ações e sensações – tem relação com os construtos simbólicos e com as relações de poder construídas sócio-históricas e culturalmente por determinada coletividade. Seguindo essas afirmações, podemos dizer, portanto que mulheres negras com experiência de relações afetivo-sexual com outras mulheres vivenciam a dor de forma diversa entre elas, mas elementos das relações de poder e de princípios sócio-históricos e culturais lhes

⁴ O recorte da dor enquanto emoção que ocupa lugar de primazia neste texto, não significa, que outras emoções não emergem, nem que não sejam partícipes em todo processos de pesquisa e nem mesmo que as pessoas envolvidas nesse trabalho se pautem ou estejam reduzidas a experiência dessa emoção e suas sensações.

aproximam em alguma medida⁵. Não podemos deixar de considerar também que dor e violência guardam uma relação estreita entre si, assim como violência e estrutura de poder e todos nesse emaranhado se organizam e se estruturam, no caso deste trabalho, numa sociedade ocidental racista, sexista e patriarcal a partir de categorias como gênero, raça, sexualidade, classe dentre outras.

Considero, portanto, que a violência é um elemento que estrutura as relações de gênero, raciais e sexuais, enquanto que estas contribuem para a produção e reprodução das violências⁶. Relacionando dor à violência – não como subproduto uma da outra, pois são conceitos que transcendem esses universos – poderia sinalizar que a dor é uma das emoções sentidas e produzidas em contextos e situações de violências e que as feridas e o sofrimento causados por essas experiências são elementos que imprimem marcas na memória afetiva das pessoas possibilitando um reviver dessa dor que ainda que vivida de forma diversa e a partir de contextos e situações diferentes guardam em sua dinâmica algumas características que lhes são próprias. Além disso, toda essa complexidade participa de forma ativa e protagonista nas dinâmicas psíquicas e na construção de subjetividade de modo que considero que a violência, das mais objetivas às mais sutis e veladas, as mais íntimas e estruturais é um tema que atravessa, perpassa e integra as questões discutidas nessa tese.

A violência, a dor e o sofrimento mencionados acima se expressam e são vivenciados em diversas esferas, no entanto, são as relações interpessoais de caráter íntimo e privado que acessam e colaboram de forma cotidiana, profunda e invisível naturalizando essas estruturas de poder⁷ pautadas dentre outras coisas nas relações de gênero, raça, sexualidade etc. Esses conceitos e categorias nem sempre se encontraram articulados. Na trajetória histórica da discussão, o debate seguia em caminhos diferentes com grupos de acadêmicos e políticos empreendendo um esforço analítico e de formulação de políticas públicas dirigidas às violências de gênero, as violências raciais, lesbofobia, homofobia etc.

O termo violência de gênero é atualmente mais utilizado por estudiosas dos estudos de relações de gênero e feminismo. O termo foi cunhado a partir da reflexão de que as situações de violência não se restringiam à ações praticadas por homens contra as mulheres, mas

⁵Segundo Collins, o individual não deve suprimir ou anular a importância do coletivo. A diversidade de formas de enfrentar as violências empreendidas pelos indivíduos não deve servir de justificativa para desconsiderar a opressão sofrida pela coletividade (COLLINS, 1998).

⁶A subordinação do feminino em relação ao masculino é constantemente renovada pela violência contra as mulheres. Essa dinâmica tem um caráter estrutural (SEGATO, 2003).

⁷ A violência moral e psicológica disferida de forma cotidiana e naturalizada se configuram como contextos e formas ideais para trazer à prática estruturas abstratas (SEGATO, 2003).

poderiam envolver uma série de combinações distintas e reações também. Questionando termos como patriarcado, pelo caráter universalizante ao qual historicamente ele foi se construindo, essas autoras propõem uma interpretação que relativize as posições e reações dos indivíduos em situações de violência a depender do contexto e de outros marcadores sociais. No entanto, não eximem o termo gênero da indicação de posições que refletem as relações de poder a ele associados. A perspectiva aqui assumida é de reconhecer a relevância da crítica às posturas rígidas e essencialistas, contudo, considero que essa posição mais relativa não exclui a reflexão a partir da noção de patriarcado⁸ quando consideramos a estrutura hierárquica e simbólica que constitui e estrutura essas relações de gênero e as subjetividades.

As discussões a partir das relações de gênero, bem como das relações raciais, sexualidades e várias outras categorias de análise de cunho subjetivo, com recorte em qualquer temática, não cabem mais serem empreendidas, depois das inúmeras discussões suscitadas pelas teóricas da interseccionalidade, de forma fragmentada, levando em conta apenas um de seus aspectos. Pensando os contextos, espaços e indivíduos enquanto complexos de relações onde participam em seus universos uma infinidade de caracteres que se inter cruzam dando espaços para dinâmicas, reformulações e novas acepções é que partimos do princípio neste trabalho da interseccionalidade das categorias gênero, raça e sexualidade conscientes que ainda assim o universo que circunscreve as pessoas partícipes deste trabalho não se reduzem a essas três propostas de leitura.

Sendo assim, um dos desdobramento das discussões feitas a partir do lugar de mulheres, negras, lésbicas é o da importância de relacionar essas categorias e de compreender essas mulheres não a partir de categorias essencializadas ou da somatória delas. A proposta da interseccionalidade vai ao encontro dessa afirmação. Segundo Crenshaw,

“A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento”. Por exemplo, (...) “As mulheres racializadas frequentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. Por consequência, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo de tráfego em todas essas vias. As mulheres racializadas e outros grupos marcados por múltiplas opressões, posicionados

⁸Saffioti (2004) é uma das autoras que defende a manutenção do termo patriarcado.; Segato (2003) recorre ao termo considerando a existência de uma tendência universal de representar as relações de gênero enquanto hierarquia, apesar de mencionar diferenças diacrônicas e sincrônicas entre os grupos sociais.

nessas intersecções em virtude de suas identidades específicas, devem negociar o tráfego que flui através dos cruzamentos.” (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Partindo do princípio da interseccionalidade, observamos que são ainda escassos os trabalhos que tem como proposta relacionar categorias estruturais que forjam conjuntamente indivíduos e coletividades. Muitas pesquisas se pautam apenas em um dos chamados marcadores raciais. E se para a discussão de uma relação entre raça e gênero ainda temos escassos materiais bibliográficos disponíveis, isso piora um pouco quando pensamos em gênero, raça e homoafetividade. Na presente pesquisa, todas as partícipes são negras com experiência de vivências afetivo-sexuais com outras mulheres.

As relações afetivo-sexuais, os vínculos, a construção simbólica em torno do amor, do carinho e da dor estão diretamente relacionados aos processos de construção do padrão raciológico. Os desdobramentos e reatualizações dessa relação histórica desigual e colonializada, expressa na desumanização e pejorativização de tudo que é relacionado ao negro sustenta as diversas formas de vínculo social. A noção de democracia racial⁹ - noção importante para quem busca entender as especificidades das relações raciais brasileiras – abre um espaço confortável para que a reatualização do racismo se dê de forma segura e posicione aqueles que reclamam dessa injustiça como equivocados com delírios persecutórios. Nas relações afetivas a noção de democracia racial coloca a solidão e a violência sofrida pelos negros como incompetência, falta de habilidade em se relacionar, ou ainda falta de sorte.

Ao partirmos do princípio de que as relações afetivas são construídas de uma estrutura racializada e, portanto, as experiências de mulheres negras são específicas a esse grupo, trazemos a tona toda a discussão envolta no marcador social da lesbianidade. Alguns trabalhos que tratam dessa seara de experiências compartilham da afirmação de que tanto as trajetórias das mulheres lésbicas negras devem ser entendidas a partir de suas especificidades, quanto de que não há simetridade, consideração ou acolhimento das demandas dessas mulheres entre os

⁹Como afirma Munanga (2004), a ideologia da democracia racial faz parte do mito fundador brasileiro em que participam na construção histórica do Brasil, índios, negros e europeus. Esta perspectiva parte da convivência harmônica e sem conflitos ou maiores embates entre esses três grupos. Tal ideologia foi amplamente aceita tanto pelo Estado como pela sociedade como um todo, bem como, utilizada para a formulação da identidade brasileira atrelada à noção de mestiçagem. A partir dos anos 50 é que intelectuais como Oracy Nogueira, Florestan Fernandes, Abdias do Nascimento, Guerreiro Ramos e outros começaram a negar o mito fundador e a questionar a existência de uma democracia racial brasileira, acusando tal ideologia de hipócrita e afirmando a existência, sim, de um racismo no Brasil. Nogueira (1979), por exemplo, elaborou seus conceitos de preconceito de marca e de origem atribuindo-os, respectivamente, ao caso brasileiro e estadunidense. Florestan Fernandes (1978) assinalou ainda que uma vez acreditando-se na ideologia da democracia racial, se torna difícil o surgimento de uma mentalidade que se organize e se esforce por uma sociedade democrática política e socialmente, advertindo que não existe democracia racial no Brasil, o que existe realmente são intercâmbios entre raças que se sustentam em termos de tolerância convencionalizada.

grupos de mulheres negras hetero, nem tampouco entre as mulheres lésbicas brancas. O que caracteriza os grupos lésbicos sejam eles políticos, acadêmicos e de diversas ordens é sua diversidade de um lado e a crítica a heteronormatividade como forma de invisibilização de suas questões. Em debate com essas definições e reflexões acadêmicas que empreendo um esforço de leitura do contexto característico das mulheres que constituem minhas interlocutoras

ORGANIZAÇÃO DA TESE

O texto que se segue é composto por seis capítulos. O primeiro capítulo apresenta a trajetória dessa pesquisa, o modos operandi da mesma e algumas reflexões específicas às trajetórias percorridas nos espaços. São apontados e discutidos o contato, o vínculo, as dinâmicas de interlocução, enfim, são reflexões do trajeto dos nossos encontros, meu e das vinte mulheres com as quais conversei. Do segundo ao sexto capítulo temos um espaço reservado a abrigar as narrativas, as histórias, as experiências passadas e contemporâneas, as impressões e as emoções sobre as relações, vivências e sobre si mesmas contadas por cinco das vinte mulheres que convivi no intervalo de tempo que concerne a produção desta tese. Cada capítulo conta uma narrativa diferente. Essa estratégia de apresentação da pesquisa tem por princípio proporcionar um maior envolvimento da/o leitora/o com cada história, bem como deixar registrado o caráter único e complexo de cada trajetória. Os capítulos destinados às narrativas seguem um formato de escrita que pode ser de forma geral subdividida em três partes, quais sejam, a primeira parte discorre de forma rápida sobre os encontros que tive com cada uma delas, as minhas impressões, reflexões e sensações sobre esses momentos; a segunda parte é a história contada pela própria interlocutora, com suas palavras e editadas por mim. A edição se fez necessária mediante a imensa quantidade de material gravado. A maior parte dos cortes foi feito em minhas falas. A intenção é que cada uma possa contar de fato sua própria história, evidenciando as agências e a parceria no processo da pesquisa. Na terceira parte, empreendo minhas reflexões a partir da fala delas, dos encontros e das emoções envolvidas nas relações estabelecidas em campo. Todas as reflexões contidas nessas seções foram em algum momento compartilhadas com elas, numa outra linguagem e de forma não compartimentada como se estabeleceu a escrita desta tese. A descrição da dinâmica metodológica é feita no primeiro capítulo. Após a apresentação das seis histórias e as respectivas reflexões empreendidas a partir delas, discuto no epílogo a minha proposta analítica que envolve e atravessa as seis histórias.

As seis histórias são apresentadas na seguinte ordem: No capítulo 2, apresento a história de Laísa, uma adolescente de 16 anos, interna da UNIRE – Unidade de Internação do Recanto

das emas; No capítulo 3, desenvolvo a história de Alice, com 27 anos e interna da PFDF – Penitenciária feminina do Distrito Federal; No capítulo 4 discorro sobre a história de Filipa, uma mulher de 40 anos, moradora da Cidade Estrutural; No capítulo 5, é apresentada a história de Ruby, estudante universitária da Universidade de Brasília, no momento com 28 anos e no sexto capítulo, conheceremos Dandara, 27anos, também estudante universitária da mesma Universidade. As narrativas, que se seguem nos capítulos não obedeceram às normas de recuos de citação e diálogo, pois não são apenas citações, são diversas páginas de narrativa, de falas discorrendo sobre trajetórias, relações e emoções. Também com o intuito de reter o caráter fluido da conversação, bem como evidenciar o caráter teórico e analítico tanto das falas de minhas interlocutoras quanto das minhas é que tanto nos capítulos, quanto neste prólogo e no epílogo as histórias seguem sem fragmentações.

CAPÍTULO 1

DELINEANDO PASSOS E COMPASSOS: OS ESPAÇOS, OS CAMINHOS, OS ENCONTROS, AS TROCAS, OS AFETOS E A ESCRITA

POR ONDE ANDEI

O universo da presente pesquisa circunscreve-se no Distrito Federal. Apesar de ter percorrido várias de suas regiões administrativas em busca de interlocutoras, ao final os espaços que acolheram o esforço etnográfico que compõe esta tese foram a UNIRE (Unidade de internação do Recanto da Emas), a PFDF (Penitenciária Feminina do Distrito Federal), popularmente conhecido como COMEIA, a Cidade Estrutural, região administrativa do Distrito Federal e a Asa Norte, mais especificamente, a UnB, Universidade de Brasília. A busca por possibilidades de diálogo em meio a contextos tão variados tem relação com o objetivo de entrar em contato com a complexidade e a pluralidade das experiências que cercam o universo das mulheres negras com experiências afetivo-sexual com outras mulheres. A diversidade de percepções, de trajetórias, de gerações, de espaços, de formação, o fato de estarem ou não em situações de encarceramento proporcionou de um lado, uma leitura das especificidades, pluralidade e complexidades que atravessam as categorias de análise muitas vezes alijadas academicamente da dinamicidade às quais estão submetidas nas relações sociais e, de outro lado, possibilitou observar no emaranhado dinâmico e variado das relações e do cotidiano o que é comum, o que une todas essas trajetórias. O que primeiro pode ser apontado enquanto caracteres comuns às minhas interlocutoras/parceiras na pesquisa, serviu de critério para constituí-las enquanto grupo, qual sejam, o fato de todas serem negras, se relacionaram e/ou estavam relacionando-se com mulheres e expuseram seus desejos de falar sobre si, suas relações e as emoções envolvendo suas experiências.

Os espaços não foram definidos a priori, nem o quantitativo de interlocutoras ou de encontros. Já no prólogo, mencionei os primeiros passos, conversas e contatos que contribuíram para definições importantes como a de que a pesquisa seria realizada nas regiões administrativas do DF, priorizando espaços considerados periferias da cidade e que eu percorreria locais onde sabidamente a violência se apresentava de forma desvelada, como em instituições prisionais. Em contato com Lara, minha primeira parceira na troca de histórias, passei a frequentar locais de socialização e festas da cidade, alguns específicos para a população LGBT, outros não. A intenção era de fato socializar, conhecer pessoas, estar presente nos espaços, fazer parte deles na medida em que as portas fossem se abrindo, e então criar vínculos com pessoas que posteriormente pudessem conversar comigo de forma descompromissada ou comprometida com o trabalho, ou ainda pudessem me indicar nomes.

Assim, para além da inserção nos espaços de encontros e socialização, esse primeiro momento foi importante a título de observação e do estabelecimento de contatos. Para tanto, frequentei bares, encontros em parques, grupos fechados e festas privadas. Em locais afastados do centro de Brasília, entrei em contato com grupos e pessoas que estavam fora do circuito dos “bares descolados LGBT”. Estive também em algumas boates, mas no geral as mulheres que me acompanharam nesse início preferiam organizar festas restritas a esses grupos, festas privadas para amigas/os, ou ainda frequentar bares locais, não temáticos, para beber com amigas/os ou para flertar. frequentei também lugares que promoviam festas e eventos de ampla participação por parte de pessoas negras, no entanto, eram lugares que eu habitualmente frequentava. Nesses espaços tive mais dificuldade em acessar grupos de mulheres lésbicas, talvez por minha inserção anterior já ter se dado enquanto hetero e por isso não os frequentei tanto.

Paralelo a isso, organizei a minha entrada na Penitenciária e na Unidade de Medida Socioeducativa. Duas instituições que ao mesmo tempo em que guardam semelhanças e características comuns, levaram-me a dois percursos e movimentos distintos, dada as especificidades locais e as diferentes naturezas das instituições, uma das quais voltada ao encarceramento e a outra à função socioeducativa. Vale lembrar que o tema das conversas e as características dos diversos grupos que interagi e convivi nessa pesquisa protagonizaram situações e vivências em campo, muitas delas intrinsecamente ligadas às situações narradas e experienciadas nas histórias, tanto nas instituições prisionais, quanto fora delas. Em outras palavras, a trajetória de campo foi repleta de experiências de violências simbólicas, de relações afetivas, de momentos de introspecção, autorreflexão e vivências emocionais profundas.

Discorrer sobre os espaços que abrigaram essa pesquisa tem a finalidade de contextualizar o leitor sobre os locais que circunscrevem a trajetória, mas também apontar especificidades desses espaços que guardam relação direta com as reflexões e situações vividas na experiência de campo. Por uma estratégia didática, optei por apresentar essa trajetória a partir dos espaços onde foram se estabelecendo grupos de diálogo e locais de convivência e observação, quais sejam, UNIRE, PFDF, Cidade Estrutural e UnB. No entanto, não é intenção deste texto aprofundar em uma discussão sobre os espaços em si, características, definições etc, de forma que irei tratar das relações que constituí nesses locais, da dinâmica metodológica e de outras questões de relevância em termo dos propósitos que orientam este trabalho.

Minhas inserções se deram nos três primeiros espaços – PFDF, UNIRE e Cidade Estrutural – ao mesmo tempo, com pequenas diferenças no início, mas a uma certa altura do trabalho, quando findo o processo de busca, convite e início de conversa, eu estava em

comunicação com quinze pessoas, cinco de cada espaço. O quarto espaço, a UnB, foi estabelecido a posteriori, após a finalização da pesquisa nos outros três locais. Isso se deveu às possibilidades que se apresentaram com a finalização dessa “primeira etapa” - vou chama-la assim unicamente pela temporalidade diferente a que se desenvolveram esses momentos no trabalho. Que possibilidades eram essas? A medida que fui avançando no trabalho de campo e no decorrer dos meus diálogos com as interlocutoras que estabeleci na PFDF, na UNIRE e na cidade estrutural, enfim, nos três primeiros espaços, fui tentando me inteirar das memórias afetivas, dores e outras emoções e assim me apercebendo de dinâmicas emocionais que deflagravam muitas vezes reações ora comuns, ora trágicas, mas que tinham, como uma de suas características o fato de que implicavam ou ensejavam uma espécie de aprisionamento. Comecei a me questionar, então, sobre quais diferenças havia no que se refere às trajetórias de vida e às formas de se lidar com a dor, entre minhas interlocutoras e as mulheres que estavam nos espaços das discussões feminista, no âmbito dos movimentos negros, sejam os do campo político ou do campo acadêmico? Foi então, que busquei as mulheres negras, e lésbicas que participavam de grupos de militância, tendo discursos empoderados, e com viés feminista, particularmente do feminismo negro, ou do movimento negro sem adesão ao feminismo. O lugar em que eu já dispunha de contatos foi a UnB, razão pela qual comecei a estabelecer um diálogo mais profundo com este grupo de mulheres.

Dedico um espaço neste capítulo exclusivo para a exposição da realização da pesquisa nos ambientes de privação de liberdade, dado o caráter específico do cotidiano, das relações que são estabelecidas e as possibilidades de trabalho de pesquisa e deslocamento nesses locais. A minha inserção na Cidade Estrutural se deu através de Lara, portanto, os espaços por onde andei e grupos que mantive contato foram orientados pelas relações e conhecimento dela. Apesar de ser uma cidade próxima ao local onde eu morava, nunca havia adentrado tão demoradamente neste espaço e de forma tão imersa. Já era de meu conhecimento a diversidade e complexidade que atravessa a cidade, combinando características sócio-históricas culturais bem peculiares. Tinha em mente que a cidade possui uma organização, uma associação de catadores muito coesa e forte, tendo em vista que a cidade foi construída circundando um grande depósito de lixo. Sabia também que é uma localidade de baixa renda, no geral, com graves problemas de infraestrutura e alto índice de violência. No entanto, me chamaram atenção, particularmente, a grande quantidade de bares e igrejas que quase se tumultuavam. A cidade em sua entrada guarda uma semelhança com a estrutura de outras regiões administrativas de melhor infraestrutura, mas ao adentrar no interior da mesma percebemos a precariedade e ausência do Estado. A despeito disso, ou justo por isso, a cidade conta com organizações de

moradores, populares e religiosas fortes que estão em constante luta por condições melhores para seus habitantes. A cidade possui também uma vida social intensa e como era esse o caminho de Lara, foi essa a via de entrada que utilizei para fazer parte da vida da comunidade dessa cidade. Permaneci por alguns meses na cidade. Não morei nela, mas passava a maior parte do tempo lá, quando não estava na penitenciária ou na unidade de medida socioeducativa. Lá estabeleci relações, mantive relações de pesquisa, de amizade, afetivo-sexuais etc.

O outro espaço frequentado foi a Universidade de Brasília. Este já era um espaço comum ao meu cotidiano, portanto não houve grandes estranhamentos. Contactei algumas pessoas que conhecia de disciplinas, dos movimentos sociais, expus a ideia da pesquisa que foi muito bem aceita e incentivada. A Universidade em questão é federal e o único espaço dessa natureza que é público. Abriga uma diversidade de estilos e perspectivas comum à esse tipo de instituição, o que para a pesquisa foi extremamente positivo. Por ser o último caminho a ser trilhado, pela experiência já angariada anteriormente, a pesquisa na UnB foi substancialmente mais rápida.

METODOLOGIA

Constitui um desafio trabalhar com narrativas e trajetórias de vida em um campo diverso no que diz respeito a características espaciais, a perfis psico-sócio-econômicos e com trajetórias de vida não só específicas no que concerne às peculiaridades próprias da individualidade, mas também enquanto grupo. É um desafio também avaliar criticamente a relação entre etnógrafo e seus interlocutores levando em conta

“o exercício de poder tão próprio das relações de pesquisa e da representação. Representar é mediar (...) o nosso padrão de representação hegemônico é ainda um padrão molológico (...) Nesse padrão, a cultura entendida como padrão heteróclito (...) está do lado de fora, como os nativos também estão do lado de fora”(CARVALHO, 2002)

O exercício de constante reflexão sobre o meu lugar de fala, que instituições eu representava, como seriam estabelecidos os vínculos e relações foram preocupações minhas durante todo o itinerário do trabalho. Diferenças sócio-econômicas, de linguagem, de formação, de experiências, de trajetórias, de perspectivas, dentre outros, marcaram fortemente todo o grupo como um todo, mas especialmente os encontros entre eu e cada uma delas, uma vez que conversávamos de forma individual e privativa. O estranhamento dos primeiros encontros foi recíproco e a tensão própria de encontros diversos nunca foi evitada por nenhuma de nós que

se propôs a realizar o diálogo, bem como nunca foi impeditivo da construção de relações afetivas e nem vista de forma pejorativa. O que caracteriza esta pesquisa é o que chamo de parceria, por se tratar de um projeto compartilhado e por estarem pautados na construção de nossa relação e dos nossos diálogos a não passividade de nenhuma das partes, mesmo as relações se constituindo a partir de muitas diferenças e algumas congruências. Muito mais que uma simetria absoluta de posições, os vínculos estabelecidos e os princípios que regeram esse projeto de pesquisa foram pautados na autonomia, construídas em suas trajetórias e refletidas nos diálogos e em trocas mútuas e porque não, dolorosas. Discorro de forma mais detalhada sobre como se estabeleceu essa relação de parceria e de troca que caracterizou e embasou a proposta metodológica que agora apresento.

Além do que caracteriza e constitui as relações num contexto de pesquisa, objeto de reflexão de quem se propõe a fazer um trabalho de imersão em campo, há de agregar a essas preocupações, a especificidade de um trabalho realizado com indivíduos que sintetizam categorias que isoladamente já se encontram em constante disputa numa estrutura branca, misógina e lesbofóbica. Partindo desta colocação e do fato de que os critérios para participação do trabalho foram pautados na raça/cor e na experiência sexual, proponho a elas um diálogo e trocas que não experimentem uma estrutura a priori, que sejam construídos coletivamente no próprio processo de pesquisa, onde não é uma estrutura de gênero, raça, classe, geração, mas uma dinâmica de trocas, de diálogos, de afetos, de vínculos que sustenta a busca por compreensão de sentidos nas trajetórias em questão. Um projeto que coloque as interlocutoras em diálogo, no qual com frequência e respeitando suas privacidades as questiono sobre situações relatadas por outras, me interesse por suas opiniões a respeito da opinião de outras etc. isso é possível, porque o que importa neste trabalho não é a verdade dos fatos, mas como as narrativas de sexo, gênero e raça, ou seja as narrativas dominantes do patriarcado e de raça e todos os esquemas analíticos se transformam nas experiências dessas mulheres e como elas significam isso em suas vidas. O objetivo com isso é explorar o potencial teórico e político dos diálogos.

A interseccionalidade que atravessa toda a trajetória e as preocupações de pesquisa traz à tona a importância não só de considerar a interação entre categorias e elementos que constituem a complexidade de relações e subjetividades dos grupos como possibilidade e urgência analítica nas pesquisas, mas por em conta essa interação e as peculiaridades das relações nos meandros da pesquisa. Isso é expresso aqui na medida em que no decorrer da pesquisa fica marcado como essas mulheres não se enquadram na narrativa mestra das ciências, e nenhuma dessas perspectivas analíticas dão conta do que essas mulheres experimentam. A

dor, que é compartilhada por todas, incluindo a mim, sentida no corpo e associada aos silêncios, ao controle etc se dá porque é um corpo negro, porque é lésbica, porque é mulher e porque constituem de forma relacional e profunda a subjetividade.

A pesquisa que aqui se inscreve discute não só a interação entre as categorias relações de gênero, raça e sexualidade, mas se propõe ao recorte do emocional e da dor que nos põe em diálogo não só com características metodológicas de narrativas, trajetórias, entrevistas¹⁰, relação entre histórias e o social¹¹, mas da relação com o emocional e as categoria envolvidas¹², da imersão em campo e seus limites, da subjetividade da pesquisadora¹³ e da proposta de interação dos diversos elementos a fim de empreender uma das possíveis leituras desse universo. Após esse breve apontamento, descrevo o meu empreendimento ou aventura em campo.

A proposta de condução metodológica pensada para esse trabalho, apresentada para as instituições de privação de liberdade e para minhas interlocutoras foi a de estabelecer um diálogo sobre experiências de vida, sobre suas histórias, suas trajetórias, priorizando as relações constituídas no decorrer da vida até o momento da realização da pesquisa e as emoções envolvidas no processo de sua trajetória. Foram utilizados enquanto recursos metodológicos as “conversas”, que eram momentos de trocas sobre as biografias, dela e minha, momentos em que compartilhávamos opiniões sobre temas e realizavam uma espécie de construção fenomenológica, autofuncionalização etc.

¹⁰Queiroz (1988) propõe uma distinção conceitual entre entrevista, história de vida, depoimentos, auto-biografias e biografias. Para ela, o que caracteriza as entrevistas é o fato de que, a despeito da existência ou não de um roteiro prévio, há um direcionamento da interlocução por parte do pesquisador, de sorte que se estabelece um particular “colóquio entre pesquisador e narrado, a direção que é dada pelo pesquisador, onde se tem um roteiro previamente estabelecido ou não, mas implica necessariamente *“um colóquio entre pesquisador e narrador”* (Idem, ibidem, p.20). Na autobiografia é o narrador quem discorre sobre sua própria existência, enquanto numa biografia a história de alguém é contada por outrem, havendo uma dupla intermediação, qual seja, a do pesquisador e a do relato escrito posteriormente.

Para Kofes (1994), os relatos de vida só podem ser utilizados de forma mais profunda quando apresentam três dimensões: entrevista, narrativa (como o entrevistado constrói a narrativa) e as possibilidades analíticas (para o investigador). Essas três dimensões valeriam como fontes de informação, evocação e reflexão para o pesquisador. Essas três dimensões não podem ser vistas separadamente, sob o risco de fragmentação da análise e da produção de posições opostas. A autora propõe ainda o inter cruzamento entre histórias de vida a fim de evitar essas fragmentações.

¹¹a diferença entre biografia e história de vida é que a última busca a relação entre o indivíduo e a coletividade, de modo que o objetivo do pesquisador seria apreender a coletividade a partir das relações do indivíduo com a mesma, buscando justamente o que transcende o individual. (QUEIROZ,1988)

¹² Autoras como (PACHECO, 2008); (BOUZÓN, 2010); (GIACOMINI, 2006); (SOUZA, 1983), empreendem um esforço de compreensão das relações, corpo, identidade, emoção de mulheres negras utilizando histórias de vida e narrativas como metodologia.

¹³Ao considerar o contar da experiência e de vivências em seu aspecto dinâmico, esta tese coloca em evidência tanto a minha subjetividade como a de minhas interlocutoras, reconhecendo que todo o diálogo pressupunha a construção conjunta de uma trama empática. isto é, a tessitura de trocas intersubjetivas que extrapolavam a mera, distanciada e objetiva obtenção de informações, implicando, ao invés disso, um jogo de reciprocidades mais amplo e complexo, é ponto de partida e condição de possibilidade desta tese.

O foco das narrativas eram as emoções, sensibilidades expressas em diversas linguagens— palavras, gestos, silêncios etc – e reelaboradas a partir do tempo, da memória afetiva e de acontecimentos diversos. Era um contar sobre si, o outro, as relações estabelecidas e situações vividas. Com as interlocutoras que não estavam em situação de encarceramento, eu ainda as acompanhava em diversos espaços, mediante seus convites, fiz parte de grupos de amigas, fui à eventos familiares e observava, além de ouvir e gravar suas narrativas.

Uma característica de nossas conversas era a troca, o compartilhar da experiência, no qual me coloquei tanto nas conversas como no texto desta tese, também me silencieei muitas vezes e em tantas outras elas interagiram comigo, fazendo-me perguntas e dando-me a opinião delas sobre o que compartilhávamos, comigo também opinando. Compartilhei também as formulações analíticas que foram surgindo. No geral, isso acontecia nos últimos encontros, mas por diversas vezes fui demandada a opinar, a corresponder. Essa postura dialógica fez com que o vínculo fosse estabelecido de forma mais rápida e os momentos em que estávamos dialogando sobre o trabalho ganhassem a forma semelhante às conversas com as quais elas estavam habituadas a ter em seu dia-a-dia. Essa troca e a escuta sensível gerou a possibilidade de mergulho de ambas, eu e minha interlocutora.

Nos textos das histórias que seguem nos capítulos, o leitor irá se defrontar com a descrição de dois momentos em que diante de contradições eu as confrontei em suas versões. Faço isso, não em busca de uma verdade, mas para que de forma coerente com a proposta metodológica, qual seja, de uma conversa profunda, de diálogo e de uma construção etnográfica e teórica delas, contida nas histórias, elas pudessem dialogar e confrontar minhas posições analíticas sobre aquela situação em que me deparava com versões e contradições narrativas. O compartilhar analítico era feito por mim em uma linguagem mais próxima do coloquial, no entanto, considerando meu lugar de fala e a impossibilidade de me destituir dessa linguagem, observo um ato de insubordinação de minhas interlocutoras ao se relacionar com essa linguagem não curvando-se a ela em algumas situações, adaptando-se em outras e um esforço de colaborar comigo para a tradução de ideias em algumas outras.

O padrão nos diálogos estava apenas na primeira entrevista e em algumas temáticas e espaços que eu visitava em suas memórias. A estrutura metodológica do trabalho posto em prática seguiu da seguinte forma: com todas elas, conversei sobre família e relacionamentos, sobre vivência racial, impressões sobre os temas da pesquisa, sensações e emoções sobre seu próprio corpo. No entanto, a partir da primeira entrevista os diálogos ganhavam vida, ritmo e profundidade próprios, de acordo com a interação e relação que nós estabelecíamos e com a especificidade de sua trajetória. Não havendo, portanto, um roteiro definido para todo o

trabalho, mas temas, situações e relações que orientavam nossas conversas. Procurei aprofundar a conversa com todas sobre família, escola, objetivos de vida, sonhos, ideais, realizações, frustrações, relações afetivo-sexuais, cotidiano e relações atuais. No entanto, alguns destes temas não rendiam ao passo muitas vezes elas me apontavam outros caminhos e possibilidades de interação

O trabalho foi efetivamente realizado com vinte mulheres em espaços diversificados, como já foi mencionado por diversas vezes no texto apresentado até aqui. As conversas tiveram, no geral, duração entre sessenta e noventa minutos. No entanto, o tempo de cada encontro estava sujeito a inúmeros condicionantes, dentre eles, a disponibilidade das pessoas na penitenciária, tanto das com quem eu conversava, quanto das/os funcionárias/os; os imprevistos característicos de uma instituição dessa natureza; o teor da conversa e a disposição emocional delas em cada encontro. Existiram casos em que as entrevistadas se emocionaram e que foi necessário estender um pouco o tempo do encontro; ou ainda momentos em que elas não estavam dispostas e tínhamos que encerrar mais cedo ou nem realizar o trabalho. Os diálogos foram desenvolvidos em caráter privado, dado a necessidade de manter a integridade e o sigilo acerca do conteúdo das conversações, bem como possibilitar um ambiente que as deixasse confortáveis e encorajadas a contar sobre o que preferissem, sem temer nenhuma exposição ou qualquer outro desconforto, ou tensão vinda de terceiros. Abro um parêntese para ressaltar que essa privacidade foi mantida inclusive nos ambientes prisionais, a despeito do que geralmente é rotina com relação à pesquisas realizadas nessas instituições.

O intervalo entre os encontros – de aproximadamente quinze dias, no início e uma semana, no final - foi importante para que eu pudesse avaliar os dados anteriores e para que elas também pudessem ter tempo de refletir sobre o encontro anterior, estimulando suas memórias¹⁴ para o que às vezes estava adormecido, esquecido. No geral, foram entre 7 à 10 o número de encontros que tive com cada interlocutora, tempo relevante e necessário para estabelecer vínculos, para observar nas falas e nas relações, as suas dinâmicas emocionais, para observar expressões que me comunicassem sentidos e significados que atribuíam à sua

¹⁴Para Bosi (1993), ao discorrer sobre a memória, a apreensão total do tempo passado é impossível como é a apreensão de toda a alteridade. A memória, segundo ela, não é passiva, mas sim organizadora, e por isso a importância em respeitar os caminhos que as interlocutoras vão abrindo na sua evocação porque são como “*mapas afetivos e intelectuais de suas experiência e de seu grupo*” (p. 283). As lembranças também são construídas socialmente, fazendo parte dessas construções os elementos de escolha e rejeição ao que vai ser lembrado.

Apoiando-se na teoria da Gestalt, Ecléa Bosi considera que a narrativa de memórias abarca um aspecto psicológico em que se deve considerar os campos de significação na vida subjetiva e na vida inter-subjetiva, além da dimensão temporal e do momento psico-social lastreado na pesquisa acentuando as relações com a família, o grupo cultural, a comunidade – momento que se dá abertamente na hora da interpretação.

trajetória, a si mesmo e suas relações e para buscar um compartilhamento um pouco mais profundo em suas falas. Apesar de muitas delas reconstruírem suas histórias em poucos encontros, o contato prolongado oportunizou a convivência com elas nas mais diversas dimensões de sua vida – trabalho, família, vida social, também me permitindo observar alterações emocionais, conflitos sendo vividos, relações sendo estabelecidas ou finalizadas. Tive a oportunidade de encontrá-las em momentos de centramento, equilíbrio, alegria, tristeza, desespero etc.

Das vinte pessoas que foram minhas interlocutoras na pesquisa, cinco estavam na PFD, cinco estavam na UNIRE, cinco estavam na Cidade Estrutural e cinco tinham em comum o fato de serem estudantes da mesma Universidade (UnB). Cheguei até as cinco mulheres da Cidade Estrutural e da UnB através de indicação como num sistema de bola de neve, uma interlocutora indicava outra. O recorte tinha gênero, raça e sexualidade enquanto critérios tentando equilibrar em cada grupo uma diferença geracional. No início a proposta era realizar o trabalho com mulheres negras que tinham tido experiências afetivo-sexuais exclusivamente com mulheres, no entanto, a dinâmica de campo mostrou-me outras possibilidades.

Tive especial dificuldade para encontrar na instituição prisional e na unidade de medida socioeducativa pessoas que declarassem ter vivido relacionamentos afetivo-sexuais apenas com mulheres, de modo que em cada um desses espaços, das cinco interlocutoras com as quais trabalhei, uma delas tinha o perfil almejado no recorte inicial, as outras quatro diziam terem tido ou ainda terem interesse em vivenciar relações afetivo-sexuais também com homens. Com isso, a fim de manter um padrão que me permitisse confrontar as experiências delas, esforcei-me para aproximar as configurações a partir das vivências afetivas que se desenharam na penitenciária e na unidade de medida socioeducativa. Outro elemento utilizado como critério foi o recorte etário, mas apenas como forma de equilibrar as experiências e as repostas às situações, sem intuito analítico mais profundo.

O primeiro contato, manteve um padrão de abordagem, tinha o caráter de uma entrevista mais geral, no qual o intuito era conhecer minha interlocutora, sem expectativa de muita profundidade, portanto para essa conversa havia um roteiro no desenrolar do diálogo, tendo em vista que estávamos iniciando uma relação e que, neste sentido não conhecíamos nada do universo uma da outra. Em geral, eu precisava tomar a iniciativa até que um vínculo mínimo desinibisse minha interlocutora a falar sobre si de forma mais espontânea. Eu começava perguntando sobre sua constituição familiar e relacionamentos; depois questionava sobre as relações afetivo-sexuais; e ao final perguntava sobre um momento ou situação que guardava na memória e lhe remetia a um momento bom, agradável, feliz e um momento desagradável,

que lhe trazia sofrimento. Por último, o que ela, minha interlocutora, achava que poderia ter acontecido em sua vida que colaborasse para mudar o rumo dela, aproximando-a do seu ideal. Com essas três últimas questões eu pretendia me aproximar de situações e pessoas que foram relevantes e geraram emoções intensas, sendo que com a última, mais especificamente, gostaria de ter acesso às suas expectativas, relações, pessoas, situações ou escolhas que a teriam frustrado e teriam, na perspectiva dela a afastado do que almejava enquanto ideal. Enfim, buscava me aproximar de uma memória afetiva que carregava consigo signos e símbolos de um passado de experiências, um futuro que poderá ser ou que poderia ter sido e um presente que sintetiza esse caldeirão simbólico em forma de sonhos, conflitos, desejos e expectativas que a constituem. Nesse primeiro momento também, eu pautava minha interlocutora da nossa possibilidade de interação e diálogo, o que geralmente não acontecia no primeiro momento, mas a partir do segundo, aos poucos e timidamente as conversas ganhavam o caráter de diálogo.

Após esse primeiro encontro, eu alternava as conversas entre algumas nas quais o eixo era uma temática e outras em que as relações eram o foco. Os outros eram sempre iniciados com as seguintes questões: “Como você está? Como passou desde o nosso último encontro? Novidades?” Só isso, algumas vezes foi o suficiente para modificar o que eu tinha pensado enquanto proposta de conversa, levando nossa interação para outro rumo, é claro, muito mais interessante e elucidativo. Foi a partir dessas mudanças feitas pelas próprias narrativas que aos poucos as construções temáticas foram ganhando forma e densidade. No primeiro encontro, na maioria das vezes elas me apresentavam aquilo que poderia ser prioridades e possibilidades, indícios, rastros a serem seguidos. Pude apreender nas narrativas silêncios, biografias, experiências, percepções, sensações, memórias marcantes, episódios nucleares, importância pessoal atribuída aos eventos etc.

De início, elas estranharam a metodologia, principalmente as que se encontravam naquele momento em situação de cárcere. Já as que não estavam em situação de prisão, eu tinha a possibilidade de diversificar os locais e os encontros eram mais fluidos, logo as conversas ficavam mais soltas e eu era incorporada ao cotidiano delas, não totalmente desprovida de ressalvas. O estranhamento se deu ainda mais por parte das mulheres da penitenciária do que por parte das adolescentes na UNIRE. Avalio que isso tenha relação com os estilos de pesquisa que em geral são realizadas nesse local. Não estavam habituadas a participar de uma pesquisa em que a preocupação não eram seus crimes, nem estavam habituadas a pesquisas de tão longa duração, com tantos encontros com a mesma interna, nem elas nem as pessoas responsáveis pela instituição, de modo que o estranhamento foi geral. Não estavam acostumadas, segundo fala de várias delas com um exercício de avaliação que fiz ao final da pesquisa, a alguém

interessar-se com o que haviam vivido em suas vidas, como tinham se sentido em determinadas situações, como estavam naquele momento, suas expectativas, seus projetos, suas dores. Na UNIRE, pelo caráter de ressocialização e pela menor quantidade de adolescentes sob responsabilidade do corpo técnico, as conversas e o querer saber como estão lhes eram mais familiares e rotineiros.

Há de se mencionar o recorte emocional que é o foco do trabalho, quais sejam, as dores. Estes são aspectos da afetividade, do emocional e da história das relações que muitas vezes são evitadas e/ou mascaradas pelo indivíduo por vergonha e/ou medo de reviver o estado emocional e o desequilíbrio experimentado na situação originária da dor. Nas vivências em campo essas dores emergiam com o passar do tempo, com a sedimentação de vínculos e, em função disso, com o subsequente ganho de confiança, não só oriunda da ligação e relação construída comigo, mas da sensação de que sua história ou elas mesmas não seriam julgadas, ou ainda de que eram histórias que valiam a pena ser contadas. As dores não eram expressas somente através do ato de contar histórias, mas pude observá-las em alguns outros momentos, como parte de um processo dinâmico de práticas relacionais, ações e reações que falavam tanto quanto suas narrativas, que também apresentam dinamicidade.

Escrita da tese

Para a escrita do texto, eu selecionei cinco das vinte histórias. O recorte foi realizado devido à complexidade de cada narrativa e a impossibilidade de trabalhar com profundidade todas as vinte. O critério utilizado para o recorte das cinco foi o seguinte: uma interlocutora de cada grupo e um grupo teria duas delas contando suas histórias. Uma vez que todas são negras e há uma diversidade de experiências quanto aos relacionamentos homoafetivos decidi trazer a público nesse momento as histórias de cada grupo em que a interlocutora tivesse tido experiência sexual apenas com mulheres. A exceção está na primeira narrativa que diante da não existência de narrativas com esse perfil e característica dentre as adolescentes da UNIRE que conversei, trouxe à tona a história de Laísa que mais elementos analíticos comuns possui com as outras histórias. Outro elemento que me levou a reunir nesta tese a história de mulheres que se relacionaram somente com mulheres é o fato de ter a intenção de expor pontos de conexão analítica creditados a essa experiência e trajetória afetivo-sexual específica.

A escrita dos capítulos segue um certo padrão. Inicialmente, discorro sobre características e especificidades dos nossos encontros – meu e delas – em seguida, elas narram sobre suas trajetórias e por último, eu faço alguns apontamentos analíticos. A narrativa das trajetórias foi construída a partir da edição de todo o material que eu tinha disponível. O critério utilizado para edição das histórias foi primeiramente retirar a minha participação nos diálogos, construindo uma história contada a partir das falas delas. Em segundo lugar, priorizar as falas sobre as relações em geral, as elaborações sobre si e auto definições, bem como as temáticas do trabalho e ideais, sonhos etc. Seguindo a proposta metodológica do trabalho, o foco e prioridades de temas, relações e acontecimentos dado por elas nas histórias foram utilizadas também na escrita. Busquei cortar o mínimo possível e em algumas histórias não cheguei a fazer cortes, apenas uma organização que desse fluidez e entendimento à leitura. As falas delas aparecem entre aspas e sem recuo, porque não estão em caráter de citação, mas de narrativa, de vida e de teoria, política.

Todas optaram pelo anonimato, de forma que modifiquei não só o nome delas, mas o nome de parentes, afetos e namoradas. No caso das interlocutoras da Universidade, pela possibilidade maior de exposição e reconhecimento, mudei os nomes delas, os cursos e os nomes de terceiros, todas/os.

PARCERIAS E AFETOS

Chamo de parceria a relação que estabeleci com minhas interlocutoras baseada na premissa de que havia uma troca e o envolvimento delas com a proposta do trabalho. Elas queriam ter suas histórias contadas, pois esperavam contribuir com outras/os que a lessem e tivessem experiências comuns. Existia a possibilidade de interação em que elas podiam me interpelar, e eu tinha, claro, os mesmos direitos que elas como o de não responder caso me sentisse invadida ou não confortável. Algumas delas compraram a ideia e as trocas foram riquíssimas, outras menos, e outras quase nada.

Além disso, a dinâmica que se deu em forma de troca de experiências de vida, na qual essas parceiras narravam, contavam suas escolhas, desdobramentos, emoções e eu em vários momentos de forma espontânea e às vezes por demanda da própria interlocutora, quase que num misto de narrativa etnográfica, escuta psicanalítica e conversa informal colocava minha própria experiência de vida, conhecimento acadêmico e impressões sobre o que estava sendo

vivido. Isso ajudou a estreitar o vínculo e a confiança em contar coisas tão íntimas e quase nunca reveladas por elas, principalmente considerando os melindres associados ao tema. Melindres esses, associados tanto à questão racial quanto os relativos à sexualidade, ambos propensos a tornar o campo em si, desde o primeiro contato com elas e com as instituições repleto de não ditos, de inferências, de buchichos e de uma série de situações que especifico no corpo desse texto e que estão inseridas nas temáticas propostas na pesquisa.

A parceria, como já foi dito anteriormente independe da simetria absoluta das relações e da inexistência posições diferenciadas na relação. Ela prescinde da autonomia conquistada por todas em suas trajetórias pessoais, em suas experiências relacionais e na relação de pesquisa que se estabelece. É também um princípio de conduta metodológica não pacífico ou isento de tensões, mas construído em meio a estas tensões. A parceria acontece também à medida em que a despeito das diferenças o que há em comum é a memória vigiada e silenciada e as experiências dolorosas. Essa dor é o que nos une e é o que transforma a parceria em algo profundo, auto reflexivo e analítico. Assim como Mafeje aponta um Outro que vai nos fazer refletir sobre nós mesmos, mas não de forma tranquila e pacífica, mas como um processo doloroso. No encontro etnográfico empreendido nessa pesquisa todas as envolvidas encontram um eu, mas um eu doído, machucado, excluído. (BORGES, 2015)

Para além da tentativa de conceituar a interação que tive em campo, gostaria de sinalizar a minha identificação com a experiência de Favret-Saad (2005) em ser afetada. Segundo a autora, ao trabalhar com feitiçaria, deixou-se “afetar” pela vivência de campo, ao invés de observar e/ou de participar ao modo de uma etnografia clássica. Fez isso adotando um dispositivo metodológico que a permitiu elaborar um saber posterior no qual a participação em si foi um instrumento de conhecimento. Seria ocupar o lugar ao invés de imaginá-lo, experimentar intensidades, até mesmo porque determinadas experiências estão no campo do inimaginável e nem tudo é representado ou significável. Ao trabalhar com experiências tão profundas emocionalmente me vejo exatamente neste dilema, qual seja, o de buscar compreender e representar o que muitas vezes só é entendido quando sentido, quando se permite afetar. Quando se permite transpor a observação e lugar de conforto que ela por vezes proporciona e abre-se a possibilidade de transmutação, de interferência, de desequilíbrio e da perturbação da falta de controle do se eu. Vi-me neste lugar, uma vez que assim como relata Favret-Saad sobre seu campo, as minhas interlocutoras têm como característica principal a desconfiança, de sorte que abrir suas emoções mais íntimas e profundas é algo que só começava a acontecer a partir do momento em que se apercebiam comungando algo em que tanto elas

faziam realmente parte da troca que estávamos realizando como eu também era parte do processo.

Na PFDF, eu mesma achei que isso era impossível e somente posteriormente percebi como veio a se consumir. Como me deixar ser afetada e como sentir e viver a experiência delas se eu não estava presa, trancada? Foi meu pensamento imediato. No entanto, entendi que o que fui lá compreender tinha um sentido maior e mais profundo nas vidas de minhas interlocutoras: as emoções e experiências, principalmente no que diz respeito à sexualidade e a cor não se restringiam às vivências na instituição. Na prática, começamos a vivenciar uma interação dialógica e nada unilateral a partir do momento em que uma das interlocutoras ao terminar a primeira conversa me perguntou: “agora posso te entrevistar?” E eu disse: “claro!” E a partir daí coisas da minha intimidade e emoções foram sendo colocadas como numa espécie de troca projetiva. Em muitos momentos me vi falando e ouvindo: porque nós mulheres, porque nós negras, porque nós que nos relacionamos com outras mulheres e assim por diante. Em muitos momentos as emoções não podiam ser expressadas, simplesmente eram sentidas e em alguns momentos coube a mim traduzir algo como um olhar fixo entre eu e elas e uma fala “ Você sabe como é... não é? Olhos de ambas marejados e uma sensação de implosão”.

Com o tempo, percebi-me na posição de afetada pelo campo devido às reações das outras pessoas da instituição. Eu não era simplesmente alguém de fora que causava um estranhamento e incômodo pela temática melindrosa e por muitos inaceitável, mas eu era uma delas, era uma mulher e era lésbica, segundo insinuavam e inquiriam com curiosidade. Cogitavam que era possível que estivesse lá me envolvendo amorosamente com elas, inclusive. Chegou ao ponto de ser necessário acelerar o andamento da pesquisa pelo desconforto que o tema e a minha presença causava em todas/os. Foi quando me dei conta: eu não era uma delas no sentido de experienciar uma trajetória de penitenciária, mas era uma delas no sentido de também ser mulher e negra, com experiência de relacionamento afetivo-sexual com mulheres e experimentando olhares, ambivalências discursivas, insinuações por todas as partes. Não só na penitenciária, mas nos bares e locais onde eu andava com elas.

A afetação mais próxima ao que Favret-saad (2005) menciona, deu-se em meio a minha busca por pessoas que compartilhassem histórias. Como mencionei na introdução, Lara era uma de minhas interlocutoras e minha parceira de contatos. Há meses, ela me apresentava a jovens de 18 a 20 anos, foi quando disse a ela: preciso conhecer pessoas mais velhas! Ela me sugeriu então que eu fosse com ela à casa de Janaína, uma amiga. Janaína estava com 35 anos na época, mora na Cidade Estrutural, onde eu tinha começado minhas incursões de campo. Chegamos em sua casa, Lara desceu, falou com ela e Janaína veio ao meu encontro. Falei com ela sobre o

trabalho, ela me olhou de uma forma insinuante. Não foi algo incomum em campo, então não estranhei. Marcamos um encontro para iniciarmos nossas conversas. A primeira conversa aconteceu tranquilamente. Na segunda, ela me convidou para uma festa junina de sua quadra. Janaína tem dois filhos e nesse dia os conheci. Tinha algo particular nela que me envolvia. Não era um jogo de sedução apenas e só depois fui percebendo que me identificava com ela em alguns aspectos de sua personalidade. Janaína, como ela mesma diz: “meu estilo é assim masculino e você é assim bem femininazinha”. Depois dos dois primeiros encontros já nos víamos interessadas e sem condições de continuar com a parceria de pesquisa. Com Janaína eu tive, então, meu primeiro envolvimento com mulheres depois de muitos anos de uma trajetória heterossexual. Ela, portanto, deixou de ser minha interlocutora após o terceiro encontro e passou a ser minha namorada. Ficamos juntas por aproximadamente seis meses.

O objetivo, nesta seção, não é descrever em detalhes o relacionamento, mas apontar algumas situações vividas e sentidas por mim que, após algum tempo de mergulho no material de campo, pude perceber que vivenciar o relacionamento tinha me proporcionado a possibilidade de realizar uma compreensão sensível e profunda das histórias que ouvi. Logo no início, a expectativa de aparecer ou não em público era evidente, a expectativa tanto para mim quanto para ela. Observava uma certa tensão nela em saber se eu toparia ou não assumir o relacionamento em público. Essa não foi uma questão para mim, ao menos não conscientemente. Eu tinha toda uma leitura do social a partir de uma perspectiva feminista que a mim parecia um desafio social apenas que eu precisava vencer. Vi-me ansiosa algumas vezes ao perceber que ela se incomodava e que para ela haviam regras para se relacionar em público. Janaína não queria faltar com respeito às pessoas, às famílias, às crianças etc; Eu imaginava que ela também não sabia o quanto eu toparia ir adiante, então se continha por isso. Com o tempo ela foi se soltando e fomos juntas a bares, restaurantes. Meu sentimento era de estar sendo vigiada todo o tempo, era como se todos os olhares se dirigissem a nós. Não bastassem os olhares, era muito frequente a interpelação de homens tentando falar sobre seus fetiches de uma relação com duas mulheres. Raras eram as vezes em que saíamos e o relacionamento não era o centro das atenções da noite, até mesmo porque os lugares e grupos que ela frequentava eram em sua maioria frequentados por pessoas hetero. Ela se sentia desconfortável e por duas ocasiões, em bares, os comentários, olhares e risos das mesas ao lado a fizeram mudar totalmente seu estado emocional. Ela ficava muda, introspectiva, não tinha foco ou atenção para o que conversávamos, mas quando eu perguntava o que era, ela mudava o assunto. Até um dia, da última vez em que isso aconteceu, a interpelei de forma incisiva sobre a importância de combate a estas situações, e percebi que ela se sentiu acolhida, mas ainda assim não quis

conversar sobre o assunto e negou tudo. A experiência da violência e a instabilidade e desequilíbrio que isso me causava eram muito vívidos.

O relacionamento seguia de forma muito agradável, e eu me sentia em parceria com alguém, acolhida, cuidada etc. Ela preocupava-se com algumas de minhas questões e eu com as dela. Ela teve um problema com o filho na escola, pediu-me para acompanhá-la, eu fui e tivemos sucesso em nossa empreitada. Ela também me auxiliava em coisas cotidianas e assim foi....Janaína, como já mencionei, tinha dois filhos, sua performance era de um “estilo associado ao masculino” e dizia nunca ter se envolvido com homens, com exceção dos momentos em que precisou engravidar. Ela morava com o filho mais velho, de aproximadamente sete anos, e a filha mais nova, de cinco, morava com o pai e a esposa dele. Janaína ficava com a filha todos os finais de semana.

Um certo dia, no final da tarde de uma sexta-feira, estávamos em um bar; tínhamos acabado de chegar e eu havia dito a ela que eu ficaria pouco tempo, pois precisava ir logo para casa, tinha um compromisso. Pouco tempo depois de nossa chegada, seu telefone toca, é o pai de sua filha. Ela começa a falar e seu semblante vai se alterando como se estivesse ficando nervosa. Faz perguntas como: “mas vai ficar quanto tempo? ...tá...você vem hoje? Como você vai resolver isso?” Ao desligar o telefone, ela se dirige a mim e diz: “era o Francisco, ele vai trazer a Júlia (curto silêncio - A expressão dela era de alguém muito assustada), ele e a mulher estão se separando, continua...ele vai sair da casa e disse que vai trazer a Júlia até arrumar outro lugar”. Mostro minha surpresa, lamento e, curiosa, começo a perguntar da separação, dos detalhes etc. Ela não corresponde, parece muito concentrada em algo. Alguns segundos depois ela me interrompe no que eu estava a falar e diz: “E agora?” Eu respondo: “E agora o que?”; “Como eu vou fazer? Antes era um, era o Filipe, agora a Júlia...” eu digo: “calma, ele não disse que era só por um tempo? Depois, se não for só por um tempo, pensamos em alguma coisa, vai dar tudo certo! Precisa ficar calma pra quando ela chegar, pode ser que ela esteja confusa” Ela me olha então, com um semblante de alguém perdida e pede: “Fica aqui cheirinho, não vai pra casa não.” Eu tinha um compromisso, mas resolvi ficar e remarca-lo. Quando Júlia chegou, desceu do carro do pai e correu para o quarto em prantos e Janaína perguntando um tanto nervosa: “O que foi? O que aconteceu?” E Júlia continuava em prantos. Olhando toda aquela situação, chamei Janaína e disse: “É difícil pra ela, fique calma”. Conversei com Júlia, chamei Janaína e tentei acalmá-las. Fui percebendo que a medida que ia falando para Júlia não se preocupar, pois ela iria ficar bem, sua mãe estava ali e não a deixaria, ela foi se acalmando e Janaína também. Daí percebi um sentimento que me arrebatava. Um certo estranhamento como se algo não estivesse no lugar. Fui para casa refletindo sobre essa situação: não era a primeira

vez que conversava com alguém aflito. Será que tinha tomado aquela aflição para mim? Podia ser. A medida que os dias se passavam fui percebendo que quando Janaína me procurava, sentia-me apreensiva como se ela me demandasse algo que eu não me sentia confortável. Foi então que comecei a perceber que esta era uma demanda absolutamente nova para mim. Não em termos práticos, mas emocionais, de expectativas. Eu estava acostumada, como uma mulher, única responsável por três filhas, a me ver na posição de resolver problemas, tomar decisões e tranquilizar alguém emocionalmente em momentos de tensão. Isso não era uma novidade enquanto demanda prática, mas enquanto expectativa emocional profunda, como um compromisso sutil e potente, sim. O que eu sentia era que a demanda de Janaína não era pra que eu resolvesse um problema pontual, ou vários, mas para que eu ocupasse um lugar e ao mesmo tempo, eu vivia um misto de não querer e não poder ocupa-lo. Isso me intrigou, principalmente a sensação de não querer e não poder, como não poder, se eu já estava fazendo? Porque mesmo assim me sentia tão desconfortável? Essa experiência e a gradual consciência de minhas emoções me afetou na medida que me possibilitou entrar em contato e compreender melhor as demandas de responsabilização, as expectativas práticas e emocionais relacionadas ao jogo social que inclui símbolos e relações, bem como as sensações internas vivenciadas a partir do contato com esse complexo.

Algum tempo depois, tive contato com outra dimensão da vida de Janaína. Ela havia me dito que seus filhos tinham sido fruto de um acordo que ela havia estabelecido com um amigo. Ela queria ter filhos e ele era casado com alguém que não podia engravidar, ao passo que ele e a esposa queriam muito ter filhos. Sem meios para uma intervenção médica, eles decidiram selar um acordo, qual seja, teriam filhos, dois, e cada um ficaria com um e compartilhariam as visitas, contatos etc. Contou-me que ela era casada na época e sua mulher lhe deu muito apoio no período. Depois ela e a esposa se separaram e esta mudou-se para o Maranhão.

Após alguns meses, marcamos para sair com umas amigas e havia uma delas que parecia flertar comigo, inclusive na frente dela, o que era bastante desagradável. Cheguei ao local e a amiga já estava, começamos a conversar e o assunto chegou em Janaína, o relacionamento e entre conversas a amiga fala num tom pejorativo: “Eu só fico curiosa pra saber quem é o pai do Felipe, ela não fala de jeito nenhum! Ela já te disse alguma coisa?”. Surpresa, digo: “Não é o pai da Júlia?” Ela ri e fala: “Ela te falou isso, é? Nossa, Janaína é foda. Não sei porque ela mente tanto”. Em princípio encarei como uma intriga, mas resolvi dar corda e fui perguntando. Ela fazia ar de quem não queria deletar a amiga e atrapalhar seu relacionamento, até que soltou: “Acho paia Janaína não confiar na gente e contar. Todo mundo sabe que eles não são filhos do mesmo pai! Além de serem muiiiito diferentes, a Júlia vem ficar com ela todo fim de semana

e o Filipe nunca vai pra casa do “pai”, ele nem sequer fala com o menino! Você já viu os dois juntos? Parecem dois desconhecidos! Ela falou pra você o que? Que ela foi casada vários anos com uma mulher? Mentira! Ela nunca foi casada. Uma vez arrumou uma mulher que tava separando do marido e tinha uns cinco filho, ela levou tudo pra dentro de casa. Eu cheguei lá e falei: Janaína, que isso! Tá doida minha irmã. Aí a mulher voltou para o marido e ela ficou sozinha (fala com tom extremamente pejorativo); Aí arrumou uma namorada, bonitinha e solteira, mas ela queria controlar tudo da mulher e a mulher batia nela, pra impor respeito. Às vezes eu chegava lá, ela estava toda machucada que a mulher tinha batido. Fica aí dando uma de durona...eu NUNCA me envolvi com homem nenhum, mesmo que eu quisesse muito ter um filho, eu nunca ia fazer isso! Não, não dá pra entender a cabeça dela, nem porque ela mente!”

Eu estava atônita, mas tentei manter a calma e continuei conversando. As pessoas chegaram, inclusive Janaína, e encerramos o assunto. No dia seguinte, confrontei Janaína com sua história e o que a amiga tinha contado. Ela visivelmente surpresa e parecendo não saber o que falar, apenas disse: “é mentira, mentira dela! Intriga! Isso nunca aconteceu e o pai da Júlia é sim o pai do Filipe, eu te contei” - disse Janaína, que em seguida começa a recontar a história. Uso os argumentos que a amiga usou e ela só balança a cabeça indignada e eu insisto até que ela disse: “para! eu não quero falar de história nenhuma. Isso é coisa do passado, porque eu tenho que falar disso?” Aí eu disse: “Porque você mentiu! Não pedi pra que você me contasse seu passado, isso nunca foi condição para ficarmos juntas, se não estava disposta a falar de nada, então não dissesse, porque fez isso?” E ela: “não sei e.....” Bem, esse diálogo posteriormente me disse algo sobre o campo e o campo sobre ele. A fantasia sobre a história da vida ou parte dela não foi incomum, de forma que depois tive que me debruçar sobre essas fantasias para compreender alguns elementos, e isso foi possível a partir das experi~encias profundas e da compreensão a partir do se deixar afetar nessa trajetória, no entanto não vou anunciar aqui para não minar o interesse do leitor nos capítulos que se seguem.

Gostaria de compartilhar algumas observações sobre o final da relação, pois acredito que pode dizer algo sobre o que estamos a refletir no trabalho. Após a tensão descrita acima, o relacionamento ficou abalado. Além disso, antes da relação, Janaína tinha uma vida social e profissional relativamente intensa. Era autônoma e trabalhava fazendo desenhos decorativos para paisagem. Aos poucos ela foi se aquietando e isso começou a me incomodar um pouco. Os amigos diziam que nossa relação estava lhe fazendo bem, tinha parado com as farras e estava bebendo menos, saindo menos, mas não eram só as saídas que haviam diminuído, era tudo. Ela trabalhava menos, se interessava menos por outras coisas, mas parecia tranquila. Perguntava o que ela pensava para a própria vida, o que ela sonhava? Ela estranhava quando eu perguntava

isso, mas me respondia que queria abrir uma empresa de designer. Então comecei a incentivá-la, montamos uma estratégia, mas a ideia não ia adiante. Após a tensão que tivemos e vivemos devido às mentiras, ela disse que ia resolver suas questões e ia dar uma guinada na vida. O relacionamento foi se desgastando e ela percebendo isso; passou a me procurar e me demandar mais vezes, ligava-me várias vezes pedindo que eu fosse à sua casa e quando eu lá chegava, depois de um dia inteiro de trabalho, ela dizia que só queria me ver. Discutíamos mais, ela fazia várias promessas e eu esperava. Eu sabia, estava ruim, pensava em sair, mas me achava fraca, achava que se eu gostava dela precisava acreditar um pouco, talvez colaborar...até que entre idas e vindas desses pensamentos disse a mim mesma: “Não posso continuar com isso! Está muito ruim. Eu me sinto usurpada, atropelada...escutei isso várias vezes, vivi isso várias vezes. Estou me sentindo presa, amarrada.” Lembrava do início da relação e dela me falando: “Será que posso me apaixonar por você? Já sofri tanto...mas acho que vou acreditar mais uma vez, mesmo sabendo que depois eu vou me ferrar.” Lembrar disso era terrível; eu me imaginava como mais uma a ferir alguém e isso me fazia sofrer também.

Depois de uma semana de muitas implosões e sentimentos que me tiravam a energia, me sentia cansada e isso começava a afetar minhas outras relações, tanto profissionais, como familiares etc. Comecei a pensar que a força que eu esperava para resolver isso tinha que vir de um ato de vontade ou provavelmente eu viveria muito tempo com esses sentimentos até que eles me fossem insuportáveis e eu não estava mais disposta a isso, principalmente depois de tudo o que eu havia ouvido. Mesmo com todos os receios e me achando uma traidora, fui até Janaína e falei que gostaria de terminar, ela disse que já sabia que isso aconteceria, chorou, eu também chorei e aí começou uma nova saga. Janaína me ligava todos os dias, noites e madrugadas. Dizia estar passando muito mal, mas eu ia encontrá-la e não era nada. Passei a não ir mais e ela me ligava, mandava mensagem dizendo o quanto eu era cruel. Quando fui à casa dela, ela entrou no carro, era aproximadamente vinte e duas horas e começamos a conversar. Dizia pra ela que não era possível o retorno, que não estava sendo bom pra mim e por isso eu acreditava que não seria bom pra ela estar com alguém que pensava em sair da relação. Ela me pedia uma chance. Eu dizia que não sabia o que ela poderia fazer, não era algo que pudesse ser feito. Ela me perguntava o que havia feito de tão errado? Dizia que eu não gostava dela e nunca havia gostado. Enfim, foi ficando tarde, próximo à meia noite e eu cansada pedi pra ir embora, ela então começou a ensaiar sair do carro e voltou inúmeras vezes. A hora passava, já eram duas da manhã e eu não estava mais disposta a nada. Meu cansaço já havia me tirado o equilíbrio. Foi então que pedi rispidamente para que ela saísse do carro, vou embora. Troquei o número do telefone e passei alguns meses me sentindo como se a relação não houvesse dado certo por

que não consegui achar a forma de mudar as coisas, ou porque fui fraca e não consegui me abrir para as diferenças e nem considerar que um relacionamento tem problemas que precisam ser ultrapassados, ao invés de simplesmente se dar fim à relação. Passado esse período, hoje considero ser um momento caro a mim, de retomada da direção da minha vida a partir de minha vontade e não pela insustentabilidade dos acontecimentos. Como é um trabalho sobre emoções, hoje me sinto bem quando lembro dessa história, aberta e desejosa de novas histórias e da possibilidade de vínculos duradouros ou não e não culpada pelos finais e pelo destino de todos, mas responsável pelo meu.

Quero abrir um pequeno parêntese para falar um pouco sobre a relação com a minha família a partir da constatação desse relacionamento e das minhas constantes relações com as minhas interlocutoras de pesquisa. Ao perceber as pessoas que se aproximavam de mim e das minhas filhas com o convívio gerado pelo trabalho, minha mãe, meu pai e minha irmã nada disseram diretamente, como sempre fazem com qualquer assunto tenso. Mas eu, sem dúvida, virei o foco, o centro das atenções de todos. A expectativa era que a qualquer momento eu anunciasse um casamento com Janaína. As piadas sobre lésbicas eram absurdamente frequentes, algo muito novo naquele ambiente. Na época passava uma novela em que duas atrizes protagonizavam um casal de lésbicas e eu tinha que ouvir sempre uma piada quando me encontrava presente no momento da novela. Algo como: “não sei o que duas mulheres querem só futricando uma a outra!” Isso me atingia aos poucos e por mais que eu tivesse plena consciência do que acontecia naquele espaço, me via melancólica. Soube certa vez que minha mãe fazia promessas religiosas para que eu não encontrasse mais nenhuma dessas mulheres e uma vez em que meu telefone ficou sobre a mesa, Janaína ligou e foi um show de horrores, até que eu tomasse posse do celular novamente. Todas essas situações me faziam lembrar momentos de não apoio da minha família, sentimentos de perseguição e uma melancolia que se traduzia na minha vontade de não frequentar mais o seio familiar. Tentei apontar aqui apenas alguns elementos que ao meu ver me trouxeram um pouco da experiência familiar ao vivenciar as relações homoafetivas.

O que chamo de afetação não é uma intenção de equalizar as experiências vividas por mim e por mulheres que experimentam isso de formas mais intensas em relações com outra mulher desde seus primeiros relacionamentos, nem é uma tentativa de reduzir a diversidade de experiências às que menciono quanto a minha trajetória. Quero apenas ressaltar a afetação que sofri e a transmutações que me acometeram a partir destas experiências e que foram definidoras para a compreensão de determinados aspectos emocionais e dolorosos relatados nesta tese.

AS INSTITUIÇÕES: PFDf – PENITENCIÁRIA FEMININA DO DISTRITO FEDERAL E UNIRE – UNIDADE DE INTERNAÇÃO DO RECANTO DAS EMAS

Nesta seção, não proponho uma discussão sobre instituições que promovem ou estão calcadas na privação de liberdade, mas sim discorro sobre alguns elementos e situações que, vividos nesse espaço e na minha trajetória de pesquisa, colaboram para a reflexão sobre as relações consolidadas e vividas nesses espaços. Como já mencionei na introdução, ao ir às penitenciárias acreditei que entraria em contato com a dor em sua expressão mais desvelada:

A prisão, essa região mais sombria do aparelho da justiça, é o local onde o poder de punir, que não ousa mais exercer com rostos descobertos, organiza silenciosamente um campo de objetividade em que o castigo poderá funcionar em plena luz como terapêutica e a sentença se inscrever entre os discursos do saber (FOUCAULT, 1987, P.214)

A atual Penitenciária Feminina do DF é conhecida sob o nome de COMEIA¹⁵. O nome é na verdade uma sigla que significa: Comunidade de Educação, Integração e Apoio. Essa comunidade era destinada à internação de adolescentes e menores infratores. Os adolescentes foram transferidos para o CAJE - Centro de Atendimento Juvenil Especializado, após incendiarem o local. Abandonado por dez anos, em 1997, noventa internas e agentes mudaram para lá e começaram a recuperar o local. Em 2000, os homens condenados e em tratamento psiquiátrico passaram a ocupar um dos blocos do espaço da PFDf. A COMEIA está localizada na cidade satélite do Gama e é a única instituição prisional do DF que interna mulheres condenadas ou a espera de julgamento (VARGAS, 2005).

A construção de espaços de encarceramento feminino deve ser vista em sua peculiaridade discursiva. Na sua acepção original e estrutural, encarcerar mulheres não é somente uma medida de proteção da sociedade de indivíduos perigosas. Historicamente os discursos jurídicos, médicos e religiosos criminalizaram e ainda criminalizam a sexualidade, legitimando a lei simbólica e cultural que fala sobre os papéis de gênero e a representação do corpo feminino¹⁶. As prisões femininas, diante disso, se serviam dos ensinamentos religiosos morais a fim de ressocializar, domesticar e purificar essas mulheres. Isso permanece até hoje,

¹⁵ É bom ressaltar que as mulheres em situação de encarceramento nem sempre tiveram um espaço próprio para elas no DF. Da construção de Brasília em 1960 até 1988, as mulheres ficavam em espaços reservados a elas nos presídios masculinos. Depois desse período até 1997, quando foram transferidas para a então COMEIA, ocuparam uma ala no Núcleo de Custódia.

¹⁶ As mulheres presas no início do século XX, por exemplo, eram condenadas em sua maioria por vadiagem, prostituição (até 1942 tida como contravenção) e desocupação, sendo alvo de preocupação do Estado pela possibilidade de gerar martírio e intranquilidade aos presos homens, uma vez que eram encarcerados no mesmo espaço (MUSUMUESCI E ILGENFRITZ, 2002)

nas prisões femininas brasileiras, quando estas continuam de forma direta e indireta a controlar os corpos e o comportamento sexual das internas, seja na utilização do parlatório, seja na organização e cotidiano no interior das celas.

As prisões femininas acompanham o sistema jurídico e as formas de castigo instituídas que desde sua origem na legislação brasileira são racializadas e racistas (FLAUZINA, 2008). O histórico do sistema jurídico brasileiro nos mostra que a preeminência da cor negra nas penitenciárias denuncia um sistema que credita sua lógica, funcionamento e construto simbólico a uma sociedade estruturalmente racista e misógina. A história do código criminal brasileiro está recheada de regras e condutas racistas. Pode-se citar alguns exemplos ilustrativos, como o código criminal do Império, que considerava o escravo como coisa, porém quando este se encontrava na situação de réu era humanizado para ser responsabilizado. Eram instituídas penas de galés e de morte somente para escravos. Já o código penal da República, abolia a pena de morte e instituída o regime penitenciário correcional, com características apontadas pelas formulações de Foucault (1987) em sua obra *Vigiar e Punir*, com uma nova forma de vigiar e controlar os corpos, torná-los dóceis, nesse caso os corpos negros - punindo a capoeiragem, o curandeirismo, o espiritismo, a mendicância a vadiagem etc (FLAUZINA, 2008).

A PFDF não tem características distintas às que acabo de apontar na construção histórico-cultural das prisões e eu poderia acrescentar que é um espaço pautado por restrições, com restrições físicas e simbólicas ao contato com o mundo externo, restrição que só tem excessão no contato com as visitas. A vigilância também é permanente. Pelo caráter do trabalho, não transitei pelos espaços da penitenciária, a não ser por uma vez, mas por diversas vezes ouvia nos relatos das internas que a solução é sempre restritiva e punitiva, tudo é motivo de suspensão de benefícios. A preocupação é com a segurança e em nome disso o ócio e a hiper restrição de praticamente todos objetos é justificado pela possibilidade de gerar violência dentro da instituição

Vargas (2005) em um trabalho de pesquisa realizado na mesma penitenciária elabora o conceito de adaptação-resistência, que se refere a discursos aparentemente adaptativos que se comportam tanto como mecanismo de resistência, de sobrevivência e implicam num delicado equilíbrio para os sujeitos entre submissão, adaptação e resistência. Para ela, a homossexualidade, a sociabilidade e a religiosidade são utilizadas como poder, adaptação e resistência. (VARGAS, 2005, P.87)

Os mecanismos de adaptação-resistência seriam, para ela, formas encontradas para promover a singularização e a não diluição das identidades diante de um projeto de construção

de massas homogêneas e excluídas. A sociabilidade, a homossexualidade e a religiosidade contribuem para a não perda da individualidade.

Nos relatos que ouvi das internas, as dificuldades com uma instituição restritiva, com uma rede de relações individualistas, com as ambivalências da relação com a religiosidade toda e suas instituições estavam bem marcadas. A prática da homoafetividade no interior da instituição diziam todas/os: é quase uma unanimidade, mas essa complexidade e emaranhado de características. O manejo com a instituição não deixa de estar atravessado por todos os elementos ressaltados acima. Ao chegar à Penitenciária feminina com minha autorização em mãos, fui encaminhada à Geap – Gerência de assistência penitenciária, responsável por viabilizar o desenvolvimento de pesquisas nesse espaço. Chegando lá, encontrei dois policiais civis que me atenderam, foram bastante solícitos e fui convidada a falar sobre a pesquisa para que pudéssemos encontrar estratégias de abordagem e convite das internas. Daí me deparei com o primeiro desafio, qual seja, o tema do trabalho e a metodologia. Essa especificidade gerou desafios até o final do campo, mas neste início os problemas eram: como abordar uma interna e convidá-la a participar de um trabalho porque ela é Lésbica.

Ainda é nítida a imagem de várias/os funcionárias/os da instituição que foram demandadas/os várias vezes a dar opinião sobre como empreender isso. Cogitou-se fazer uma reunião em que eu faria uma exposição sobre o trabalho e buscaria voluntárias. Desistiram. Era muita exposição para quem aceitasse, provável que ninguém aceitaria. Uma agente chega e dá uma opinião: “vamos olhar quem está na lista de visitas do parlatório¹⁷!” Parecia-me invasivo, mas todas/os na instituição que de alguma forma opinavam sobre estratégias de seleção de um grupo de mulheres faziam isso quase que alheios à minha presença, precisavam resolver “a questão”. No dia seguinte, os policiais que tentavam viabilizar a pesquisa haviam desistido da sugestão de abordar as internas autorizadas a utilizar o parlatório, por “n” motivos. Eu estranhava e observava aquela movimentação. Entendia o fato de que esse era um tema melindroso, mas diante de todos os comentários que me informavam da política atual da penitenciária, na qual os casais poderiam coabitar na mesma cela a pedido delas mesmas e que mais de noventa por cento das internas relacionavam-se entre si, claro que sob situações distintas, me gerava estranhamento. Parecia que eu com minha proposta complexa me deparava com meus estranhamentos estreitos¹⁸. Pensaram em envolver a chefe do núcleo de ensino –

¹⁷ Parlatório é o local onde acontecem as visitas íntimas na PFDF

¹⁸ A pergunta que eu me fazia era: Se a grande maioria se envolve afetivo-sexualmente entre si, teoricamente todas eram potencialmente pessoas que poderiam conversar comigo, qual era o problema de falar com alguém, de propor? Essa questão foi colocada, mas o que eu ouvia era: ‘Não é assim, eu sei quem é, sei quem se envolve, mas não posso fazer isso...’

Nuen e então fomos tentar essa parceria. Vou descrevê-la, não porque ela represente a postura e opinião gerais, mas porque expressa e iconiza o cenário de objeções e constrangimentos que caracterizava em certa medida o espaço e a relação com o tema.

Fomos ao Núcleo procurar o contato que poderia nos ajudar, chegando lá empolgada, comecei a falar à coordenadora do núcleo: “Bem, eu vou fazer uma pesquisa na área de antropologia e preciso conversar com umas 15 meninas, negras, lésbicas. Será um trabalho com duração de dez meses, os encontros...”, foi quando fui interrompida com uma pergunta em tom jocoso acompanhado de uma imensa gargalhada: “Como é que é? Você vai fazer trabalho com quem mesmo? Chamou uma colega e disse: não! Fulana, vem cá? Escuta isso: Ela vai fazer uma pesquisa com as lésbicas negras. Pode? ” E em seguida continua: “Olha! Sei que agora esse tema tá na moda, aparece em todo lugar como uma coisa normal, e eu vou te dizer sinceramente, eu não me importo, eu não tenho preconceito não, cada um faz o que quer da vida! O meu problema é: ‘Como vou chamar essas meninas, porque aqui tem muitas e eu sei quem é, mas como eu vou falar com elas e dizer que elas estão sendo convidadas para fazer parte de uma pesquisa porque elas são lésbicas!?’ Não posso fazer isso! ”.

Calmamente respondo: “Eu compreendo a dificuldade e concordo que deva haver um cuidado na abordagem, não quero ser invasiva, nem gerar qualquer tipo de desconforto às internas e é por isso que viemos falar com você, para que você pudesse nos ajudar a pensar numa forma tranquila de abordá-las, já que você convive diariamente e as conhece melhor do que Maurício e outros policiais.” Ela escutou impacientemente e disse: “tudo bem, agora estou de saída, vou pensar e peço pra ligarem pra você”.

Depois disso, os policiais que estavam encarregados de me ajudar com a pesquisa pararam de pedir colaboração dos colegas e disseram: “vamos chamar uma interna aleatoriamente e você conversa, explica a pesquisa e pede uma indicação. Vamos tentar assim. E foi assim que o trabalho se iniciou. Foram algumas semanas, talvez um mês para fechar a composição do grupo, pois quando comecei a conversar com as internas percebi que mesmo indicadas por outras, mesmo sabendo o tema do trabalho, no início resistiam. Quando eu explicava sobre o trabalho, algumas diziam: “Ah, eu aceitei, eu vim, mas eu não faço isso não”. Uma delas que fez parte do trabalho ouviu a proposta e falou: ‘Tá, eu quero, eu tenho assim minha mulher aqui dentro que eu gosto muito....para um pouco e diz: “eu pensei que o seu trabalho fosse sobre pessoas normais, assim...” e eu disse: “E é. É sobre pessoas normais. Você não acha que são normais?” Após algumas indicações o trabalho estava na boca da massa carcerária e, do meio para o final, quando precisei de mais duas indicações, já foi bem simples,

o comentário das internas que conversavam comigo foi o suficiente para gerar voluntárias e interessadas¹⁹.

A instabilidade da penitenciária também foi um desafio. Existe uma rotina e ela é rígida, mas a ameaça de desordem e insegurança é bem presente, a todo instante são realizados procedimentos²⁰, castigos etc. Enquanto estive lá houve uma tentativa de fuga na cela em que duas das minhas interlocutoras residiam. Fiquei algum tempo sem conversar com elas enquanto cumpriam o castigo. Outra característica da instituição é: as pesquisas que são feitas na instituição, no geral, são de curta duração, rápidas e com poucos encontros com cada interna. Minha pesquisa destoava desse geral. Pesquisas mais longas encontram um tempo limite, próprio da instituição e quando chegou esse tempo eu comecei a ser pressionada a finalizar o trabalho de campo rapidamente.

A despeito de toda a restrição característica das instituições prisionais e de um trabalho com essa temática, consegui feitos que considero importantes e consideráveis. Um deles foi convencê-los da importância do caráter privado das conversas e do longo tempo de duração das conversas. Conversei com cinco meninas, sempre as mesmas, durante um pouco mais de seis meses, a portas fechadas e por uma hora ou mais de duração de cada encontro. Com o desenrolar da pesquisa, isso passou a ser um fator gerador de insegurança

A Unidade de Internação do Recanto das Emas (UNIRE) é uma das sete Unidades de internação de adolescentes e jovens do Distrito Federal. Antes disso, os jovens eram internados no CAJE – Centro de Atendimento Juvenil especializado que era voltada para jovens de 12 a 21 anos incompletos, de ambos os gêneros e com capacidade máxima para atender 144 jovens, sendo o único espaço reservado à internação de adolescentes.

¹⁹ A pesquisa gerou várias implicações na instituição. As participantes passaram a se relacionar de forma mais próxima e constituíram uma espécie de identidade de grupo. Era o grupo que participava da pesquisa, elas conversavam sobre o trabalho, sobre mim e posteriormente sobre dinâmicas da própria instituição. Geravam curiosidades nas outras internas e movimentava as relações afetivo-sexuais em que estavam inseridas. Ao final, participar da pesquisa gerava status. Eu levava comida, salgados, doces e guloseimas e elas construíam todo um discurso no interior do presídio quanto a vantagem de estar fazendo parte do grupo. De forma que a trajetória de pesquisa não só afetou algumas dinâmicas no interior da instituição como foi apropriada e largamente utilizadas por elas nesse espaço.

²⁰ Procedimentos são revistas periódicas ou de caráter excepcional, onde as celas e as internas são examinadas.

Como é a rotina dos trabalhos de pesquisa nas instituições de privação de liberdade, após ou até mesmo como pré-requisito para aprovação judicial, essas instituições são consultadas. Quando cheguei a UNIRE, já existia uma “articulação” entre as técnicas²¹ para viabilizar a pesquisa e para me receber. Tanto na UNIRE quanto na PFDF, a primeira questão a ser resolvida foi quanto a forma de abordagem e definição de quem participará do trabalho. A proposta metodológica era a mesma, qual seja, dez meses de trabalhos com conversas de caráter privado de aproximadamente cinquenta minutos a sessenta minutos. Os encontros seriam quinzenais, totalizando vinte encontros até o final do trabalho. A proposta era realizar o trabalho com dez a quinze pessoas. Porém, minha experiência na PFDF me mostrou que isso não seria possível, nem sequer importante para um trabalho que se propunha a ser realizado também em outros locais e em que o foco era na profundidade, mais que na quantidade. Cheguei, portanto, com a proposta de no máximo seis pessoas, quantitativo ainda numeroso, mas fazia isso contando com os imponderáveis, qual seja, desistências, saídas delas da instituição etc.

A forma de fazer o convite foi sugerida pela psicóloga, pessoa que acompanhou mais de perto o desenvolvimento da pesquisa. Quando cheguei lá, ela tinha feito uma espécie de pesquisa prévia a pedido da VIJ – Vara da infância e Juventude, para avaliar a viabilidade de realização do trabalho, de forma que fui informada ao chegar que apenas uma das adolescentes havia declarado que já tinha tido envolvimento afetivo-sexual com mulheres. Diante disso, e também da preocupação em manter a privacidade das adolescentes num assunto íntimo, ela me propôs ter uma primeira conversa individual com todas as internas sentenciadas, para que eu pudesse fazer por conta própria o convite, explicitar a pesquisa e iniciar o trabalho. Expliquei-lhes que teria que fazer escolhas, pois não seria possível a participação de todas e assim se deu meu primeiro contato. Conversei com doze adolescentes que tinham entre quinze e dezenove anos. Foram necessários dois dias inteiros, com conversas de aproximadamente trinta minutos para que eu pudesse realizar esse primeiro diálogo.

Das doze, nove delas me disseram já ter tido experiência de relacionamento amoroso com mulheres e apenas uma de fato declarou ter intenções de envolvimento apenas com mulheres. No primeiro contato, expliquei a elas o objetivo do trabalho, como seria realizado e sondei o interesse delas em participar, avisando-as que seriam feitas escolhas em que o critério tinha relação com perfis que se aproximassem com o tema da pesquisa, enfim, a necessidade do trabalho, não tendo relação com qualificações pessoais. Nas instituições com caráter de

²¹ Profissionais especializadas em áreas como pedagogia, psicologia e serviço social, que trabalham na instituição a fim de contribuir para a ressocialização das/os adolescentes

privação de liberdade, eu tinha que obrigatoriamente deixar com os responsáveis pela minha entrada e estada no local, uma cópia do termo de consentimento livre e esclarecido. Utilizei-o para auxiliar-me na verbalização do que era o trabalho, que temáticas estavam envolvidas e qual seria a dinâmica. Novamente pensando na importância da diversidade de perfis e experiências e no caráter velado que envolve a expressão dessas categorias quanto à identificação, escolhi, dentre todas que conversei inicialmente, seis, que de um lado concordaram em participar e de outro apontaram já no primeiro encontro, em suas narrativas, elementos relativos à temática geral do trabalho que me chamaram atenção.

A proposta do trabalho foi muito bem recebida pela equipe técnica e apesar da estrutura do espaço não prever demandas de trabalhos externos, elas articulavam com o módulo²² ao lado e conseguiam disponibilizar uma sala onde eu também pudesse ficar a portas fechadas com quem eu conversava. O interesse delas era associado a uma postura inusitada para as/os profissionais desta instituição, qual seja, a de permanecerem todo o horário de trabalho no módulo com as internas. A rotina padrão das/os técnicas/os é permanecerem na área administrativa e descerem aos módulos à medida que surgirem as demandas ou agendamento das conversas com as/os adolescentes. Já as técnicas do módulo feminino, no período em que ocorria esta pesquisa, optavam por permanecerem sempre nos módulos. Com isso, o envolvimento delas era maior e os problemas também.

Outro diferencial importante é relativo às restrições. Na Unidade de medida socioeducativa, as restrições eram menores que na penitenciária, incluindo as restrições para a realização da pesquisa, pois lá eu tinha um pouco mais, bem pouco mesmo, de espaço e autonomia para me movimentar. No entanto, no meio da pesquisa a instituição teve que lidar com uma fuga e alguns problemas internos, ocasionando a mudança de direção. Alguns meses depois trocaram novamente a direção e, desta vez, as técnicas tiveram que sair do módulo e voltar para a área administrativa; a chefe das agentes mudou de unidade e eu passei quase seis meses sem conseguir retornar. No meu retorno, algumas coisas ocorreram de maneira diferente: faltando duas conversas com cada uma delas, somente pude realizá-las acompanhada de uma policial e tive que deixar com a chefe das agentes especificado, por escrito, a quantidade de encontros que faltavam com cada uma, deixando-me ciente que não poderiam haver mais encontros além dos demandados por escrito

Esses cenários (PFDF e COMEIA) abrigaram por meses as conversas entre eu e dez das vinte interlocutoras que participaram desta empreitada. Finalizo anunciando os próximos

²² Módulo é o nome dado a um bloco de celas. No caso das adolescentes, pela pouca quantidade em comparação com os meninos, elas ficavam todas em um só módulo.

capítulos, repletos com histórias vivas e de densas trajetórias, marcadas por alegrias, desejos, sonhos e dores.

CAPÍTULO 2

LAÍSA: A Eterna Busca

Com 16 anos em 2013, Laísa, filha de pais separados, mora “oficialmente” com a mãe, em Samambaia, cidade localizada em uma região administrativa do DF. Tem 6 irmãos/ãos, todos por parte de mãe, sendo que uma delas é também sua irmã por parte de pai. Este mora em Santo Antônio do Descoberto, cidade do Estado de Goiás, localizada no entorno de Brasília. Eu e Laísa nos conhecemos na UNIRE - Unidade de Internação do Recanto das Emas, por ocasião da pesquisa que aqui apresento, quando ela concordou em compartilhar sua história, suas sensações e percepções acerca de suas experiências. Estava a um ano como interna da instituição e segundo ela, era sua primeira vez.

ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS

O diálogo com Laísa foi diferente de todos os outros, inclusive daqueles travados com as adolescentes internas da mesma instituição. Apresentar a dinâmica e a trajetória dos encontros, no caso dela é imprescindível para compreendermos elementos importantes que caracterizam suas diversas relações, dentre elas, com a instituição. Ao mesmo tempo, acredito que a especificidade das conversas compõe parte do enredo da complexidade de sua trajetória juntamente com suas falas, sua percepção sobre si mesma, suas sensações e conflitos.

Um turbilhão de emoções e a indisposição em falar caracterizavam a forma das relações estabelecidas por Laísa e foram marcantes nos nossos encontros. Eram características que a diferenciavam, em certa medida, das outras adolescentes. Um especial desafio tanto no que se refere à relação de Laísa comigo e com a pesquisa, quanto no que diz respeito a rotina dela e das possibilidades reais de nos encontrarmos e conversarmos foram atravessadas por essas características. O diálogo foi, muitas vezes, monossilábico e não só no começo. Algumas vezes, nossos encontros terminaram com ela me perguntando de forma objetiva: “Pronto, já acabou, posso ir?” Mas também era frequente ela me pedir: “Posso ir? Na próxima vez eu prometo que conversamos mais!” Ela concordou em participar da pesquisa e foi informada sobre o seu direito de interromper sua participação sem problema algum e pelo caráter da instituição em que se encontrava eu a lembrei por mais de uma vez sobre esse seu direito e em todos os momentos ela reiterou seu interesse em continuar.

Vários sentimentos se combinavam nisso que chamo de turbilhão de emoções. Ira, revolta, mágoa, tristeza, expectativa, ansiedade, empolgação estavam todos ali, de forma potente e latente, mas em momentos diferentes alguns se sobressaiam a outros, gerando de um

lado uma sensação de instabilidade e, de outro, reações suas, bem como da família, no caso a mãe e das/os funcionárias/os da instituição. Ela estava constantemente de tranca²³ – castigo. Dos oito encontros que tivemos, ao menos três deles ela se encontrava nessa situação ou saindo dela por algum conflito com as agentes, outras internas ou por algum descumprimento de regras.

Nos momentos em que a interpelei diretamente sobre isso ela apontava que o problema era o fato de não suportar mais a situação em que se encontrava. A busca por uma explicação por parte das técnicas e agentes era constante; diversas vezes eu ouvia queixas apontando o não entender e não saber o que fazer com ela, de modo que muitas vezes fui interpelada e demandada a dar minha opinião. Já tinham tentado de tudo, diziam elas. Laísa era uma incógnita e ao mesmo tempo uma promessa de não sucesso na ressocialização. A explicação no abandono ou violência familiar, muito frequente tanto no senso comum quanto na academia, segundo as técnicas e agentes, não se aplicava, pois, a mãe era presente e parecia uma pessoa responsável; além disso, ofertar alternativas educativas/formativas e ocupacionais tampouco estava sendo suficiente. Apresentá-la limites rígidos e violentos também não; nem sequer mediante acolhimento sensível conseguiam ver mudanças significativas.

Laísa lidava ao mesmo tempo com pessoas confusas, em conflito, cansadas emocionalmente de suas próprias trajetórias e da lida com a instituição também, frustradas por não conseguirem atingir minimamente seus objetivos e ideais e com pessoas indispostas em sair das respostas prontas, das fórmulas moralizantes e violentas que “davam certo”, com um discurso profissional que parecia servir para protegê-las de envolvimento com as trajetórias, especificidades e profundidade emocional das adolescentes. É claro que isso não caracterizava uma divisão extrema entre grupos, de um lado, de pessoas envolvidas²⁴ e, de outro lado, de pessoas não envolvidas. Essas características moviam-se no corpo de funcionárias/os da

²³Tranca é o nome dado por elas e pelas funcionárias ao aprisionamento, podendo se referir ao mesmo tempo ao cumprimento da pena a qual foram sentenciadas ou à castigos dentro da instituição (seria a tranca dentro da tranca).

²⁴ Quando qualifico a postura dos profissionais que atuavam na UNIRE sob o signo de envolvimento ou não, faço isso com o objetivo apenas de ressaltar uma realidade específica em que particularmente nesse local, no módulo feminino e no momento em que a pesquisa estava sendo realizada, havia, por exemplo, diferente de outros módulos, um grupo de funcionárias técnicas e uma das agentes, em particular, que permaneciam cumprindo toda a sua carga horária de trabalho no interior do módulo; acompanhavam de forma pormenorizada a situação e os dramas cotidianos do grupo de adolescente, foram criticadas por diversas vezes e posteriormente, após dificuldades no módulo e mudanças de direção da UNIRE esse grupo foi desfeito. Acho importante mencionar isso, porque esse contexto incidiu diretamente no cotidiano da pesquisa, tanto na prática e realização do trabalho, quanto nas falas das internas e nas situações vividas no interior do módulo. A escolha por uma postura menos restritiva e punitiva oportunizou encontros privados, sem controle de tempo, interrupções e o estabelecimento de relações e vínculos mais profundos e abertos (com frequência muitas adolescentes mencionava isso em suas falas). Assim como o mergulho e a convivência estreita estabelecida ampliava as possibilidades de ação e interações voltadas a ressocialização das adolescentes. Não obstante, essa postura trouxe tensões constantes, tanto entre este grupo e outros da instituição, quanto entre elas mesmas. Com frequência alguém me abordava com angústia e questionamentos sobre se essa postura mais acolhedora seria de fato produtiva e eficiente.

instituição que trabalhavam diretamente com elas. Essas pessoas assumiam posições dinâmicas, no entanto, com algum limite, pois algumas características eram mais frequentes entre o grupo de agentes e outras entre as técnicas²⁵. Já eu, cheguei lá com a perspectiva de que encontraria basicamente opressão, violência, violação de direitos, carrascos, vítimas, uma complexidade na qual as internas reagiriam tanto se adaptando quanto se voltando contra o sistema. Além disso, esperava um intenso projeto de doutrinação em regras morais e posições de poder aliado à violência pautada na descrença na ressocialização dessas pessoas e adolescentes que não tinham se adequado à nenhum outro espaço de doutrinação social e precisavam de ajuda contra um sistema opressor e preconceituoso. Fui alertada também, o que achei constrangedor, que eu ouviria muitas mentiras e um discurso vitimizador.

O contato com a Laísa e as técnicas da instituição me fizeram aos poucos reafirmar, abandonar, mudar de lugar alguns desses enunciados, mas principalmente percebi que era necessário ter mais atenção ao que Laísa comunicava nas mais diversas linguagens: quais significados, qual sentido suas falas, ações e relações imprimiam à sua experiência, seus afetos, suas expectativas etc. O contato com ela me fez estar diante sim de situações de violência, opressão, preconceito, dentre outros, e desespero, raiva, revolta, bem como momentos em que havia a expressão de expectativas, a existência de vínculos, de algumas parcerias, demonstração de afetos entre as internas e com algumas funcionárias. Refletir sobre os sentidos, em sua trajetória, desse turbilhão de emoções experienciado por Laísa era necessário a fim de compreender questões como: Porque ela não desistia quando parecia estar caminhando para isso? O que a aprisionava e a trazia de volta a uma postura instrospectiva e melancólica ou a reações que ela nomeava como “agir sem pensar”? O que em suas reações e narrativas expressavam elementos de uma trajetória particular? E quais ela compartilhava com o grupo de meninas que estavam trancadas naquele espaço e por outros que por diversos motivos não foram para lá? Que relação teria isso com suas relações, suas emoções, sua sexualidade e racialidade?

A forma como Laísa se relacionava com a instituição como um todo tornava seu cotidiano nada previsível, ora estava de castigo (as técnicas e agentes abriram exceção ao castigo para que ela conversasse comigo, pois de outra forma eu não teria conseguido realizar a pesquisa com ela), ora estava conversando com as técnicas, ora estava a base de remédio para dormir, ora não queria conversar com ninguém e quando vinha conversar tinha os não raros

²⁵Estabeleço essa divisão entre os dois grupos, qual seja, um grupo de técnicas e outro de agentes, porque de um lado são categorias profissionais distintas e, de outro, porque existiam características, condutas e funções marcantes a cada grupo além dessa divisão estar de forma objetiva marcadas nas falas das adolescentes com as quais conversei.

momentos em que a conversa era monossilábica, na qual ela se mostrava indisposta em falar. No entanto, tinha a minha frente também, em momentos mais escassos, alguém que muitas vezes me expressava suas expectativas e sua vontade de lutar por elas. Apresentava uma disposição em confrontar o “sistema”, interpretada como revoltas inexplicáveis, muitas vezes me surpreendendo com a ousadia de quem não leva tão a sério o poder²⁶, fazendo-me refletir sobre o quanto crer no sistema e no seu poder em si já o reforça. Em outros momentos era também alguém que apresentava um sentimento de melancolia, apatia e descrença nas possibilidades tal e com tamanha intensidade que me fez pensar na potência das apropriações e reatualizações emocionais de determinadas violências, dito de outra forma, me fez questionar como a coragem e a disposição para o enfrentamento que Laísa demonstrava aparecia em outros momentos sob signos de tristeza e revolta.

Com o intuito de visualizar o que coloco acima, apresento como se desenvolveu nosso último encontro e uma síntese de como ela expressava suas emoções nos outros encontros. Foram oito ao todo, alguns bem curtos com 15 minutos de duração e outros com uma duração média de 30 minutos. Como sempre, começava perguntando como ela estava naquele momento e se havia acontecido algo no intervalo de tempo em que não estive lá e que ela quisesse compartilhar. No primeiro encontro, ela demonstrou desânimo e tristeza pelo aniversário de tranca que se aproximava. Foi uma conversa rápida, onde nos conhecemos de forma mais geral e eu expliquei o que era o trabalho, como seria a dinâmica, apresentei-lhe o termo de consentimento livre e esclarecido e ela aceitou participar. A segunda vez que nos encontramos, ela estava saindo de uma tranca de quinze dias; a principal característica desse encontro foram as resistências dela em falar e em gestos também. Todas as tentativas de diálogo foram frustradas por respostas monossilábicas, como:

Vamos começar falando um pouquinho de sua infância, o que você lembra ou sabe sobre sua infância? Morou com quem, onde? “Minha mãe e meu pai” (...) “só eles dois e meus

²⁶Foucault (1997) analisa diferentes formas de punições características da história e os mecanismos de poder a que estas se relacionavam. Para o autor, as punições características da modernidade e que motivam o medo estão assentadas no discurso, na vigilância, no “exemplo moral”. Pelo caráter cotidiano, sóbrio e mascarado na noção de socialização que configura essas punições, ela se tornou mais eficaz e naturalizada envolvidas em discursos que muitas vezes remetem ao cuidado. A incidência dos castigos sobre os corpos se apresenta muitas vezes invisibilizada. De caráter primordialmente simbólico o controle, o castigo e a punição ganham um tom de não violências e não extinguem com isso à violência física, mas a incorpora e é esse aparentar não violento que consta nos discursos moralizados e moralizantes sobre os corpos, a sensação de cuidado.

Ao mesmo tempo, Foucault (1988) ao defender o caráter relacional das relações de poder defende que a resistência está onde se encontra esses poderes. Indo além, menciona que a multiplicidade de possibilidades e focos de resistência produzem relações de poder e virse versa. As resistências são possíveis, necessárias, espontâneas, solitárias, planejadas, violentas etc e se inscrevem em meio e a partir das relações de poder sendo sua interlocutora.

irmãos...” Você foi pra escola desde cedo? “Não lembro. ” O que você lembra da sua infância? “Nada...não tive infância! ”²⁷ Porque você acha isso? “Porque não gosto! ” Você gostaria de falar sobre o que? “Ah, eu não tenho nada pra falar!...” Ok. Quando está com amigas/os, sobre o que geralmente você fala? “Nada demais”. Respiro, olho pra ela com calma tentando pensar em possibilidades... - gosta de azul no seu olho (referindo-me ao lápis de olho)? É azul ou verde? “Azul” Gosta de se maquiar? “Gosto”

Consegui a partir daí desenvolver um diálogo de treze minutos que acabou com a fala: “Acabou? ” Perguntou ela. Acredito que sim, respondi. Nos vemos no próximo encontro. Ela balança a cabeça afirmativamente e sai.

No terceiro encontro, ela estava no último dia de tranca entre os dezesseis que estava cumprindo, no entanto, desta vez estava elétrica e empolgada. Conversamos mais longamente e ao perguntar se havia um motivo especial para sua empolgação, ela afirma estar feliz por ser o último dia de tranca. E pergunto:

Vamos conseguir conversar? - “Vamos sim! ”

No quarto encontro, embora já fizesse um tempo que Laísa não estava de tranca, aparentava estar desanimada e indisposta. A conversa foi curta, também com pouca disposição para falar, na qual ela alegou que estava frio e que tinha tomado remédio para dormir. Encerramos logo nosso encontro. Já no quinto, o melhor de nossos encontros, conversamos bastante, um pouco mais de trinta minutos e ela estava tranquila, demonstrando momentos de empolgação. Não estava de tranca há cinco meses, segundo ela. Falou bastante. No sexto encontro, Laísa demonstrou ansiedade e empolgação com a expectativa de ter seu nome indicado para uma audiência onde teria chance de receber benefícios e, no sétimo, ela se mostrou incomodada quando falou da família. Os dois encontros foram curtos, rápidos. O oitavo encontro foi um momento de observação com uma pequena interação, pois ela discutia com uma agente e a psicóloga da instituição, devido a uma briga num jogo de futebol em que participava com outras internas. Foi uma conversa informal e aberta, aconteceu no pátio do módulo²⁸, por isso a presenciei. Uma parte da descrição desse momento pode representar uma síntese dos confrontos e das experiências emocionais de Laísa.

Laísa estava participando de um jogo de futebol e lá tinha brigado, a trouxeram de volta ao módulo e iniciou-se uma discussão na qual Laísa, muito irritada, chorando muito, afirma que

²⁷Considerarei que existia algo em sua infância que ela não estava disposta a compartilhar naquele momento, mas era algo que ela expressava em gestos e que parece lhe gerar emoções intensas. No entanto, pelo desenrolar deste encontro especificamente, a indisposição dela era em falar sobre qualquer coisa.

²⁸ Módulo é o local, a construção predial reservada a um grupo de internas/os. Como eram poucas meninas em comparação aos meninos, havia apenas um módulo ocupado por elas.

não é obrigada a tolerar sacanagem das outras internas afinal “não foram elas que me pariram pra eu abaixar minha cabeça pra elas!...” A técnica diz que o evento serve para que ela se acalme e que elas se comprometeram a não serem agressivas. Laísa alega que não estava agredindo, pois não estava chutando ninguém. A técnica diz que precisou tirá-la de lá porque se ela continuasse a xingar as outras meninas, as coisas não iam acabar bem. “Inferno, vocês parece que quer que eu fique mofando aqui dentro pode acontecer o que for.” Laísa menciona o caso de uma menina que ficou três anos no regime fechado²⁹...e a técnica e agente desconversam dizendo que é um caso particular.

Chorando muito Laísa diz: “o povo aqui só gosta de ouvir minhas promessas, porque quando eu prometo...eu mudo...” após essa fala a técnica pergunta: “o que você acha que podemos fazer? O que você espera da gente? O que você espera, porque eu não tô conseguindo entender, porque conversar com você, te ouvir...eu te proponho algumas coisas e...”. Em seguida, a chefe das agentes expõe as regras do local e fala da dificuldade dela em se adequar e cumprir tranquilamente para que possa sair logo³⁰. Laísa continua chorando muito e elas pedem pra ela ir falar comigo.

Entramos numa sala, ela continua chorando, eu fico calada próxima a ela, ela me olha com expressão de estranhamento e diz: “pode falar, pode conversar, pode perguntar!” e digo que prefiro respeitar esse momento dela e que ela pode ficar ali sem o risco de ouvir bronca, pode chorar até quando estiver mais calma e que eu respeito o fato de ela não está bem pra conversar. Ela diz chorando muito que não aguenta mais, que quer ir embora. Eu a abraço e ela chora muito mais, dizendo que quer ir embora pra casa e pede pra tirá-la daquele lugar. Pedeme pra ir ao quarto, tomar um banho, esfriar a cabeça e dormir...eu digo que tudo bem...nós nos despedimos e ela vai.

É preciso dizer que situações como essa não eram incomuns ao cotidiano dela e que mesmo com esse turbilhão de emoções, com vários conflitos e em uma situação de grande opressão, ela não desistiu de falar comigo, mesmo lhe gerando desconforto em alguns momentos. Laísa parecia ousada e não se deixava intimidar, se sobressaía nesse cenário, com

²⁹“A medidas não comporta prazo determinado, devendo sua manutenção ser reavaliada, mediante decisão fundamentada, no máximo a cada seis meses. O período máximo de internação não pode ultrapassar três anos.” (Cartilhas e manuais de medida socioeducativa consultados no site: <http://www.tjdft.jus.br/publicacoes/manuais-e-cartilhas/colecao-conhecendo-a-la-vij-do-df/medidasSocioeducativas.pdf>, no dia 15/05/2015)

³⁰ Só para situar o leitor, a psicóloga que participou desse momento de discussão é uma técnica da instituição pertencente ao grupo que passava o dia no módulo em constante contato com as internas. A agente que também participa dessa discussão faz parte de um novo grupo de agentes que chegou à instituição após mudanças na direção em que o objetivo era colocar mais “disciplina na casa”. Pouco tempo após esse momento descrito as técnicas foram aos poucos sendo remanejadas para outros locais, a pedido da própria profissional ou por sugestão. (Dados angariados a partir de conversas informais com as técnicas)

seu potencial de luta que acabava submerso em ações que eram nominadas e significadas por ela mesma e pelas pessoas com as quais se relaciona como impulsividade, revolta, descontrole, imaturidade etc. Demonstrava uma força que no meio desse turbilhão a impulsiona a ter expectativas e não entregar-se.

Este é o cenário, contexto e nuances que envolveram minha conversa com Laísa. E como tal, as narrativas seguiram emaranhadas nesse turbilhão de emoções e na opção pelo silêncio traduzida em respostas curtas, diretas e monossilábicas. A partir do reconhecimento de que esse movimento representa algo nas relações instituídas por Laísa é que a organização da narrativa que se segue, a partir de nossas conversas será apresentada, neste texto, com indicações dos encontros a que se referem, a fim de inferir inteligibilidade aos movimentos, aos vai e vens e contradições dos diálogos que envolveram o processo vivido nos encontros como um todo.

SONHO, BUSCO, IDEALIZO, ME FRUSTRO, ME RELACIONO, DÓI, FALO, SILENCIO, LUTO...

Percepção estética sobre si e seu corpo

Como estratégia de interação, no segundo encontro, momento em que ela estava bastante resistente, me utilizo do artifício estético para tentar iniciar uma conversa:

Você gosta de azul no seu olho? É azul ou verde? “Azul” Você gosta de se maquiar? “Gosto” Você se acha bonita? “Acho” Gosta de seu cabelo com a chapinha? “De qualquer jeito, esfarrapado, arrumado...ele é bonito de qualquer jeito” -E no seu corpo, tem algo que você gosta? Ou algo que te incomoda? “Nada...de boa!” Você se sente magra, gorda? - “Gorda” - Gostaria de ser mais magra? - “Não, gostaria só de perder minha barriga, mas no dia 21/01 vou perder a barriga toda”. - (risos meus). Como assim, em um dia só? “éééé....” - E o que você está pretendendo fazer? - “Nada demais, só umas coisinhas aí!...” - (risos meus) É...se você tiver um segredo muito bom, você me conta, hein?! (ela ri timidamente)

Voltamos a falar sobre seu corpo no encontro seguinte. No momento em que ela e eu conversávamos sobre as tranças à qual ela era submetida com frequência, pergunto o quão é ruim as punições e como se sente e ela responde que não se importa, o único problema é que cortam a chapinha e as oficinas em que ela interage com as outras meninas. Pergunto porque a

chapinha é importante? Não gosta de seu cabelo sem a chapinha? - “Não...eu gosto do meu cabelo assim, mas é porque meu cabelo fica mais arrumadinho, né? Não sei!...é porque eu arrumo meu cabelo e fica mais bonito”.

- Já teve vergonha do seu cabelo em algum momento? –“Já (diminui a voz, paulatinamente)...Quando eu cortei meu cabelo igual de homem (Começa a se exaltar) ...aliás não fui eu...foi minha tia! Porque ela falou que ia fazer um cogumelo e quando eu fui ver...quando eu olhei no espelho, meu cabelo tava igualzinho de homem! Nossa, me deu uma revolta! Aí eu liguei pra minha mãe e a minha mãe pegou e falou: ‘porque você não cortou o cabelo naquele lugar?’ Que não sei o que, que não sei o que...pagou um sapo pra ela. Ainda bem que tá crescendo... eu tenho um book de álbum de fotos...Eu com o cabelo bem curtinho! Mas eu fui florista, dama de honra...com cabelo curto! Éééé’... eu fiz escovinha e passei uns negocin no cabelo assim ó...(fazendo gestos prendendo o cabelo dos lados)” –

O que você acha de cabelos black power ou com lenços, tranças...? “ black power? ...estranho! ...ah, tem uma coisa que eu gosto em mim que é aplique...Cacheado....pra ele ficar grande...meu cabelo era bem aqui (apontando para o meio das costas)”. - A primeira vez que você cortou foi aquela vez que cortou bem curtinho? “ Foi...foi a primeira vez que cortei meu cabelo.” Você tava namorando na época? “ Tava... ah, eu nem saia na porta! ele ia me chamar lá em casa e eu: 'Não, não me chama que eu tô feia.' E ele: 'Eu gosto de você do jeito que você é...'e eu: 'Não me chama, por favor, que eu não vou sair...' Mas aí eu passei chapinha, um gel e ..eu espetava ele assim ó...e ficava bonitinho”.

Reflexões sobre sua trajetória e expectativas

Uma das questões que eu utilizava em todas as interlocuções, de forma padrão era: O que você acredita que poderia ter mudado o rumo de sua vida, te aproximando de como você gostaria que ela fosse? Isso me possibilitava compreender o sentido e significados que Laísa dava às escolhas que fez, as relações que estabeleceu a partir de seus ideais e expectativas. Para Laísa seria:

“Eu ter parado pra pensar.” Ter parado pra pensar? Porque, como você age? “Na raiva, no ódio” (...) “preciso parar mais pra pensar”. Você acha que agir sem pensar é um problema? “Às vezes sim”

Me conta uma situação em que você perdeu a cabeça e que seja mais comum? “Não lembro”. Não lembra? Aqui você é muito explosiva? “Ai...tem hora que elas começam a falar coisas que eu não gosto, aí eu começo a alterar a voz, eu começo a falar alto e tal” Que coisa eu falaria que você se irritaria? “Ah, falar da minha mãe véi...eu me acabo” Porque? “Porque eu odeio quem fala da minha mãe”.

Se algo me chamasse atenção na conversa com alguma de minhas interlocutoras, eu levava a ideia para outras a fim de contrapor posições ou de gerar um diálogo indireto. Com o intuito de compreender melhor experiências relatadas por mais de uma das pessoas que participaram do trabalho e que pareciam, a mim, apresentar elementos comuns, observar se esses elementos eram partilhados, eu realizava essa troca, sem expô-las é claro, não mencionava nomes, nem locais. Numa dessas trocas, no sexto encontro, levei um pouco a sensação descrita por Sabrina e que apresento na introdução para ver o que ela teria a me dizer sobre isso:

No momento que você não está bem, sentindo-se perdida e achando que precisa de ajuda... “Já vivi altas vezes...ave maria”... e algumas pessoas podem dizer: 'Não Laísa, não fica assim, que eu to aqui pra te apoiar'. “Já vivi isso, já vivi isso muitas vezes” e você fica desesperada, sem saber o que fazer... “direto” e que parece que a oferta de ajuda não faz a menor diferença... “Unhum...Nossa! ” Você lembra de alguma situação em que se sentiu assim? “Quando eu queria parar de usar droga. ” Você recebeu ajuda? “Minha mãe pagou uma clínica pra mim, só que eu fugi da clínica...” Essa não era a ajuda que você estava esperando? “Era, mas eu não consegui ficar lá, era muito perturbante...passei o Natal lá, sem a minha família...aí eu não consegui ficar lá longe da minha mãe, aí ela esparrou de novo. Aí eu fugi e no outro dia eu apareci na casa da minha mãe.” E ela? “ Ah, ela ficou doida comigo, né? porque ela tava pagando um salário na clínica, 650 reais! ...aí ela ficou foi doida" (...) “Tava no começo! Não tinha nem uma semana que eu tinha chegado lá! Fiquei lá que nem um fogueiro, passei o Natal lá, fiquei uns 10, 15 dias e saí fora...hãhã, não aguentei. Numa tempestade, numa chuvasona cabulosa e a porta lá, a portaria tava aberta...aí eu saí doida...não podia ir." o que você esperava que sua mãe fizesse quando você chegou em casa? “Brigasse comigo e foi isso que aconteceu” O que te motivou a fugir foi...(interrompe) “A vontade de usar droga”. Você tinha ideia da ajuda que você queria? “Anhã” (...) Me ajudasse...! Me amarrasse dentro de casa...sei lá fizesse alguma coisa assim.” Essa internação que você viveu, ela foi consentida, você combinou com ela, ou ela fez isso de...? “Eu combinei com ela, mas eu não queria...eu fiz isso pra ela ficar feliz...” (...) “Mas não queria ficar longe dela” (...) “Falei pra ela, mas ela disse que eu tinha que ir pra lá porque lá era melhor...porque ela trabalhava e não dava pra ela ficar me olhando todo dia” (...) “Eu achei normal...eu achei que eu devia entender o lado dela! ”

Infância, família, pais

Ao iniciar oficialmente nosso contato, tentei falar sobre as lembranças de infância, sua relação com a família, mas fui desencorajada diante de suas respostas incisivas e sem querer muita conversa:

Você morou com quem na sua infância? “Meu pai e minha mãe... “Só eles dois e meus irmãos...” Estão juntos? Separaram? “Não, se separaram” O que você lembra da sua infância? Como foi? “Nada... não tive infância! ” Porque você diz isso? “Porque não gosto! ”.Ok, tem algum assunto que você queira falar? “não, não tenho nada pra falar! ”

Em momentos posteriores, ela voltou a falar sobre a infância de forma rápida e pontual como neste momento. Apesar da sua indisposição em falar naquele encontro fosse geral, alguns temas e períodos de sua vida lhe geravam mais desconforto. O período da infância, o convívio da família não foram assuntos que Laísa se dispôs a desenvolver, só fez questão de afirmar em muitos momentos que a família era a coisa mais importante na vida dela. Com exceção da mãe, a qual Laísa falava sem restrições, quando o assunto de nossas conversas era outra pessoa da família logo era desconversado, em especial seu pai

Segundo Laísa, os pais foram casados, moraram juntos um tempo em que ela diz não lembrar e atualmente, o pai casou-se novamente e mora com a atual esposa. A mãe está namorando alguém que ela diz não gostar muito e nem gostaria de falar. A mãe é a única pessoa que a visita na UNIRE. Sobre a mãe e a relação das duas:

“Minha relação é ótima, minha mãe é evangélica, ela é da igreja, tem 14 anos que ela tá na igreja” (...) “Sempre foi evangélica, nunca bebeu um álcool, nunca fumou cigarro, nunca usou droga”. Segundo ela, foi um baque para a mãe saber que ela estava internada na UNIRE... “Um baque muito forte! Até hoje ela não acredita, né? Que eu tô aqui. Pra ela foi um baque muito forte. Minha mãe, ela queria que eu fosse a criança que eu era antigamente”(...) Saía de casa pra escola, da escola pra casa, de casa pra igreja, da igreja pra casa... Aí começou tudo com as más amizade...fui me envolvendo, fui começando a dançar funk, aí fui começando a gostar de hap, de funk, fui me envolvendo com droga, comecei a fumar cigarro, a cheirar pó, comecei a fazer coisa que não devia e tudo começou assim”(...) “Minha mãe não sabia, ela ficou sabendo até um certo ponto, aí foi quando deixei, minha mãe perguntou se eu só tava fumando cigarro ou eu tava fumando droga? E eu falei que tava... foi um baque muito forte pra ela...ela chorou, brigou comigo, me bateu” E você, como ficou? “Eu fiquei abatida, né? Vendo minha mãe daquele jeito por causa de mim!”

E seu pai? Pergunto. “Meu pai, já é usuário de droga!” (...) “Já faz muito tempo que não vejo ele.”

No segundo encontro, no qual não falamos muito, a mãe aparece quando pergunto diante da postura destemida que ela parece assumir, se ela não tem medo de alguma coisa... “Tenho medo de perder minha mãe e meu irmão...porque são as únicas pessoas que eu amo”.

Espontaneamente, no encontro seguinte, o terceiro, Laísa me conta uma novidade que tinha relação com a família e a mãe: “Ai...nóis tamo indo pra São Paulo, sexta-feira agora...e eu não vou porque eu tô presa...” (...) “Nóis vai vender nossa casa que nóis tem lá em São Paulo” (...) “Nóis ia pra lá, pra cassar um documento...pra a casa do meu avô, porque o meu avô morreu e como só tinha minha mãe de filha aí nóis ia pra lá pra mexer nos documentos, pra fazer...eu esqueci o nome?” Um inventário? “É..isso mesmo...um inventário pra a gente vender a casa e ia dar uma passadinha na casa do meu tio Zezinho ver os menino lá...mas eu queria ir, porque minha mãe disse que eu ia com ela”(...) “Aí ela me ligo e falou bem assim: ‘minha filha tenho uma surpresa pra te contar: você ia pra São Paulo comigo na sexta-feira’...” “Aí quase que eu chorei...”

Outra estratégia de diálogo que utilizei foi iniciar as conversas a partir das expectativas e ideais de Laísa. Por esse caminho, ela parecia sentir-se mais confortável e a mim era interessante, primeiro porque ao falar de suas expectativas, ela poderia me comunicar o que esperava de pessoas próximas, o que esperava de si e para si, o que poderia lhe gerar frustração etc e como lidava com isso. Eu poderia por essa via ter acesso a uma teia de significados envolvendo ela, suas relações, contextos e situações de sua trajetória. Funcionou, avalio. Foi possível com isso, estabelecer uma relação entre as expectativas dela e o que ela me contava de sua experiência.

Você tem um sonho de como você gostaria que sua família fosse? Como ela seria perfeita? “Ah...todo mundo na igreja, cantando pra Deus, todo mundo... acabar um dia com essas farra, porque na casa da minha família, sabe, na casa da minha vó? É uma farra só! Todo mundo vira, de sexta a domingo o povo vira bebendo cachaça, dançando, ouvindo forró, ouvindo funk, hap, essas coisa e meu maior sonho era ver minha família toda na igreja” (...) “Eu desejo casar e ter um filho...só um só também, já tá bom.” (...) “Desejo ficar com uma pessoa trabalhadora, que seja honesta, que goste de mim, que eu goste dela, que me respeite, que eu respeite ela, que goste da minha família, que minha família goste dele...é...assim”. Por volta do sétimo encontro, ela volta a falar da família ideal e apontando que o problema era a família dos avós, mas a dela em que a mãe conduz é perfeita pra ela, “depois que meu pai saiu, ficou perfeita”.

Tento voltar ao assunto do pai e sempre que tento falar sobre ele o diálogo se torna direto e curto: Você disse que tem problema com seu pai, mas você tem contato com ele? “Já fui e vou na casa dele de vez em quando” - Sua mãe tem uma boa relação com ele? “Não, ela no canto dela e ele no canto dele” (...) “Minha mãe fala dele, ele já não fala nada da minha mãe, porque se ele falar da minha mãe eu vou em cima dele... porque eu não aceito que ninguém fale mal da minha mãe...e ela fala que ele não presta, que ele não tá com nada...xinga ele” Mas ela fala porque? “Aí não sei né?!... Deve ser coisa dela... só fala que ele não presta, que não gosta dele”

Ao tentar me inteirar sobre os seis irmãos e sua relação com eles, ela fala apenas que mantém uma boa relação apenas com um deles, um rapaz, “o terceiro mais velho”, que também está preso e é maior de idade, guarda uma admiração pela irmã mais nova, que mora com a tia e vai pra escola “direitinho” e participa do grupo da igreja.

Relacionamentos afetivo-sexuais

Um longo silêncio após uma pergunta sobre como vão os relacionamentos amorosos marca o início de nossas conversas sobre expectativas, sonhos, relacionamentos, dores, dúvidas, sensações, conflitos e outros sentimentos. Após o silêncio:

“Tô namorando...ele tá aqui!”

Foram presos juntos? “Não...ele veio primeiro”

Se relaciona com meninas? Ou já teve alguma relação com meninas? “Só... com meninos.” (sem que eu pergunte, ela se pronuncia) “Já fui casada...a gente ficou casada três anos e meio... tipo assim...ele era um cara trabalhador...e gostava de trabalhar e não gostava de drogas e era assim tipo um cara normal!”(...) “Acabou porque ele descobriu que eu usava droga...”

“Eu ficava em casa, cuidando das coisas da minha casa...fazendo comida...limpando a casa...fazendo essas coisa...eu tinha o que? (pensa)...meus doze anos”(...) “Minha mãe ficou meio assim..., mas ela achou legal, né? Porque o cara era trabalhador, não usava droga, não mexia com essas coisa, então ela gostou dele...minha mãe fez até um almoço pra a gente e falou

pra ele cuidar bem de mim...”³¹ "Quando acabou ...minha mãe falou que eu estava fazendo a maior burrada da minha vida porque minha mãe gostava dele e ela gosta até hoje" (...) “Ele não sabe e nem soube que eu tô aqui, não tenho nem contato mais com ele, só tinha contato quando ia lá em Santo Antônio.”

Por volta do sétimo encontro, alguns meses depois, quando retornei à instituição após um período em que não pude entrar por mudanças na direção da mesma, Laísa contou-me outra versão do relacionamento em que foi casada:

Quando você casou a primeira vez tinha quantos anos? “12” e sua mãe? “Eu sai de casa aí fiquei quase um ano sem dar notícia pra ela, sem falar onde que eu tava aí depois do nada...quando me dava na telha aí eu aparecia em casa”. Não desenvolvemos essa história, essa versão.

Voltando ao primeiro encontro, quando peço a ela que me conte um momento de sua vida que lembra como um momento muito bom, inesquecível! Ela, então, menciona: “...Cleiton foi a minha felicidade. Vivia bem, dormia bem...ele tá aqui agora...não é com ele que eu tô mas...” (...) "Ah, ele me fazia bem, me fazia feliz..." porque? “Porque eu gostava dele...quando eu via ele, eu ficava feliz...ainda gosto dele, esses dias na padaria, ele disse que me amava...acabou por causa de fofoca!” e seu namorado atual? “Gosto dele, mas não como eu gosto do Cleiton”(...) "Ele sabe!...(risos)...não”.

Bastante resistente, fechada e aparentando irritada, talvez nesse momento mais que em todos os outros de nossa trajetória, Laísa fala como está sua vida afetiva, quinze dias após nossa primeira conversa. Se o motivo de estar zangada tinha relação com algum conflito amoroso ou se o motivo era outro e Laísa simplesmente não queria conversar comigo, não consegui saber, mas o que ela expressa sobre sua afetividade é: “De boa! ...não, não gosto de ninguém moço! ...quem se apaixona por mim tá se apaixonando pela pessoa errada...só gosto da minha mãe e dos meus irmãos...só ele e meus sobrinhos e mais ninguém”

Teve alguma decepção, quer falar sobre isso? “Já...e ele me ensinou a ser assim...se amar, tá amando a pessoa errada! tá se iludindo à toa comigo... eu acho é bom! mas tá se iludindo com a pessoa errada...tá gostando da pessoa errada...eu não gosto de ninguém...só gosto de curtição” (começa a arrancar pedaços da cadeira que estava um pouco rasgada). Pergunto sobre alguém gostar dela de forma ampla, não só sexualmente... “...Ah, aí é de boa,

³¹ O almoço de família é simbólico e aparece como sinal de aceitação do relacionamento pela mãe. Esse simbolismo é uma unanimidade entre as minhas interlocutoras. Todas em algum momento mencionaram isso enquanto ideal.

na amizade é de boa...eu gosto de alguém na amizade, a Karina, minha parceira das antiga!... acabou? ”

No encontro seguinte, aquele em que conversamos sobre sua família ideal, decidi propor a ela desorganizar seu ideal. O intuito era observar como era pra ela se colocar no diverso extremo de seu ideal. Que construtos simbólicos e valorativos ela tinha a respeito do universo contrário ao que ela estava me apresentando. Até aí, a proposta ainda era permanecer no campo do abstrato, do imaginativo, do ideal, do simbólico enquanto metáfora de uma possibilidade do real. Perguntei então:

Agora, vamos bagunçar um pouco seu sonho, como seria se você se relacionasse com uma mulher...(me interrompe) “Eu já namorei com mulher... ela tinha 25”(...) “Ah, é um negócio meio estranho assim, a gente namorou foi um ano e três meses, eu e ela, a gente morava junta, só que foi passando o tempo e ela bebia demais e eu já não tava suportando, aí eu peguei terminei com ela, só que direto ela liga pra minha mãe...minha mãe fala que eu tô viajando...”

“...É...mulher, ela te entende mais, porque ela é mulher e ela sabe qual o problema que mulher passa, então mulher te entende e homem já é mais difícil de te entender.” Laísa, então, me resgata do campo do ideal, do abstrato, simbólico e me leva para suas experiências, daí continuo: E como foi pra você se envolver com mu...(me interrompe): “Ah, tem um menino que eu comecei a namorar com ele aqui dentro, que ele foi liberado, sabe?...e eu senti muita falta dele, porque a gente conversava e ele me entendia! Ele desabafava comigo, tudo que ele ...quando ele tava indignado, com raiva, ele vinha e conversava comigo...eu desabafava com ele e ele desabafava comigo, aí ele foi liberado e vazou, agora ele tá casado, liga pra minha mãe direto pra saber como é que eu tô, mas de boa também...” (diminui o entusiasmo da voz no finalzinho).

Com quem se sentia mais segura? “Com ela, porque ela me entendia!”

Já conversamos sobre alguns relacionamentos que começaram e terminaram...Você fica bem com os finais? Sente algum medo de acabar? “Não... porque ó...tudo que começa tem um fim, e tudo que tem um fim tem um começo, né? Tem o começo, o meio e o fim. Então, pra tudo isso, então a gente tem que tá preparado pra tudo, pra o começo, o meio e o fim...quando terminava, eu ficava triste quando nós duas brigava, mas aí eu ia pra minha casa e ela ficava em casa. Ficava me ligando e eu falava: 'Por favor!' ...Desligava o telefone celular e deixava pra cair na caixa de mensagem...”(...) “Ah, quando ela bebia... ela chegava muito chata... insuportável, ninguém suportava, enfarenta! Não era violenta, só era chata demais. Não gostava quando ela chegava de madrugada e não parava de falar! Ai, me dava uma raiva, aí não, minha nossa senhora! ”

“E quando eu falava que ia sair pra ir pra festa?! Ela ficava doida comigo...Ah, que num sei o que, que num sei o que lá, e eu: 'Ah, minha irmã me deixe'" Você gostou muito dela? “Gostei!...um pouco, não vou dizer que muito, mas gostei” (O tom é de entusiasmo no início e vai diminuindo até o final da fala)

O interesse por uma mulher interferiria no seu sonho de família e relacionamento que me contou? “Não” Acha que poderia ter esse sonho se relacionando com uma mulher ou você não se relacionaria com ela? “Ah...não sei...” No seu sonho, o casamento é com um homem, com filho..., (me interrompe). “Não, que tenha filho não!” Volto na pergunta mal formulada: Que vocês tenham um filho, que vocês vão pra igreja?...“É...que nós se dê bem, que ele não mexa com droga, não vende droga, que não roube, que trabalhe honestamente...é....

No quinto encontro:

“...Estou estudando e fazendo muita carta...pro meu namorado...aqui dentro...ah, eu gosto dele demais”

- Da última vez que conversamos, vocês já estavam juntos? “...Não... a gente se conheceu lá na biblioteca...aí depois ele foi na minha sala, porque a professora Bete não tava mais dando aula, não sei como ela tava, aí ela parou de dar aula...aí ele foi lá pra minha sala e a gente começou a ficar...aí depois ele me pediu em namoro e já tem um mês que nós duas tá junto (Ato falho? É uma hipótese, mas é bastante recorrente) (...) "Hj eu não fui pra escola e ele deve tá indignado comigo.”

“Eu tenho uma carta quilométrica dele e 17 cartas, fora a quilométrica”(…) "Eu acho que ele gosta de mim...ele sabe que eu gosto dele, mas não gosto muito de demonstrar não"(…) "Todo dia eu escrevo umas três cartas pra ele... e ele faz cinco por dia pra mim...,mas se for botar entre eu e ele, ele faz mais carta pra mim"(…) "Bem, eu gosto quando ele escreve carta pra mim..." (...) “Tenho medo de me arrepender e quebrar a cara depois... dele me fazer sofrer! ...o fim de tudo...não gosto de pensar nisso, mas eu já parei pra pensar...” - Te faz lembrar outros momentos? “Faz” Porque? – “Porque quando a gente gosta e termina com essa pessoa, a gente fica magoada e a gente chora por essa pessoa...aí a gente fica assim...triste" (A medida que fui perguntando e ela respondendo, a sua voz foi entristecendo).

Após o longo tempo que passei longe da instituição, devido às mudanças que ocorriam na Unidade de Internação, perguntei:

E o rapaz que você namorava aqui? “Ah...ele foi embora, mas tá mandando as coisa pra mim!” Ele manda por quem? Pela sua mãe? “Ahã” - Casou, é isso? “Ééé (risos pareceu a mim desconcertada). “Ele alugou a casa, minha mãe foi lá na nossa casa e tá bem arrumadinha ...É a vida, né?” E como você está se sentindo? “Ah, eu quero ir embora pra ver minha casa” – Era

o que queria, né? “É...mas, eu não quero ter filho muito nova, porque eu quero terminar meus estudos, fazer faculdade de direito pra ser advogada, aí depois que eu tiver trabalhando, tiver comprado minha casa, tiver imobiliado minha casa, tiver dado uma casa, um carro pra minha mãe, tiver levado ela pra morar comigo....aí eu vou pensar em ter um filho, mas tem que ser um casal”

E sua relação com mulheres? “É passado...totalmente”(...) "Ah, penso que é errado, que é feio"(...) "Ah, me sinto mal, porque isso não agrada a Deus...e é feio também” (...) “É não me deixar cair na tentação, né?!...Já aconteceu aqui dentro”(...) "Nossa, chegou uma menina aqui que eu era doida pra ficar com ela, mas...não, não!...Mas nós duas puxava no mesmo quarto, aí era difícil dar as costas e ir andando” (risos). E como é que você fazia então? Caiu na tentação? (risos) “Não!... , eu não cai , mas nós ficou só na amizade, porque ela também tinha dado um DLL nessa história” - O que é um DLL? “Dar um fim nessa história..”(...) "Ela é do Rio de Janeiro” Ela tá ainda aí? “Tá” - Quando decidem dar um basta nessa história?...“Ah, quando a gente cansa, acha isso paia!...coisa feia!...ai, quer andar igual homem, ah eu acho isso ridículo! apeesar que eu gosto de botar um short de homem, gosto de usar boné aba reta, mas igual mulherzinha, né? Boto um boné aba reta, meu cabelo, assim, escovado assim, ééé'!!!!”

A mãe sobre os relacionamentos:

A mãe foi mencionada em outras situações relevantes na sua vida, quando Laísa tentou não usar mais drogas e também nos relacionamentos afetivos, tanto os estabelecidos pela própria mãe, quanto os que tinham sido vividos por Laísa.

Passei alguns meses sem poder entrar na UNIRE e conversar com elas. Ao retornar, tentei voltar do ponto em que paramos e dos relacionamentos estabelecidos. Perguntei sobre o último relacionamento e ela disse que ele havia saído da instituição, mantém contato com ela, manda coisas pra ela, montou uma casa pra eles dois etc. Pergunto o que a mãe disse ao saber do relacionamento? “Ela já sabia...porque eu falei pra ela que tava namorando, aí ela já sabia...aí ela falou: ‘você tem que criar vergonha na cara, você tem que cassar um homem que preste’...e eu: ‘mãe não fala assim dele, deixe eu viver a minha vida, ele vai mudar’...aí tá bom...aí ela veio falar coisa pra mim e eu também, eu olhei pra cara dela assim: ‘a senhora tem que criar vergonha na cara e arrumar homem que presta! Só que o marido dela morreu, mas aí eu fiquei com dó depois que ele morreu, porque minha mãe sofre muito” (...) “Ele morreu de

cirrose...bebia, ia pra igreja e saia da igreja e ia pro bar beber, aí ele subia no púlpito ficava falando que Jesus salva e num sei o que...e quando saia da igreja, ia pro bar beber...dando de crente do cú quente...”

O que sentiu quando soube da morte dele? Alívio? “Não, porque minha mãe gostava dele, né?...é...tipo assim, eu não aceito que minha mãe namora, mas eu deixo ela ser feliz, né?” Porque você não aceita que sua mãe namore? “Porque eu não gosto, eu tenho ciúme da minha mãe!” (...) “Se ela casasse, eu ia ter que não ver ela no altar, senão eu ia impedir tudo, eu ia dizer: ‘Ela é minha mulher! ela não vai casar com você!’ ” Mas e se fosse um casamento na igreja, tudo bonitinho? (Diante da produtividade do jogo entre o ideal e o real, comecei a usar esse recurso quando achava que poderia me levar a compreender melhor como Laísa significava certa relação ou situação). “Ah, aí eu ia gostar se minha mãe casasse...aí na igreja, toda de vestido branco, toda linda e eu queria ser dama de honra...ou senão levar ela no altar...maaaaas tem que ser um homem que faça por merecer pra ter minha mãe, senão eu não deixo ela casar” E se sua mãe resolvesse se envolver com uma...? (faço o jogo da desconstrução que fiz com ela, agora com a figura da mãe) “Deus me livre! Minha mãe não gosta disso, então isso é fora de cogitação!” (muitíssimo irritada). Sei que isso está fora de cogitação, mas façamos de conta, se acontecesse isso? “Aí (para e pensa)...não, isso não ia acontecer, porque minha mãe não goosta disso! Minha mãe quando ficou sabendo que eu tava ficando com mulher... ‘Tá repreendida, essa pomba rasgada!’ ”.

O que é pomba rasgada? “A pomba gira, pomba rasgada...então minha mãe não gosta disso e isso é fora de cogitação” (mais calma, convicta) .Isso aconteceu quando você casou com aquela menina? Silêncio...como se não lembrasse o que havia me dito. Lembrando que passei alguns meses sem poder entrar na instituição...“Foi...aí minha mãe não gostou...e...foi um momento...sei lá.” Mas você era apaixonada por ela, não é? “Ah, eu gostava dela e ela também gostava de mim...inclusive nós duas estamos puxando no mesmo quarto!” Aqui? A menina que casou com você? Mas ela não é mais velha que você? “Não...é...um ano mais velha que eu, que ela tem 17 e nós tá puxando no mesmo quarto, só que agora é só amizade” - Ela também tá tentando não ficar com meninas? “Nãããã...ela fiiiica.” Mas não com você? “Não, porque eu também não quero, porque se eu desse mole pra ela...” (Faz uma expressão de indiferença, mas demonstrando ciúme). Você não sente ciúme? “Não, nem diminui, nem aumenta a minha cadeia e nem faz diferença”

Depois disso, confronto-a com a diversidade de versões; - Você me contou que foi casada com uma menina mais velha, bem mais vela...(me interrompe) “mais velha, bem mais velha mesmo...mas essa que a senhora tava falando era da rua, eu pensei que tava perguntando

daqui de dentro” não, da rua?! “ Ah, a kely” (...) “ Na rua a única pessoa que eu fui casada mesmo foi a kely, depois que nós se separou, eu só fiquei com homem mesmo” - E depois, só aqui dentro? “É...e só uma menina e parei” (...) “eu ficava mesmo só pra curtir a lombra, só pra curtir a meia hora, só pra passar o tempo!”

E o seu marido? “Ah, eu tô morrendo de saudade dele, não vejo a hora de ir embora, pra casa! ” Ele tá trabalhando? “Tá... ele tá de boa”

E para esse ano, quais são seus planos? “Ir embora, se ele não quiser ir comigo, ele vai ficar bem por aí mesmo...vou pra São Paulo, quando eu for sair embora, aí de São Paulo, eu vou pra Minas e vou morar em Minas...com minha mãe, com minha vó e com minha tia” Ah, sua mãe vai mudar também? “É... ela vai mudar pra lá, mas ela tá esperando eu ser liberada pra nós mudar pra lá.”

O QUE LAÍSA ME DIZ?

Retomando as especificidades dos encontros com Laísa, é marcante as dificuldades de nossas conversas tanto para que fossem realizadas, quanto para que nos aprofundássemos nas reflexões a respeito das situações e dos seus sentimentos. O que chamei de turbilhão de emoções constituiu uma barreira ora física ora comunicativa. As expressões faciais, a diferença na empolgação de um assunto para outro ou ainda no mesmo assunto ajudavam a compor o cenário de contradições, conflitos e idealizações de Laísa. E idealização é uma palavra chave na narrativa de Laísa. Utilizando o artifício de buscar seus ideais e expectativas me deparo inicialmente com uma dinâmica comunicativa de Laísa, qual seja, toda vez que peço pra falar de um ideal, ela conta conjuntamente algo de sua experiência. Com isso, deixa marcado seu protagonismo e sua parceria na condução do diálogo ao mesmo tempo em que colabora com minha proposta inicial de relacionar seus ideais com a narrativa de suas experiências.

Diante de inúmeras contradições, me questionei sobre a possibilidade de trabalhar com o material. No entanto, o que me interessava desde o início não era o contar histórias verídicas, mas a verdade que se constitui inerente à interlocução. Interessa-me a memória e projeções afetivas que imprimem significado ao vivido, desejado, ao que frustrou-se ou foi negado etc

As contradições na fala de Laísa, recorrentes quando compartilha seus relacionamentos afetivo-sexuais parecia a mim um conflito intenso e emocional que apontava um jogo entre seus desejos, sonhos, objetivos e expectativas de terceiros. Será que é uma simples reação a minha

tentativa de mexer nos seus assuntos mais íntimos? O que a sua “recusa” em problematizar sua percepção corporal e questões raciais significavam? O que a idealização da figura materna e dos relacionamentos afetivos com o masculino significavam? Porque quando ela empreendia uma narrativa a respeito de relacionamentos com mulheres tinha que ser acompanhado da narrativa de um relacionamento com o masculino? Que relação todos esses elementos teriam com o seu processo de construção subjetiva? Poderíamos apontar essa dinâmica como copartícipe da sua atual situação de encarceramento?

Laísa negou tudo que em nossas conversas remetia a uma aproximação da sua estética, do seu comportamento e de aspectos de sua personalidade que eram socialmente atribuídos ao masculino, ao mesmo tempo em que espontaneamente vez ou outra os expressava. Negou seu envolvimento com mulheres, depois afirmou ter tido um relacionamento e ao final quando a confrontei com as suas versões divergente afirmou ter tido um dentro da unidade e outro fora. Em sua narrativa, afirma ter se incomodado com seu cabelo, sentindo-se envergonhada apenas quando por um descuido da tia cortou seu cabelo curtinho, ressaltando que era igual ao de um homem. Além disso, em sua fala, a forma que Laísa encontrou para sanar sua frustração e a vergonha de seu cabelo foi se utilizando de chapinha e gel – artifícios para alisar o cabelo. Dito isso, lanço a hipótese de uma possível relação entre os signos raciais e de gênero em Laísa, qual seja, a de associação entre traços estéticos da negritude e da masculinidade³².

Pouco falamos diretamente sobre sua vivência racial. Tentei me aproximar um pouco inicialmente pela relação dela com seu corpo e logo veio o assunto dos cabelos. Laísa, de todas

³² Bonzón (2010), em uma etnografia sobre salões de beleza no Rio de Janeiro, ao propor uma reflexão sobre gênero nesses salões, a autora problematiza a utilização, a frequência e a relação entre vaidade e papéis sociais de gênero na fala de suas/eus interlocutoras/es. Observa que a vaidade é crescente nos discursos e práticas masculinos, conhecido como “metrossexual”. No entanto, a partir da exposição da fala de ambos os gêneros sobre vaidade e frequência nos salões aponta: “O sexo feminino aparece aqui como o sexo, por excelência, ligado à noção de belo. A vaidade entra em cena como um dispositivo que deve ser mantido em alerta constante para a construção e manutenção dos atributos que constituem o belo. Sendo assim, o corpo da mulher é visto como um corpo próprio a ser trabalhado nos detalhes (unhas, sobrancelhas etc.). Diferente do corpo masculino, que deve buscar o salão de beleza como solução para um “problema” pontual e rápido de ser corrigido, como por exemplo um cabelo que se encontra fora dos padrões esperados. *Vaidade e feminilidade são dimensões tão próximas que o descuido da primeira pode colocar em cheque a própria sexualidade da pessoa em questão. Lembro de uma situação que se passa entre o colorista do salão de Ipanema e uma cliente que aparece em sua sala com a raiz do cabelo com fios brancos por pintar. Extremamente incomodado com o descuido, o profissional diz em tom de reprovação após sua saída: - “Um horror essa mulher. Uma relaxada. Acho até que ela é sapatão. Tem cara de bofe!”*.” (BOUZÓN, 2010, p.120) (Grifo meu). Diante das colocações de Bouzón a partir de sua pesquisa e levando em conta que “Os cabelos crespos das crianças afro-descendentes são identificados como cabelo “ruim”, primeiro pelas mães, que internalizaram o estereótipo; e, na escola, pelos coleguinhas, que põem os mais variados apelidos nas trancinhas e nos cabelos crespos ao natural.” (SILVA, 2005, p. 28) reverberando socialmente em diversos momentos da vida das pessoas negras, e de forma mais contundente e profunda nas mulheres, e nos mais distintos espaços sociais, levando-nos a concluir que a associação simbólica histórico cultural imediata é a de que cabelo crespo é sinônimo de não vaidade, não feminilidade, relaxo etc, possibilitando a associação também entre cabelos crespos ao natural, não “cuidados” e aproximação com masculinidade.

as internas com quem eu conversava, era a que apresentava maior preocupação com a arrumação de seu cabelo. Ficava de fato muito chateada quando era impedida de usar a chapinha. A associação entre *masculinidade e negritude num corpo feminino* pareceu-me nitidamente feita por Laísa nas diversas vezes que conversamos sobre sua estética. Isso me fez pensar que a sua necessidade de arrumar os cabelos, de chapa-los toda semana, era também uma forma de se ver mais feminina esteticamente. A relação entre sua percepção corporal, racial, parecia a mim, nessa situação, intrinsecamente ligada à de gênero e à sexualidade. Distanciar-se em gestos, estética ou características da negritude parecia fazer parte de um projeto, de uma busca em se afastar da possível associação dela com o masculino. É como se as características negroides dela – sócio e historicamente consideradas como não belo e encaradas de forma pejorativa – a distanciassem da estética feminina e pudessem aproximá-la da estética masculina, que ela gostaria de se distanciar por diversas outras questões que apontaremos mais adiante.

Sua personalidade impulsiva e agressiva gerava, para ela a certeza de que essa característica era responsável por seus problemas. Seu conflito com uma espécie de persona interna masculina causava-lhe dor e a sensação de solidão, falta de apoio na sua relação com o mundo externo. Seus conflitos e luta interna para conter um impulso atribuído socialmente ao masculino encontrava nas relações externas a confirmação enquanto um problema, de forma que a certeza de que conter sua impulsividade e agressividade era a solução para seus problemas, era constantemente reafirmada pelas pessoas a sua volta.

Em suas relações cotidianas essa solidão era materializada em um pai ausente e não referencial com indícios de ser alguém violento e drogadiço; em companheiros de sua mãe que reproduziam com ela as relações problemáticas que já tinha experienciado com o pai; em uma mãe idealizada como uma pessoa presente e que era amada ou, porque não, desejada, mas que ao mesmo tempo em que era a figura de perfeição era alguém vulnerável que inspirava cuidados de seus companheiros e da própria Laísa, abandonando-a no seu desejo e fantasia de ter um cuidado ideal, cuidados esses que sempre lhe foram negados já que se via cercada de pessoas “problemáticas”. A ambivalência mascarada na extrema idealização da figura da mãe se completava com a negação dos sentimentos de desejos por mulheres ou da possibilidade de vivenciá-los; e por fim, sua solidão se materializava em uma instituição, com pessoas que tinham sua tutela e reiteravam que seu problema era uma questão de domar seus impulsos agressivos e imaturos. Esse abandono real se refletia em sensações de abandono e em reações que iam de momentos de profunda introspecção, medicalização, e tristeza à conflitos constantes e ataques de ira e descontrole.

O conflito interno ecoava, relacionava-se e se expressava externamente. A relação de Laísa com pessoas e coisas que configuravam como uma síntese do que compreende enquanto feminino e masculino³³ é marcadamente conflituosa, deslocando-se entre idealizações e negações, pontos extremos carregados de muita emoção e muita dor. Dito isso, sua relação com o masculino vem inicialmente com a recusa em falar de seu pai, momentos em que não se dá ao trabalho sequer de desconversar. Em todos os momentos Laísa foi taxativa na sua indisposição, e suas reações emocionais demonstravam a iminência de uma explosão o que me permitiu inferir que havia ali um nó, um obstáculo difícil de ultrapassar.

Associada à recusa em falar sobre o pai, há a idealização de todas as figuras masculinas com quem Laísa afirma ter se relacionado amorosamente. Todos pareciam caber dentro de sua expectativa de relacionamento perfeito, aquele que podia lhe proporcionar o cuidado e a realização de um projeto de construção de família ideal. Em sua fantasia, Laísa não se preocupava sequer em ser coerente com as impossibilidades e barreiras características da instituição em que se encontrava. Eram relacionamentos vividos com intensidade, longos encontros, cartas quilométricas escritas e onde praticamente todos se encaminhavam para relacionamentos estáveis e dentro de um ideal social.

A forma explosiva e por vezes magoada com que reagia ao surgimento da figura paterna nas conversas guardava certa semelhança com sua reação à instituição e às figuras que a representavam, na maioria das vezes combativa, mas em alguns momentos demandando cuidado e reconhecimento quanto às suas tentativas, expressando mágoa pelo não atendimento dessa demanda.

Com relação às figuras femininas, a idealização de sua mãe se expressa em relatos de uma relação visceral caracterizada por grande admiração, por medo de desapontar a mãe, por um medo de perda, por ciúme e, porque não, um desejo de possuí-la, expresso no relato de como seria sua reação ao possível casamento materno. Os relacionamentos amorosos com mulheres, no entanto, foram negados inicialmente, afirmados em um segundo momento, alvo de desencontros nas suas versões em um terceiro momento e por último Laísa manifesta o desejo de conter possíveis desejos. Seus relatos de envolvimento com mulheres eram compostos de conflitos, brigas, términos, problemas da mãe com isso, uma série de complexidades que Laísa não ofertava em suas falas, aos seus relacionamentos com o masculino.

³³ Feminino e masculino aqui é apropriado como “categorias que tem um caráter móvel” e constituem aspectos relacionais, com enunciados e características de personalidade do gênero, disposições emotivas e estruturas psíquicas (SEGATO, 1993)

O abandono e a dor mencionada acima foram expressados em forma de melancolia e em ações reativas. A expectativa de uma definição binária e da correspondência entre gênero, sexo e raça não encontram relação direta com a dinâmica interna de Laísa, de modo que este é também um elemento doloroso e no qual a busca por estabilização dessas emoções e pela diminuição dessa dor é feita a partir do que para ela é concreto, estável e que possa gerar acolhimento, qual seja, sua adequação ao padrão. Essa dinâmica, além de violenta e geradora de mais dores, tem efeitos práticos cotidianos que precisam ser compreendidos.

Laísa, em suas falas, deixa transparecer uma identificação com o pai que ela tenta apagar com a negação e afastamento desta figura. O pai é usuário de drogas e causou problemas tanto para Laísa quanto para a mãe e para a família dela. Sua mãe é um ideal desejável e inatingível, mas que tem algo que compartilham, a negação e a falta do cuidado que lhe eram devido pela família e companheiras/os, traduzido em sensação de solidão e abandono. Laísa se coloca em uma *eterna busca* desse cuidado que lhe é devido e da fuga de sua aproximação referencial com o pai e o masculino. Tal busca expressa na fantasia de um relacionamento perfeito, que lhe proporcione o cuidado e a família que vai estabilizar suas emoções internas e, quem sabe, eliminar os “resquícios” de masculinidade que a conflituam internamente e que a levaram ao encarceramento (na visão dela e dos que a rodeiam). A busca por um relacionamento perfeito associada a uma negação de suas necessidades e características internas potentes de personalidade sedimentam a dor experienciada e tornam Laísa metaforicamente uma bomba prestes a explodir. Ao negar alguns potenciais internos, Laísa em meio a dinâmica mencionada acima acaba por negar a possibilidade de usar esses potenciais a seu favor, possibilitando a emergência de expressões reativas, intensas e repletas de dor, arrisco em hipotetizar que essa dinâmica é copartícipe das situações que a levaram ao encarceramento.

Dito isso e retomando o que inicialmente apontei sobre seu caráter questionador e confrontador no contexto da UNIRE, este apesar de externamente lhe causar mais problemas, internamente é a síntese de um de seus grandes potenciais e ao meu ver era o que menos lhe causava instabilidade, talvez porque conseguisse ser expresso com mais frequência, e era o que de todas as emoções ela parecia conseguir empreender uma reflexão mais elaborada. Quando Laísa diz que seu problema é sua impulsividade, tanto remete a uma negação, quanto abre para a possibilidade de uma atitude de reflexão a respeito dessa característica de sua personalidade. Empreender essa reflexão poderia ser uma chave de reelaboração desses elementos simbólicos de forma a dar-lhe poder.

CAPÍTULO 3

ALICE: Florescer no limite da dor

Alice tem 27 anos e está há seis anos cumprindo pena na PFDF – Penitenciária Feminina do Distrito Federal. Quando pergunto onde ela morava, Alice responde que a família mora na Ceilândia, mas ela morava com a mãe de criação na Cidade Estrutural. Tem 6 irmãs/ãos de parte de pai e de mãe “assim misturado mesmo”. Quando peço para ela especificar quantos são de pai e quantos são de mãe, ela logo responde “4 são de mãe e de pai... são...3. Que eu conheço são só 3... entendeu?” “Mas eu tenho outros irmãos, só que eu não conheço”. Alice tinha vivido alguns relacionamentos dentro da penitenciária e no momento da pesquisa estava em um relacionamento estável, já há alguns meses sendo conhecida na instituição por sua habilidade na arte do flerte e da paquera.

ENCONTAR ALICE...

A primeira vez que vi Alice foi um misto de emoções. Primeiro, felicidade por ter encontrado, na instituição, após meses de tentativas frustradas, alguém que fazia parte do grupo de mulheres com quem eu havia anunciado a intenção de dialogar no esforço de construção da tese. Segundo, ansiedade, pois ainda assim tive que tentar o encontro por duas vezes após ela ter sido convidada a falar comigo, pois estava em um primeiro momento no salão fazendo o cabelo igual ao do Neymar e em outro momento teve empecilhos e imprevistos no trabalho. Terceiro, surpresa e “estranhamento”, pois quando a vi, o sorriso de Alice parecia algo incomum para o que eu tinha vivido e observado naquele lugar.

Nos apresentaram e fui levada a uma copa/cozinha que era um dos lugares possíveis para a realização da pesquisa. Chegando lá, não deixaram que eu fechasse a porta. Foi a primeira vez em que isso aconteceu. Até então, com todas as outras eu tive liberdade de fechar a porta, o que assegurava certa privacidade às conversas. Fiquei meio confusa e até certo ponto indignada; no entanto, ela me trouxe um elemento que, para ela, justificava o contexto: “Normal, eu entendo, já aprontei muito aqui e eles não confiam em mim”. Apresentei-me como sempre fazia, falei do trabalho, da dinâmica e metodologia da pesquisa e, após ela concordar em participar, começamos a conversar.

A forma com que Alice encarava o trabalho também me parecia peculiar. Ela falava de forma recorrente que estava fazendo sua entrevista e que era para seu aprendizado e crescimento. Foi essa a argumentação que ela utilizou também para justificar seu pedido para

se ausentar do trabalho nos momentos de nossos encontros e sempre que sentia a possibilidade de ter problemas quanto a isso. Alice tinha uma forma muito pessoal de lidar com as normas e as pessoas que detinham poder na instituição. Detalharei isso mais adiante, mas por hora queria apenas ressaltar que me parecia ser um grande jogo de confronto e diplomacia, próprios de uma guerra fria. Ao conversarmos sobre seu cotidiano, Alice compartilhava como havia aprendido, depois de tantos anos, a movimentar-se minimamente no interior de uma instituição total. Por diversas vezes, observei de perto o confronto sutil e indireto que tinha muitas vezes como pano de fundo a orientação sexual de Alice e sua “performance” de gênero.

No local onde conversávamos, circulavam algumas internas que realizavam atividades no depósito da lanchonete. No entanto, era um local de circulação e trabalho eminentemente de policiais. Quando Alice entrava, os olhares masculinos se cruzavam com sinais de uma linguagem própria, de quem chama a atenção de outro para determinado objeto, no caso Alice. Ela, por sua vez, percebia isso e sua postura era provocativa. Insinuava, fazia comentários, se mostrava prestativa tanto comigo quanto com eles, jogava charme em minha direção, com sorrisos e os comentários aumentavam. Eu me sentia de certa forma assediada por ser o centro dessa comunicação sutil e velada que ela mantinha com os policiais e ela tinha sua posição reafirmada e eu diria que saía, no seu ponto de vista, vitoriosa nesses embates, até mesmo porque a repercussão de nossos encontros e de seu comportamento certamente ecoava e produzia discursos no interior da penitenciária, como já foi dito nos capítulos anteriores. Outra situação em que demonstrou sua habilidade na lida com o contexto do qual fazia parte foi um dia em que apareceu com um corte de cabelo exibindo um desenho, o que, em geral, é proibido, uma vez que, os desenhos em cabelos suscitam a desconfiança de que a interna possui ou tem acesso a objetos cortantes. No entanto, Alice, além de demonstrar que havia feito a arte de outra forma, aliava isso a uma postura diplomática. Dona de um certo carisma, Alice era uma pessoa que, como ela mesma disse várias vezes: “todo mundo gosta de mim aqui”, não só por seu carisma, mas por um trabalho consciente na construção de vínculos dentro da instituição. Com uma longa condenação e com um tempo de reclusão já de seis anos cumpridos, ela era, junto a outra das parceiras no trabalho, a mais antiga da penitenciária e com vistas a permanecer ainda por mais um longo tempo. “Sou uma interna tranquila”, orgulhava-se Alice das relações que tinha estabelecido e da imagem que construiu depois de alguns anos de muitos conflitos lá dentro.

Apesar disso, após algum tempo foi ficando difícil encontrar Alice. Quase nunca ela podia vir, ou tinha imprevistos no trabalho ou estava em algum procedimento, de modo que só consegui finalizar o trabalho com ela mediante um cronograma de previsão de término,

registrado em papel timbrado da Universidade de Brasília, garantindo a proximidade do fim daquela pesquisa. Alice, por sua vez, em muitos momentos parecia não compreender porque não conseguíamos nos encontrar para dar continuidade ao trabalho. No geral, considero que fui bem recebida nas instituições prisionais. Nessa instituição, especificamente, tive apoio importante de dois policiais civis, mas o trabalho com Alice algumas vezes correu o risco de não ser concluído, devido aos pormenores que caracterizam as relações de Alice com a penitenciária e as pessoas que ocupam os espaços de poder, mas também pelos desafios que a temática do trabalho e a proposta metodológica geravam.

O MUNDO DE ALICE

Família

Alice começou a desenvolver um enredo sobre sua vida após eu perguntar sobre seus pais: “eu morava só com meu pai desde que eu nasci, porque minha mãe biológica morreu assim que eu nasci, eu morei com ele até os quatorze anos, aí ele faleceu e eu fiquei morando com essa mulher que eu chamo ela de mãe hoje. Ela pegou minha guarda provisória, aí eu morava na casa com ela até eu vim presa. ”

“Todos os meus irmãos foram criados por meu pai, minha irmã mais velha tem 40 anos, aí quando minha mãe morreu ficou só eu e meu pai e essa irmã que ajudou meu pai me criar e os outros irmão que são tudo mais velho, tudo casado, tudo mora fora. ” (...) “São três mulheres e dois homens” (...) “Tipo assim, do casamento do meu pai com a minha mãe só teve eu, entendeu? Eles são tudo de outros casamentos”. (...) “Hoje é tipo cada qual na sua, porque eu me envolvi no crime. Depois que meu pai morreu, todo mundo se afastou e eu também por devido ter ficado muito depressiva, me envolvi com coisa errada e fui morar com essa minha mãe de criação e deixei eles pra lá também, tipo assim eu nunca tive muito apoio deles, entendeu? Talvez, por isso que eu entrei no mundo do crime, que quando eu morava só eu e meu pai, eu tinha outros pensamentos, eu queria só saber de estudar, de ter uma vida digna. Depois que ele morreu eu me senti muito só, aí fui morar com essa minha mãe de criação, aí tipo acabou que eu entrei no mundo do crime. ”

“Foram as amizades que eu me envolvi e o lugar também, acho que minha mãe não tem culpa não! Ela fez de tudo pra me ajudar, mas acabou que as amizades influenciou muito e aí não teve como segurar não. ” (...) “Enquanto meu pai era vivo, todo mundo se reunia, a gente era uma família tranquila, aquelas família que todo final de semana se reúne pra comer churrasco, essas coisas assim. Depois que ele morreu...aí cada qual ficou na sua, eu recebi a pensão do meu pai, aí fiquei um tempo com a minha irmã que ajudava meu pai a me criar, depois eu saí no mundo, aí quando eu conheci essa minha mãe de criação, aprontei, fui pro CAJE, pra mim sair precisava de alguém pra ser responsável, aí ela pegou, ela era vizinha e acabou se responsabilizando por mim e fui terminar de ser criada por ela. Aí ela pediu a guarda provisória pro Juiz e ele autorizou e com isso fui viver minha vida tranquila com ela, entendeu?”

“Recebia visita delas (mãe, irmã, tia) de vez em quando (...) nunca vieram muito, mas vinham as vezes” (...) “Já faz bastante tempo que não recebo mais. Ela está passando por um momento complicado, aí eu tipo decidi deixar ela quietinha no canto dela” (...) “Ela começou a se envolver com drogas. ” (...) “Chegou a uma época a usar bastante tempo, mas aí quando uma época eu fui morar com ela, ela parou, que ela tava perdendo tudo...perdeu casa, perdeu restaurante, perdeu um monte de coisa! Aí foi quando ela parou, passou muito tempo sem usar, aí depois eu vim presa, aconteceu muitas coisas, brigas com minha irmã, companheiro dela que também foi preso... quando eu descobri ela estava usando tudo de novo”

“Da família do meu pai ninguém nunca mexeu com nada de errado, eu sou, eu fui a única que mexeu, quer dizer, depois que ele morreu, porque até então, eu era um exemplo! Era da escola pra casa... Estudei... até a oitava! ” Alice não estuda na penitenciária, diz já ter tentado, mas desistiu e pela dificuldade em conciliar horários de estudo e trabalho prefere trabalhar pra juntar um dinheiro. O melhor momento que guarda na memória foi “quando eu viajava com meu pai, que a gente ia pros torneio de futebol, eu jogava bastante futebol e ele ficava lá torcendo por mim, tipo me elogiando, estava todo o tempo do meu lado, acho que foi a fase melhor da minha vida, quando eu vivia com ele. ”

“Se minha família tivesse me apoiado quando eu mais precisei dela, talvez eu não teria entrado no mundo do crime, eu teria estudado e teria sido veterinária”. (...) “Só a família que hoje eu chamo de minha de criação estava por perto, minha mãe de criação, que estava nesse momento mais difícil, com drogas e com problemas com o marido, estava lá do meu lado. Eu recebi críticas da minha família. Pra me ajudar? Não...me criticaram! Diziam: ‘ah, se você não tivesse fazendo coisa errada, isso não teria acontecido com você. ’ Tipo...na hora que eu precisei *delas, elas* me viraram as costas e me criticaram”.

“A família do meu pai é tipo, é uma família muito rígida, entendeu? Eu só vou pra casa da minha tia porque lá é minha casa e ela falou pra mim, na última carta que ela me escreveu, que se realmente eu quisesse mudar de vida ela ia me dar a maior assistência, ela ia me ajudar, entendeu? E eu quero ir pra lá, quero ver se realmente é isso que ela fala. Eu preciso de oportunidade, de alguém pra me ajudar e eu vou me socorrer a ela. Se ela me prometeu isso, eu tô disposta a mudar de vida, então, vamos ver se é isso mesmo. ”

“Meu pai me criou sozinho, ele tipo assim, ele falava assim que ele não precisava de outra mulher até porque ele sofreu muito com a morte da minha mãe também. Ele também não queria ficar com ninguém assim. Ele ficava com mulher na rua entendeu? Mas pra dentro de casa ele falava assim que não tinha coragem de colocar nenhuma mulher dentro de casa. Que era só eu e ele, pronto! Não casou” (...) “Meu pai era gatão. Eu e meu pai junto, quando nós saía, nossa! ” (...) “Eu me sinto como o centro da vida do meu pai. Eu acho que também cheguei a ser um pouco egoísta assim com ele, porque uma época ele quis, mas eu assim muito ciumenta e falava: não pai, você não pode ficar com outra mulher, se casar, não quero uma mulher dentro de casa pra substituir a minha mãe, que não sei o que...” (...) “Chegou a se envolver, mas não de morar junto, né? Eu nem gostava da pessoa que ele tava. Eu achava que não era mulher pra ele. Ela era muito...sei lá...achava interesseira, ééé...vulgar” (...) “ Eu nunca ia chamar ela de mãe! O lugar não era dela! ”

“Eu tinha sete anos, mais ou menos. É...eu pensava assim... Eu tinha medo dele se envolver, me deixar um pouco de canto...ter outro filho. Acabou que tipo...teve né? ” (...) “Eu tenho um irmão, mas ele não morou junto com essa mulher e ainda acabou que não foi nem como eu pensava, eu tenho o maior amor pelo menino, que é muito parecido com ele, porque eu não sou parecida com meu pai...” (...) “Eu era muito parecida com minha mãe. Meu pai é alto, olho verde, branco, com o cabelo bem grisalho assim bem branquinho (com expressão e tom de voz de encantamento) e minha mãe não, minha mãe já era tipo es...baixa, morena, bastante morena e eu sou a cópia da minha mãe todinha, acho que era por isso que meu pai ficava falando: ‘oh, minha fia eu olho pra você só lembro da sua mãe que não sei o que...’ ”

Alice conta que em uma viagem à São Paulo seu pai descobriu que tinha câncer e estava em um estágio já bem avançado. Ficou lá fazendo tratamento e depois viajaram para o Maranhão para que ele se recuperasse melhor. Nesse momento seu pai tinha uma namorada e esta se encontrava grávida. “Meu irmão, ele vai fazer 17 anos agora. Meu pai não chegou a conhecer ele. Mora em Goiânia com a mãe dele, mas sempre quando eu tava na rua ele ia lá visitar”. Segundo ela, seu pai piorou bastante porque “ele tinha muito medo de morrer e me deixar sozinho nesse mundo...! Aí ele foi piorando, piorando e bateu uma depressão nele, aquela

coisa...toda vez que ele me olhava ele ficava chorando, aí foi afetando assim o problema dele?! Acho que foi isso, que tipo fez com que ele morresse mais rápido. ”

Alice diz não saber como sua mãe morreu, só sabe que foi no parto em que ela nasceu. “Eu perguntava: ‘pai, mas porque...como que minha mãe morreu?’ Aí ele sempre chorava assim e falava: ‘não minha filha, não vamo falar sobre isso não!’ Aí eu: ‘mas eu preciso saber como foi, porque que eu nasci e minha mãe morreu, porque essa escolha que teve que ser tão difícil assim?’. Porque ele teve que escolher entre eu e ela! A um certo ponto assim, os médico sempre falaram, porque de todo jeito ele tinha que escolher eu, porque o problema dela já era..., né? Já tava bem avançado também, aí ele acabou que ele me escolheu. Aí eu falava: ‘mas o senhor não queria me escolher não é?!’ Aí ele: ‘é doida minha filha, você é tudo pra mim!’ ”

“Depois eu fui esquecendo isso aí, não quis mais mexer nisso, aí não quis mais ficar perguntando essas coisas pra ele, ele ficava triste, ele pegava e começava a beber, entendeu? Ele também se sentia culpado, não sei o porquê, mas ele se sentia culpado também. Não sei o que foi que ele fez, ele não falava também. A gente era muito amigão, mas ele não falava sobre isso pra mim não. A gente conversava sobre tudo menos isso, entendeu? Então, eu respeitava o espaço dele também. Ah, é um pouco difícil falar sobre isso (olhos lacrimejados), tava pensando em escrever um livro, aí quando eu lembro assim, falo: ‘ai meu Deus, tem muita coisa que eu tenho, que vem na minha cabeça, que eu tenho que lembrar que vai me machucar, sei lá’. Mas eu estou querendo fazer um livro ainda sobre a minha vida. Minha vida é bastante assim...”

“Eu cuidei do meu pai, larguei os estudo pra poder ficar com ele 24 horas no hospital, porque se eu ficasse um minutinho longe dele ele tipo tinha uma reação, quando ele tava perto de mim ele ficava tranquilo, dava uma melhorada. Quando eu saía um pouco ele já piorava, então, tipo aí eu parei de estudar, parei tudo, parei minha vida totalmente pra cuidar só dele. Eu sempre falava pra ele: ‘poxa, o senhor sempre cuidou de mim, deixou tudo pra cuidar de mim, porque agora não vou deixar tudo pra cuidar do senhor?’ Aí larguei escola, larguei tudo, era pra eu ter terminado escola, ter feito uma faculdade, entendeu? Mas aí...”

“Minha irmã mais velha me ajudou, só que meus irmão mora longe, uns mora...tem dois irmão que mora lá no Rio, outro mora em São Paulo, outro no Maranhão, tipo tudo tem sua vida, mas tudo mora longe. É só essa que mora aqui em Brasília e o irmão que eu tenho que mora no Recanto e é pastor. Minha família é toda assim. Só eu que sou a ovelha negra da família! ”

A tia, é uma figura constante nas narrativas e segundo Alice era conservadora, “Mas já acostumei com meu jeitão assim, antigamente eu chegava em casa e ela falava assim..., porque eu tenho meu quarto e levava minhas amiga, minhas namorada, ela ficava bem assim, né?...”,

mas eu sempre falava pra ela: ‘minha opção é minha opção, não interessa a ninguém.’ Meu pai aceitou. Se ele aceitou, pronto pra mim que o restante do mundo não tá dizendo nada pra mim, então, acostumada com meu jeito, aí ela sempre falava pra mim mudar de vida que me aceita do jeito que eu sou, menos no mundo do crime. Ela acha assim que é uma vergonha pra nossa família. ”

“Depois que meu pai morreu eu fiquei muito rebelde, pra mim, minha vida tinha acabado, sei lá...entendeu? Não tive apoio de ninguém, aí que minha vida tinha acabado mesmo" (...) "Minha família, acho que era culpada de tudo isso... poxa tantas lembranças ruim que eu tenho, tantas coisas que eu já fiz que tipo...mas eu penso: ‘meu coração é bom, meu pai me ensinou só coisas boas e ele morreu e eu e tudo que ele me ensinou parece que deu um branco assim, eu esqueci tudo e fiz tudo ao contrário, só coisa ruim’. Se minha família falasse: ‘Ó minha filha, agora você vai terminar seus estudo, a gente vai te dar o maior apoio, você vai é...ficar aqui com a gente, sua casa.’ Não, tipo, sei lá, meu pai morreu, deixa aí que o mundo cria, entendeu? ” Alice alega que foi humilhada e maltratada na casa da irmã mais velha que cuidou dela inicialmente e que guarda muita mágoa disso.

Alice conta que o pai dela sempre soube que ela gostava de mulher, mas que não ligava, segundo ela: “saía, curtia...”e na casa de seus parentes, sempre tentou agradar para não ver ninguém falando, mas tudo o que ela fazia, arrumação da casa, outros trabalhos, nada agradava a família de seu pai, se não fosse 100%, não servia e fui sentindo uma indiferença e “eu sou muito sistemática, muito sistemática, qualquer coisinha assim eu já levo assim...” (...) “eu sou muito paranoica assim nessas coisa, tipo assim, eu coloquei essa garrafa aqui e você já olhou assim...aí eu: ‘vixi, ela não gostou!’ Coloco lá no mesmo lugar. Então, tipo assim entendeu? Minha família...eu não tive uma boa recepção da minha família e isso foi fazendo com que eu fosse me envolvendo mais com minha mãe de criação, que era a vizinha e lá ela me dava muito carinho, muito amor, tudo que eu fazia eu conversava com ela, aí eu fui vivendo...que de repente eu pensei: ‘ah, eu vou sair de casa! ’”

“Fico pensando que hoje né, não tenho mais essa cabeça, mas tive que sofrer tanto pra mim poder tá com a mente que eu tenho hoje, tive que sofrer muito, tive que vim parar nesse lugar, muitas pessoas que nem precisam disso! ” Após essas reflexões e nossas trocas a respeito de suas relações familiares, passados também algum tempo em que nossos encontros se davam, consultei os processos jurídicos, em meio digital, das mulheres da penitenciária, com o intuito de me informar, de forma geral, como se encontravam suas vidas e qual não foi minha surpresa quando acessei o processo de Alice, lá haviam quatro processos e todos eles, diferentemente das outras internas com quem eu conversava, na filiação, dois deles continham apenas o nome

completo da mãe biológica, sem menção ao pai, um deles fazia menção ao pai como desconhecido e o outro colocava o primeiro nome apenas. Em um primeiro momento, entrei em conflito. Imediatamente, veio à minha mente a orientação de algumas pessoas: ‘cuidado, elas mentem bastante e se vitimizam muito também’. Não a confrontei logo de imediato, tentei observá-la a partir dessa nova informação.

Algum tempo depois, conversando com outra interna, esta teceu comentários sobre Alice e, ao fazê-lo, foi repetindo a versão da história que Alice havia me contado, principalmente, sua relação com seu pai. Ouvi atentamente, mas também não comentei nada. Foi aí que percebi que a história que Alice havia me contado, verdadeira ou não, era uma versão que ela divulgava amplamente e para todas, na instituição. Até aquele momento, sua história era recheada de idealizações, principalmente, da figura de seu pai e havia uma construção dicotômica em que, para ela, o cenário relacionado ao pai era perfeito e o de sua mãe era o extremo oposto disso. Alice foi a primeira de minhas interlocutoras que me suscitou a reflexão sobre as fantasias e idealizações como um dado, uma construção significativa sobre sua trajetória, suas relações, sua subjetividade e coletividade. Esse momento foi muito importante tanto para minhas avaliações quanto às histórias das outras interlocutoras, quanto para a compreensão da própria dinâmica de Alice.

Falamos da família, portanto, em dois momentos, logo de início quando eu ainda não tinha a informação sobre a situação de seu pai em seus registros oficiais e em um segundo momento, quando essa informação entrou como elemento de reflexão. Alguns encontros depois, quando estava no meio da trajetória de pesquisa, voltamos a falar sobre a família. Neste segundo momento, ela continua falando sobre a família do pai e reitera que, quando sair da penitenciária, pretende morar com a tia paterna, na Ceilândia, porque o lugar e as pessoas seriam mais favoráveis à sua ressocialização. Tinha medo de voltar para a Cidade Estrutural e encontrar as mesmas pessoas, as mesmas situações. Neste momento, com um pouco mais de espontaneidade e um vínculo mais estreito, ela volta a falar da mãe, sem mencionar, como fez nos outros encontros, denominando-a como mãe de criação.

“A única coisa que me importa mesmo é meu filho de criação (na realidade um sobrinho adotado por ela, mas que em outros momentos aparece como irmão) e minha mãe. Ele tá com minha tia porque minha mãe tá nas droga. Minha mãe tá numa fase ruim, tem época que ela usa e tem época que ela não usa e isso tá atrapalhando a vida do meu filho e já atrapalhou muito a minha também, porque ele fica revoltado querendo tirar minha mãe disso e acaba fazendo besteiras.” (...) “Não sei muitas notícias deles, já faz muito tempo...desde quando eu pedi pra eles não me visitarem mais. Às vezes prefiro não saber, pra não ficar pensando aqui dentro, mas

um amigo e uma vizinha muito próxima e que vem aqui visitar parentes às vezes me conta sobre elas. Da última vez que eu soube dela, achei que estava em uma clínica se cuidando, mas não, ela estava magrinha e muito mal. ” (...) “Quero ir embora para cuidar da minha mãe e do meu filho, mas de longe, porque não quero voltar pra lá, morar junto. ”

Pergunto se ela acha que a mãe piorou depois que ela foi presa? “Sim”. Se sente responsável por isso? “Um pouco. Eu que acompanhava a minha mãe e não deixava a coisa desandar. Depois que eu vim presa, a coisa piorou. Tipo assim, eu que colocava as coisas em casa, assim, sabe? Me sentia como se eu fosse o homem da casa! Até ela...esses dias assim, eu lembrei: ‘caraca, minha mãe todo final de mês comprava um saquinho de cueca pra mim e pra minha irmã. Ela sente muita falta de mim, eu ficava junto dela o tempo todo”.

“Eu sempre morei com meu pai, nunca morei com minha mãe não. Quando fui morar com minha mãe que eu descobri que ela usava drogas, eu nem sabia! Eu tinha quinze anos. Meu pai não falava dela. Era só eu e meu pai. E como eu tava com meu pai também não ligava pra ela”³⁴. Tendo em vista a postura inicial dela de “eliminação” da mãe, pergunto qual seria seu ideal de mãe? “Bom, minha mãe era tudo que eu poderia descrever agora. Porque minha mãe é tudo. Minha mãe é minha amiga, minha companheira, conversa comigo...o único problema dela são as drogas, as drogas atrapalhou a gente. Ela é bem liberal, não tem nenhum tipo de preconceito”. Porque ela se droga? Vê alguma fragilidade na sua mãe? “Abandono de alguns filhos que são bem desligado, do marido que ela teve que foi preso e já tá muito tempo preso também, ela sempre se fechava com relação a isso, ela era muito de ouvir, mas para falar dela ela sempre se fechava, eu era a única que conversava com ela porque eu ficava a toa mesmo, mas ela sempre desconversava, era brincalhona e nunca falava sobre ela. ” Pergunto: ela finge que está tudo bem sempre? “Ééééé” e você, porque finge? “Ah...me pegou, hein? Eu sabia que eu ia vacilar em alguma dessas (risos). No segundo momento em que a confronto sobre seu pai não constar nos processos e sobre a mãe que ela disse que havia morrido, Alice disse: ‘não gosto muito de falar da minha família. Com certeza, tem coisas muito pior do que eu falo, mas as pessoas...não quero que elas fiquem com pena de mim, aí as vezes eu me fecho pra algumas coisas, pra as pessoas não ficarem com dó. Muitas situações, pode ter certeza que são bem piores do que eu conto. ”

O que interessava nas nossas conversas, no entanto, eram menos os fatos em si e sim sua memória afetiva, suas emoções sobre essas relações e o significado, o sentido que imprime a tudo isso em sua trajetória.

³⁴Aqui a mãe não é mais uma pessoa falecida, não é mais de criação e não era a pessoa que o pai sofria ao falar, mas era a mãe que o pai nunca falou e não sabia notícias.

Família ideal

Após Alice responsabilizar a família por seu sofrimento e o que a levou àquele lugar, busco saber dela qual então seria sua expectativa quanto à sua família. Ela já havia sinalizado alguns elementos nas conversas anteriores, mas a questioneei diretamente sobre isso. “Que tivesse carinho, amor, né? Porque uma família que só ama a si própria e não compreende. Quando precisei deles, todos viraram as costas. E assim fui crescendo nessa mágoa.” (...) “Quando falo da minha família é meu pai, minha mãe, meu filho, que são mais próximos de mim. Me importo com quem se importa comigo. Os outros ficaram só as mágoas. Como eles não se importaram comigo não me importo com eles também.” (...) “Mas um dia quando eu ficar famosa, a família vai querer estar junto, como a família perfeita.”³⁵

Espontaneamente, após a conversa sobre sua família, Alice diz: “minha mãe já foi traficante! Quem gostaria de ter uma mãe drogada? Traficante ainda ia, né? Ter as coisas boas de quem mexe com crime até vai, mas eu que quero sair...É muito ruim ter uma mãe traficante, ter um monte de drogas na sua casa, sua mãe com aquele bando de homem, falando aquelas coisas. É maneiro e ao mesmo tempo estranho.” (...) Não sei se quero ter uma família perfeita. Mas...porque nunca tive isso, poxa! Minha mãe, meu pai, meus irmãos, tipo, todo mundo unido ali. Não...ou eu almoçava na casa da minha mãe ou na casa do meu pai. A família do meu pai totalmente diferente da família da minha mãe. Todo mundo meio dia ali almoçando, no domingo, final de semana, churrasco, tem que está todo mundo ali. A família toda tem que está presente. É essa família assim desse naipe, a do meu pai. A família da minha mãe não, é tudo bagunçado. Lá é só minha mãe, minha irmã e meu filho. Cadê minha irmã? 'Ah, sei não, tá pra rua'...e meu irmão? 'Ixi, tem dois dias que não chega em casa'. E minha mãe, tá ou vendendo droga, ou noiada. Tinha que ficar perto pra não deixar ela piorar. Uma bagunça assim! Acabava me drogando também e fazendo besteira”

Alice se queixa também de ter sido abandonada pela mãe na situação em que se encontra. “Esperava que ela estivesse junto, era do crime também, mas deixou a desejar, tudo bem! ”. (...) “Quando vim presa, acusada de matar minha mulher, ela não acreditou muito em mim assim, isso machuca bastante, entendeu?” (...) “Elas vinham de vez em quando me visitar, já falei, né? Era muito problema, assim, eu ficava com a minha cabeça perturbada, fazia

³⁵Alice era uma MC de funk conhecida na penitenciária e que sonhava com a possibilidade de desenvolver seu talento profissionalmente.

besteira, ficava revoltada com as coisa que tava acontecendo lá fora e eu não podia fazer nada e fazia besteira aqui dentro. ” Esses impasses e o envolvimento cada vez mais intenso da mãe com o crack foram motivos para que Alice e a mãe se desentendessem e ela rompesse com a família pedindo que não a visitassem mais e, atualmente, Alice é uma das internas que não recebe nenhuma visita.

Relacionamentos

“Bom, já me relacionei com pessoas muito bacanas, totalmente diferente do que eu vivi. Tive várias experiências legais. Sempre fui tranquila nos meus relacionamentos, tanto eu como as pessoas sempre passamo uma transparência muito grande assim, nunca tive esse problema. Até porque eu sempre gostei de escolher assim, na relação. Eu nunca entrei, assim, de cara, né? É...por causa de uma relação que eu estou aqui, né? Uma vez aconteceu isso, isso serviu pra eu ter mais maturidade. A última, antes de eu vim pra cá, não foi uma boa escolha não”.

“Meu pai era tranquilo pra isso, nós era muito amigo! ”. (...) “O que me afastou da minha família foi isso também, foi essa falta de apoio, foi tudo, foi um conjunto. ” (...) “eles não aceitavam minha opção como meu pai...eu era um pouco assim diferente de todo mundo assim, porque eu já falei pra você, né? Eu pareço com minha mãe. Meu pai era muito diferente era loiro, cabelos grisalho nós saía e fazia sucesso...minha mãe é bem morena assim, bem escura e eu sou a cara da minha mãe. Acho que a família da minha mãe implicava porque não gostava da minha mãe. Ela sofria com isso, eu não tô nem aí” (...) “Acho que não tem racismo assim comigo não, eu tô sempre tranquilão com minhas namorada, todo mundo gosta de mim” (...) “minha família é porque eles não quiseram me apoia mesmo, não sei se tem a ver com minha mãe não, acho que não...sei lá! ”

“Se relacionar com uma mulher é muito bacana! Depende da mulher, sabia? Eu e minha mulher somos muito amigas, a gente compartilha tudo, se ela tiver com problemas eu tô lá o tempo inteiro pra ajudar ela e virse versa. Muito carinho, respeito acima de tudo, a gente tem muito respeito uma pela outra, não existe esse negócio de traição, a gente faz o possível para completar uma a outra. E eu sou muito tranquilo, sou carinhoso, sou prestativo. Acho assim, que as mulher que eu tenho me envolvido nenhuma tem reclamado, porque eu sou muito atencioso e eu faço de tudo pra deixar a pessoa bem, porque é aquele negócio, a minha mulher mesmo passou oito anos vivendo com um cara, sofreu muito na relação dela. Ele batia muito,

tratava mal, traía ela, então tipo, quando ela se envolveu comigo eu pensei o que? Poxa, ela tá tendo uma nova experiência, as vezes, assim, de vez em quando um pouquinho de ignorância, mas eu sempre colocava isso na minha cabeça, eu tenho que tratar ela sempre bem porque ela já passou por uma fase muito difícil na vida dela com um homem, então, como ela está comigo eu tenho que passar uma segurança pra ela, tenho que tratar ela bem, tenho que mostrar pra ela que nós também temos nossas qualidades, posso tratar ela do jeito que ela quiser. É... o relacionamento entre duas mulheres, é o companheirismo, a amizade, o carinho, é tá presente todas as horas que precisar.”

“Tem muito ciúme também, acho que o relacionamento entre duas mulheres tem muito ciúme e o ciúme é muito possessivo. Gera briga, porque aqui é um lugar que só tem mulher e todo mundo fica mandando cartinha, beozinho e elas fica com muito ciúme. Rola muita briga também, porque tem muita mulher que não respeita a outra assim. Aqui, algumas mulheres se cortam pra chamar atenção da parceira, se dopam, perdem a vontade de viver. Eu sempre tomo muito cuidado com isso. Tem muitas mulheres que ficam só pra ver a pessoa apaixonada e depois largar. Tem muita mulher canalha igual homem, sabia? Que fica só pra ver o mal. Alguns relacionamentos aqui dá muita briga, eu, por exemplo, quando gosto muito eu sou bem possessivo, tem mulher que não deixa em paz.”

Pergunto como ela lida com os términos, os finais e ela me responde descrevendo como foi o término de um de seus relacionamentos “A gente era muito unida e de repente ela foi se afastando, aí eu fui achando estranho. Eu pensava que era comigo e aí fiz de tudo pra agradar e nada tava resolvendo aí foi onde eu descobri que ela tava me traindo e a minha reação foi...eu vou matar ela, mas eu não tive reação pra nada e só perguntei pra ela, porque ela tinha feito isso? Será que era porque eu era muito prestativo, carinhoso que estava a tanto tempo do lado dela? Mas acho que não era nada não, tem gente que é assim mesmo, não presta, pode ser o melhor homem, mulher, será que eu tenho que mudar meu jeito? Tenho que ser mais ignorante? Ela me traiu com uma mulher. ” (...) “Até se ela tivesse me traído com um homem eu aceitaria mais. Eu era menor e não podia está em todo lugar onde ela estava e aí acabou rolando. ”

Peço, então para conversarmos sobre um relacionamento, especificamente, e a deixo à vontade para escolher algum que tenha sido significativo. Ela escolhe o relacionamento anterior ao que ela estava vivendo no momento e diz que foi uma relação que começou e terminou na penitenciária. Foi longo e ela se envolveu muito.

“Eu me interessei por ela primeiro, eu gosto de desafio. Ela só tinha tido relação com homem e não queria se envolver com mulher. Eu tava muito mal, depressiva, dopada porque tinha recebido a notícia que ia ficar muitos anos presa e porque minha ex-mulher tinha morrido

e eu tinha sido acusado de matar ela. Ela também tava mal, porque tinha acabado de entrar e nós ficou consolando uma a outra, mas ela dizia que não tinha coragem de se relacionar com mulher, que nós era só amigas, mas aí eu fui chegando, a gente foi ficando mais amiga, até que um dia eu perguntei pra ela se ela não tinha coragem e ela ficou assim, assim...e eu fui chegando, cuidando dela...ela tinha muito medo de se envolver com mulher e a família abandonar ela aqui dentro, mas aí eu disse pra ela que se isso acontecesse eu ia cuidar dela, ia preencher todo o vazio dela e a gente foi ficando mais unida até que um dia nós ficou junta e ficamos junta durante cinco ano.” (...) “Nós ficava muito junta, o tempo todo eu ficava só com ela, puxava a visita junta, até pra ir no médico a gente ia juntas” (...). A família dela desconfiou, mas nós nunca tivemos coragem de contar, eles gostava tanto de mim, me tratava como filho, aí eu ficava mal porque o que eu não gosto é de mentira”.

Quando ela veio pro externo³⁶ eu sofri muito, sofri tanto que entrei em depressão, porque me separaram dela. Aí eu cheguei na doutora (diretora do presídio) e falei: por favor doutora, me autoriza fazer uma visita pra minha mulher, a senhora sabe que eu sou uma interna de bom comportamento, e se a senhora me autorizar aí que eu vou ser mesmo... ela me autorizou três vezes”. Pra mim, ela vai ser sempre minha mulher, eu posso arrumar quem for aqui dentro, mas enquanto eu tiver aqui, ela vai ser minha mulher” (...) “ela saiu tem seis meses. Todos os policiais diziam que nós era um casal perfeito. ”

Teve uma traição, porque nem tudo é perfeito, mas foi depois que ela veio pro externo e voltou pra lá, porque quando ela tava comigo, que eu tava com ela o tempo todo, nada disso aconteceu. ” Quem traiu? “Nós duas. Foi, nós duas”. (...) “Ela disse que ficou com alguém depois que ficou sabendo da minha traição, mas eu acredito que não, porque ela tinha ido pro mundão, tinha opções lá, tava pensando em outras coisa e eu não, não queria saber de ninguém, só tinha saudade! ” (...) “E ela me traiu com um homem, acha que foi fácil?! Eu cobre dela e ela ainda desconfiava que tava grávida, fez exame e tudo. Eu fiquei com ódio! Como ia ficar minha reputação? ” Isso é uma dor pra ela. “A gente passava e os policiais falava: ‘aê Alice, vai ser papai, hein?! Humilhação! Eu falava pra ela: ‘tô com ódio, tô passando tudo isso por sua causa! ’ Todo mundo sabia, a fofoca aqui rola solta”. Alice diz sentir-se enganada pela namorada: “Dei todo o carinho, cuidei dela, ela chegou a dizer que queria ter me conhecido antes, que se ela soubesse, nunca se envolveria com homens e depois se envolveu e ainda com um malandro”.

³⁶O “externo” é quando a interna passa a fazer trabalho fora do espaço da penitenciária. Geralmente, elas saem durante o dia e voltam à noite para pernoitar no presídio. Como é uma mudança de regime, do fechado para o semi-aberto, as internas que passam a essa condição são separadas das internas do regime fechado.

“Me senti traída, mas eu queria atingir ela, aí além de trair ela com uma pessoa que ela odiava, uma vez eu consegui pegar uma carta que ele mandou pra ela todo meloso, dizendo que nunca ia abandonar ela e se ela tivesse grávida ia cuidar dela. Aí eu dei um jeito de mandar uma carta de volta pra ele. Ele sabia de mim, procurava saber como eu era e diziam que eu parecia um homem, aí ele ficava doido, mas consegui mandar a carta pra ele e falei pra ele esquecer ela, que com ela, ele não ia ficar, eu queria atingir os dois e consegui, porque ela acabou voltando e caiu bem na minha cela de novo e eu consegui falar tudo pra ela” (...) “Foi tipo bala trocada” (...) “Às vezes eu ficava pensando umas coisas ruim assim, mas acabou que essas coisa que eu fiz dói mais que agredir, né? Apesar de que eu sou pavio curto, não fiz nada, mas ficou na minha mente! Por gostar muito não fiz. Falei muito, as vezes é pior, né? ”.

Ela foi embora, faz seis meses e aí eu fiquei com outras meninas, mas nada sério até que eu fiquei com essa que eu tô agora, mas às vezes a gente tá tão de boa que eu falo pra mim assim: não, eu não posso gostar! Depois ela vai embora, ou acaba, acontece alguma coisa. Olha só que loucura!? Não, eu não posso gostar, porque eu não quero sofrer, já sofri demais e se eu tivesse gostando, eu não ia falar.

Peço pra falarmos um pouco do casamento que ela teve lá fora... “Nóis ficou junto uns cinco anos também, no começo a gente morava na casa da minha mãe e depois fomo morar junto sozinha. Eu fui a primeira mulher que ela ficou. ” (...) Eu gosto disso, porque acho que gosto mais de ensinar, né? Depois você é sempre lembrada por ser a primeira. ” (...) “Tinha muita amizade, parceria no casamento. Não tinha esse negócio de cobrar, tudo era dividido. Depois começou a entrar em crise e por isso entrei mais no crime. ”

“Ela me traiu com um cara, dá uma raiva, a gente fica meio perturbada, acho que por isso que eu fico meio arredia com as mulher assim, quando eu vejo que eu tô gostando, eu fico me prendendo, me controlando. O difícil é a traição. Porque não fala antes, é sincera? Acho que eu não mereço chifre não. Ah, mas acho que a pessoa é que é safada mesmo, me subestimou” (...)“Ela também era muito danada: “queria ser mais do que eu, assim, na questão do crime. Eu falava: não pode ser assim...já basta eu...você tem que ser mais tranquila e eu não aceitava que ela usasse droga também. Queria sair das drogas, mas ela não ajudava. Ela era incontrolável! ”

“Quando eu vim a primeira vez pra cá, eu vim com ela. Ela era muito bonita e ficava um monte de bicudo³⁷ dando em cima dela e ela ficava dando conversa. ” Alice conta ter pedido

³⁷Bicudo são mulheres com performance masculina. É uma denominação que ela atribuída à foi utilizado sempre em caráter de rivalidade. O termo entendida, ela usa ao referir-se a ela mesma e a todas as mulheres que se relacionam com outras mulheres independente da performance, mas quando refere-se à outra mulher com performance masculina num contexto de disputa a nomeação é bicudo.

para que ela parasse para não comprometer sua reputação, mas ela não parava, então pediu ao advogado que tirasse a namorada que Alice assumiria a culpa do que as duas estavam sendo acusadas, porque senão ela ia acabar fazendo uma besteira lá dentro. Conseguiram sair logo e juntas, numa sexta pela manhã. Não vou contar em detalhes, mas Alice se diz magoada por ter sido acusada injustamente de ser responsável pela morte da companheira, o que ela diz não ser verdade. Se diz muito magoada com a mãe, por ela não ter acreditado muito nela.

“Quando eu cheguei na cadeia, eles estavam sabendo do que tinha acontecido me encheram de remédio. Quando saiu a sentença que eu soube que ia ficar mais de dez anos, eu tive vontade de me matar, enlouqueci, aí me deram mais remédio.

Sobre ela e as reações auto-punitivas

Como reage a situações dolorosas? “tem várias formas” Já foi agressiva? “Já, pensei algumas vezes, mas quando isso acontece eu oro pra Deus, assim pra tirar isso da minha cabeça.” (...) “Não tomo remédio quando estou mal não, mas já me cortei, mais por causa da família mesmo” (...) “...Mas eu tive uma fase muito difícil, fui muito rebelde aqui dentro, me cortei várias vezes, sei lá era falta de amor próprio. Não era pra chamar atenção. Fiz em um momento de depressão, que tinha muito problema assim com a minha família e eu acabei que eu fiquei trancada sozinha meses, meses. Eu tava no P zero que é um lugar em que você fica muito tempo, mais tempo que o isolamento. Eu fiquei três meses lá sozinha. Mexeu muito com meu psicológico, seu raciocínio fica muito lento, sabe? Você só pensa em coisas ruins”.

“Outra vez, eu tinha brigado com uma menina e a polícia me levou pra o isolamento, pra puxar dez dias aí pegou e me separou da minha mulher e me colocou em outro bloco. Se todo mundo puxava no bloco três o castigo, eles me colocaram em outro bloco só pra implicar comigo. Eu tive uma fase muito difícil aqui, eu fui muito perseguida, já tive umas desavenças com algumas policial, aí tipo eles pra me provocar logo, pra mexer logo na minha ferida, era pra mim ficar 10 dias e fiquei foi 30 dias sem ter contato com ninguém, nem com visita, aí eu já tava com problema lá fora com minha família, sem saber notícia, aí eu peguei e me cortei todinha. Tipo assim, foi mais por esse motivo, mas não porque eu briguei com a minha mulher, aí vou me cortar porque você não me quer mais...foi por esse motivo, porque eles fizeram isso comigo e aí tipo teve processo porque depois que consegui mandar uma carta, minha família veio eu contei tudo, eu toda cortada, aí elas foram no Juiz...”

Sobre seu corpo, desejos, como se vê...

“Bom,...eu me relacionei com mulher eu tinha doze anos, então a minha vida todinha foi com mulheres. Tive uma curiosidade uma vez de ficar com homem, mas não gostei. Fiquei uma vez. Eu tinha vontade, assim, de ter um filho. É uma parte em que eu mais...em que eu falava assim: 'não, essa aí eu não posso passar batido, eu quero ter um filho' Mas pra mim, sempre foi com mulher mesmo. ”

“Eu sempre me senti bem com o estilo masculino...acho que...eu sei que isso não influencia muito assim, não muda...porque meu pai sempre falava assim pra mim: pra você gostar de mulher, você não precisa cortar cabelo, você não precisa mudar seu modo de vestir, de agir... você tem que ser do jeito que você é! Mas desde pequena que meu estilo sempre foi esse, eu sempre gostei, nunca quis mudar meu estilo, mais feminino, eu sempre fui assim meio machista mesmo. ”

“Acho que se eu vestisse uma roupa de mulher, me sentiria estranha demais”. Perguntei sobre o se considerar e se tratar no masculino e ela: “às vezes eu levo um pouco pra o masculino, o jeito de falar, gírias tudo³⁸. Tenta se justificar, “Aos poucos eu estou me corrigindo, me acostumando”. Menciona uma colega, da penitenciária, que sempre fala para ela: ‘Alice, você é menina, põe na sua cabeça que você é menina, você parece com homem, tem jeito de homem, mas tem a alma feminina’ e eu: ‘tá bom, vou aprender a falar mais igual menina’”

E você, acha que possui uma alma feminina? “Não, não acho. Elas tentam colocar na minha cabeça, mas não encaixa, na hora eu aceito pra não deixar elas chateadas, mas depois... Eu não acho que tenho uma alma feminina, eu sou muito machista pra algumas coisas, sei lá, algumas coisas eu não aceito. ” Que diferença vê entre as meninas mais femininas e mais masculinas? “Se eu olhar uma menina masculina como eu e uma feminina, não vou nem olhar para a mais masculina, se ela chegar eu vou dizer não, não faz meu estilo. ”

“Não, não queria mudar nada em mim não...talvez o nariz, parece uma batata e o seio, que eu acho ele muito grande. ” “Não sei se eu queria tirar meus seios não...uma época, eu quis, mas agora acho que não tem nada a ver não...acho que tô menos machista”

Como foi essa experiência de ficar com homem e que você diz não ter gostado? Foi uma relação? Um momento? “Foi só um momento. Eu estava em um relacionamento com uma

³⁸Alice referia a si mesma com pronomes de tratamento e flexões no masculino e é constantemente pressionada dentro da penitenciária para abandonar isso. Ao fazer isso, Alice subverte os enunciados e padrões sociais, vive a tensão disso e lida com autonomia e cuidado em suas relações a partir dessa postura. Todo esse processo colabora na constituição de sua subjetividade. .

mulher e ela me traiu. Fiquei muito revoltada e quis ter uma outra experiência pra saber se realmente era isso mesmo que eu queria, entendeu? Combinei com um amigo meu e fiquei com ele, mas não gostei e vi que não era isso que eu queria. Por mais que minha família no começo não queria aceitar, a família do meu pai não queria me aceitar”...

Alice diz que antes se via como menino, mas agora se vê de uma forma bem resolvida e fica com mulher. “Desde pequena eu me via assim! Não sei não, me sinto muito confusa. Me sinto bem vestindo assim, isso não muda não, mas em me colocar no masculino estou tentando”. Diz que se sente confusa, porque as vezes não acha legal e relata uma situação que considera negativa. Diz que numa visita, havia uma criança pequena, parente de uma amiga que falava com ela como se fosse um homem e quando disseram que ela era mulher, a criança não acreditou, não aceitou. Alice considera que confundiu a cabeça da criança e “isso não é bom! ”

Alice relata também vários episódios em que a polícia reafirma esse seu lugar de masculinidade ou com comentários enfatizando como ela parece um homem. Com relação a isso me lembro, inclusive, do comentário de um policial que, diante de um grupo de internas realizando um trabalho próximo ao prédio em que eu realizava a pesquisa, me chamou e fez o seguinte comentário: “não quer fazer entrevista com aquela ali não? Ela até coça o saco...deve ter um maior que o meu (risos) ”. Alice conta sobre os comentários com certo orgulho e insinua que o que a denuncia “É o que eu tenho a mais, meus seios”. Menciona também momentos em que foi tratada com mais agressividade por conta de sua performance masculina³⁹ e um episódio em que foi tentar falar com uma das policiais para tentar uma vaga no trabalho com costura, porque queria remir o tempo de pena e ganhar um dinheiro. O que ela ouviu foi: “Você nunca vai trabalhar aqui Alice, quando aqui tiver uma fábrica de sapatos, você pode vir conversar comigo, mas pra costurar não, pra mim você não serve! ”

Conto a ela sobre uma experiência que vivi, em que uma das minhas parceiras no trabalho estava entre amigos e eu a acompanhava. Passei um longo período ouvindo piadas e uma série de comentários humilhantes e violentos sobre algumas mulheres e ela diz que isso é comum. Pergunto então: se fosse ela no meu lugar, ela se sentiria ofendida? Se sentiria mais próxima de quem? “Do lado deles! Defendo uma área das mulheres, não gosto deles falarem mal das mulheres, mas eu me sinto mais chateada quando fala deles, a gente também fala mal das mulheres, mas é diferente. ”

³⁹Duas outras internas que também eram interlocutoras deste trabalho relataram que uma certa vez Alice e Kayla tiveram, cada uma, um de seus braços quebrados por um policial que as agrediu falando: ‘vamos, não diz que é macho? Quero ver se é mesmo.’

Estratégias de lidar com os obstáculos

“Uma coisa que eu aprendi pra não ficar louca aqui dentro e eu falo isso toda vez que alguém chega novo aqui. Toda vez eu dou esse conselho: ‘Enquanto você tiver aqui dentro não ficar pensando no que você deixou lá fora, porque quando você sair daqui nada vai tá mais lá. Dinheiro, carro, vai tá tudo diferente.’ O meu carro, que eu comprei com minha mulher, essa que morreu no assalto, meu tio tá com ele, deu um dinheiro pra minha mãe e ficou pagando o que faltava. Dinheiro meu não deve ter mais nada. Os problema que vem lá de fora, da família pesa muito a cadeia, você fica fazendo besteira aqui dentro e aumentando sua cadeia.” (..) “Falo pra elas: ‘deixa as coisa lá de fora pra viver quando sair daqui’”.

Após seu relato de que teria dado muito problema ao sistema e de que tinha sofrido muito também, no entanto já fazia algum tempo que considerava estar bem e estar em um caminho de conquistas, quis saber: como era isso exatamente? Que estratégias utilizou e que caminho percorreu para viver o que considera conquista? Como lidou com isso?

Após os dois primeiros encontros que tive com ela, tivemos que interromper temporariamente o trabalho, uma espécie de recesso de um mês devido às férias do policial que ficou responsável por viabilizar o desenvolvimento da pesquisa. No retorno, falei primeiro com Alice e ela estava com uma aparência bastante abatida. Começamos a conversar e ela me contou o quanto estava ansiosa pelo meu retorno porque queria me contar sobre o festival anual que é promovido pela instituição, o “*fest art*”. É um concurso que consiste na apresentação de números artísticos pelas internas. Esse relato me parece útil para compreendermos as estratégias de Alice em como lidar com dores e outras questões tanto de ordem emocional, quanto na prática de seus relacionamentos.

Nesse festival, elas formam grupos, se organizam, definem categorias artísticas, ensaiam e apresentam. Há vencedores em cada categoria e segundo fala dela e de outras internas com quem conversei, o festival é um momento bastante aguardado pelas internas e confere ao ambiente mudanças na sua rotina, no humor das mulheres, competição entre elas, e muito envolvimento de todas. Segundo Alice, ela ganhou uma vez o festival na categoria dança e no último festival que estava me descrevendo, concorreu para o canto. O tema daquele ano foi “palhaço” e ela fez um Funk sobre o tema. Passamos grande parte desse encontro conversando sobre isso, as relações que ela estabeleceu lá dentro, como ela lida com questões que a afetam e a desequilibram, como ela mudou a forma de agir em determinadas questões etc, tudo tendo como pano de fundo o festival.

Antes disso, ela faz uma pequena introdução tecendo comentários sobre características do ambiente em que convive. Comenta que a penitenciária não é um lugar em que as pessoas deem muitas oportunidades, sendo mais comum o preconceito, apesar de que, diz Alice: “eu não sofro muito isso, tem muita gente que me ajuda aqui”. Alice fala que a penitenciária não é um lugar que colabore para o fortalecimento da auto-estima delas; ao contrário, seria pródiga em promover situações de humilhação. Ela trabalha na costura e diz ter um projeto em que faz corações com a finalidade de doação. Fala disso com muita animação e acrescenta que gostaria de poder fazer a entrega deles pessoalmente um dia: “Tenho fé que vou conseguir chegar lá”. “As pessoas lá fora vêem a gente aqui como bichos, mas não é verdade, tem muita gente bacana aqui.”

O lugar onde Alice trabalha e o seu barraco - a cela onde reside - constituem locais de privilégio. Nem todas conseguem vaga na FUNAP – Fundo de Amparo ao Trabalhador Preso e ainda para trabalhar na costura dentro da penitenciária. É um local, segundo ela, bom para conseguir remissão de pena e, além disso, é remunerada por parte do que é produzido e comercializado. Quem trabalha nesse e em outros locais privilegiados tem direito a ocupar uma ala que de certa forma é mais “confortável”. São quartos com um quantitativo menor de internas e com um espaço de convivência maior, tem água quente e cama para todas. Oficialmente, o benefício do trabalho, que traz consigo outros privilégios, se dá por classificação a partir do bom comportamento da interna⁴⁰.

Nem sempre Alice ocupou esse espaço, não estava no rol nem das internas de bom comportamento, como ela mesma afirmou: “já dei muito problema pro sistema, já fui acusada de incitar rebelião de presa contra policial” (...) “Já agredi, mas já fui muito agredida também” e pertencia ao grupo que se relacionava com mulheres, além do perfil masculino incontestável. Mas em um determinado momento sua vida deu uma volta e isso, segundo ela, gerava um sentimento de inveja em outras internas e insinuações sutis, não verbais, de comportamento suspeito. Quanto a isso, Alice diz que “eu sou muito na malandragem...todo mundo interpreta

⁴⁰Na prática existem vários elementos que atravessam esse critério de forma mascarada. Quando estava nos intervalos entre uma entrevista e outra, às vezes conversava com funcionárias/os, policiais, agentes etc. Em uma das conversas, o relato de um policial após saber do meu recorte de pesquisa foi bem direto nas nuances que atravessam os critérios oficiais da instituição. Ele me relatou um caso que aconteceu quando era responsável pela classificação das presas. E síntese, a história era a seguinte: deu entrada na penitenciária uma mulher que era conhecida sua, esposa de um amigo, ficou sensibilizado e tocado com sua situação então quis ajuda-la classificando-a para que trabalhasse na cantina do presídio. Algum tempo depois em que essa mulher começara a trabalhar, descobriram que ela havia iniciado um relacionamento com outra mulher na cela. Ele diz que ficou confuso e chateado, mas não podia fazer nada, no entanto, sofreu muita pressão dos colegas para que a desclassificasse mediante sua nova realidade de envolvimento afetivo. Ele relata ter sofrido muito assédio moral que só cessou quando ele disse que a desclassificaria, mas redigiria um documento dizendo que o motivo era o seu recente envolvimento com uma mulher e que os policiais assinariam o relato.

como quer” (...) “Aqui tem muita inveja e isso atrapalha muito, por isso me fecho muito, não me abro com todo mundo, hoje eu sei disso, mas antes não sabia. ”

“Eu bati a cabeça várias vezes, tem seis anos que eu tô aqui. Eu sei tudo desse lugar, então, as pessoas só de olhar eu sei o que eu posso falar com cada uma, ou por que conheço ou vejo o jeito e vou identificando. Então, eu converso com todo mundo, algumas me acham metida, exibida, mas eu não ligo não, vou vivendo minha vida e depois elas na convivência tira as conclusões delas, mas sou reservada também. Sei me sair e entrar de qualquer lugar, se eu tô no meio das polícia, eu procuro não falar maloqueragem, mas se tô junto com as internas no pátio, por exemplo, eu já procuro falar que nem elas. ”

Pergunto a ela o que acha que aconteceu pra que ela mudasse tanto sua vida? “Ah...não sei, acho que eu tava cansada e fui vendo que eu só tava me prejudicando, aumentando minha cadeia. Não ia sair daqui nunca e eu preciso sair daqui, não aguento mais...mas antes eu não pensava assim, queria só agredir e não me importava de ser agredida. Tava louca com minha família, xingava, arrumava confusão, ficava um monte de dias no isolamento e voltava mais doida ainda. Minha família tinha me abandonado, quando minha mãe e minha irmã vinha, só problema...aí falei pra elas que era pra elas cuidar da vida delas, que não precisava mais vim aqui não e aí...fiquei sozinha, não acreditava muito que ninguém ia me ajudar não...fui me conformando, não sei, fui conversando com as pessoa...Antes eu era muito fechada...acho que...fui conquistando, conquistando as coisa. ”

Voltamos ao festival. “No *'fest art'* chegaram pra mim e disseram: ‘ah Alice, esse *'fest art'* você não vai ganhar, porque quem vai ganhar sou eu’ aí eu: ‘pode crer, e eu quero que você ganha mesmo, porque todos tem direito de conquistar o seu espaço, eu conquistei o meu e você pode conquistar o seu e saí de lá. ” (...) “Depois disso eu fiquei quatro dias de febre. Todo mundo ensaiando no pátio, cantando suas música e eu recuada, na minha, porque eu não queria mostrar meu trabalho e elas perguntando porque eu não ensaiava e eu disse que não precisava não. ” (...) “Eu ensaiava na minha ala. ” (...) Depois de um tempo fiquei estressada com elas falando o tempo todo e falava: ‘aí para com isso!’ Dava uma coisa ruim assim e eu ficava: ‘ai como eu vou fazer com isso?!’ Aí eu falava com Deus pedindo controle, sabedoria, pra eu não fazer besteira, porque tem hora que passa assim do limite e eu saio da Alice tranquila e vem a Alice da massa carcerária e fico pensando que não posso dar um surto, porque eu venho conquistando minhas coisas aos poucos, não posso botar tudo a perder por nada...aí eu fico na minha”.

“Depois que eu conversei com essa menina, quando eu saí de lá, eu saí normal, na hora não senti nada, só disse: ‘ai, ai, cada coisa’, mas depois eu desanimei, não quis mais me

inscrever no festival, disse que era melhor mesmo deixar pra outras pessoas e aí uma amiga minha disse: ‘você vai desistir, logo você Alice! Não tô te reconhecendo’. Depois pensei um pouco e fui lá e fiz minha inscrição. Foi muito difícil. Lá também teve muitos obstáculos, elas estavam toda produzida e a gente não pode se arrumar e elas falaram: ‘sente o naipe, olha a produção’ aí eu falei: ‘se for pra ganhar a gente ganha até de mendigo’. Aí eu não sei o que aconteceu, mas me deu uma força que eu cantei, dancei e fiz a base com a boca, porque a gente não tinha base eletrônica e foi muito bom”

“Essas coisas assim ficam comigo porque quando as coisa não tão dando certo eu fico me sentindo muito sozinha, dá um desânimo, vontade de desistir, nada dá certo e lembrar da conquista me dá força pra continuar. Eu penso: ‘não posso morrer na praia, já cheguei até aqui...mas tem hora que dá muita vontade de desistir...”

“Tinha um jornalzinho aqui e eu dava muito trabalho, vivia no isolamento, e ele (o responsável pelo jornal) era o único que me achava gente boa. Pra polícia, ele era doido, pra me achar tranquila. Aí ele falou: 'Alice é uma interna tranquila e tem uma cadeia muito alta, acho que vou dar uma oportunidade pra ela trabalhar no jornal', todo mundo: ‘tá doido!’ Eu já tinha conversado com ele e tinha contado do tamanho da minha cadeia e ele perguntou se eu não queria remissão e eu disse que nunca ninguém tinha me dado oportunidade, só recebo não, só vou pro isolamento e cada vez fico mais perturbado. Aí eu rodei com uma droga, assumi uma droga que foi encontrada nas minhas coisa. Quando eu subi me disseram: 'Alice, você foi classificada pro jornal' e eu falei: 'para, claro que não!' E as pessoas: 'o que Alice fez pra ser classificada?' Aí ele disse: 'Não, eu escolhi você porque você tem uma cadeia muito alta e você disse que o problema é que não tinha oportunidade. Quero ver se é isso mesmo...Posso te dar um voto de confiança?' e eu disse: 'pode, eu dou minha palavra que não vou dar trabalho'. Eu fazia tudo direitinho, aprendi altas coisa e depois disso fiz vários cursos, de massagem, de violão, de garçom, de um monte de coisa e as menina ficava tirando sarro e eu não tava nem aí, sabe? Tava mudando um pouco meu jeito machista de ser.

Até que consegui vim pra onde eu tô hoje. Era meu sonho, mas quando fui falar com a ex-chefe de lá ela disse que eu nunca ia trabalhar lá, quando lá fosse uma fábrica de sapato, ela me classificava, porque ‘é uma fábrica de costura e pra mim você não serve!’ Agora tem outra menina lá do meu jeito, mas durante muito tempo era só eu lá assim. Eu fiquei muito mal, chorei, rezei muito. Aí passou um mês ela me classificou. Eu não sabia fazer nada realmente, mas eu aprendi tudo e ainda fiz outras coisa que ela não acreditava que eu ia dar conta de fazer.”

“Aí um dia a Doutora falou: ‘Alice é uma interna que eu não dava nada por ela e hoje ela tá de parabéns’, dando meu exemplo pra outras, sabe?’ (...) “Eu tento não ficar pensando

nas coisa ruim que eu passei, não dá pra esquecer, mas eu tento não ficar pensando muito e também acho que eu aprendi muito com as coisa ruim que eu passei, não sei como explicar isso. Quando lembro das coisa ruim, eu penso: ‘não pretendo mais fazer as coisa que eu fiz, mas eu não me arrependo assim, sabe? Algumas coisas me deixam envergonhada. Não me arrependo assim, porque eu acho que isso fez parte pra eu ser quem eu sou hoje. A punição também fez parte. Eu causei tudo isso, tinha que ser punida mesmo, mas as vezes, o jeito que eu fui punida, injustamente, levei muito de graça sem tá fazendo nada.’”

“No meu trabalho, por exemplo, levei uma ocorrência uma época, porque meu nariz tava sangrando e eu tava na fila, no sol, pra subir, aí eu saí do sol pra ir pra sombra e fui perto do portãozinho e aí quando a polícia foi abrir o portão, eu tava lá, aí ela me pegou e ia me levar pra o isolamento e nisso eu já tinha conquistado um monte de coisa, aí eu falei: ‘eu vou pra o isolamento porque eu tava com o nariz sangrando e saí do sol pra ir pra sombra, esse é o motivo de eu ir pro isolamento?’ E ela: ‘não, você vai pro isolamento porque você tá aqui pra pegar nós de refém!’ Aí eu falei: ‘logo eu, interna de três anos de bom comportamento ia fazer isso e porque logo com a senhora que nunca me fez nada?’ Eu desci pro isolamento, não conseguia falar nada, aí pensei: ‘mas, eu não posso deixar a situação como tava, aí comecei a pensar no que eu podia fazer’, aí pensei: ‘vou me jogar e quebrar meu pé, subi no telhado e quebrei o pé.’ Aí fui pro hospital e quando voltei que chorei e falei tudo. Aproveitei que a doutora tava com visitante e aí falei um monte de coisa bonita, falei pra ela o que tinha acontecido, que tava saindo do sol porque o nariz tava sangrando e: ‘eu sei que tive minha parcela de culpa, porque eu devia ter comunicado antes pra polícia, mas acho que não chega ao ponto de perder tudo’ e ela: ‘não, Alice, você vai ficar um mês na ala, porque não pode andar, mas quando terminar tudo a gente volta a conversar.’”

“Se fosse antes eu ia dizer: ‘ah, eu vou pro isolamento, então tá, demorou, e já ia xingar elas, ia quebrar tudo no isolamento, ia dar trabalho e elas iam ficar louca comigo lá embaixo, ia me cortar ou agredir uma delas...porque a Alice de antes era assim agredia e era agredida, mas foi como se passasse um filme na minha cabeça e pensei: ‘meu Deus, perdi tudo, tudo que eu conquistei até hoje, sair de onde eu tava pra ir pra uma cela de 40 mulheres por causa de uma besteira, de um vacilo, não agredi ninguém, não furei ninguém, só porque saí do sol pra ir pra sombra, eu fiquei totalmente...saí de mim, chorei muito, me deu pânico, fobia, vontade de morrer, um desânimo e falei que elas não podiam fazer isso comigo e elas falaram: ‘é mesmo, né? Não é justo Alice perder a remissão dela depois de tanto tempo com bom comportamento, vai ficar no castigo e depois volta pro trabalho’. Aí falei: ‘assim é justo, tudo bem’. Justo nada! mas falei isso pra melhorar a situação.’ (...) “E as polícia conversaram muito comigo, as que

gostam de mim e falavam: ‘Alice, pare com isso, já que está falando que tá conquistando tanta coisa, fica calma.’”

“Às vezes algumas internas da massa carcerária interpretam mal isso, mas aí me afasto dos comentários, não ligo não. Antes eu me isolava muito, vivia muito desanimada, hoje eu comprimento todo mundo, mas tem as pessoas que eu fico mais próxima e outras eu sei que me faz mal, hoje eu consigo ver isso. ”

“Eu tento fazer aqui como se eu tivesse em qualquer lugar, tento aprender aqui pra levar lá pra fora, e tenho muitos projetos, muita coisa que quero fazer lá fora e tipo assim, eu fico aqui só estudando o que eu quero e depois falam: ‘ah, você não pode fazer plano’. Claro que eu tenho que fazer plano, tenho tempo aqui pra elaborar o que eu quero. Quero sair daqui envolvida com as coisa que eu quero. Oh, tem um ano que eu parei de fumar, um monte de gente fumando em cima de mim. Sou de querer muito e lutar e consegui e não sou de contar vantagem antes da hora. Quando acontece é que eu falo. Eu sei que quando saí vou passar muita dificuldade, mas mais dificuldade passei aqui dentro e lá é mais outro aprendizado. ”

Pergunto como ela faz pra lidar com algumas dificuldades, crises emocionais, e autoconfiança abalada ao que Alice responde: “quando eu tô num lugar assim pesado, eu caio” (...) “Mas a gente tem que se levantar né? Sair e erguer a cabeça e sempre foco muito nisso: nada acabou aqui! Sempre que caio, penso: 'poxa, caí, tô fraca, não tô conseguindo me levantar, não posso desistir, mas eu preciso e Deus vai me ajudar. Eu sou muito religiosa assim, eu converso muito com Deus, ele é meu pai, amigão, eu converso muito com ele. O que me dá força, assim, em primeiro lugar é Deus e minha força de vontade né? Conta muito. Tento tá fazendo um pouco de tudo aqui. Todos os dias eu converso com ele quando eu acordo, quando eu quero alguma coisa assim, pra não ficar só naquele lugar ali pesando minha cadeia, porque aqui a gente fica só parada, assim, naturalmente já cai. É como se a vida tivesse parada! Aqui a gente consegue arrumar força não sei de onde, mas a gente consegue. Não deixa se abater não. Se não tiver força, você se destrói rapidinho. Lembra da menina que eu falei que morreu, que ficou com depressão. Ela não teve força e também não teve ninguém pra ficar do lado dela. Isso também conta muito! Porque quando eu caio tem sempre alguém pra ficar do meu lado e me puxar, dando palavra de conforto e de carinho. E aqui tem pessoas ruins e pessoas amigas que vou levar comigo pra sempre, que tá do meu lado, do lado bom e do ruim. ”

“Eu tô sempre com alguém do meu lado, mas é aquele negócio, você está sempre rodeada de gente, mas parece que tem sempre um vazio aqui dentro, parece que tá faltando alguma coisa. Acho que não é só comigo que acontece isso, né? Vejo muitas menina aqui que tem esse sentimento! ” E esse vazio é de que? Querira preenche-lo com quê? "(Respira fundo)

Sinto falta da minha família também. Quando falo que queria puxar sozinho, sem eles, que não quero que eles venham, esse vazio é falta de ter eles um pouco comigo. Quando subo das visitas, as vezes...é difícil acontecer, mas quando acontece, eu caio assim:vruuumm!! Sinistro” (...) “Quando eu fico me sentindo sozinha penso: 'caraca, eu sempre tive alguém do meu lado, a pessoa ali, ou uma amizade, ou um relacionamento, eu sempre busquei isso pra mim. Sou muito manhosa mesmo.’”

Estratégias e a noção de merecimento

Em alguns momentos em que perguntei sobre algumas posturas de enfrentamento dela, bem como sobre a possibilidade dela iniciar um conflito ou de ser punida, a resposta mais usual era: “não, eles não vão fazer isso não, porque eu não mereço isso, sou uma interna de bom comportamento”. Perguntei a ela se achava que isso era o suficiente? Que sempre recebíamos o que merecíamos e ela: “sim, acho que sim. Quando eu preciso de uma coisa, eu digo as coisas que venho fazendo e mereço...” E sempre dá certo? “Acho que sim. (Pensa)...sim” Ninguém nunca nega as coisas pra você? “Já, mas aí eu digo que eu já mudei muito, que faço tudo certo e pergunto se não mereço um voto de confiança? Se eles querem que eu volte a ser a Alice de antes? E na maioria das vezes eu consigo"...(...) "Quando eu não consigo, eu fico pensando: 'será que eu mereço mesmo?' Fico tentando ver o que fiz pra não merecer...” Pergunto a ela o que me diz de injustiças: nunca se sentiu injustiçada? Uma punição injusta parece, pra mim, ser algo que alguém sofre sem “merecer”? “Já...é verdade...não tinha pensado nisso”.

No encontro seguinte, ela chegou falando que havia pensado muito sobre nossa conversa e tinha lembrado do merecimento quando foi abordada por um policial porque havia feito um desenho no cabelo. “Ele me chamou e perguntou: ‘quem fez isso no seu cabelo?’ (...) ‘Fui eu mesma’(...) ‘Você tem gilete?’ (...) ‘Não, eu fiz com veet – um produto de depilação’ (...) ‘Mas como você fez? Você tem espelho?’ (...) ‘Não, eu fiz com CD’ (...) ‘Não faz mais isso Alice, você é interna antiga, sabe as regras e não pode fazer desenho na cabeça’ (...) ‘Eu sei, sei que eu errei, mas eu queria fazer uma homenagem pra uma pessoa que eu gosto muito, mas não vou fazer mais isso’. Aí pensei: 'ah, eu não mereço isso! Será que mereço?' Esse povo fofoqueiro, ficou todo mundo querendo saber se eu tinha gilete, como eu fiz aí foi caguetar pra polícia, aí pensei: 'ah, não mereço isso! Mas aí depois eu pensei: mas é uma regra e ninguém pode fazer e eu não tenho que ser diferente...’”. Em outro momento, voltamos a falar sobre essa situação e

ela diz: ‘eu também não tenho medo de correr alguns riscos, eu já cheguei no fundo do poço. Só procuro não perder as coisas que conquistei, mas corro risco, e se é por alguém que eu gosto, aí eu faço de tudo.’”

Os preconceitos na instituição

No decorrer de nossas conversas, foram aparecendo situações de preconceito. Enfrentamentos que tinham uma tônica específica, sua sexualidade, sua performance, sua cor, alguns narrados por ela, e outros vividos e observados por mim em campo, como já relatado em momentos distintos no corpo do texto desta tese. No entanto, sempre que perguntada diretamente, Alice negou ter sofrido qualquer coisa que pudesse parecer preconceito. Em outros momentos, falava que o lugar era difícil, que tinha muito preconceito, apesar dela não ter sofrido nenhum, porque todos gostam dela, ela é amiga de todo mundo.

Em uma de nossas conversas, falamos sobre a forma como a proposta do trabalho tinha sido recebida, as dificuldades de conseguir chamar, conversar com algumas internas, dificuldade das próprias internas e de algumas/uns funcionárias/os e sugeri uma dificuldade em lidar com os temas que estruturam o trabalho. Ela diz: “é assim mesmo, o que mais tem aqui é isso”. No entanto, na mesma conversa, ela nega que lá tenha preconceito pelos relacionamentos afetivos com mulheres, ou por cor etc. Alice, ficou desconcertada quando pedi que, se ela pudesse, relatasse uma situação em que se sentiu alvo de preconceito, em qualquer momento, em qualquer lugar. Ela demonstrou desconforto. Engasgou a voz e disse o quanto é querida, que não se lembra, mas talvez tenha acontecido e pede: "faz outra pergunta?!"

A DOR DE ALICE

O sofrimento mais evidente de Alice, anunciado por ela e ratificado em diversos momentos de nossos encontros, é o abandono. O tema abandono perpassa toda a sua trajetória, compondo e/ou protagonizando mudanças importantes em sua vida. Em um primeiro momento, após a morte do pai e o abandono da família paterna, Alice, acolhida por uma vizinha e cortando vínculos com os parentes que não a apoiaram, começa a se envolver com drogas. Quando sofre

o segundo abandono, que é sentido pela falta de apoio da mãe – já reconhecida como mãe biológica –, Alice já envolvida com drogas, no crime e “fazendo besteiras”, segundo ela por não conseguir resolver os problemas familiares, é condenada a viver muitos anos em uma penitenciária. A falta de apoio da mãe expressa dentre outras coisas pelo fato desta não ter acreditado em sua versão, acrescida à responsabilização de Alice, como se fosse o homem da casa, Alice, então, passa a viver uma intranquilidade advinda dos constantes relatos que chegam até ela de problemas com a família e com a mãe e da impossibilidade de estar junto a ela protegendo-a como diz que fazia antes. Esse momento é narrado por Alice como um momento de melancolia, “falta de amor próprio”, refletidos em desânimo, falta de vontade de viver e ações que ela caracteriza como ensejando o dar “trabalho ao sistema”, que compreende várias ações contra si e contra outras no interior da instituição, quais sejam, cortes em seu corpo, incitações à rebelião e várias ações de agressividade. Diante disso, ela resolve cortar laços com a família e pede para que não a visitem mais. É seu terceiro e último momento de abandono na narrativa, talvez o mais longo e definitivo, mas dessa vez ela assume o protagonismo dessa mudança e, a partir desse momento, transmutações importantes acontecem em sua forma de relacionar-se, de expressar-se e considerar-se dentro da penitenciária. Alice ressurge, abandona a responsabilidade que outrora havia assumido - não sem dores revividas - de prover e proteger a família e, principalmente a mãe, bem como suspende, ao menos circunstancialmente, a eterna busca de um outro, na família, que possa mitigar a sensação de se estar só que a acompanha e assombra.

O abandono é, portanto, um tema presente em sua vida, quando falamos da instituição prisional, dos relacionamentos, mas principalmente da família, onde em sua memória afetiva estaria materializada e sedimentada essa experiência, de forma primordial, como uma cena originária⁴¹. Cristalizada em feridas emocionais, como por diversas vezes menciona Alice, essa dor emerge de forma potente quando estas feridas e a memória a elas relacionadas são acionadas, provocando diversas reações e emoções relatadas por ela, desde desânimo, melancolia até agressividade e reações impulsivas e de revide. Os sentimentos e as reações a

⁴¹“Somente compreendendo isto podemos reformar a maneira em que o senso comum apreende o que seja ser mulher e ser homem, de forma a poder instituir, nas nossas representações, a capacidade deles de circular pelas posições que a estrutura pressupõe. Essa circulação é, na verdade, um fato corriqueiro em qualquer sociedade, mas é mascarada por uma ideologia que os apresenta como colados, colapsados ("conflated") no que na verdade nada mais e nada menos são que posições e lugares numa estrutura de relações aberta a ser preenchida, e condenados a reproduzir os papéis relativos previstos para eles na "ficção dominante" ou cena originária” (SEGATO, 1998, p.3) (...) “se é verdade que os personagens da cena originária, usualmente a cena familiar, constituem a referência inicial para a apreensão do que as posições relativas e os traços dos gêneros sejam, estes personagens não são mais que representações exemplares, significantes ao final transitórios, numa cadeia de substituições à que o sujeito será exposto ao longo da sua vida.” (SEGATO, 1998, p.11)

partir do registro da dor e, neste caso, do abandono, foram se reorganizando, sendo revividos, reafirmados e estruturados por e em Alice aprisionando-a em uma dinâmica produtora de alguns padrões de pensamentos, emoções, ações e reações limitantes de suas possibilidades e imprimindo caráter naturalizado a tudo isso. A forma como Alice lidou em diversos momentos de sua vida e lida atualmente com essas experiências tanto numa dimensão física, corporal e relacional quanto em suas emoções, sensações e percepções foi se transmutando de forma lenta e instável a partir de algo que ela não consegue definir, mas que ela encara como um imperativo colocado pelas próprias situações dolorosas e pela necessidade de sobreviver a elas.

A complexidade que cerca a sua trajetória familiar aponta para uma possibilidade analítica que transcende as cenas familiares circunstanciais, interagindo com a construção da subjetividade e da percepção dela acerca de si mesma. Como dito anteriormente, é em sua rede de relações e situações familiares que temos contato com o abandono em sua sensação mais intensa, em seu cotidiano reviver e rememorar e em dimensões conscientes.

O pai de Alice é, na trama narrativa em questão, uma figura protetora e estável, que promove apoio constante e incondicional, tendo se “separado” fisicamente dela apenas mediante sua morte. O pai é a presença estável em uma trajetória repleta de instabilidades. É também uma figura idealizada, depurada de qualquer conotação conflituosa. É quem lhe orienta, quem lhe dá apoio material, moral, afetivo; como ela mesmo assinala “era só eu e meu pai”, “meu pai era meu companheiro”, “minha opção é minha opção, não interessa a ninguém. Meu pai aceitou. Se ele aceitou, pronto, pra mim que o restante do mundo não tá dizendo nada pra mim”. Essa constância marca, na sua narrativa, um período que vai até os 14 anos, momento em que, em decorrência da morte do pai, a família não a apoia e ela relata um luto repleto de tristeza, e melancolia, agravado pelo abandono familiar – família paterna. Esse é um momento em que ela considera o fim de sua vida, culpabilizando os familiares e a atitude deles pelo que lhe aconteceu até o momento presente da pesquisa. No entanto, a postura introspectiva, pautada na falta e na perda não é a única reação de Alice, pois há também um corte nas relações familiares que ela descreve ao dizer “fui abandonada e abandonei”. Todo esse contexto de reações envolve e provoca carência, revolta e a necessidade de busca em suprir essa falta como vai narrar quando fala da mãe.

A mãe é uma figura complexa e ocupa posição instável na narrativa de Alice. Em um primeiro instante, ela é, no enredo de Alice, uma ausência constitutiva, a falta ou lacuna primordial, coetânea ao próprio nascimento de Alice. Esta relata em um momento ter se sentido responsável pela morte materna durante um período. A pessoa da mãe vem a ela através do pai, em seu relato de amor e proteção. No entanto, na narrativa de Alice desse fato, a mãe é uma

figura secundária na vida do pai, em detrimento da própria Alice. Como ambiente de perfeito equilíbrio, amor e compreensão a que duas fatalidades puseram fim, a constituição familiar dela é construção sólida, “perfeito” núcleo familiar heteronormativo⁴². Em um segundo instante, após a morte do pai, surge uma figura materna representada pela vizinha que a acolhe mediante sua dor de perda, a ausência do pai, o abandono familiar e a carência afetiva. Alice, então, em sua busca fundamental, qual seja, a de mitigar sua dor e atenuar sua sensação de vazio e abandono é receptiva a esse acolhimento e é nesse espaço que em sua carência, dor e ampla oferta de cuidado por parte dessa nova família, começa a se envolver no crime, de modo que tem lugar uma segunda grande mudança na vida de Alice. De uma pessoa amada, com sonhos de ser veterinária e que era “da escola pra casa”, passa a ser a menina abandonada, não querida e em busca de apoio, para, logo em seguida, tornar-se alguém que iria repentinamente se inserir no mundo dos crimes e do consumo de drogas.

Noto que nossas conversas também guardaram semelhança com a própria dinâmica que marca a trajetória de Alice. Sua narrativa, aparentemente coerente, caminhando para uma conclusão na qual ela seria vítima de uma série de imponderáveis, do abandono deliberado de alguns familiares e de escolhas erradas, passa por um pequeno abalo, porém significativo. Ao descobrir a ausência do pai nos registros oficiais de justiça, eu a confronto com essa situação e de certa forma poderia dizer que promovo um pequeno abandono no seu desejo de compartilhar e ser aceita na sua fantasia.

Algumas mudanças aconteceram em nossa conversa a partir disso. A mãe, que sempre quando mencionada vinha acompanhada do adjetivo “de criação”, remetendo figurativamente a um vínculo cotidiano após a morte do pai, passa a ser a mãe biológica da qual o pai “nunca falou e eu nunca perguntei”. Aparece também a importante reflexão/confissão de que sua vida é um pouco pior do que normalmente consegue relatar, e um sentimento dificulta o compartilhamento desses elementos que, para ela, tem relação com o evitar sentimentos de pena que lhe seriam dirigidos. Além disso, mudanças no quadro dos personagens familiares se apresentam, trazendo à tona contradições e uma complexidade ao que antes se expressava em um esforço de manutenção da coerência. É importante ressaltar também que essa versão narrativa e o esforço dispendido por ela em mantê-la existia não só em nossa relação, mas em outras cultivadas no interior da instituição.

Após alguns apontamentos feitos a respeito de sua família, é importante ressaltar que a figura da mãe representa em um primeiro momento ausência, em um segundo momento

⁴² Para Pino (2007), a heteronormatividade opera “enquadrando” as relações, mesmo as relações homoafetivas em um binarismo de gênero que almeja regular práticas, atos e desejos, com base no modelo heterossexual reprodutivo.

acolhimento e, num terceiro momento, abandono, o que confere ineludível complexidade à figura materna. O acolhimento posteriormente é transformado em abandono, na medida em que a exposição e fragilidade diante das drogas e da vida, inclusive o abandono de filhos e marido é, na visão de Alice, responsável pela não condição da mãe acolhê-la, demandando mais proteção do que a oferecendo. Fato que na visão de Alice demanda sua responsabilização pela condução da casa e pelo cuidado da mãe.

Em sua fantasia/idealização de uma metáfora familiar, prevalece uma nítida organização dicotômica na qual o pai e os familiares a ele relacionados são idealizados de forma positiva, ao passo que à sua mãe e às pessoas a ela ligadas são atribuídas qualificações moralmente pejorativas. Sugiro que tal dicotomia guarda relação profunda com sua experiência dolorosa e com sensações de abandono, bem como com ideais e expectativas rígidos de relações de gênero e família que Alice lança, com forte carga normativa/valorativa, sobre si mesma. O pai é forte, protetor, amoroso, orientador, dono de uma retidão moral sintetizada na postura familiar, que é rígida, porque moral, mas que ao mesmo tempo é responsável por uma parte de seu abandono. A mãe frágil, sensível, abandonada, instável, carente, entregue aos perigos da vida e do lugar onde mora, mas acolhedora, desprovida de preconceitos e forte numa postura ensimesmada, repleta de silêncios e mistério quanto aos seus sentimentos. Uma figura que, por força da vida e dos abandonos que sofreu, teve de se tornar “...traficante. Sabe o que é sua mãe estar no meio de um monte de homem e a sala de sua casa cheia de drogas?” A dicotomia organizada na fala de Alice sobre seus pais não se restringe ao caráter feminino e masculino, mas sobre a racialidade também. Lembrando que a mãe de Alice é uma mulher negra e que toda essa vulnerabilidade e pejoratividade a ela atribuída não pode ser vista dissociada de sua negritude, nem sequer da indisposição de Alice em mencionar sobre o assunto, o mais próximo que consigo chegar de uma conversa com ela sobre sua condição racial e da mãe é quando peço para que ela fale de preconceitos sofridos e ela pede para mudarmos de assunto.

A expectativa de uma família ideal, que corresponda ao enunciado social heteronormativo patriarcal branco – no caso de Alice cumprindo o projeto da miscigenação⁴³,

⁴³O projeto histórico e ideológico da mestiçagem brasileira, coparticipe da estrutura heteronormativa, patriarcal e racializada da sociedade brasileira, foi construído em cima de um também projeto histórico de branqueamento da população, bem como, da posterior ideia de democracia racial (já discutido anteriormente neste texto). Como afirma Munanga (2004), o pensamento racial da elite brasileira do final do século XIX e início do século XX estavam permeados de elementos pseudocientíficos que se traduzem em especulações. Essas especulações podem ser percebidas nas preocupações sobre a mestiçagem, ora tidas como um meio para estragar e degradar a raça boa, ora para reconduzir a espécie a seus traços originais; ou pela degenerescência causada por ela, ou ainda como instrumento de branqueamento. A política de branqueamento consistiu em uma série de ações, pensamentos, símbolos e valores difundidos com o objetivo de eliminação dos elementos e traços físicos, corporais e culturais

apresenta elementos simbólicos que devem ser pontuados, como: o almoço de família com todos reunidos; churrasco no fim de semana e o respeito ao que ela chama de “opção” da sua sexualidade. A família em que o pai é branco e a mãe é negra e o pai a ama e a acha linda, estando só os dois sempre, um amor que tudo supera e que se faz inabalável - nada o abala, nem a morte - figura *uma busca*, como algo a ser alcançado, algo que a tiraria das constantes possibilidades de abandono e a salvaria das sensações internas decorrentes disso. Diante de sua dor, de sua busca e da impossibilidade em alcançar a estabilidade emocional na relação com o outro, Alice parece voltar-se a si e travar internamente - com categorias e com personas- um embate, um conflito, uma busca, uma lida com a dor e a frustração mediante a impossibilidade em atingir o ideal mesmo no espaço interno.

Dito isso, Alice, ao ocultar a dimensão do sofrimento e do abandono que envolve sua trajetória e sua situação, elimina a parte vulnerável ou que poderia representar sua fragilidade e na qual está ligada em sua representação à figura materna, do feminino, e da negritude, tanto de forma abstrata quanto real. Mata sua mãe na sua versão idealizada e primeira, eliminando qualquer indício da dor que a relação lhe causou e eliminando também qualquer referência que poderia ter com essa imagem de fragilidade. O abandono da família paterna é, para ela, a condição que lhe é imposta socialmente e pelas intempéries com a qual precisou lidar, causando-lhe sofrimento e carência mas também contra o qual se rebelou. Alice não associa o abandono paterno ao fato de ser diferente racialmente, economicamente etc da família do pai. Sua mãe, segundo Alice, se incomoda com o descaso da família do pai, mas segundo ela, em alguns momentos, ela nem liga e hipotetizo que nem poderia porque importar-se seria possibilitar viver o sentimento de fragilidade que ela experienciou quando perguntei dos preconceitos que sofreu. A fragilidade da mãe é que deve ser negada enquanto expressão de sua

da população preta, a partir, principalmente, de uma espécie de genocídio desta população e incentivos migratórios da população branca.

A supervalorização de tudo que era relativo à população branca e europeia construiu, também, uma falta de solidariedade do mestiço para com o negro pautada numa espécie de corrida pela aproximação estética do ideal fenotípico europeu, uma vez que quanto mais se aproximassem deste ideal, mais vantagens se poderia obter e quanto mais se afastassem ou se aproximassem das proporções anatômicas africanas teriam no racismo a expressão de sua desvantagem social, devido a seu capital simbólico estético estigmatizado, desvalorizado e pejorativizado. Historicamente, isso construiu uma eterna busca do mestiço pelo ideal da brancura, e junto com ele, todo o projeto ocidental heteronormativo e patriarcal, conseqüentemente, gerou o seu afastamento do negro, inclusive a partir da negação da própria negritude. Apesar de oficialmente a proposta de branqueamento ter sido gradualmente abandonada, a sua ideologia ainda hoje pode ser encontrada em meio ao pensamento social (FORMIGA, 2010). O preconceito velado é uma das principais características da democracia racial e do projeto de branqueamento, produzindo relações interpessoais com intensas e constantes situações de violências simbólicas, a sensação de confusão emocional, o sentimento de culpa e mal-estar por estar em constante impressão de se estar vivenciando situação de violência, a frequente acusação que sofre as pessoas não-brancas de estarem se vitimizando com constantes delírios persecutórios e como no caso de Alice, a idealização de uma estrutura familiar pautada na democracia racial e a negação em se colocar na posição de quem sofre preconceito e violência.

própria fragilidade e como imperativo de responsabilização de Alice pelo bem-estar da família e da mãe - “me sentia o homem da casa”.

Retomando a conversa sobre o presídio e possíveis situações de preconceito, Alice nega todos e se sente desconfortável em citar algum preconceito que tenha sofrido. Silenciando a respeito, Alice prefere comentar, como todas/os gostam dela. Levanto a hipótese de que negar que sua cor e sua sexualidade podem lhe gerar exclusão e fragilidade social, violências etc é também negar algo em que as possibilidades de fuga à constatação de sua vulnerabilidade são mais restritas, sendo essa a alternativa mais viável.

A figura do pai, além de orientadora e referencial, é quase onipresente, pois por diversas vezes Alice utiliza a mesma frase, que para ela significaria um bom conselho, dando créditos ao pai, a quem Alice confere os méritos e autoria dos melhores conselhos que recebe das amigas dentro da instituição; ou para o pai e para Deus, por exemplo. “Ele é meu amigão, sempre que eu preciso, a gente conversa muito”, esta mesma frase, literalmente, é utilizada em momentos diferentes com autoria do pai e de Deus. Mais do que referenciar-se nessa figura masculina paterna ou relacionar-se com ela, Alice parece assumir a própria persona, imagem desse masculino, extrapolando o que podemos definir como performance⁴⁴.

Sua percepção estético - performativa, o aprendizado social, a forma como ela refere a si mesma no masculino, veste-se na forma socialmente atribuída à estética masculina, diz sentir-se mais próxima e solidária a esse grupo e relata ter se visto enquanto menino e estar trabalhando isso é uma dimensão dessa subjetividade. Como a própria Alice ressalta, seu olhar e seu jeito a aproximam do masculino e “meus seios são a única coisa que me denuncia”. Orgulha-se quando alguém reconhece sua proximidade com homens e busca exercer a proteção, o cuidado, o controle, a moralidade, a amorosidade e a demanda de respeito a que tem direito, elementos que funcionam como índices que a afastam do feminino frágil, sensível e que a aproximam do modelo ideal de masculino enquanto promessa patriarcal. A performance, portanto, participa enquanto elemento constitutivo de sua subjetividade, quando Alice narra sua trajetória.

No entanto, temos indício de uma apropriação simbólica mais profunda, dinâmica e ao mesmo tempo estrutural na sua produção, constituição e em suas reatualizações. Quando fala do pai, ora Alice apresenta elementos que nos remetem a ela mesma e aos seus dramas, ora fala dele com elementos muito próximos ao que conta de sua mãe, como desejo de uma presença e

⁴⁴Performance, para Butler, é uma dimensão do gênero, uma "contingência radical" (BUTLER, 2003, p. 196) que serve à desnaturalização e ao caráter de construção das identidades sexuais. Tal dimensão parte do princípio da repetição que funciona como encenação de significados já estabelecidos socialmente, mas também a cada reencenação é como se uma nova experiência de performance se estabelecesse como uma “repetição estilizada de atos” (IDEM, Ibidem, p.200).

apoio não materializados. A persona idealizada paterna, portanto, passeia entre o desejar Ser, Tornar-se e o desejar Ter enquanto outro significante de apoio, proteção e não abandono. Quando Alice fala que “é o centro da vida de seu pai e que ele piorou em sua doença por medo de morrer e deixa-la sozinha”, tal fala nos remete a um Desejo dela de Ter a segurança na promessa de nunca ser abandonada de forma deliberada, mas também nos remete ao conflito que Alice viveu ao pedir que a mãe não voltasse à penitenciária, quando se deparou com o medo profundo de sua morte simbólica para sua família, de submeter a mãe ao abandono e maiores dificuldade, já que responsabilizou-se outrora pelo cuidado da mesma.

Alice, em sua fala de que a sua presença próxima à mãe garantia o seu não consumo de drogas e que as notícias trazidas de sua mãe e do estado dela a desequilibravam, fazendo-a adotar atitudes que pioravam sua situação dentro da penitenciária, remete-nos ao medo por ela apontado no enunciado acima que credita ao pai; medo que assombraria Alice: medo de deixar a mãe, centro de sua vida, sozinha em um mundo hostil, e medo diante da constatação de isso poderia piorar seu estado emocional e voltar a experimentar as agruras emocionais, físicas e relacionais mais sinistras vivenciada no cárcere. Em outras palavras, Alice era o próprio pai e seus medos, na sua narrativa. O desejo de Ser

Na sequência da narrativa, Alice fala que “ele foi piorando e bateu uma depressão nele, chorava e isso foi afetando o problema dele”. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Alice diz que a única coisa que a fez ficar depressiva, tomar remédio, e ser por vezes agressiva, a ponto de sofrer represálias e de ser agredida, eram os problemas com a família e com a mãe, dada sua condição de impotência, sua impossibilidade de socorrer a mãe, tal qual foi narrado por ela como sentimento do pai em relação a ela. Aqui novamente Alice é o próprio pai.

Quando Alice menciona que perguntou ao pai porque sua mãe havia morrido e se mostra angustiada com a situação do pai ter que escolher entre ela ou a mãe, abre-nos a possibilidade de lançar uma hipótese, qual seja, a de que novamente nessa parte da narrativa, quando pergunta do dilema que teria recaído sobre o pai dela, Alice está, também, e simultaneamente, reportando-se ao seu próprio dilema: diante da impossibilidade de salvar a mãe depreende-se que, presa, por isto impossibilitada de salvar a mãe e acumulando problemas na penitenciária, Alice se viu diante da escolha que ela anunciou em sua narrativa ter sido de seu pai: Entre a mãe e ela própria e se consternasse com o que parece ser algo fora de seu controle. Na narrativa Alice depois de um tempo diz que evita falar com o pai sobre essa escolha e a situação de “morte” da mãe e que os dois conversavam sobre tudo, menos sobre isso, pois o deixava triste e propenso a ingestão de bebida alcoólica, e é exatamente o que ela faz: Evita falar dessas experiências ao criar uma narrativa que a distância tanto da trajetória quanto desse momento de

cisão (morte simbólica), evitando as possibilidades e riscos de desequilíbrio emocional e nas suas ações a partir do contato com essas dores.

O pai representa também a responsabilidade, o comprometimento, o amor, e o companheirismo absolutos, e o não abandono de forma que, quando Alice relata os cuidados que teve em face do pai idealizado, parece estar, à contrapelo, falando dos cuidados e da proteção que dispendeu à mãe: “Eu cuidei do meu pai, larguei os estudo pra poder ficar com ele 24 horas no hospital, porque *se eu ficasse um minutinho longe dele ele tipo tinha uma reação, quando ele tava perto de mim ele ficava tranquilo, dava uma melhorada*. Quando eu saia um pouco ele já piorava, então, tipo aí eu parei de estudar, parei tudo, parei minha vida totalmente pra cuidar só dele. Eu sempre falava pra ele: ‘poxa, o senhor sempre cuidou de mim...’”. Ao mesmo tempo em que reclama cuidado aproxima essa situação das relatadas sobre sua mãe e a presença constante de Alice ao seu lado: “Eu é que sempre tava junto dela” (...) “quando eu fiquei perto dela, ela parou de usar droga, quando vim pra cá fiquei sabendo que ela tava usando de novo”. Enfim, na narrativa de Alice, ela assume a figura do pai quando este tem um dilema, quando está muito triste devido à suas preocupações, mas quando, na narrativa, ele inspira cuidados, se encontra vulnerável a figura que se aproxima da dele na narrativa é a da mãe.

Pai, enquanto quem significa pra ela os signos de uma figura masculina, nesta senda, é o signo de um menos-valor insuportável, é a figuração de um sofrimento que Alice não consegue confessar nem mesmo de si para si. Pai é a cifra de uma violência indizível, irrepresentável, que precisou ser transfuncionalizada, vertida em termos de uma figuração afetivo-projetiva que inverte, subjetivamente, o sinal da dor, para que Alice pudesse, de modo subretício, e ante o espelho que exsurgia do semblante de seus interlocutores, acreditar-se e creditar-se no papel de agente de sua própria história.

Em seu afeto, Alice declara sempre ter desejado e se envolvido com mulheres e apesar de sentir-se desde pequena “como menino” sua percepção estética não é algo tranquilo. Como ela mesma diz: “É confuso”. Suas relações mais próximas ou o meio social a confrontam constantemente a partir de expectativas que lhe desautorizam. Promovem isso ao tentarem ordenar as coisas dentro de uma proposta de identidade de gênero de senso comum, na qual Alice não deveria usar pronomes de tratamento masculino, nem assumir uma subjetividade marcada por um caráter majoritariamente masculino, mas deveria sim admitir que é uma mulher que gosta de mulheres e isso seria, pra elas, sinônimo de alguém bem resolvido. Aliado a isso, situações como aquela que Alice descreveu, em que uma criança a trata como homem e na qual pessoas ao redor tentam convencer a criança de sua feminilidade, a remete a essa “confusão”;

não só como sua confusão mas ela sendo responsável por confundir a cabeça de um outro, no caso uma criança⁴⁵. Ou ainda os relatos de violência e tratamento ambíguo que recebia de pessoas da instituição onde ora deveria se comportar adequadamente como uma mulher e tinha no comportamento dos funcionários da instituição vários elementos e sinais em que tentavam marcar território e deixar marcado diferenças inclusive na relação de poder, ora era chamada a provar sua masculinidade⁴⁶; como em casos de enfretamento e conflitos que ela e outras viveram e relataram. Ou ainda e por fim, na própria percepção e desejo de Alice em afirmar-se como fora dessas categorias binárias de masculino e feminino, ao dizer que tentava mostrar em suas relações “que a gente (entendidas) também tem nosso valor”.

Essa tensão sentida como confusão é dolorosa, principalmente porque seus ideais, bem como seus modelos relacionais e seu lastro de subjetivação identitária revelam-se regidos pela pauta de um binarismo heteronormativo opressor, que lhe fustiga a auto-estima e o sentido que faz de si, assombrando-a incessantemente com uma sensação de culpa ubíqua e irremível. O que está em jogo na construção da subjetividade de Alice vai muito além de uma performance aprendida socialmente, ou recusa desse aprendizado, bem como transcende a percepção do que é mais aceito por esse social. Todo um conjunto de necessidades, desejos e buscas emocionais, corporais, além das interações conflitivas, bem como as negociações, dores, prazeres e subprodutos, suas potencialidades e as moralidades que a valorizam ou abafam devem ser consideradas na dinâmica de construção de sua subjetividade.

Em suas relações amorosas, Alice compartilha duas situações que lhe são dolorosas. O *ser deixada e o ser traída*. Em seus relatos, menciona uma certa surpresa quando percebe que o receio de ser deixada e de sofrer lhe causam reações prévias, como evitar envolver-se. Ao mesmo tempo, apresenta toda uma série de ações que tem por finalidade diferenciar-se do masculino agressor, a partir do ideal feminino, referente ao comportamento masculino construído por uma sociedade heteronormativa branca. Portanto, Alice, nos seus relacionamentos afetivos, aceno como hipótese, faz uma dupla transferência: A da figura masculina paterna à sua figura e a da responsabilidade assumida perante a mãe para as namoradas. Assim, ela é prestativa, protetora, carinhosa, companheira, e oferece estar sempre

⁴⁵Confusão que não é somente a que habitava nela própria, mas também a que Alice via se propagar para além e a partir dela mesma, como no emblemático da criança, vista como indefesa e inocente, cuja cabeça Alice não queria confundir. Aqui, Alice, embora não suporte reconhecer o menos-valor que lhe é consignado, parece trair sua própria versão. Alice não consegue esconder a dubiedade do juízo que lança sobre si mesma; parece não conseguir se desvencilhar de um sentimento aviltante de que haveria algo de profunda e essencialmente errado com ela mesma.

⁴⁶Outras duas internas me relataram momentos de conflito entre policiais, Alice e outra das minhas interlocutoras em que as duas tiveram seus braços quebrados ao mesmo tempo em que ouviam: ‘Vamos, você não disse que é homem, cadê?! Quero ver se é macho mesmo!’

ao lado, preenchendo todo o vazio de um possível abandono que a família da namorada possa causar etc e, ao ser traída, lembra com mágoa e dor ao falar de sua companheira, afirmando a eficácia de seu projeto de diferenciação do masculino, quando menciona o desejo de tê-la conhecido antes, esboçando sua dor mediante a constatação de que suas investidas não foram suficientes para que não corresse o risco do abandono.

A traição tanto lhe traz o prenúncio do fim do relacionamento quanto suscita o desrespeito enquanto dor. Diante da traição, Alice sente vontade de revidar e procura as formas mais dolorosas. Questiono-me se o revidar da dor não seria uma busca por diminuí-la a partir do provocar experiência análoga, fazendo a outra experimentar sofrimento da mesma natureza. Alice diz ter tido ódio quando isso aconteceu e vontade de agredir a namorada, se sentia desrespeitada e com sua imagem exposta, o que lhe teria causado mágoa, rancor e angústia. A humilhante possibilidade de sua namorada estar grávida agravava sua exposição e sua dor de ser desrespeitada e lhe coloca diante novamente de seus conflitos internos e sua subjetividade. A dor do desrespeito me instiga a fazer outra provocação, qual seja, a de que essa dor não a aproximaria do sentimento de não cumprimento do destino patriarcal prometido ao masculino de respeito a sua figura e posição na relação, bem como subjugo incondicional do feminino? Não estaria Alice diante de tensões simbólicas internas atribuídas às duas figuras síntese e estruturantes da narrativa primária patriarcal? A dor do abandono e a tensão e dor do desrespeito ambos potentes internamente em Alice, não seria o anúncio de possibilidades de subversão dessa constituição e estrutura binária, rígida e fragmentada em sua dimensão profunda e emocional?

Gostaria de finalizar minhas reflexões a partir da história de Alice voltando ao momento ápice e último de seu abandono, quando decide por não ter mais visita de familiares e encontra um certo equilíbrio. Suas relações fora da penitenciária foram deixadas lá fora, como ela quis enfatizar ao evocar as orientações que transmite à novas ingressas na instituição. A partir disso, ela começou a transmutar algumas de suas emoções, suas relações, em pequenos passos, pois, como pudemos observar, os conflitos familiares que a desequilibram continuam protagonizando situações, sentimentos e reações em sua vida. Alice passou a observar a instituição e agir com mais estratégia, segundo ela. Para lidar com a instituição, a estratégia é a malandragem e para lidar com as internas é, por vezes, afastar-se, não dando ouvidos e não se deixando afetar, muito embora, como Alice o reconhece, ela ainda se deixe impactar.

Ela menciona um antes, onde ela se comportava de forma impulsiva e reativa, e um depois, quando ela teria aprendido a negociar com as figuras da penitenciária. Segundo ela, diferente do que possa parecer, ganha com essa estratégia maior espaço de autonomia. A

primeira conquista de Alice após este aflorar foi o trabalho no jornal. Conversando com a pessoa responsável, contando sua situação, sensibilizou-o. Alice conseguiu que o responsável lhe desse um voto de confiança. A partir daí foi conquistando espaço lentamente. Em sua análise, a oportunidade a fez promover essa mudança. Em nossas conversas compartilhei com ela a minha impressão de que as conquistas que ela havia empreendido durante esse tempo deviam-se à sua iniciativa e a permanência de sua postura estratégica, consciente e determinada nos locais de trabalho e no estabelecimento das relações.

Conforme afirma Alice, a penitenciária é uma instituição que, por sua organização, cultiva insegurança, violência, revolta, “aprisionamento de mentes”, opressão etc. Alice tentou me mostrar como lida com as relações que em alguns momentos lhe constituem um “peso” e lhe suscitam algumas dessas emoções. O seu processo de mudança, na minha opinião - por sinal compartilhada com Alice - deveu-se em grande parte, a construção de sua autonomia e habilidade em relacionar-se. A oportunidade foi importante para materializar o processo, mas centrar-se nela como promotora de equilíbrio é dar poder e protagonismo a um terceiro, gerando uma expectativa de constante acolhimento por parte desse terceiro e que a qualquer momento poderá ser frustrada e fazê-la rememorar situações de abandono. Essa expectativa é apontada por Alice em sua espera por reconhecimento e por se pautar no merecimento, podendo aprisioná-la no cumprimento irrestrito de normas e vontades sob pena de não merecer e de, portanto, não ter a sonhada oportunidade. Gera-se, não obstante, uma expectativa de reconhecimento que, quando frustrada, faz Alice prisioneira de novos sentimentos de abandono. Quando frustrada, Alice relatou que se deprime, que sente um desânimo, uma melancolia e uma vontade de desistir, sente-se paralisar e tem alguma dificuldade em retomar a motivação.

CAPÍTULO 4

FILIPA: Histórias de violência

Filipa tem 40 anos, é natural de Campo Maior no Estado do Piauí e residia no momento da pesquisa, entre 2012 e 2013, na Cidade Estrutural desde quando chegou em Brasília, no ano de 2000. Filipa tem 9 irmãs/ãos, duas delas morando nessa cidade, o pai já é falecido e a mãe, com 81 anos, mora no Piauí com outras/os de suas/seus irmãs/ãos. O pai e a mãe viveram juntos até a morte dele (orgulha-se em destacar). Casada com uma mulher de 25 anos, Sol, à cerca de um ano, Filipa diz que buscou Brasília “com o objetivo mesmo, como se diz...de liberdade e trabalho”. Não veio sozinha (...) “quando vim, já vim apoiada de uma mulher”, mas é importante frisar não veio acompanhando a namorada, (...) “ela veio me acompanhando” (...) “a gente veio mesmo porque precisava sair de lá pra continuar o relacionamento”. Filipa trabalhava, no momento da pesquisa, como auxiliar de cozinha em um restaurante, em Taguatinga, outra região administrativa de Brasília.

ENTRE NARRATIVAS E A CONVIVÊNCIA EM BARES DA CIDADE: OUVINDO, TROCANDO, OBSERVANDO, INTERAGINDO, VIVENDO

Filipa e eu nos conhecemos por intermédio de uma das interlocutoras da pesquisa à época, que a indicou e fez a intermediação para que eu pudesse fazer o primeiro contato. A conheci numa manhã de domingo em um bar na rua de sua casa, por volta das 10hs. Ela bebia alternadamente alguns copos de cerveja e um de cachaça, conversamos e falei por alto sobre o trabalho. Negociei um dia em que poderíamos conversar melhor e eu poderia então, falar um pouco mais sobre a proposta e a dinâmica dos encontros. Marcamos num dia da semana, no fim da tarde, horário em que ela saía do trabalho. Filipa me pediu para que fossemos a uma lanchonete, onde pudéssemos conversar e depois comer alguma coisa. Nessa primeira conversa, apresentei o que era a pesquisa, como se davam os encontros e ela aceitou participar. Definimos então, algumas possíveis datas, horários e estratégias de encontro. Ela então me pediu para que os encontros fossem no horário de saída do seu trabalho, assim não precisaria dar muitas explicações à esposa que segundo ela, era muito ciumenta. Concordei, apenas pedindo para que conversássemos primeiro, antes de comer e beber, ela sinalizou positivamente.

Fiquei conhecida no meio próximo como a entrevistadora e soube por intermédio dela e de outras interlocutoras que houve alguns conflitos entre ela e a esposa devido a participação de Filipa no trabalho. Lembrei a ela que poderia interromper o trabalho se quisesse, mas ela preferiu continuar. A oportunidade de encontrá-la em outros espaços como no trabalho, em

eventos na casa de amigas/os, em um almoço na casa da irmã, nos momentos em que ia ao bar sozinha ou com amigos foram cruciais para que eu observasse a dinâmica desses relacionamentos, sua posição em determinadas situações cotidianas e emoções. Essa possibilidade, inclusive, tornou o trabalho com Filipa peculiar, pois com nenhuma outra interlocutora das cinco que conhecemos neste trabalho, tive a oportunidade de estar de forma tão longa e próxima, pois ou havia uma instituição que me impedia, ou o tempo já não me permitia, como no caso das interlocutoras da Universidade.

Um comportamento padrão de Filipa, tanto quando nos encontrávamos para nossas conversas gravadas quanto em eventos em que ela me convidava, era de me apresentar de uma forma geral, dizendo apenas meu nome, provocando insinuações de que formaríamos, eu e ela, um casal. Ela nunca negou nenhuma dessas insinuações, ao contrário, demonstrava um ar de satisfação. No início fiquei confusa quanto ao que fazer, mas depois passei a observar apenas. Eram situações bem sutis, mas que davam a ela status e visibilidade por onde andávamos. Isso aconteceu algumas vezes até que em um momento fui convidada a conhecer velhos amigos de um restaurante onde ela havia trabalhado há muitos anos. Segundo ela, eram amigos importantes, velhos conhecidos, de um passado áureo de sua vida. Chegando lá estavam três rapazes, nos sentamos para almoçar e a partir daí vivi várias situações desde ouvir coisas misóginas sobre outras mulheres até ser objeto de curiosidade, comentário e assédio. Após esse episódio, conversamos e falei a ela dos problemas que via ali, dos limites a que estava disposta a viver e somente fui a um outro evento quando convidada para um almoço na casa de sua irmã, no Gama, outra região administrativa do DF. Quando isso aconteceu o trabalho já estava se encerrando.

Outra prática recorrente que tive que lidar no decorrer do trabalho foi algo ligado ao cotidiano dela, Filipa bebia todos os dias antes de chegar em casa ou ao chegar em casa. Portanto, os eventos a que eu era chamada a participar raras vezes ela não voltava alterada, de forma que tive algumas poucas vezes que lidar com o que decorria dessas situações e deixá-la em segurança em casa era uma delas. No geral, não eram situações que me colocassem em risco e nunca aconteceu em momentos de nossas conversas. Eu participava em momentos que considerava importantes em termo de observação, mas, com certeza, tais situações deram ao vínculo e a nossa trajetória uma peculiaridade que precisei lidar no decorrer do processo, bem como foram importantes para a reflexão de vários elementos de sua narrativa. Filipa foi partícipe de uma das dimensões da minha trajetória de imersão em que o experimentar intensidades afetou-me deveras, colaborando para compreensão sensível, corporal e experiencial de diversos aspectos da trajetória narrada ou silenciada dela e de outras de minhas parceiras.

Foi ao lado de Filipa que vivenciei situações de violência, receios quanto às reações coletivas, a possibilidade de tomar iniciativa em paquerar mulheres em espaços públicos, a sensação de estar sendo vigiada, enfim, diversas experiências no âmbito das relações sociais que afetaram-me pessoalmente e à pesquisa como já foram amplamente trabalhada no capítulo um desta tese.

Por outro lado, negociar já de início que ela evitasse a ingestão de álcool antes do momento da entrevista, estabelecer alguns limites para o trabalho, quais sejam, de locais e situações foram importantes para o andamento e conclusão do mesmo. A narrativa que se segue se estruturou seguindo o movimento e ordem as quais se seguiram os encontros, com breves comentários dos momentos de observação quando se fizeram necessário.

MUITO PRAZER PRINCESA, EU SOU FILIPA

Família

“Lá em casa são duas entendidas, comigo, no caso, são três e os que são casados e que são casadas nos apoiam em tudo! Graças a Deus! Dos homens tem um sobrinho que é Gay. ” Das/os irmãs/os seis são mulheres e três homens, sendo ela a caçula. Nunca tive filhos...minhas irmãs também não. A relação com a mãe é ótima, afirma Filipa, “No começo foi meio difícil aceitar, mas depois tirou de letra”. (...) “É...eu, de mim só, ela não ia aceitar, mas pelo fato de ser três...ela é minoria. A mais velha, Carla, assumiu primeiro, ela foi a cabeça, já era das antiga...e nós fomos pegando a bêta”. “Na época assim, a gente ficava, assim, curiando ela mais a namoradinha dela...nós também tinha aquele mesmo sentimento e fomos começando, começando...surgiu as concorrências, de eu gostar de uma menina e ela gostar também. Já fiquei um ano intrigada com uma delas, a mais velha...por mulher também...”.

“Minha mãe sabia dos envolvimento, das amiguinha em casa e tudo...até chegar no conceito de que realmente...”(...) “Na infância foi mais difícil, infância...namorar escondido, ninguém podia saber...cidade pequena, mas no momento que eu fui ser independente, aí pronto eu já não escondia nada, porque eu já não dependia da minha mãe. Fui morar muito cedo sozinha, com quinze anos...”(...)“Trabalho desde os quinze anos, fiquei algumas vezes desempregada, mas questão de meses...” (...) “Meu pai morreu cedo, não chegou a ver nada

disso não! ” (...) "Com minha irmã, a Carla? Não chegava a falar nada não, ficava na dele...minha mãe também ficava. Normal, normal! ”

“E a gente foi sempre muito resguardada, Carla, muito mais ainda, ela é...digamos...careta, ela era muito guardada, ela jurava em muitos momentos que não era (lésbica) (...)tal qual que ela criou meu sobrinho, que é entendido e hoje ela se sente culpada. Gente, não existe isso! Já veio do berço mesmo, não tem nada de culpada não. Ela tentava se esconder pra a gente e não dizer que nós foi por causa dela, entendeu? Puxamos pra ela não. É...ela sempre foi resguardada e respeitamos também, chegamos até certo ponto que não tinha como esconder mais. Chegava, comentava, falava que ficou com fulana assim, fulana assim,...de falar...oh, tô louco por uma fulana assim...a gente conversava bastante”(...) “E ela sempre falava: cuidado, vê se é de boa mesmo...vai meter a cara não. Ela tem quinze anos que vive com a Socorrinha, ela é cabeça demais, é muito cabeça”.

"Carla é uns dez anos mais velha que eu, tá com cinquenta hoje, fez em março” (...) Ela é minha ídala, pronto. Foi mãe, foi pai, foi amiga, foi irmã e é até hoje...E rival! ” (...) É, e rival!...meu maior problema era esse, e nós miudinha nessa época, ela já trabalhava, já era independente, então, tinha que ser sempre do lado dela porque senão a gente se dava mal. Pegava roupa escondida dela, que as dela era melhor, ela trabalhava... e aí ia encontrar com as menina. ”

“A outra não. A Patrícia era de puteiro, nos cabaré, não pode ver uma rapariga, as mulheres largam os home pra ficar com ela, nunca vi! Patrícia tem um chama, agora está meio derrubada que ela entrou nas drogas, mas é assim mesmo. Agora mora com minha mãe. Morou muito tempo aqui, aí entrou no mundo das drogas e minha mãe chamou ela pra lá. ”

“Carla, a mais velha, de tudo a cabeça, sempre guerreira...mora com minha mãe, lá tudo é dela, mãe, é como se diz, né? Visita dela, em termos, mora praticamente com ela.” (...) “Ela faz tudo pra minha mãe, viaja com minha mãe, vai pra Fortaleza, pra Canindé...põe a velhinha dentro do carro e vaza...o negócio dela é a mamãe, mulher pra ela deu certo, tudo bem...não deu...primeiro lugar a mãe dela, ela é muito dedicada assim. ”

“Eu e ela ficamos brigada um tempo, pensa que não me lembro?! Briga, por causa de mulher...lá pros 15, 16 anos...ela era muito positiva, muito mandona, muito certa. Eu tinha um irmão que era alcoolatra, esse que morreu afogado...e ela judiava demais dele e as vezes eu não aceitava. Quando meu pai morreu, ela assumiu tudo, foi o homem da casa, ou obedecia ou o pau comia, então eu preferi me afastar. Mesmo teto, mas que não falava mais uma palavra. E era assim, umas coisinha assim... besta, coisa besta, nada! Mas, fora isso, depois cai em si e era

tudo pro nosso bem, né? (fala com tom de mágoa e ironia), não tenho mágoa não, pelo contrário...é uma das minhas preferidas."

"Sempre tive respeito, obediência, porque praticamente foi ela que criou a gente sozinha..." (...) "Tinha minha mãe, quer dizer, mais ou menos, porque depois que meu pai morreu, minha mãe ficou impotente de um jeito, porque ela sempre foi muito frágil, então, ela (a Carla) assumiu tudo! Minha mãe ficou mais frágil e a Carla passou a cuidar de tudo, e aí ela foi dona de tudo...da casa, de nós, ela que determina, viu, tudo isso!" (...) "Ela chama a atenção de todo mundo até hoje, se tiver errado. O Camilo mesmo! O Camilo hoje é um homem graças a ela. Camilo é daqueles assim que bebia que o cachorro lambia a bunda dele. Ela foi tentando, tentando, tentando, brigava... igual eu, ela brigava feito um gato e ele ficava só calado. Hoje o Camilo é um homem, tem sua casa, tem seu transporte, não bebe, tudo que ele vai fazer e pra onde ele vai ele fala com ela, desse jeito. Ele não fala com a mamãe, fala com ela. Então aquelas coroas mandonas, sabe aquelas coroas mandonas?!"

Pergunto: ela é casada? "Não, ela nunca teve com homem!" E respondo: não, com mulher, poxa? "Ela é casada com mulher, mas não vive na mesma casa, pelo respeito pela mamãe, mesmo mamãe sabendo. Socorrinha (mulher de Carla) vai, almoça, janta, ela pega o carro, vai deixar Socorrinha em casa e volta. Se vai fazer algum babado, faz por lá e volta, não dorme fora de casa nem que o diabo, mesmo que ela volte quatro da manhã, mas volta. Ela é dessas, sabe?"

"Meu pai era alcoólatra, acho que a família vai virar toda alcoólatra (fala como se estivesse surpresa com a reflexão), meu pai bebia muito, ele era totalmente desestruturado, apesar dele ser um espírita, muito sucedido, com muito conceito na cidade, ele não sei o que houve...que ele caiu na bebida e em consequência disso, existia muita briga, muita coisa, sei lá... e minha mãe também ficou viúva muito cedo e não se envolveu com mais ninguém até ontem, e agora com 81 é que não vai ter mesmo. Nunca quis...também se relacionar...às vezes eu falo pra ela: mãe, você não era sapatão não e foi casar? e ela: 'me respeita menina!' e eu: tô falando...porque três mulher, três...foi puxar pra quem? Ela: 'falta de vergonha'...Eu: sei não, você tá escondendo alguma coisa..."

Minha mãe, a primeira vez que eu dormi fora de casa, ela quase ficou louca! Eu me lembro como hoje, fui dormir na casa da Verinha, que também era entendida...tava começando também naqueles tempo...a gente não ia ficar...ela era machão igual eu, mas a gente tava naquela fase de mulher, mulherada, aquelas coisa...e um dia, eu: ih, vou dormir na tua casa hoje, vou embora hoje não véi. E ela disse: 'tu é doida Josefa, ela me chamava de Josefa. Aí eu disse: sério mesmo! Primeira vez! Uma doidice mesmo, aí fui e dormi na casa dela. De manhã cedo

minha mãe saiu louca atrás de mim e não achava. Aí quando cheguei em casa, que peguei a bicicletinha e fui botando pra dentro, ela foi empurrando pra fora... 'Aqui tu não vai entrar mais não!' Oxe mãe! 'Sai daqui agora Filipa! Tava viçando atrás de mulher!' ...desse jeito...Não esqueço disso nunca! 'Pois, tu quer mulher, tu vai atrás de mulher agora e vai morar com quem tu arrumar'... Sei que eu passei o dia todo na calçada perto de casa...Mãe deixa eu entrar?!...'Aqui tu não entra não!' ...Carla chegou, a toda poderosa, conversou comigo, eu entrei, tomei banho e aí eu falei: 'a partir de hoje, eu vou trabalhar, Magazine Nordeste, e aí menos de seis meses, eu tava fora de casa...e ela não acreditava, 15 anos."

"Nossa, se eu pudesse tinha voltado pra trás e não tinha entrado nunca mais. Às vezes eu sou difícil! Eu sou a que menos vai lá, sou a mais afastada. Amo minha família, mas eu sou a mais afastada, Carla fica de cara, porque eu sou assim? Mas, eu acho mais porque eu sou assim mesmo, se eu for embora, não volto mais não e meu sonho era ganhaaaaar o muuuuundo..., mas eu não ganhei não...vim pra cá já era 2000, eu era bem adulta, mas consegui morar sozinha com 15 anos de idade e foi bom. "

"Eu e minha mãe ficamos quase sem se falar, quase o mesmo caso de eu mais a Carla, na época, passava uma pela outra, não falava, entrava pra dentro do quarto, se eu sai ela entrava, se eu entrava ela saía. " O que sua irmã fez para que você pudesse entrar? "Nada! Só conversou com minha mãe. Ela só falou, vamo...umbora, entra, vai tomar banho! Eu entrei fui tomar banho...pronto. Mas, fica guardado...sabia? "

"E a mamãe, por um lado ela era muito interesseira. Se você tiver trabalhando, tiver com dinheiro, você é o melhor filho do mundo, mas se não tiver... Eu arrumei uma coroa lá, França silva...essa mulher me dava de um tudo... a bicicleta quem me deu foi ela, aí quando ela encostava, ela tinha um chevetinho, quando encostava lá perto de casa, ave maria, minha mãe abria as portas para ela. Ela levava pão, melancia pra minha mãe. No dia que a França não chegou de carro pra me buscar pra a gente sair, aí eu falei: mãe, vou ali. E ela: espera a França, sabe? Aí eu percebi que ela era muito interesseira. "

Eu nunca gostei desse tipo de coisa, mas eu ainda durei três anos com ela ainda. A França fazia festa de aniversário pra mim, não faltava nada. Éééé...ela gostava, aí quando eu aparecia com uma menininha véia, que ela ficava lá na esquina me chamando e minha mãe aí dava paus. 'Quem é essas raparigas véia aí!?' Carla era contra isso. Falava: 'mãe, você não pode forçar a Filipa a ficar com ninguém não, ela era a favor de mim, ela não gostava e ela nunca se deu bem com a França. A França até hoje bota a culpa nela, diz que eu vim embora por causa dela, da Carla, elas não se falam de jeito nenhum. Quando eu falei que vinha embora, a Carla

foi a primeira a apoiar...Eu vim mais a Antonia, na época, né? Ela perturbava muito (França). Era daquelas perturbada mesmo! Aí a gente resolveu vir embora. ”

“Ela tomava veneno, ela já me botou no carro dela, fechou as portas comigo dentro, querendo no abismo me jogar. Eu jurava, implorava, chorava feito uma criança pra ela não me matar, tudo por causa da Antônia. Ela é louca! Quando penso que não, ela tava no hospital, tinha inventado que tinha tomado veneno, quando eu dizia que não ia mais ficar com ela. Ela era uns vinte anos mais velha, mas era uma pessoa que adivinhava meus pensamentos, mas aquilo dali não me conquistava...”

“Eu gostei dela! Tanto que a gente viveu três anos...morar junto não, namorava. Ela me ajudou muito quando eu fui morar sozinha! Mas era aquela mulher resguardada também, muito reservada, nunca dormia comigo na minha casa...saía de madrugada, pegava o carro e ia embora. Mas era assim...naquele tempo era assim. Traía ela demais! Era bioquímica e era entendida⁴⁷, assim... escondia o máximo! A primeira mulher dela fui eu também. Ela fazia festa de aniversário pra mim assim...e eu chegava com outra e sentava na mesa assim...e minha mãe levantava e falava: ‘Filipa, porque tu faz um negócio desse?’ ”

O que mais te irritava? “Era isso, insegurança demais! Detesto insegurança, sei lá! E mentir...detesto mentira, as mentiras não vão a lugar nenhum, pessoas que mentem ficam ali ó, paradas... pode ser louca, mas não pode mentir não.” (...) “Inventava que tava no hospital, que tinha tomado veneno, tava passando mal. Ia pra uns infernos, não sei de onde e fazia eu pegar táxi pra ir lá, porque ela tinha desmaiado, fui pegando foi raiva. E eu ia, vai que era verdade.”

“Eu na rodoviária e ela chorando, minhas coisas tudo arrumada e ela: ‘chama a Filipa pela última vez’ e minha irmã dizendo: ‘não vai não Filipa, que senão tu vai dar esperança.’ Eu entrei no ônibus e ela ficou assim olhando, ela era o tipo de pessoa, que ela me dava o perfume eu só podia usar o perfume quando fosse sair com ela. Se ela chegasse lá e eu não tivesse com o cheiro do perfume que ela me deu, ave maria, era uma briga. Não é pra sair por aí não! Entendeu, como é sufocante? é horrível, horrível” - Ela era violenta? “ Não, violência só com palavra mesmo...(Constrangida). Ela era muito nervosa e ela ficava tremendo, muito nervosa, era uma convivência forçada.” (...) “Mas é isso mesmo, os namoros vão amadurecendo com o tempo”

“É...mas ela é minha ídala (Carla – a irmã mais velha), mas é...chamo ela de poderosa porque ela maltratou muito...ela ajudou, mas ao mesmo tempo ela maltratou muito, como eu te

⁴⁷ Entendida é uma categoria em que ela se posiciona. Filipa diz que não se vê como masculino, mas é uma “entendida masculina” que implica ser ativa dentro da relação enquanto que a “entendida feminina” é a passiva. Essas três categorias são compartilhadas pela maioria das interlocutoras.

falei, ela batia muito no meu irmão e na época como eu te falei, meu pai bebia muito e ela ia pra cima dele sem dó...falo poderosa, mas gosto muito dela, é minha paixão, entendeu, mas chamo ela de poderosa, porque ela sempre quis ser mais...e as vezes eu mais a Patrícia era as mais abestadinha, a gente até chegava a falar assim: um dia nós vai ser igual a Carla, nós falava, porque ela sempre foi batalhadora! Existia treta entra a gente? Existia...ela mandava: 'passa, vamo pro banheiro, vou te banhar agora!' Eu e Patrícia, nós já tinha treze anos. Pegava umas buchas grossas, duras e gritava: 'umbora, bando de sujeira!' Olha! ela sempre foi assim. E nós obedecia. Ela já tinha aquele estilo áscula(áspera).” (...) “Controlava tanto que a gente chegava a ter raiva, porque já era abuso de poder, como se diz”

“Minha mãe não ia aceitar só ela e nós não! É...é isso, por isso que eu falo: 'ela é a poderosa.' Isso é mal, porque até hoje a mamãe vive sobre (sob) ela. Porque se ela falar: 'mamãe não come isso!' A mamãe não come. A minha mãe é controlada por ela! Então é isso que eu to te falando! Nós não tinha o total respeito que a mamãe tinha por ela. Nós era uma qualquer. Nós que se virasse. Ela ficava até duas, três horas da manhã ficando com menina, ela ficava uma hora da manhã com a namorada dela, só conversando, nada de beijo e de abraço não! A mããe chegava e falava: ‘tem vergonha não Carla, até uma hora dessa e essa mulher ainda aí em casa!?’...!Ah mamãe! cala a boca! Oxi, vá dormir!’ Aí voltava, ficava de conversinha, tal, tal,tal...só via ela fechar...ia levar a menina em casa, meia hora ela voltava, aí mamãe falava alguma coisa e ela...botava pra calar a boca! Era assim, mas é uma pessoa maravilhosa...tirando isso.

Relacionamentos

“Porque você não faz uma pesquisa sobre porque as mulheres hetero gosta tanto de ficar com a gente entendida? Parece que é uma curiosidade, assim, não sei, mas eu queria saber...”. Esta foi a primeira observação que Filipa me fez ao ouvir sobre o trabalho. Foram cinco encontros, aos quais na maioria deles falamos sobre relacionamentos.

“Meus relacionamentos são sérios, tenho má sorte...namorou hoje, amanhã já tá morando (risos). Eu sempre tive essa facilidade, sempre...é incrível! A minha primeira mulher mesmo, eu tinha 14, 15 anos, vizinha, era uma mulher casada e ela achava que era uma doença...e falava: 'eu vou levar você pro hospital!'... e eu falava: 'mas não é! É daqui de dentro mesmo... meu primeiro relacionamento...e ela falava: 'amanhã você vai se arrumar e eu vou

levar você pro hospital'...eu sei que a gente se envolveu...durou cinco anos, mesmo escondido do marido dela, depois eu vivi com outras quatro e aí vim embora com a Antônia. Ela era divorciada, morava em Parnaíba, a gente saiu de lá em 2000 e durou até 2007, sete anos, meus relacionamentos são de três, cinco anos e atualmente estou com essa de 1 ano e meio e já tá no final! Oh, mulher ciumenta!. Engraçado que hoje elas vivem com outras mulheres, não quiseram voltar pra marido ou ex-namorado, a maioria delas são minhas amigas, tem outras que não querem nem me ver! É porque eu sou boa demais, só pode! Só pode porque..."

“Não sei, mas acho que o problema dos meu relacionamento é que a maioria que eu me envolvi, não me arrependo, cada qual foi melhor que o outro, o problema é que a gente não pensava em construir, só destruir! Farras, viagens, se pegasse um dinheiro hoje...bora farrear, bora viajar e hoje, você procura se manter, ter alguma coisa.... Mas hoje eu penso diferente, não penso mais em farra. Começa uma certa etapa da vida da gente que você já começa a melhorar, mas eu não estou reclamando que elas não fizeram eu construir minha vida, não! A gente junto, era só vida fácil! a gente não chegou a construir muita coisa...mas não culpo elas não."

Ao questionar como ela se sente relacionando com uma mulher, como vê isso? “As mulheres são mais dedicadas uma com a outra, são mais parceiras, ao invés de um homem e uma mulher. É uma coisa bem combinada...” (...) “Mas já tive mulher agressiva, essa que a gente veio pra cá, eu quase fui morta...porque ela tentou me matar, então foi um relacionamento meio difícil, ela vendeu tudo que eu tinha!...até hoje eu tenho cicatriz...aí eu falei: ‘a partir de hoje você não mora mais comigo, a partir do momento que você partiu pra agressão, já era!’...o que ela fez: eu doidona, festiva(tinha bebido), disse:‘vou te matar é agora, já tou triloca mesmo...beleza, ela comeu e vazou, foi lá em casa, eu tava dando a festa, festinha particular. Aí ela pegou uma televisão minha, vendeu rapidão, vazou e foi embora. Ao invés dela ir embora pra casa da mãe dela em Parnaíba, foi é pra casa da minha mãe, aí minha irmã liga: 'Filipa, a Antônia está aqui!' Aí eu disse: como é que é?! 'Antônia tá aqui, o que foi que houve?' Aí falei: pô, essa mulher quase me mata aqui, véi, se não fosse a vizinhança aqui, um pessoal aqui da festinha, saí daqui toda rasgada. A minha irmã ficou louca, só simplesmente conversou com ela e mandou ela embora, pronto. Mas ela insistiu e sofreu pra vir embora, era o tempo inteiro, 24h, ligação no meu celular. Eu falei: 'não volto e não voltei, não tenho raiva dela, nem nada, mas assim, acho que quando chega nesse ponto não tem como ir adiante e eu sou muito dada, não tem como...aí é o lado que a pessoa não entende, leva logo pra outros lado. Ah não, caio fora! tiro de letra! Não vou dizer pra você que sou durona, que não sofri nada, ou que eu sou a tal...sofri. Foi um relacionamento de quase sete anos, você sofre né?! Mas não voltei não. Ela

foi lá depois pra pegar umas coisas que ela tinha, eu paguei foi um caminhão pra tirar as coisas dela."

"Eu gosto de me relacionar com mulheres hetero, ah... você chegar e conquistar a pessoa de primeira que nunca ficou com...entendeu? Me sinto uma pessoa diferente, não é como ficar com uma mulher experiente, que já ficou com um monte de mulher. Eu tenho muita facilidade com mulheres mesmo, normal, mulher casada. Já fiquei com muita mulher casada" (...) "você vai pensar que eu sou vulgar". "O mais difícil foi me envolver com mulheres casadas...o encontro... eu me sentia...era muito complicado, às vezes ter vontade de ver - que era toda hora - e não poder. Um cara chegar na tua casa, assim... e tentar te matar e minha mãe entrar no meio assim, puxar uma pistola pra minha mãe e eu só falava: 'não mexe com a minha mãe não que eu nunca mais procuro tua mulher, mas ela que me procura, cara!' Eu dezenove...vinte e dois anos."

Diante das reclamações dela do ciúme das parceiras e das necessidades de cuidado que elas demandavam, pergunto como ela se sente tendo vários relacionamentos com essa característica? "É uma sina da minha vida, sei lá, acho que a vida é assim mesmo, partir pra outro do mesmo jeito ou pior." (...) "Até que eu gosto num certo ponto, mas é sufocante, você está num lugar em que sempre está tensa. É bom você ficar à vontade, presta não...mas convivia, as vezes deixava de viver pra viver a vida dela, com medo dela fazer besteira...hoje não penso mais muito assim não, tem a Antônia foi assim, a Magda foi assim, a Sol é um pouco assim, mas eu dou uma freada nela..". (...) "Ela também é sozinha, ela não tem ninguém aqui, não tem pai, não tem mãe, só tem madrasta na Bahia e que também não valoriza ela um pouco, praticamente ela só tem a mim e eu em volta, em volta também só tenho ela. Eu só tenho uma irmã no Gama, outra em Goiânia e o resto é tudo no Piauí. Então aqui...é ela por mim e eu por ela, então, acho que é por isso que eu me apego muito as minhas mulheres, as minhas ex-mulheres, porque eu só tenho elas! Eu tenho que contar com elas e elas comigo, tá entendendo?"

"Fora isso, sou sacana? Sou! Brigo com cachaça? Brigo! Mas elas tem a mim e eu tenho a elas! Quando me acidentei de moto aqui eu tava com a Nádia, nós tava em pé de guerra... pelo mesmo motivo (ciúme, bebida...), mas quando eu me acidentei, quem estava do meu lado? Ela! Até hoje eu sou grata a ela...ela me banhando, me lavando, me levando pro hospital, toda imobilizada, então por mais que seja um relacionamento desgastado, tem esse lado e eu vou muito pra esse lado...Mas eu aprontei com ela! " Filipa lembra de quando foi pra um cabaré em Águas Lindas (cidade do estado do Goiás, entorno) e a mulher ligou. Ela disse que havia tido um acidente e que estava tomando soro. "Minha mulher ficou doida e perguntava: onde você tá que eu vou aí? E eu só disse: 'eu to bem, não precisa se preocupar não e ela foi pra vários

hospitais, aí cheguei as cinco da manhã, escondi a moto na casa de um amigo e comprei um curativo de tirar sangue pra dizer que foi do soro. E ela dizendo: ‘não, não compensa’. Não faço mais isso não, hoje em dia tô de boa.”

Casamento: Minha sina, meu desejo

Minha amiga convidou pra um churrasco na casa dela era uma segunda-feira eu tava recém separada, carente e minha amiga, Zil, que eu considero muito, uma baixinha, pretinha assim, mas gente boa (Filipa também é baixinha e negra), me chamou só pra curtir um pouco. Cheguei lá, entrei no portão azulzinho assim e elas tavam lá bebendo cerveja, aí eu disse: 'vou chamar a Carolzinha aqui do ‘Setor O’ pra ela vim aqui que hoje eu quero é beijar na boca! E a Zil falou: ‘não...chama ninguém não, vamo ficar aqui de boa’ e apontou para a Sol que estava do outro lado" (Sol é negra retinta, mais escura que Filipa e com todas as características negróides bem demarcadas) (...) “Olhei pra ela assim, não gostei muito dela não! Mas depois de umas 88... (um tipo de cachaça que Filipa bebia) (risos). Perguntei porque ela não tinha gostado, ela continuou falando e desconversou, posteriormente voltei a perguntar e ela disse: ‘achei ela feia. Nega feia do diabo! Mas agora, olha aí, tamo junto até hoje.’” (Fala como se estivesse fazendo graça). ... “Aí fui pegar uma cerveja e o isopor num lugar estreitinho, ela tava lá lavando uma louça, esfreguei nela, assim, e a Zil: ‘e aí, tem coragem? E eu, ma rapá, do jeito que eu tô aqui...depois de umas 88...pego até....e ela: ‘oh, a bixinha é gente boa’ e assim ficamo.”

“A Sol tem 25 anos, eu sou mais madura que ela, então eu gosto de conversar muito com ela. Ela fala: 'ai que saudade do meu filho!' E eu: 'porque você não vai lá. Você vai amanhã...'quando foi terça-feira, ela foi"(...) "Final de semana as vezes ele vem e fica comigo, as vezes ela vai...e é assim...tem que apoiar, né? Independente de qualquer coisa” (...) “Quando fui me envolver com a Sol, vou ser bem sucinta, não vou falar que amo, mas eu gosto muito, porque a convivência vai ensinando, não é isso? Já são mais de um ano. Mas na verdade o que me levou a viver com a Sol foi a necessidade. Eu estava desestruturada, recém separada, aluguel atrasado, o que acontece? Influência das amigas: 'pega aí! Pô bixo, ganha bem!' e eu: 'não pô, não quero viver com ninguém.' Mas assim, ela também morando sozinha em Santa Maria...só pensava em beber, farras! Aí quando foi nesse dia, churrasco na Ceilândia, ficamo nesse dia. Quarta-feira ela me liga: 'posso ir na sua casa?' Falei: 'pode!' No domingo, ela saiu da feira foi

de novo lá pra casa. E eu tava sozinha, dormia a noite toda, saia...não tinha noção, tava alencista (acho que ela quis dizer que estava alienada da própria vida), tava desempregada. Juntando uma coisa com a outra e um dia ela disse: 'quero que você vai lá na minha casa e eu: 'beleza' e fui. Se eu estava desestruturada, ela estava pior. Pensei: 'eu tô é no céu!' Acredita? Aí eu falei: 'eu vou é cuidar dessa coitada!' Ela sozinha, as coisas meio cadente, tudo bem que eu também não tenho nada, mas...ela sozinha ali, eu fiquei meio assim, sem nada, beleza, comprei umas cerveja...fomos pro bar...e eu: 'meu Deus!'...o colchão ali no chão, sabe? Televisão lá tem que ligar no palito..., não falando disso, mas no modo de falar...essa menina trabalha, rala pra caralho e vive numa situação dessa?! Fiquei lá a noite toda e depois fui embora e ela foi embora comigo e assim começou...eu mais ajudando ela. ”

Voltando as impressões de Filipa: “então, eu sou uma pessoa que tiro da minha boca, sou muito emocional (emotiva).” Fala do cuidado que dispensa aos animais, crianças e idosos. "Acho que ponho costume na mulher. Chego todo dia 17:30 em casa pra não ter confusão! Chegar em casa, eu já estar em casa, se tem alguma coisa pra fazer, já faço, esquentar comida e quando ela chega, já tá tudo controlado. A pior coisa é chegar e tá tudo...porque eu chego antes que ela...é coisa no sofá, roupa em cima da cama...então, assim, já virou rotina. Se ela chegar e não me ver...aí já começa a querer brigar, bate boca, querer vir pra cima e aí eu prefiro ficar caladinha, pra evitar briga" (...) "Naquele dia que a gente conversou e eu cheguei um pouco mais tarde, ela começou a encher o saco, passou a semana inteira me enchendo o saco: ‘vai vim hoje? Vai vim mais cedo hoje?’ Aí eu disse: 'oh véi, se você começar com essa onda aí, pior pra você!' e ela: ‘ah, tá, pelo menos liga’. Tivemos uma briga feia segunda-feira, aí fui direto no Novaes e fui beber uma, ela foi atrás: ‘não vai dormir não? Amanhã você tem que trabalhar!’Eu falei: ‘eu sei da minha responsabilidade’. Ela me sufoca véi! Mas acho que é porque eu ando certinha, 17:30 tô em casa todo dia. Aí ela fala assim pra mim: ‘vou me embora! Tá me humilhando. Vai ver viu...esse mês eu vou pagar o aluguel sozinha.’ Aí eu digo: 'não fia...eu tô aqui pra isso. ‘Não, mas eu faço questão de pagar’”.

“Eu gosto de pagar minhas coisas, não deixo ela pagar muitas coisas, não gosto! Eu que pago meu aluguel, minha água, minha luz. Ela ajuda o filho dela. Paga 300 reais pro menino e ganha 800, o que vai sobrar pra ela? Aí ela fala: ‘você paga o aluguel sozinha, porque você quer me humilhar...’Eu falei: ‘não to te humilhando não cara...pelo contrário, você presta atenção! Você tem seu filho, tem um monte de responsabilidade pra você pagar, tem perfume, tem isso...tem aquilo...Aí quando foi segunda-feira, ela me ligou: ‘o Ivan teve aqui e eu dei o dinheiro do aluguel pra ele’. 'Quem disse pra você dar o dinheiro do aluguel pra ele? Eu disse pra você fazer isso? Eu não disse!' ‘É, mais eu já dei’. Como se dissesse: ah, sei lá...aí ela já

vem: ‘se fulano vir aqui eu saio pela aquela porta!’ Pois sai porque quando me conheceu eu já conhecia fulano! ‘Então prefere fulana que eu?’ Não...ahahahahah pensa que porque paga o aluguel tem o direito de mandar?...mas não tem mesmo. Já me conheceu ali... eu não deixo amizade por mulher não! (pouco tempo depois que conheci a Filipa, soube que ela estava interessada na mulher de sua amiga e antes de encerrar o trabalho ela e a amiga já não se falavam mais, por esse motivo). Eu procuro no máximo pagar, pra ela não me cobrar muito, tá entendendo? e depois não jogar na minha cara. Aí ela reclama, reclama, reclama e depois fica de boa. O problema é ser certinha demais, ser responsável, as pessoas abusam e ficam tentando controlar tudo inclusive os horários. ”

Diz: “eu tô com um problema sério e você vai me ajudar (fala baixinho como se fosse um segredo)...não, você vai me ajudar...”digo: fala aí. “A gente bebe, não bebe? Eu bebo, você bebe, Andreza bebe (pessoa que me colocou em contato com ela), todo mundo bebe, mas a Sol, ela tá bebendo demais. Todo dia a mulher bebe, não aguento mais! Não sei véi, mas eu tô com medo dela, ela tem problema de anemia e tem hora que ela desmaia! ” Pergunto se é um problema constante? Ela: “não...mas as vezes, tipo assim, agora ela tá em casa, vai lá compra a cervejinha dela e bebe, mas eu tô com medo dela virar alcoólatra! Eu tenho que ser em primeiro lugar e ela em segundo (na ingestão de álcool). ” Falo: deve estar curtindo as férias. Quando chegar hoje em casa, ela já está alta? “Não...tá não.”Está esperando você? “É...tá num pé e noutro...já foi no seu Zé, já foi lá no Novais (com ar de satisfação) e perguntando: ‘porque tu não me ligou?’ ”.

Sobre interditos e autodefinição

“Ôh... minha mulher não me penetra não, é sério! Porque eu nunca convivi com homem, nunca fui penetrada...sexo oral beleza, língua e tudo, sou viciada em sexo oral e tudo, mas em termos de dedo nunca. Eu nela sim, normal, mas ela nunca, é doido(...) eu não deixo porqueee nunca me relacionei, nunca tive, entendeu? Um relacionamento bem profundo, então me machuca(...) ah, acho que tem que ser bem devagarzinho porque quando é virgem, virgem machuca....ah...eu vou mesmo deixar nego ficar me socando e eu me sinto satisfeita assim, tem língua e é assim...graças a Deus...penetrar não” (...) "Já tentaram e eu tirei....quarentona! Tá louco!...como diz: 'vale tudo', mas sei lá, acho esquisito. Me perguntaram se já usei pênis de plástico e falei: 'como é a história aí?' Porque é assim: se você tá véi, tem que aceitar as manhas

correta, porque se você quer um pênis de plástico, procura um homem. Se eu uso um pênis de plástico, não sou eu. ”

“Não me considero macho, macho, só me considero uma lésbica assumida que gosta do que gosta, então se eu gosto daquilo vou fazer aquilo. Se eu gosto de mulher, eu tenho que satisfazer com os meus métodos, não porque ela quer eu vou pegar uma calcinha com pênis e vou enfiar nela. Não! Procure um homem então. Tem uma língua enorme num sexshop, vou comprar. Tenho uma amiga que só penetra a mulher dela com um pênis. Uma pessoa dessa não gosta de mulher, eu penso. Sempre fui convicta do que eu era e do jeito que tinha que fazer amor. ”

Histórias de violência

Pergunto se ela não cansa de briga e ela diz que já conviveu muito com isso e que é normal, mas só não pode acostumar e diz que geralmente briga quando bebe ou quando está alterada e “é quando elas vai fazer cobrança ou fala de mal jeito”. Pergunto se ela se sente ofendida e ela diz que não, o problema é que ela não fala direito, tem jeito pra falar, não é bagunçado assim não. ”

“Ah! As vez a gente vai indo, vai indo e começo a abrir o olho pra aquela pessoa, ver que ela não se preocupa, não tem amor próprio, é muito insegura, sabe? Quando eu começo a ver como é que estão as coisa, o relacionamento que não tem futuro aí começo a querer ir embora, mas depois que tudo passa aí o amor fala mais alto...eu deixo pra lá e fico. ”

Aproximando-se o final da pesquisa, Filipa sumiu. Passei duas semanas tentando falar com ela sem sucesso. Após essas duas semanas, ela me ligou e marcamos um encontro. Filipa começa a me contar, então, de sua peregrinação pela cidade, de casa em casa de amiga/o. Ela havia brigado com a mulher e ao agredi-la, Filipa foi denunciada. A peregrinação era uma tentativa de fuga da denúncia: “nessa semana fui dormir no restaurante onde eu trabalho (numa sexta-feira) ”, fala como se fosse uma aventura. Dormiu em vários lugares diferentes, insalubres, arriscados... Conta que foi de uma briga e que “quase fui presa na Lei Maria da Penha! ” (fala com certo ar de orgulho). Conta que a Sol jogou coisas nela. Me mostra o machucado e pergunto o que foi que ela jogou na outra e ela diz: "nada...só disse que ela não ia quebrar minhas coisas não e que se ela tava querendo briga, então ela ia ter". Tá cheia da cicatriz? Pergunto. “Tô...vou no IML ver se tem um difunto pra eu trocar um braço lá” (ela ri).

Eu não soube como terminou a história do processo e da denúncia da esposa por agressão, após esse dia, apenas acompanhei Filipa em um almoço na casa da sua irmã e lá elas conversaram sobre isso inicialmente com uma linguagem cheia de códigos, depois foram se soltando um pouco mais. A irmã parecia muito preocupada com ela. Preocupava-se devido a história da agressão, mas também com o cotidiano de Filipa, a constante embriaguez e as situações muitas vezes arriscada na qual se colocava. Filipa demonstrava ao mesmo tempo em sua fala, ar de naturalidade a respeito dos desdobramentos de situações como essa, orgulho pelos feitos e pelas aventuras. A irmã com frequência falava como se ela fosse uma criança levada que não se corrigisse, mas que “dá menos trabalho que Patrícia. Menina, Patrícia voltou a se envolver com droga, mamãe e Carla tão doida! Acho que não tem jeito não. Fica nos cabaré dia e noite...” e Filipa: “eita, Patrícia, muleca doida! ”. A conversa sobre a denúncia contra Filipa levou a irmã, ela e uma amiga a conversarem sobre a necessidade de Filipa dar fim ao relacionamento. A conversa era em torno de “não, não dá...tem que arrumar alguém melhor”. Esse arrumar alguém melhor começa com a agressão e a denúncia e termina no: (...) não, bicha feia! Para com isso Filipa, só arruma essas coisa! ” E Filipa: “oh, deixa a bichinha, fala assim mais ela é boazinha” a irmã: “boazinha e te tacou uma Maria da penha?!”.

Rivalidades: marcando posição

Andreza foi uma das minhas interlocutoras e amiga de Filipa. As duas pareciam manter uma rivalidade velada. Em todos os meus encontros com Filipa, Andreza é mencionada. Filipa fala por diversas vezes da importância de marcar posição numa relação e repete isso quando está também contando algo sobre a amiga. Andreza tinha um casal de amigos Suelen e Ricardo. Elas/es saíam juntas/os, as/os três e outras/os amigas/os, e depois de um tempo passaram a trabalhar juntas/os em um bar. Filipa em quase todos os nossos encontros mencionava suas saídas para beber com o marido de Suelen como seu brother e falava isso para todas/os que encontrava. Quando eram nos momentos de conversa com Andreza, ela mencionava os comentários, sua indignação, as insinuações por sua proximidade com Suelen etc. A Andreza também como Filipa, se define como “entendida masculina”. Os comentários de Filipa eram sempre das inúmeras agressões que Andreza havia sofrido, da dificuldade dela em se impor e dos vários recursos de que Andreza se utilizava para mascarar situações em que se encontrava em posições de fragilidade. Filipa me conta isso fazendo gestos e com um tom de voz de

reprovação, comentando o quanto Andreza não reage, se submete, não consegue sair de relações violentas e que se fosse ela (Filipa), nunca deixaria isso acontecer. Por diversas vezes, Filipa é contundente em afirmar que é necessário: "...se impor desde o início (...)o importante é marcar posição, mas acho que todo relacionamento, você tem que ter posição, se você não tiver uma posição certa, fica difícil, mas eu tô falando alguma coisa de errado? ...vocês mulheres...nós somos mulheres, assim...eu sou mulher, lógico que eu sou mulher, mas eu sou uma mulher beeeeeeeeeem ativa e você é passiva" (se dirigindo a mim. Pergunto: eu? e sorrio) e ela interrompe: "é, é lógico que é, você é bem feminina, nem vem. Aí eu te pergunto, tô fazendo alguma coisa de errado? Não tô! É que nem o homem, o homem tá bebendo no buteco, com os cabra lá de boa, curtindo...Tá com rapariga? Tá não. Tá com quem? (imita vozes de reclamações femininas) não é diferente a vida da gente. A minha pelo menos é um inferno, não é diferente! ...hum...vou beber, vou beber, vou beber e vou ouvir, mas relevo! Amanhã é outro dia, amanhã vai ser uma rainha, uma princesa...vou sair com ela, almoçar com ela em restaurante, vou deixar ela fazer o que ela quiser, nesse dia ela pode. Mas assim, eu vou ter que ouvir porque se eu brigar é pior, você vive no mesmo teto...ou uma sede ou a outra sede....ah, sei lá...eu já fui muito louca, agora não."

Pergunto se é muito comum momentos de violência na vida dela? "Não, quem ama não maltrata não...jamais, tá louca! Bater na mulher que gosta dela." Mas nunca chegou ao extremo não? "Chega sim... eu já briguei eu mais a Sol e eu dei um murro tão grande nela que ela caiu no banheiro e quebrou uma costela assim. Já tem um ano...eu não xingo, fico de boa, mas tem uma hora que dá uma pomba gira na gente. Teve um dia que eu não sei o que foi, mas a gente tava bebendo lá e ela: 'Filipa, não sei o que!' Acho que ela queria desligar o som e eu falei; 'Você vai desligar o som porque?...' 'Ah...porque já é tarde'. 'Vou curtir, véi! Só tenho hoje pra curtir, vou curtir' e ela: 'eu vou desligar!' Eu dei um doidão nela, assim que ela caiu no banheiro, aí bateu no vaso, desmaiou, e ficou cheia de sangue, aí chamei a Conceição (vizinha) e ela me ajudou a colocar a Sol no sofá, não me perdôo nunca, até hoje ela fica: 'ah..tá doendo aqui, ó tá inchando' e eu fico: 'não, vai melhorar...'sei que eu tô errada. Existe Maria da Penha pra nós também!"

Pergunto qual geralmente é o motivo das brigas? "Ciúmes, bebidas, horários, como eu falei: 'agora vou fazer meu horário, você faz o seu, independentemente, é assim'...e às vezes a bebida atrapalha muito, não que eu não beba, mas elas bebem mais do que eu, todas elas" (...) "Então eu vou ficar meio insuportável, porque vai ter um dia que eu não vou querer beber e elas bebem" (...) "A Sol mesmo fica: 'ah, você quer me humilhar, vou embora da tua casa...toda hora, ela irrita você...Não, vou me embora da estrutural, já morei debaixo da ponte, porque eu

não moraria agora!' Aí não deixa você dormir e fica lá, mas tem hora que você não aguenta, aí eu tenho que falar merda mesmo....aí no outro dia fica dando uma de coitada: 'te amo', quer beijar a gente, aí eu não aceito, entendeu." (...) "Vai embora nada moço! Se ao menos fosse, mas não vai" (...) "não tem pra onde ir" (...) "Trabalha, aluga uma casa e vai viver, mas é desestruturada, não te falei." (...) "É muito drama e mentira. Ela mente demais, pra beber, ela mente, ela bebe escondida no trabalho. E as meninas fala: 'ah, o dinheiro dela vai ficar todinho esse mês aqui'...aí perguntei: 'o que tanto tu comprou aqui?' 'Ah uma calça, isso aqui...' eu falei: 'cara você tem suas contas pra organizar, tem suas contas pra pagar' e aí...ela pagou 300 reais só de bebida, uma amiga me contou. Pra que isso! Ela chega com a bebida em casa e diz: 'ó amor, o que eu ganhei'...mentindo com medo de eu brigar. Diz que a Zil deu...mentira! Não, tem que ser mais controlada!" (indignada)

“Eu não sou muito de sair, eu saio com ela ou saio com amigas, turma, mas traição não. Mas pra elas é traição, aí elas não sabem conversar não, já vem pra cima, quer quebrar as coisas, celular, fica só os bagaço! Eu falo: 'não, não precisa disso não!' Aí de manhã vai trabalhar, dá uma de donzenla...beijinho pra cá, beijinho pra lá. Vai, vai. Hoje, me acordou três horas da manhã...não aguento dormir em cama, não suporto cama, durmo em sofá, junto os dois sofás e durmo. Aí me acordou e eu falei: 'pô é três da manhã, amanhã, eu vou trabalhar, preciso dormir'...'Não, só responde uma coisa, você ainda me ama?' Oh, dá licença, ou é insegurança dela ou não sei o que é. E eu: 'vamo conversar amanhã?' Mas charopa porque tava tomando umas, porque ela toma todo dia.”

“Ela chega, já vem com caô. Fala: 'vamo tomar só uma?' E eu: 'eu não quero, se você quiser pode ir fique à vontade'. 'Ah, então deixa quieto. Mas pra satisfazer ela, eu vou lá embaixo, eu sei que ela vai beber mais, aí eu compro umas quatro, seis cervejas...aí pergunta: 'você não vai querer nenhuma não? Eu preparo pra você'. E eu: 'só uma.' Aí prepara uma pra mim, aí começa. Depois da quarta vem me encher o saco. Mas eu fico com dó, porque ela tá com vontade, entendeu? A pior coisa do mundo é você tá com vontade de uma coisa e não poder para segurar alguma coisa. Eu não, eu deixo à vontade, mas depois vem pra cima de mim!

”

Reflexões sobre suas vivências nos relacionamentos

"Nunca consegui sair disso. Veio a Antônia, ...e tudo quer curtir, curtir, curtir. A Antônia, no domingo não falei que ela tava muito doida, sorrindo parecendo que tinha uma pomba gira dentro dela...mas é assim, desestruturada véia. Acho que elas pensa tipo assim: 'encontro um sapatão que tem casa, tudo montadinho, tudo bonitinho, vou me encaixar é aqui.' Não tem estrutura e fica querendo desestruturar todo mundo e eu vou ficando, vou ficando, vou percebendo, vou percebendo, aí quando chego ao extremo de falar alguma coisa pro bem delas...Não, é porque tá humilhando, porque quer humilhar, então fico sem poder falar" (...)

"Então, é meio que assim, nem me estruturo, nem elas, mas sempre foi assim...saindo de uma e entrando em outra, mas parei. A gente cansa, batendo na mesma tecla, na mesma tecla, na mesma tecla" (...) "Mas coração véi quando manda, sei lá...enquanto ele não quebra, não sossega, não tá nem aí, todo quebrado e tá ali atrás. "

"Eu fiquei três meses sozinha...foi bom e foi ruim, aí me envolvi com a Sol e ela precisando, aí disse: 'então vem morar aqui pô! É mais perto do seu serviço', aí ela veio, foi ficando e nessa, né? Tá até hoje. Mas pra mim três meses sozinha foi bom, não ter ninguém em casa te perturbando, mas por outro lado é ruim, né? Ficar sozinha, eu tenho medo de chuva, corria pra casa da vizinha e aí eu disse: 'não...! Aí você acaba se envolvendo com as pessoas pra não ficar sozinha, mas três meses foi uma boa experiência" (...) "Fiquei sozinha porque eu quis. Passava nuns butequinhos, tomava uma pra poder ir dormir, pelo menos bêbada, pra poder passar logo o tempo, beijava na boca e vazava. Não levava ninguém pra casa não, uma pessoa só, eu acho. Mas assim, eu bebia todo dia, pra passar logo o dia rápido. E quando tinha feriado ou folga do serviço? Nossa, era um tédio, ficava sentindo...depois do buteco, o tempo não passava e aí ficava: 'não, tenho que me envolver novamente.' Não estou arrependida, porque não me arrependo fácil. "

"Já falei...preciso criar vergonha na minha cara, ou eu boto um relacionamento sério, sério mesmo ou eu morro aqui sozinha, tenho um infarto ou um AVC e pronto. Mas por outro lado, não tô nem aí não, a morte vem pra todo" (...) "não...tô nem aí...do fundo do meu coração, de verdade. Minhas irmãs ligam e dizem: Filipa, você não pode ser assim, você é muito dura...então, por um lado, eu sofri dentro de casa, não violência, mas humilhação, por causa de roupa, minha mãe não deixava, quando eu decidi sair de casa, ela não queria aceitar, depois que ela descobriu, até ela aceitar, sendo que tinha gente mais velha que já era entendida. E meu sonho era sair de casa e morar sozinha. Isso aconteceu! Então, pra mim, por eu ter convivido com aquilo, não vai fazer falta não, Deus me perdoe...que não me falte nenhum, que eu amo todos..." (...) "Falo Natal, aniversário dela e dia das mães, mas é uma coisa minha, não é que eu seja rancorosa, dura, sou tão sentimental, mas é coisa minha."

“Minhas mulher é que são minha família...é...por isso que eu me apego. Elas que são minha família e a maioria também não tem ninguém. Aí eu uno o útil ao agradável e me lasco todinha. A Antônia tem as filhas dela em Parnaíba, ela veio comigo, quando a gente separou não tinha ninguém, não que eu deixei ela abandonada. Foi briga, ela foi embora por conta dela, já tava meio desgastado. A Magda por causa de bebida.”

“A Sandra foi a mais cabeça” (...) “acabou porque eu também era uma pessoa que não valorizava muito, então, não tava nem aí não e era muito assim” (...) “Quantas vezes não chegava, ela tava lá na janela chorando, uma hora, duas hora da manhã, esperando, eu não tinha nem condição de subir na escada, ela me acolhia, me buscava, eu era muito de frevo também, muita loucura, mas...quem aguenta uma situação dessa? Nem eu (fala com uma voz triste). Eu era muito pelas amizades, mulheres, ia muito atrás de mulheres, por causa da amizade. Fui parando, parando, ficando dentro de casa, nos barzinhos do lado” (...) “Ela também é cabeça dura! Falei com ela um tanto de vezes. Ela tem só um filho de um cara e tem duas filhas do outro cara e ela cismou de morar com esse cara por ter dado um filho homem pra ele. O cara humilha, vai embora de casa, raparigueiro. Passa três anos separado, três anos é muita coisa! Será que ainda existe sentimento? Aí o cara dá três ligação, joga uns caô e tá lá morando com ele. Isso é sentimento não! Ahhh, é por causa de meu filho! Não, e onde fica o sentimento? E cama?...Cama conta muito! Você tá é louco! Você me leva pra uma cama, tem que mexer demais, não tô querendo ser melhor que ninguém não, mas pra mim ir pra uma cama, véi...tem que mexer muito comigo. Aí três anos, voltar pro mesmo cabra véi imundo! Não, nada contra a personalidade dele não, mas e aí...por causa de meu filho?! O que é isso, moço? Vou trabalhar, viver minha vida, mostrar que eu sou melhor, não é verdade? Concorda comigo? (...) não se garante, né? só passando necessidade, só com um menino pequeno e a Luíza desse tamanho (faz gestos mostrando o tamanho da menina), não moço, deixa com alguém, vai fazer uma faxina! Não, dá licença! ”

E quando o relacionamento está desgastado, como você diz, o que você faz? “Eu seguro, seguro até...eu penso assim, muitos, eu pensei, hoje mesmo, tô fazendo das tripa coração”(…) “Procurar uma pessoa pra viver a velhice até a morte, vou tentar ter isso, mas se não tiver, tô nem aí pro azar. Não vou ser que nem esse irmão meu lá... dando dor de cabeça pra eles. Viveram, viveram e agora, com cabelo branco dando trabalho! Vou nada, prefiro uma boa morte, falo mesmo é pra ela (Carla, a irmã mais velha), vou lá pra passear, mas não volto não. Meu problema todinho é que sou muito orgulhosa!” (...) “O coração mesmo que é pesado. ”

Projeto de doação é um projeto de sacrifício e...controle?

“Então, as vezes eu deixo de me ajudar pra ajudar minha próxima” - Se sente injustiçada? - "Isso! Falou tudo” - Porque faz isso? “Porque...proteção, quero proteger... porque não sei cuidar, eu sou assim...se eu vê um bem ali, eu vou...tá precisando de quê?” (...)“Pois é, porque a gente, no meu caso, a gente ‘entendidas mulheres’, a gente se dá demais (...) “A gente se dá demais. Eu me fodo todinha pra ajudar mulher minha e ex-mulher minha, faço das tripas coração.” (...) “Quando tem uma briga na rua, nos bares, eu tento evitar. Quer brigar, vamos brigar dentro de casa, pô. Eu, se acontece alguma coisa em boteco, qualquer coisa, é raro, mas a gente se dá demais pra que isso não aconteça! No caso, nós sapa” (...) “E quando uma sapa é sua amiga, por mais que ela não esteja com você, por mais que ela não tá com você, mas ela tá pra ali perguntando se você tá bem, se não tá, uma coisa de dentro, pelo menos no meu caso é assim. É como se fosse uma vontade de cuidar, proteger, conduzir a situação pra ver se sai tudo certinho, sabe? ”

Você acha que existe uma diferença entre as sapas e as hetero com relação a isso? “Quando elas gostam, quando elas amam, sim...são como umas loucas, tipo assim: ninguém entra nessa amazônia!” (risos) – E dos homens? “ Homens normais? Sim... MUUUUUUITO!” (...) Nós somos mais amigas, não somos tão egoístas quanto eles, apesar de que eu nunca me envolvi com homens, não sei, mas existe pessoas que se envolve, tipo irmã, amigas minhas que sempre fala e..até pela amizade, então, eu acho que o meio homem é bem mais egoísta, então, ele é o homem, ele é o homem. Nós mulheres não, nós compartilha as coisas e eles não...o lado deles é o deles, o seu é o seu”.

DA IMERSÃO E CONVIVÊNCIA COM FILIPA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES

A cena que sintetiza simbolicamente a dor de Filipa é narrada por ela ao me contar da intenção da mãe em expulsá-la de casa. Essa cena não somente anuncia a dinâmica relacional que constitui algumas de suas feridas, mas também, em sua descrição apresenta o impulso, o movimento de Filipa em prol da reflexão e desconstrução de uma posição de submissão, que ela avaliava como violenta e dolorosa para si. Na narrativa de Filipa, uma grande dor se constitui

na relação triangular envolvendo a ela, sua irmã mais velha, Carla, e a mãe. Na cena que menciono, Filipa dorme fora de casa e ao voltar é impedida por sua mãe de entrar, a mãe ressalta suas relações homoafetivas de forma pejorativa e insinua uma ação de abandono onde Filipa é ordenada a procurar essas ditas relações "problemáticas" para se abrigar. No entanto, com a chegada de sua irmã mais velha em casa, também lésbica, tudo parece se resolver rapidamente a partir apenas da vontade da irmã, sem nem sequer falar com a mãe. Carla apenas manda Filipa entrar e tudo se resolve. Nessa cena estão presentes vários elementos apontados direta e indiretamente por Filipa a respeito de sua relação com a família, quais sejam, a não aceitação "ambivalente" da mãe em relação à sua orientação sexual⁴⁸, contudo, a mãe não só aceita a mesma condição da filha mais velha, como a obedece e se submete; outro elemento é a posição de poder que assume a irmã mais velha em detrimento das outras, no caso que nos interessa Filipa. Em seus relatos, Carla além de autoritária, promovia momentos que Filipa considerava de humilhação e desrespeito.

A configuração das personagens dessa cena guarda semelhança simbólica com o modelo familiar heteronormativo, no qual Carla assume o lugar do pai, a figura masculina – fato mencionado por diversa vezes na fala de Filipa -, sua mãe continua figurando como feminino e ela, Filipa, é a "filha" que deve obediência e respeito as duas outras figuras, principalmente a "figura paterna" (não pacificada, mas conflituosa para Filipa), representada por sua irmã, que é quem detém o poder de resolver situações de conflito com a mãe de Filipa e também o poder do imputar-lhe castigo. Diante do abandono da mãe e desse imperativo de subordinação que parecia assombrar Filipa já a algum tempo, ela se mostra irada e usa esse sentimento como impulso para romper definitivamente essa ordem ao afirmar que vai se esforçar daquele momento em diante para sair de casa e ter sua autonomia, e assim o faz. Essa cena, portanto, é simbólica de toda a dinâmica que vem sendo construída de aprisionamentos levando em conta suas sensações e sentimentos de dor, mágoa, abandono, inferioridade e desrespeito reafirmando assim sua incapacidade de romper com a submissão presente no jogo de relações familiares. No entanto, o protagonismo de Filipa vivenciado após seu sentimento de revolta simboliza também seu potencial e a sua forma personalizada de romper com essa dinâmica. Essa ação, uma vez concretizada, é acionada por Filipa em suas falas sempre que precisa ressaltar sua autonomia.

Segundo Filipa, seu pai foi sempre desestruturado, alcoólatra e foi paulatinamente sendo substituído simbolicamente e na prática, ainda em vida, de forma mais sutil, e completamente após sua morte, por sua irmã mais velha. Para Filipa, esse pai representa ausência, desestrutura

⁴⁸ Aceita em determinadas situações e em outras não, por exemplo, sob a condição de uma boa situação financeira da companheira.

financeira, insuficiência nas suas mais diversas dimensões. A figura paterna vívida é sua irmã, no entanto, essa figura não é aceita pacificamente por Filipa, mantendo-a em um conflito interno e provocando reações externas de embates e rompimentos. Hipotetizo que o conflito vivido por Filipa a partir de sua relação com a Carla, tem paralelo com a complexidade e instabilidade da figura de Carla enquanto símbolo referencial para Filipa. Na sua narrativa, Carla é o pai, mas é ao mesmo tempo, a irmã que lhe serve de referência para o exercício de seu desejo homoafetivo. É sua rival, Filipa afirma categoricamente, na busca por relacionamentos afetivo-sexuais. É também quem lhe causa e representa dor, tanto remetendo-a ao abandono materno, mas também submetendo Filipa a humilhações. Carla é também a representação de força, responsabilidade, capacidade de provimento e de conduta moral ideal amplamente reconhecida pela mãe. Apesar de todo esse complexo representacional e referencial que se constitui entre Filipa e Carla, esta não parece idealizar a figura de sua irmã de forma absoluta. Segundo seus relatos, existia uma idealização em sua infância e adolescência, quando desejava ser como a irmã, quando a espiava de longe como um objeto inalcançável e inatingível. No momento atual, Carla, continua inatingível, mas representa conflito e dor.

A mãe de Filipa é, na fala dela, frágil e vulnerável. Já era assim para Filipa antes da morte do pai e com a ocasião de sua perda tornou-se ainda mais frágil e dependente justificando e legitimando a ocupação da posição paterna por sua irmã. A relação de Filipa com sua mãe é constituída de algumas frustrações, quais sejam, do amplo reconhecimento da mãe de seu desejo homoafetivo, já que para Filipa isso acontecia com sua irmã mais velha e da constatação dela de que sua mãe reconhecia seus relacionamentos homoafetivos somente caso eles representassem uma promessa de ganhos financeiros⁴⁹. A mãe, portanto, não representa, um vazio, uma ausência, mas um abandono vívido e presente, diário e cotidianamente doloroso. Arrisco dizer que a figura materna de Filipa é uma figura intensa e absoluta no quesito abandono. A mãe foi abandonada por seu companheiro quanto ao cuidado protetor e provedor que lhe era devido e que lhe é “prometido” enquanto figura feminina na configuração simbólica, relacional e hierárquica patriarcal. A mesma mãe, que parece na fala de Filipa um ser frágil, à medida que se aprofundam e se somam os abandonos que sofreu, ela se vulnerabiliza ainda mais.

⁴⁹ Diferente da irmã que ocupa uma posição estável de provedora da família, Filipa era cobrada, por sua mãe, a buscar a prosperidade em um *outro*, denunciando o descrédito da mãe em relação a possibilidade de Filipa ocupar o lugar de quem sustenta ou se auto sustenta, lanço a hipótese de que essa dinâmica seria como uma projeção ou aproximação por parte da mãe de seu próprio sentimento de incapacidade.

Filipa, contudo, vive a dor do abandono da mãe e da insuperabilidade da figura da irmã até o momento sintetizado e simbolizado pela cena já mencionada⁵⁰. Assume o protagonismo de sua vida e rompe com as duas, “desconstruindo” a dinâmica que utilizava-se da sua dor e das suas sensações de abandono rememoradas em seu cotidiano para submetê-la à ordem da própria dinâmica e do “destino” de submissão que lhe eram devido. Filipa, então sai de casa para morar só aos quinze anos, assim ela me relata. Esse feito é motivo de orgulho, é o que significa a ela sua força, ousadia e autonomia.

No entanto, ao falar de seus relacionamentos, Filipa menciona que sua saída de casa teve contribuição significativa de sua companheira a época, uma mulher bem mais velha, que segundo ela lhe dava de tudo. Não pretendo com isso invalidar o processo dinâmico e protagonista de Filipa ao sair de casa, até mesmo porque a ação mais complexa e emocionalmente difícil, ela fez a partir de sua iniciativa e desconstrução que foi o “rompimento” da dinâmica simbólica originária. O rompimento com as figuras da mãe e da irmã significa a desconstrução de algo que acreditava-se não ser possível ser rompido e esse rompimento simbólico é creditado unicamente a Filipa. Após esse parêntese, voltando ao relacionamento, me questiono se o fato de Filipa utilizar a estabilidade financeira de sua companheira para impulsioná-la e sustentá-la nessa primeira fase, além de sua pouca idade e dificuldades financeiras, é claro, não está pautada na referência de abandono e incapacidade de sua mãe com relação a sua própria história? Onde a mãe parece estar eternamente em busca da proteção e provimento. Filipa se queixa de que sua mãe é interesseira, que vislumbra o poder aquisitivo nos relacionamentos das filhas e que diante disso até esquece-se de sua não aceitação da homoafetividade de Filipa.

Não só nesse, mas em todos os relacionamentos descritos por Filipa, o tema relacionado a crescimento financeiro, estabilidade, construção de patrimônios são centrais. Filipa queixa-se de só relacionar-se com pessoas que querem se destruir e/ou destruí-la financeiramente. Aponta isso como um possível padrão de seus relacionamentos e responsabiliza suas companheiras de sua sensação de instabilidade financeira e de seu suposto fracasso em um caminho para o

⁵⁰Essa tensão ao mesmo tempo em que lhe causa dor mediante o vazio de não estar “ancorada” em uma posição estável, aceita como a de sua irmã e a ambivalência de rivalizar com ela e ser empurrada para a aproximação da figura materna e dependente, lhe proporciona a flexibilidade de deslocamento entre as diversas possibilidades representacionais e a possibilidade de ir em busca do próprio sustento e autonomia, diferente de sua irmã que para manter sua posição estável necessita permanecer aprisionada as responsabilidades e a posição de pater que assumiu. Quando Filipa sai de casa e vai em busca de seu sustento é o momento em sua narrativa, que ao meu ver, ela mais se aproxima da utilização da dor e da posição não ancorada dela para dar uma volta sobre si e conseguir seu momento de independência.

progresso. Faz uma meia culpa, dizendo que não quer responsabilizá-las, ao mesmo tempo em que as qualifica como “são tudo desestruturada”, termo que também usa para qualificar seu pai e afirma que esse é o problema maior que enxerga em seus envolvimento afetivos. Me pergunto então, se Filipa, com isso, não está assumindo tanto o abandono vivido por sua mãe como o seu próprio abandono, colaborando com sua necessidade de busca constante de um terceiro, no caso uma parceira afetivo-sexual que viabilize seu crescimento e estabilidade financeira? Filipa, menciona que aproximou-se de Sol, sua atual companheira, por interesse financeiro, pois estava em crise e algumas amigas lhe disseram que ela seria um “bom partido”.⁵¹

A dinâmica presente nos relacionamentos afetivo-sexuais de Filipa, narrados e observados nesse trabalho incluem: o envolvimento com alguém que não tem estrutura financeira e que segundo ela, destrói o que ela poderia construir; o desenvolvimento de relações em que essas mulheres bebem muito e no qual há muitas brigas tanto pelas bebidas, quanto pela tentativa de controle das companheiras com relação a ela; a reflexão e constatação de Filipa de que aquele relacionamento não é saudável a ela e que não a faz bem; por fim, pensa em ir embora, mas quando depois o amor fala mais alto, ela permanece. O que é importante notar aí é que, como mencionei ao falar de meus encontros com ela, Filipa bebe todos os dias, bebe bastante, vez ou outra menciona que precisa gastar menos com “essas coisas da vida”, tinha ciúme de sua companheira, a agrediu, momento em que foi denunciada e passou um tempo foragida e que em sua narrativa não foi a primeira e única vez. O que quero sugerir como hipótese aí é que Filipa parece projetar em suas companheiras o que percebe ou vê em si, deslocando para elas ora o que considera um lugar semelhante ao da mãe, dependente, posição que a fragilizaria e ora aspectos do pai em que o fracasso remete a um masculino débil e que a possibilidade de aproximação com essa figura lhe traria dor e um sentimento de menos-valia.

A “saída” utilizada por Filipa⁵² é atribuir todos os elementos que conhece como vulnerabilizáveis e dolorosos à suas companheiras e assim ela se posicionaria de forma segura no lugar hierárquico e ideal reservado a um masculino com potencial de sucesso. Filipa, após a

⁵¹ Filipa vive então entre a recusa de buscar relações que a sustentem, a tentativa de sustentar, socorrer e doar-se às suas mulheres e ao mesmo tempo sentindo-se incapaz de prover seu próprio sustento e vive em busca de quem possa fazer isso por ela, acusando a todas as namoradas de lhe tirarem essa possibilidade.

⁵² Aproveitar sua posição de não aprisionamento na responsabilização pacificada e correspondida em que parece se encontrar sua irmã, ao menos na interpretação dela e a possibilidade que se aponta a partir da não fixação de sua posição na imagem frágil e dependente de sua mãe, me pergunto se não apontaria a possibilidade de atingir uma fenda, uma rachadura sistêmica e estrutural, contida justamente nessa oportunidade de utilização da ambivalência como potencial de deslocamento, de busca de autocuidado e sustento e de uma desconstrução mais profunda?

constatação de que uma relação que está vivenciando está lhe agredindo, lhe destruindo, pensa em ir embora, mas sede ao medo de estar só, a dor de vivenciar o abandono e permanece no relacionamento sob a justificativa do amor e da importância de se manter uma relação estável. Em outras palavras, sua busca por evitar a concretização do abandono e a instabilidade que isso remete, a faz agarrar-se ao que é firme, a norma, o imperativo do cuidado, da proteção e da responsabilidade em manter um relacionamento. Esse imperativo é traduzido pelo que ela chama de doação. Dessa forma, para Filipa, em sua narrativa, ela se doa demais, não sabe cuidar, exagera na doação, acaba priorizando os outros em detrimento de si, mas não sabe ser diferente.

Lembremos aqui que o abandono não é significado por Filipa apenas pela ausência. O significado de abandono para ela tem relação com ser preterida, com humilhação, com não ser considerada e por não ser acolhida e cuidada, partindo em busca de evitar esse também signo que provoca-lhe dor. A busca por respeito de suas companheiras e a rivalidade que empreende com sua amiga é um elemento que para mim figura essa busca. Filipa com frequência não só quando fala de si mas quando fala de outras, menciona a violência como “pra impor respeito e pra marcar posição”. Assim, como na história do capítulo anterior, dedicado à Alice, Filipa tensiona e abriga internamente a dor do abandono quanto à concretização da promessa patriarcal destinada tanto ao feminino quanto ao masculino, qual seja, a não ausência, o cuidado e a proteção de um lado e o respeito inquestionável e incondicional à sua posição de outro.

Em sua vida prática e em seus relacionamentos, conforme narrado por Filipa e observados em campo, ela rivaliza com diversas figuras, suas companheiras, os amigos homens e as entendidas masculinas. Sua principal rival presente em nossas conversas durante o período da pesquisa foi sua amiga Andreza, uma entendida masculina, na qual Filipa buscava sempre que falava sobre ela colocá-la em lugar de debilidade, fragilidade e vulnerabilidade. Com isso, me pergunto se essa rivalidade e a tentativa de destituir Andreza do poder que tinha e que as duas valorizavam não guardava um paralelo simbólico com a rivalização que gostaria de empreender com sua irmã. Além disso, rivalizar com a irmã e outras mulheres entendidas masculinas, hipotetizo, pode fazer parte de sua tentativa de se afastar de elementos de vulnerabilidade que a aproximassem do feminino e da mãe.

A despeito das reflexões acima, retomo e encerro esse texto lembrando o que foi discutido logo no início: a ação de Filipa em que ela toma o protagonismo da mudança para si e rompe com uma importante configuração simbólica familiar, com um modelo patriarcal e heteronormativo que a submetia e lhe era violento.

CAPÍTULO 5

RUBY: Entre a doação e a disposição

Com 28 anos de idade, no momento da realização da pesquisa, Ruby mora na Asa Norte em Brasília-DF. Anteriormente, morou com a mãe e a irmã em Águas Claras, ambas cidades de Brasília. Os pais foram casados por 25 anos e separaram-se quando ela tinha 22 anos de idade. Ruby está no segundo curso universitário e está namorando há aproximadamente nove meses no momento de nossas conversas. Conheci Ruby na Universidade uns dois anos antes de convidá-la a participar da pesquisa.

NOSSOS ENCONTROS

Fiz o primeiro convite a Ruby pela internet, por e-mail. Mandei-lhe um pequeno release da proposta do trabalho e ela topou conversar. Ruby foi a primeira pessoa do circuito universitário que contactei com o objetivo de estabelecer o vínculo de interlocução. Inicialmente, ela demorou até me responder afirmativamente, segundo seu relato espontâneo quando conversávamos sobre os desdobramentos da pesquisa para ambas, eu e ela, essa demora se deveu ao fato de precisar refletir sobre sua disposição em contar aspectos íntimos de sua vida. Ruby dizia que uma vez que topasse se abriria integralmente e não sabia se estava pronta ou disposta a isso. Após o primeiro encontro, Ruby não me respondeu por um longo tempo de forma que pensei que não iríamos retornar a conversar, pois havia iniciado o trabalho em outros espaços e em princípio me limitaria a eles. No entanto, após a decisão de realizar a pesquisa entre pessoas do centro do DF, ela foi a primeira a ser contatada novamente fluindo de forma agradável e disposta como Ruby gosta de assinalar.

Outro ponto importante que contou como prerrogativa para seu aceite foi quanto às possíveis contribuições que via no trabalho para mulheres negras lésbicas que tivessem experiências similares as dela, o que aliás, abrindo um parêntese, foi um ponto motivacional unânime entre as pessoas que fizeram parte desse trabalho. O que quero ressaltar aqui é que Ruby foi bastante criteriosa com relação ao seu posicionamento, no entanto mediante sua confirmação, ela buscou contribuir com uma riqueza de detalhes e profundidade que segundo ela “são próprios de uma escorpiana⁵³”.

⁵³ Pessoa do signo astrológico de escorpião

Nossos encontros iniciaram no campus da Universidade, nos intervalos de suas aulas e após os dois primeiros momentos, Ruby e eu passamos a realizar nossos encontros em outros espaços, como: cafés, ao ar livre etc.

"ENTÃO, QUERO FALAR!"

Família

“Eu amo a minha mãe e gosto do meu pai, porque eu acho que meu pai teve muitos erros e que com o tempo ele não quis, talvez, se melhorar e se autocriticar, ficou muito cômodo pra ele algumas coisas e ele preferiu ficar nesse estado de inércia. A minha mãe já não, ela é muito guerreira, ela é propositiva, ela é muito à frente e eu acho que eu puxei muito disso nela. (...) “A minha família se mudou pra Águas Claras, minha mãe possui uma casa sozinha e uma mulher sozinha, a frente dos negócios e tendo que lidar com pedreiro e sem muito dinheiro é treta. Minha mãe é professora, formou em Direito com algumas especializações, ela tem um currículo bom aí, mas acontece de mesmo com o currículo bom não necessariamente você é bem-aventurado no dinheiro. ”

“Eu preciso dos dois, mas minha mãe é essencial e a minha afinidade com ela, principalmente hoje em dia é fantástica, é muito grande, mas já passou por momentos bem difíceis, né? Não só por questões da minha sexualidade - isso talvez tenha sido o principal foco - mas também porque de um modo geral ela é impositiva, mas faz isso visando coisas fantásticas para as filhas, mas ainda assim ela é impositiva, ela ainda não lida...está começando a lidar melhor com a situação de que talvez o caminho que eu escolha pode dar bons frutos, ainda que não seja o que ela gostaria e ela vai ter que aprender a lidar com isso. Já o meu pai eu acho bastante...talvez, no âmago, no fundo, ele não seja indiferente, mas na trajetória da nossa vida em que ele teve tantas faltas e que quando nós éramos crianças, nós não percebíamos, é como se ele tivesse ficado estanque, sem conseguir recuperar uma moral perdida e aí ele tenta, ele tenta se aproximar, ele tenta várias coisas, mas o passado, as vezes é difícil de esquecer, né? E o meu pai, ele foi extremamente violento enquanto casado, ele era muito ciumento, bebia demais, então, tem vários pontos que faz distanciar...”

“Devido a suas ausências, de alguma forma quando você não espera por essas ausências você fica sem chão, né? E quando você fica sem chão, você fica sem parâmetro, sem referência, e você fica muito vulnerável, mas é claro, a ausência do meu pai eu acho que ela reverberou mais na minha irmã que em mim mesma, porque eu acho que de um modo geral eu sempre tive um caráter mais... não é que eu era independente, porque eu acho que minha irmã também é independente, mas eu acho que minha irmã sofreu mais com a ausência do meu pai.”

“Eu acho que fundamentalmente a minha constituição como homossexual e a constituição da minha irmã como heterossexual fez com que a ausência do pai fosse tão mais sentida por ela do que por mim, porque é assim, e isso é o que eu acredito e não sei se está ou não certo, ainda mais se estabelecendo em questões familiares e na família é bem assim: se espera, na minha família, que o namorado da minha irmã ele seja recebido, mas que meu pai esteja ali pra ver quem é ‘oi tudo bom, eu sou o pai blá blá blá’. Já no meu caso, não! Porque eu não vou de repente nem ter a oportunidade de apresentar. Não vai rolar, ou pode rolar, eu só estou sendo fatalista pra mostrar essas questões, um almoço de Domingo, eu minha namorada, meu pai, minha mãe, minha irmã, meus cachorros. Então, como isso tende a não acontecer...ter ou não a presença do meu pai em alguns momentos pra mim independe, na verdade ela apenas constata algumas coisas. Às vezes ela constata que mesmo sem a presença dele eu consegui coisas. Pra mim, realmente não precisaria, porque, enfim, tendo ele ou não...ou até com ele eu poderia ser mais machista, coisa que eu penso o contrário. E às vezes até a presença dele tanto pra minha irmã, quanto pra minha irmãzinha, uma vez que elas lidam com uma vida heteronormativa, fosse essencial em alguns pontos, porque vai estar dentro de um lócus que já é esperado na vivência delas.”

Dizer que meu pai não fez falta pra mim, claro que faz!!!! Pode parecer que só o vejo como mão de obra trabalhadora, mas sei lá, às vezes você quer ver uma coisa no carro, de mecânica e você gostaria de um assessoramento de um pai, pra dizer e aí pai eu levo ou eu não levo em tal local? Não, eu não tive isso. Se eu precisasse me fuder, eu me fuderia, como acontece com a maioria das mulheres.

Às vezes, por exemplo, é interessante, mesmo gostando de viajar sozinha, você viajar uma primeira vez, está com seu pai e com sua família e você está ali vendo as coisas e aquele companheirismo e de repente seu pai te entrega o carro e diz: ‘pega aí porquê da próxima vez você vai trazer sozinha’. Alguém que você possa contar se alguma coisa acontecer com você. Gostaria, por exemplo, que o meu pai fosse me pegar no metrô porque é perigoso e ele nunca foi. Se eu fosse pai, iria. Ficava a Deus dará ou ia sozinha mesmo, e tinha que contar com sua habilidade.”

“Mas acho que teve uma coisa positiva na ausência do meu pai, porque as mulheres que passaram por mim não passam por esse tipo de coisa, existe o cuidado extremo, da minha parte, em fazer com que elas percebam como são especiais. Na época que eu estava com meu carro, porque eu bati meu carro, na semana que bati o carro, e não é uma questão como o homem coloca de cavalheirismo, não! É cuidado, é amor, é estar ali presente, é carinho, cuidado. Minha mãe está precisando de mim, eu chego, eu saio e vou fazer. A ausência dele fez com que eu tivesse uma predisposição muito grande. Isso eu devo a ele. Um pai amoroso é raro, se vê pouco, mais é muito importante. Se essa pessoa não for disposta...E eu sou disposta. Uma parte dessa disposição eu devo a ele, de não ter tido isso.

“Não sei onde meu pai mora atualmente. Ele vem de vez em quando na casa da mamãe. Às vezes discute. Ele tenta não discutir, mas muitas vezes ele não consegue, sai um pouco da linha. Ele está mais calmo hoje em dia, não é mais violento como antes. Mas as coisas não mudam da noite para o dia e nem as coisas que essa pessoa causou ao inconsciente das pessoas. Ele tem um longo processo que não sei se vai conseguir nem se está tentando. Não vou falar que meu pai é um fracassado, porque eu acho isso tenso, mas acho que ele ainda tem como...,tem pequenas melhoras, mas o papai é uma pessoa dependente. Isso não é um problema, a pessoa ser dependente. As pessoas vêem carência e dependência como algo muito ruim sempre. Não gente!”

“A educação do papai foi muito falha, os meus avós não o educaram bem, ele tinha um potencial fantástico, não sei se tem mais, meu pai estudou no colégio naval, é difícil essa escola, sabia? Meu pai foi bancário e tinha muito potencial, mas bebia e fumava o que ele ganhava. Não consegui juntar nada. A bebida pra ele era muito tranquila e naturalizada, na casa dos meus avós também bebia muito, Rio de Janeiro, outra vivência, samba, vida tá boa. (fala com tom de reprovação)

As irmãs

“Das minhas irmãs, agora que eu estou distante, fora de casa, eu percebo que eu tenho uma relação de maior preocupação para com elas e talvez, por isso uma maior proximidade, no entanto existem coisas que eu preciso resgatar, obviamente. Eu tenho 28, tenho uma irmã de 27 e uma de 14 anos. Tem uma diferença bastante grande, né? A gente vai crescendo e vai ficando mais madura e vai percebendo uma questão de legado, dar bons exemplo pra você ter ali um

espelho de uma outra geração, porque são quatorze anos de diferença e eu me vejo querendo contribuir muito com a educação da mais nova. Ao mesmo tempo, eu percebo que eu não sou a mãe dela e antes de mim vem a mamãe e, às vezes, ela não pensa como eu, né? Ela faz algumas concessões, algumas aberturas, procura entender, mas com relação a umas questões mais práticas...”

“Com relação a minha irmã do meio, eu me sinto em débito, não necessariamente porque eu tenha construído esse débito, mas porque conforme eu saí de casa, ela ficou com a incumbência de irmã mais velha de uma forma muito forte e...a minha saída de casa, não era pra ser dessa forma, mas ela acabou sendo um luto na minha família por um tempo, então, houve um tempo em que nós não nos víamos, houve um tempo em que nós não nos falávamos, porque nós precisávamos amadurecer várias coisas e embora se procure fazer uma naturalização com relação a isso e desmitificar o que é uma vida gay, quando os pais não sabem e ficam sabendo é um baque muito grande, talvez não em todos, mas na grande maioria, ou porque tenham medo de como vai ser a vida da/o filha/o homossexual, ou porque tem medo do que a sociedade vai pensar, vergonha, preconceito...”

“Quando eu me identifiquei, me assumi como lésbica, a minha irmã foi a primeira a saber e ela soube porque ela leu alguns escritos meus e...eu detesto essa comparação, mas é o que se passava na cabeça dela...é como se você acabasse de descobrir que a pessoa que você ama está envolvida até o pescoço em drogas, sei lá...e não tem saída...e você sabe que você ama demais aquela pessoa e não quer que ela vá pra aquele mal caminho e você que resgatá-la, quer mostrar que a vida é um pouco mais que aquilo e foi o que minha irmã tentou fazer, então, assim, ela ficou numa situação bastante delicada, que é saber e ao mesmo tempo não contar pra minha mãe, embora ela tenha em alguns momentos é...não é ameaçar a palavra, mas acaba sendo, fazendo aquelas coisas ‘não, eu vou contar, eu vou contar!’ e eu falava: ‘não, isso não lhe cabe, vou contar no meu tempo’... como se eu já não tivesse preocupada com várias coisas.”

“Me lembro dela conversando comigo no carro, a gente no meio do trânsito de Águas Claras pra cá (UnB), o sol, os carros... e ela perguntando: ‘então, aquela moça daquele dia é sua namorada?’ E eu: ‘sim, mas a gente não tá....’ e ela: ‘mas você não vê que você está no caminho errado!’ E sempre colocava muito Deus, porque minha família é muito religiosa e eu também sou, mas eu consigo diferenciar religião de religiosidade. Ela então ficou naquela situação de mediadora digamos assim (entre Ruby e a mãe)...”

“No dia que eu cheguei tarde em casa, às cinco horas da manhã, foi a gota d'água pra minha mãe, ela falou: ‘não volte mais’ e ela não achava que eu não fosse de fato voltar...Se eu voltasse no tempo, em 12 de setembro de 2009, eu teria saído de casa novamente, eu teria feito

isso! Eu só gostaria de talvez depois disso ter pego alguns outros rumos...(pensa um pouco) e aí que tá, não foi eu que peguei rumos errados, mas foi a minha família que não tava preparada para os rumos que eu ia tomar e não tava preparada pra lidar comigo naquela época. É claro que eu fiquei triste por várias coisas que aconteceram, por exemplo, eu mentia muito e eu tinha que menti...às vezes, eu tava demorando, eu não tava em casa, tava em casa de amigos que de repente minha mãe não conhecia, e ela acreditava que ela tinha que conhecer todos os meus amigos desde a época do colégio militar, né? E eventualmente, ela ia perguntar de onde eu conhecia e eu ia dizer: da parada gay? Ou então, de um curso de teoria queer e feminismo? Ou de um curso sobre transexualidade? Então eu dizia: ah, eu tô estudando na UnB...Ah, eu tô com umas amigas do colégio militar. Era muito mais fácil. ”

“Então, eu tava omissa...eu não tava perto pra ajudar, para as coisas simples e eu não fiz isso por que eram muito latentes as discussões com a minha mãe, elas eram praticamente todos os dias...se eu demorava a chegar em casa...’Ah, o que está acontecendo?’ Eu só passei a dormir fora de casa aos 23 anos quando eu saí de casa. Fora isso eu dormi fora de casa três vezes de maneira muito intercalada e na terceira vez minha mãe me expulsou de casa, afinal de contas isso não estava na cartilha. Era como se fosse a pior coisa que uma filha na educação que ela deu podia fazer, então, eu não viajava sozinha, até ir ao cinema sozinha eu lembro da mamãe falando que não era coisa de mocinha”

“Ao mesmo tempo eu procurava ser tangencial a tudo isso. Eu queria passar em Direito na UFSC e quando alguém perguntasse sobre namorado eu ia dizer: ‘ah, é...namorando? Tô namorando aqui, e ninguém ia saber’, então perceba também que eu tinha uma ideia de que eu não precisava ser descoberta, o que é uma grande farsa, sempre vão descobrir e que bom! Porque é necessário cedo ou tarde, você passar por esse confronto pra você se libertar. São amarras muito fortes que você tem quando você não é quem você quer ser, mas eu nunca ficava me perguntando: ah, meu Deus porque? Nem nunca me vi chorando no travesseiro, como acontece com muitos gays e lésbicas, do tipo: ‘ai meu deus, eu vou pra o inferno...eu só ficava triste por ter que mentir, porque a mentira, ela tem vários ramos, você mente uma coisa e ela descamba pra outra e pra outra e não acaba mais. Te faz ser dissimulado, porque você precisa se lembrar da primeira mentira pra você ser coerente, ela precisa ser aceita e você precisa acreditar tanto nela que de repente ela passa a ser verdade na sua vida. Outra coisa era não entender porque não poderia ser tão simples”

“Me lembro que na minha infância, eu viajava com meus pais, porque meu pai teve uma renda razoável por um tempo, mas ele gastava muito dinheiro com vícios e eventualmente, eu acho que com mulheres também, então a gente tava sempre precisando de dinheiro, porque

minha mãe trabalhava, mas acho que as contas eram conjuntas, então o dinheiro parava na mão dele e veja que minha mãe tinha instrução, mas ao mesmo tempo, o fato dela ter instrução não abonou de ser ingênua na vida, porque o fato de você ser inteligente com os livros não significa que você seja sábio na vida e a minha mãe era bastante romântica e apaixonada e então ela acreditava que duas pessoas formam uma, e que o meu dinheiro pode ir pra você porque de outra forma também viria pra mim e meu pai não pensava assim. Então, a gente estava sempre sem dinheiro e sempre precisando de várias coisas, mas para viajar tínhamos dinheiro porque era o que ele gostava, mas em que condições? Ele sempre estava bêbado, correndo muito no carro e nós estávamos rendidas ali. Nós éramos muito bonita, ao mesmo tempo não nos percebíamos assim e não éramos cuidadas em nada porque meu pai bebia e não sabia mais de nada e a gente ficava ali entregue a sorte, então não era bem a viagem que eu queria. ”

“Eu tinha vontade de viajar, mas precisava fazer outras coisas na minha vida antes de viajar pelo mundo, de repente namorar, né? Porque meu primeiro beijo foi aos dezenove anos e tinha aí uma lacuna, por que desde muito cedo eu já sabia quem eu era e ao mesmo tempo eu não exercitava o que eu queria, não só sexual, mas a conquista ou o olhar, beijos e eu precisava resolver isso. Me vi lésbica aos seis anos, no máximo sete: nós estávamos talvez numa chácara e tinha um casal de amigos do meu pai que tinham uma filha da minha idade e embora eu não gostasse muito de brincadeiras tidas de menina, porque sempre achei um saco, ridículo, mas enfim, nós estávamos lá e ela era a mãe e eu a filha e a mãe dá mamã para os filhos e quando isso aconteceu, eu pensei: éééé, isso é bom....Me lembro que quando voltei pra casa com meus pais, eu sai do elevador e falei: 'ah, eu vi hoje um peitinho pela primeira vez e foi tão bom' e meus pais me olharam com uma cara e lembro que o rosto me fez pensar: ‘acho que não posso falar nisso não, foi bom, mas não é bom falar...’”

Às vezes, lá embaixo, no prédio, também, a gente sempre teve vizinhos bastante racistas de um modo geral, então era inevitável aquelas piadinhas de chamar de macaco, de ficar sei lá te xingando, não quero falar que negra seja um xingamento, mas a maneira como isso é colocado dentro do contexto, sim, é pejorativo, mais ou menos assim ou então também cabelo duro, então também pra me salvar disso, mamãe falava não, não desce e ela dava outras opções, como ler, levar a gente pra escola de música. Via a mãe como um bicho papãããã. Na mesma hora retruca: "nos momentos cerceadores, mas a mamãe era muito presentes em tantos outros, muito presente, mas só fui me dar conta dessa presença, do quanto ela era necessária, positiva e o quanto me constituía como ser humano quando mais velha, porque antes, na adolescência agente costuma ter alguns entraves. Amor sempre teve! nunca fui uma filha de' Mãe eu te odeio', aquelas crises existenciais, não é isso, só que criança eu achava que minha

mãe era chata, ou talvez porque eu não tinha maturidade também, mas ela sempre foi muito leoa também, de tipo...não mexa com as filhas dela, se mexer ela vai estar lá e ela vai sair vencedora de todas as disputas que ela estiver e assim foi e assim é até hoje, né? Teve um tempo que eu disse: 'mãe deixa que eu resolvo!', só que aí eu fui tentar resolver e não consegui aí ela: 'Tá vendo!' Aí ela pega as rédeas e é incrível! sempre, sempre consegue, sempre. Essa é a minha mãe...ela sempre vai conseguir, pelo menos no que tange as filhas."

Relação entre o pai e a mãe

“Acho que a palavra ambição não estava na vida do papai, mas estava na da mamãe, então meu pai foi caindo e... eles se juntaram e o pai foi caindo e a mãe foi crescendo ou tentava. Meu pai não sabia lidar com essa situação. Se ele visse a esposa linda, não achava que era pra ele, perguntava: 'mas porque você está indo assim?' Pra mim, isso é inconcebível. Na época, não é que era natural a violência da desconsideração do pai ou mesmo de uma possível briga pela aparência da mãe, mas era natural pensar que as coisas se resolveriam entre eles. Papai tinha uma autoestima muito baixa, ele é de uma família que os irmãos tinham olhos claros e eram sempre enaltecidos por isso, mas ao mesmo tempo ele era o caçula, era paparicado, eu presumo que ele foi pouco ambicioso e sempre bebeu."

“A maioria dos homens não está preparado para lidar com mulheres melhores que eles, isso é um problema, porque se minha namorada ou minha mulher sair linda na rua, eu não vou ter a baixa autoestima de perguntar pra que você está indo assim, vou dizer: ‘nossa, você está linda!’ Na verdade, eu vou gostar disso, porque ela está comigo, outras pessoas nos verão e nós seremos ícone de alguma coisa positiva. Quando a pessoa não se arruma pra sair comigo aí sim eu acho um problema.”

“Meu pai foi sempre um namorador. Ele nunca ficou sem mulheres. A questão é o Níiiiiível e a qualidade das mulheres. Não estou aqui querendo moralizar essa não é a questão. É simplesmente saber as mulheres com quem você vai namorar, vai ficar e as mulheres com quem você vai constituir uma família e não necessariamente vai ser essas mesmas outras, pode até ser, mas não necessariamente. A minha mãe foi o ponto alto da vida do meu pai e ele não soube lidar com isso e a mamãe tentou por 25 anos. Não foi em vão, porque nós nascemos, mas eu jamais ficaria por esse tempo todo...”

Como é esse tentou por 25 anos? “É, acho que a mamãe falhou aí nesse ponto. Ela não deveria ter deixado chegar a esse tempo todo. Sendo a maravilhosa que é deveria ter acabado antes, só que existem outras questões. Não é fácil viver um relacionamento. Quando me separei da minha ex-mulher, tive que conviver depois por sete meses ainda debaixo do mesmo teto. Isso não é fácil. Isso aconteceu porque existiam coisas que estavam ligadas porque um casamento faz isso. É compreensível o motivo da mamãe ter demorado tanto, porque são três filhas, mas todos os conceitos que ela tinha de que é necessário, é importante ter a presença de um pai, de um marido, mas eu acho, eu gostaria de que ela tivesse tido mais força...acho que no máximo até o 18º ano já tava bom (risos).”

“Hoje minha mãe está sozinha, mas eu cobro muito, mas ela ri e desconversa. A mãe não se permite, o casamento deixou ela tão...sempre aparecem pessoas, não muito explicitas, pra não ser grosseiro, mas chamam pra jantar ou outra coisa...mas a mãe fica até sem graça. Ruby conta: "aí eu chego e digo, mãe, vamos fazer de conta que eu sou o cara...Ah, vamos sair pra jantar? Aí ela fala: 'mas já Ruby! Mas e o antes?' tá bom: eu to te olhando e tal...não pode me olhar tanto assim...e minha mãe está sempre tão linda eu olho e ela é tão radiante, iluminada, parece um sol igual minha irmã." Ruby, então começa a desenhar um perfil de pretendente e de família que se aproxima muito próxima de um ideal e que gostaria que a mãe vivesse”.

Sobre a Ruby

“Eu tenho uma personalidade muito forte e eu...as vezes passo por muitas coisas difíceis e ninguém vai nem acreditar que eu passo ou já passei por elas. As pessoas me vêem rindo e na maioria das vezes eu realmente tenho motivos para estar rindo, mas sou muito otimista também e até quando eu tô na merda, eu não sei se isso é bom, se é positivo, mas eu sou assim.”

“Eu não sabia como ia ser o fato da minha sexualidade ser falada, conversada, eu não sabia como ia ser o fato de que eu não tava mais aguentando ficar em casa porque havia uma violência psicológica muito grande, todos os dias. Porque o fato de eu não está sendo quem eu deveria ser estava reverberando em todas as esferas da minha vida, eu não tava conseguindo estudar direito e aí provavelmente como eu mentia muito eu tava longe da minha mãe e ela é um porto seguro muito grande pra mim e mesmo com todas as dúvidas e todas as dificuldades e até divergências de ideias, ela é uma pessoa que eu amo incondicionalmente e então não tê-la por perto me fazia ficar fraca em vários outros pontos e mesmo nessa situação, eu falava: 'vai

dar certo, alguma coisa vai acontecer e vai dar certo' e nessa coisa de vai dar certo, a gente vai moldando uma personalidade que não pode se fragilizar e eu sou mulher, sou negra além de lésbica. E ser negra é em algum momento ter que escutar do seu filho ele perguntar porque é assim, negro. E eu perguntei isso aos dez anos e isso tem uma lógica muito grande, porque eu sempre senti que sofria mais preconceito por racismo que por lesbofobia, até porque as pessoas acham que se você é lésbica, você necessariamente precisa ser um macho e eventualmente com seios, gorda, nenhum homem te quis e por isso você é lésbica. Você não pode ser diferente, ter um estilo, ou ser bonita ou usar uma roupa e..., 'Então você não é lésbica!' Então nunca passei por situações de me baterem na rua etc”

“Mas eu já fui a única criança negra de uma escola e eu levantava a mão pra perguntar ao professor de matemática e não era ouvida e a pessoa de trás levantava e o professor dava a vez. Isso é clássico e acontece com várias gerações de crianças negras e ainda bem que meus pais estavam prontos para me dar suportes. Quantas vezes meu pai foi a escola e minha mãe conversava comigo e ia falar com a diretora e... você sempre precisa ser a melhor porque se seu colega branco está estudando e tirando notas boas e você tem que estudar mais e tirar notas melhores. Então, quando você se coloca nessa conjuntura, nesse lócus, ser vítima não combina muito com você, você até pode ser de todo um sistema, mas isso é o que você menos quer demonstrar que é, porque você precisa ser forte e saber lidar, uma estratégia talvez. E até hoje, quando eu me vejo encabulada eu falo: ‘o que?! Eu não posso!’ Às vezes é encarada como petulância, mas pode ser uma estratégia, uma militância...”

Compartilho com ela que uma das meninas disse que sentia dificuldade em se colocar, ou compartilhar coisas de sua vida por medo de que as pessoas sentissem pena dela, e pergunto como é isso pra ela, o que ela pensa disso? “Pena não! Eu não me sinto uma pessoa jamais digna de pena. Não, eu tenho vontades muito elevadas, sentimentos na maioria das vezes muito nobres. Eu acho que eu, Ruby, tenho uma vaidade, um ego que não faz com que eu queira ter fracasso na minha vida. Eu não vou fracassar e eu vou fazer de tudo, é claro, sem matar ninguém, dentro dos meus princípios pra não fracassar. Não me vejo fracassada, me vejo lutando, o que também é um saco, porque eu queria viver as coisas mais tranquilamente, mas já que não acontece, vamos lá, vamos lutar. Não acho que as pessoas possam ter pena de mim, por que geralmente eu não fracasso. É claro que eu pago alto por isso, tenho que renunciar a várias coisas, tenho que lidar com competições muitas vezes dentro de relacionamentos amorosos.”

“Eu pareço, as vezes por ter essa fortaleza, que eu também não sabia que eu tinha e fui aprendendo com o tempo, parece que eu sou muita aterrada e pé no chão, tudo mais, não, eu

sou extremamente impulsiva, extremamente insensata, passional, é tudo que eu não poderia ser, eu sou. Daí que eu vivo sempre nesse diálogo maniqueísta mesmo de onde eu sou passional eu deveria ser racional, onde eu sou insensata, eu deveria ser prudente, sabe, eu lido com isso direto, direto. Então eu acho que uma coisa que eu jamais quero que vejam de mim, é pena porque não tem nem como alguém ter pena de mim, mas fracasso, eu não me permito. ”

“Eu já trabalhei com vendas e a gente ganhava um dinheiro para transporte e comida e vendia produto da internet de lugar em lugar. Não era bom, não tinha como ser bom, mas eu tava lá, era uma época em que eu precisava de algum dinheiro, ainda não estava na Universidade e aí eu lembro que visitei uma determinada loja, coloquei uma prancheta dentro da minha bolsa e entrei na loja que era de computadores, não mais para vender o produto, mas porque eu queria ver os computadores e tudo mais. O cara, provavelmente já irado porque outros da mesma empresa já tinham ido lá, é chato, mas não justifica e eu lembro de ter pedido o cartão e ele viu a prancheta. Pegou a minha prancheta e disse: olha isso aqui, você quer vender, saia daqui... Acho que a cor preta, ela faz dessas coisas, ela dá uma licenciosidade, ela permite que as pessoas se lancem contra um negro sem se constranger. Teve racismo, preconceito de classe, teve tudo...aquele cara foi importante pra mim, porque eu saí de lá chorando, bem mal e aí aquilo me fez ver que eu nunca ia ter o que eu queria se eu continuasse naquela situação, naquele emprego, nunca ia ser melhor que aquilo e ia permitir que pessoas como ele se sentissem na legitimidade de tratar outras como eu daquela forma. Me lembro que tinha um amigo que morava por ali perto, eu enxuguei as lágrimas fui pra casa dele, toquei um foda-se pra o que eu precisava vender ainda e lá tava ele com a família dele e na época ele tinha uma tevê gigante e tava jogando playstation, eu passei uma tarde agradável com eles e falei: ‘eu não vou mais trabalhar nisso! ’ Eu quis ter algo semelhante a aquilo, não o que ele tinha, mas algo que me trouxesse aquela tranquilidade, sem precisar passar por aquele desacato todo na rua e eu falei: ‘oh, eu não venho mais e eu saí e estudei mais, então, eu me vejo com medo de fracassar, porque eu sei que as coisas que eu gosto, eu só vou conseguir se eu tiver sucesso nas coisas que eu tô fazendo. ’ ”

“(...) falo isso porque eu já fui fracassada! Quando eu levava uma vida muito difícil na infância com um racismo muito acirrado, eu já fui fracassada porque eram 400 alunos. Eu ficava em 28° e eu achava que eu era burra, porque eu achava 28° tão longe, porque a instituição me fazia acreditar que eu era 400° mesmo que eu fosse 28°. Então, mesmo que eu não fosse fracassada, eu passei a minha infância toda me sentindo assim. Então, eu já fui fracassada, porque tudo é o que você acha de si mesmo. ”

“Daí você não precisa ser bonito pra conquistar alguém, porque eu também tenho muito isso, eu nunca me achei bonita, o tempo foi mudando e hoje em dia se eu não me achar também não tô nem aí porque tem outras coisas que eu construí, entendeu, mas você não precisa ser bonito pra conquistar alguém, você pode ser feio, desde que você não se ache feio. Você pode não ser fracassado em 28°, desde que você não se ache, agora se você se acha e te fazem achar...e aí eu fiquei muito tempo sendo a feia e cara eu era linda, uma criança muito bonitinha, mas eu passei um tempo sendo a feia e acreditava piamente nisso, aí eu aprendi a dançar, música, entrei na escola de música e mamãe sempre levava e ficava lá esperando, porque nem sempre tinha gasolina pra ir e voltar várias vezes.

“Eu não sou uma pessoa tranquila, sou bastante ansiosa, sou muito agoniada, se eu quero uma coisa eu..., é difícil eu desistir da coisa que eu quero, aí eu vou dar um jeito, vou estudar, vou mentalizar aquilo, vou escrever e colocar na parede do meu quarto e todo dia vou lembrar aquilo, vou dar um jeito, eu vou conseguir, pode demorar ou não, mas eu vou conseguir. E eu acho que isso, que não deixa de ser uma obsessão, ela pode ser uma obsessão positiva, se pra você conseguir isso você não pisa nos outros, você segue seu caminho, pega suas cruces, pega seus obstáculos e você não chuta, você transpõem, se você chutar vai voltar, sei lá...”

Não só Ruby, mas outras meninas se qualificam como uma pessoa *marrenta*, então pergunto a ela, como seria uma pessoa marrenta, o que significa? “Não é bem o que significa pra mim é o que essa palavra de maneira recorrente dita pelas meninas reverbera em mim. Eu já ouvi: ‘ eh, nega marrenta. ’ Porque se eu estou andando na rua, vem alguém e me põe a mão, eu não viro, êêê (fazendo festa), eu viro oi? Que desrespeito é esse? Não te dei autorização pra me tocar! É um tipo de comportamento que não necessariamente é agressivo, mas impõe alguns limites. ‘Eu não te dei esta intimidade, não chegue! ’. Não é uma pessoa séria. Séria é quando eu estou vestida pra trabalhar (risos), mas acaba sendo uma barreira e inibe algumas pessoas. ”

As meninas gostam de marrentas? "Tenho percebido que sim, porque todas de certa forma falam. E engraçado, porque eu quase nunca, não é algo recorrente eu estar flertando, porque no geral, eu estou comprometida com alguém e se eu estou comprometida com alguém, eu não vou flertar com ninguém. Primeiro, porque eu respeito a pessoa que está comigo, segundo porque eu não flerto com qualquer pessoa. Se eu estou com alguém é porque realmente eu queria muuuuito estar namorando aquela pessoa, então, porque me dar o benefício da dúvida de flertar com outra pessoa, magoar uma e depois perder aquela que eu tanto queria em prol de algo que de repente não é palpável. Esse tipo de pensamento...não é sempre que eu tenho várias facetas para impressionar ou para chamar atenção. Não, não é mesmo! Só que eu tenho percebido que justamente esse meu descaso em querer impressionar, essa minha não

necessidade de ficar com outras pessoas se eu já tenho uma, essa minha vontade de me dedicar a uma pessoa só e estar realmente devotada a aquela relação, chama a atenção. Não só chama atenção como inclusive opera de forma invejosa nas relações que eu mantenho. Minhas namoradas são sempre muito lindas. Elas estão comigo e a gente enquanto casal se transforma em um ícone. Ícone assim de visão. Aí começa aquela busca e nessa busca, a galera gosta de provar, de testar: será que é monogâmica mesmo? Será que é fiel mesmo? E comigo quebra a cara e quebra a cara mesmo. O ser marrenta, então, é não se dobrar pra outras vontades ou ideias, é seguir e ser *marreta* mesmo de ser um instrumento forte assim,...pesado, vai e não muda. E isso de alguma forma, talvez seja o que as pessoas de uma forma geral, não só as mulheres, queiram de seus relacionamentos.

Fidelidade

Então, a fidelidade é importante pra você? “Sim, extremamente importante. Muito, muito, muito, muito mesmo. Às vezes é bom estar com uma pessoa que você saiba que está com você e que é um relacionamento estável e que não está ali titubeando. Eu vejo que a maioria das minhas namoradas se sentem seguras comigo. Não sou nem eu quem está falando, são elas que falam: ‘nossa, me sinto segura com você.’”

Ruby diz que é muito intensa em tudo e sabe que seria melhor dosar, mas ela é assim “insensata e extremamente apaixonada” (...) “passional de forma visceral e eu tenho que lidar com essa coisa mais densa que são as minhas relações”. (...) “Se eu me dedico a algo, eu realmente vou estar dedicada. Se eu quero alguém, eu realmente foco naquele alguém, as coisas são sempre muito fortes. Esse tipo de comportamento muito determinado dá uma ansiedade em conseguir aquilo, se eu tenho uma ansiedade em conseguir aquilo, eu tenho uma expectativa de conseguir aquilo.”

“Eu sempre acreditei no amor romântico, ao qual se eu me doou, a outra pessoa também pode se doar e a gente pode construir coisas juntos, ter ambições e desejos convergentes. Acredito no ideal e tento buscá-lo. É muito frustrante quando não vem esse retorno. Algumas relações não vieram esse retorno ou se vieram foram bem abaixo das minhas expectativas”. (...) “Não é a minha convicção por fidelidade ou a minha fidelidade extremada que faz com que eu me frustrasse, não é isso! É o fato de eu não estar preparada pra perceber que as pessoas podem

me amar também, mas não necessariamente na mesma intensidade e eu tenho que lidar com isso. Isso que é o difícil e que as vezes eu não percebo”.

Almoço de família

Ruby, assim como diversas outras das minhas interlocutoras, apontam o almoço em família como uma síntese, ou um ícone de suas experiências restritivas e dolorosas no ambiente familiar e Ruby, especificamente, menciona como se sente quanto a isso: “tristeza. muita tristeza, não necessariamente pelo meu pai, porque minha mãe é a matriarca lá de casa, então eu consigo imaginar uma mesa, no domingo, só com a minha mãe, recebendo uma namorada...” (...) “Eu gostaria, claro que eu gostaria, mas a expectativa que aparece naqueles filmes, apresentar e aí... o que meu pai vai achar?...É o que minha mãe vai achar! e conhecendo minha mãe e meu pai como conheço, isso não vai acontecer...pode até acontecer, mas esses são pontos a serem trabalhados, porque a minha mãe já melhorou muito, mas dentro do que a minha mãe acredita ser respeito, ela me respeita, mas, por exemplo, ela não gosta que eu fique dando carinho a minha namorada, mas eu não sei se ela percebeu, mas ela não me respeita ela me tolera.”

Relacionamentos afetivos-sexuais

Estava conversando com uma amiga: “porra! Sério, é difícil, eu vou me doar pro amor sempre, mas quando eu paro e penso que no meu outro relacionamento as coisas estavam tranquilas, calmas e aí...”

Relata uma experiência dolorosa: “uma vez namorei uma menina no Sul, a conheci em um encontro LGBT. Os seis primeiros meses foram bacana, mas depois eu comecei a perceber algumas coisas assim...e eu perguntava e ela tinha muita dificuldade em falar e em se comunicar. A minha namorada atual também tem certa dificuldade em expor, mas já melhorou bastante. E quando terminou, ela dizia que sentia uma barreira de contenção, de uma represa e eu a água toda da represa e ela se via o tempo todo tendo que lidar, ela se via sempre colocando

a mão no bolso para me oferecer alguma coisa e nunca era o suficiente...” (...) “Foi duro e difícil ouvir isso porque eu acho, posso ter errado, claro, porque eu fiz de um tudo pra estar com ela...”

Ruby afirma que sua experiência de dores nos relacionamentos a fizeram manter uma postura mais cautelosa apenas. Tal medida inclui não entregar-se emocionalmente tão rapidamente, mas logo em seguida relata sobre sua relação atual: “contraditoriamente, com a Daniela, ela foi a primeira pessoa que eu falei: 'eu te amo' com tão pouco tempo. Eu falei: engraçado, tem coisas que estão acontecendo com você que enfim, não sei...mas vamo lá né? Ela vê na Daniela a mesma *disposição*⁵⁴ forte nas relações e admira que ela seja tão nova. Falo não, mas ela não passou por muitas coisas e ela vai querer passar e também eu vou falar: 'então...quer passar, passa, mas não vai rolar’” (...) “Ela (Daniela) fala: ‘se a gente quiser morar junta, a gente vai ter que começar a ver, financiar algum imóvel’ Eu acho fantástico isso que ela fala! Eu já falei isso em outra relação (o tom de voz, de lembrança, de frustração é notório) e eu já fui igual ela está sendo agora e deu errado... (...) agora fico tranquila, deixando as coisas acontecerem...”

Saída de casa

“Eu tinha uma namorada que eu amei muito e ela também me amou. Quando fui expulsa de casa, ela também foi...” “Eu cheguei tarde em casa, umas 5:30 da manhã, porque minha namorada foi me levar em casa, mas ninguém sabia que nós namorávamos. Eu cheguei tarde e já era a terceira vez interpolada que eu dormia fora de casa. E isso na minha casa era algo inadmissível. Desta vez, aliada a várias questões, eu também estava distante em casa, não estava presente, eu estava ali, mas estava fazendo outras coisas, escutando música, não estava acompanhando minhas irmãs, minha irmanzinha, não tava namorando...eu estava tendo minhas vivências fora de casa e isto estava me ocupando e nesse dia às cinco e trinta da manhã em casa foi o estopim e minha mãe disse: ‘olha, volta e fica com quem você estava esse tempo todo porque aqui você não entra mais.’ Foi um momento de rompante que ela achou que eu ficaria lá fora por um tempo e sei lá as dez, onze horas da manhã e ela fosse dizer: “entra! E eu ia entrar, só que conforme ela falou: 'vá e não fique!' Eu esperei até as oito horas da manhã e pensei minha mãe é ariana, está de cabeça quente e se eu falar agora que eu quero entrar ela não

⁵⁴ A disposição nos relacionamentos, de que fala Ruby, é referente à vontade de levar adiante relacionamentos estáveis e duradouros

vai deixar e blá blá blá e quando for oito horas eu ligo pra ela e digo: 'mããããã abre, eu to com frio!' De fato eu só estava com um vestido e entro, ela vai brigar horrores e a gente vê como é que faz. E quando foi às oito eu liguei e acho que ela nem dormiu porque logo atendeu o telefone e falou: 'você não está entendendo, né? Não é pra você entrar!' E aí naquele momento eu pensei: 'Caramba, eu estou expulsa de casa, mesmo!' e aí veio um misto de felicidade com liberdade e expectativa de várias coisas que eu podia fazer e... não veio a tristeza de caramba!, vou...veio isso.”

Quando subi o condomínio, fui pensando: 'bem, eu acabei de entrar em um emprego onde eu dou aulas e ganho por hora...eu entrei no dia 10 de agosto e hoje são 12 de setembro e não tem nem como eu saber se isso vai ser rentável ou não, mas velho...vai ter que ser'. Eu pensando, subindo, indo embora...'vai ter que ser'. Tá...mas eu só estou com essa calcinha, esse vestido e uma mochila cheia de livros! Não tem mais nada aqui. Aí falei: 'celular, amigos!' conversar com alguém, ver o que pode ser feito, pra onde ir, alugar um lugar...caramba, alugar?! não tem nem...mas isso tudo não me vinha como uma pedra, um obstáculo, nada, vinha como...massa! Vou dar conta, vai ter que ser assim. Saí de lá fui pra casa da minha namorada e lembro que bati e era uma casa de dois andares e ela abriu a cortina e era vermelha e fez um gesto como quem diz: 'acabei de te deixar em casa! o que houve?' E eu disse: 'é urgente!' Ela me deixou subir e os pais dela não estavam em casa, são pastores adventista, subi e contei a situação e ela : 'caramba!' E começou comigo dentro desse sonho... 'Não, então você de repente pode ficar aqui em casa' e eu: 'não dá amor...seus pais já me conhecem e já falaram que não quer esse namoro e blá blá blá...' e ela: 'mas sei lá, você pode ficar escondida!' Eu: 'não, não existe isso...' Aquelas coisas, né? Infantis e imaturas, mas que a gente tenta. Conversa vai, conversa vem, tomou um banho, saiu de calcinha, as duas lá e tal fizemos amor e os pais dela chegaram. Não estávamos esperando que eles chegassem. A mãe dela chegou primeiro e o quarto dela estava fechado, a mãe dela olhou pela fechadura da porta e viu, ligou para o pai dela e diante da movimentação ela percebeu que a mãe viu e disse: 'ruby, minha mãe viu! '. 'Não acredito! Viu como com a porta fechada?' 'Pela fechadura...eu não disse pra você deixar a fechadura de tal forma?' 'Mas eu deixei...' 'Não! Olha como está viradinha' 'A sua mãe vê a fechadura da porta?' E aí o pai dela chegou em casa e só pediu...abre! Abrimos e ele disse...que ela estava expulsa de casa. Então, as duas foram expulsas no mesmo dia...de tal forma... a Fernanda não trabalhava, ela fazia dois cursos superiores e o pai pagava, um era na UPIS e o pai dela por ser pastor ele tinha uma bolsa de 80%, fazia UnB, não precisava trabalhar e tudo mais, ela tinha um carro e tudo mais e essas coisas começaram, né?... O pai tirou o convênio médico dela, tirou o carro, tirou tudo e obviamente...eu me senti responsável, porque

indiretamente eu fui responsável pela expulsão dela. Diretamente também porque eu estava lá e se não fosse por mim ela não seria expulsa."

E eu tentei muito, bastante que nossa relação desse certo, só que ela já começou errada, mas quando ficamos juntas, morando no mesmo lugar...

E foi Ruby que assumiu o sustento sozinha, no início, e a ver onde ficariam e tudo mais, começou a planejar...ir atrás de dinheiro, trabalhar de manhã, de tarde, UnB de noite, ir atrás de um amigo, dormir na casa de outro e ver local pra ela, pra namorada e a namorada se sentindo feliz por estar fora da casa dos pais. "Ela viu a oportunidade de pedir uma pensão alimentícia pra família. Eu fui atrás de advogados amigos, então, né? 'Amigos advogados, o que fazer numa situação dessas, quais são nossos direitos?' E ao ver que tínhamos direito a uma pensão alimentícia, eu não fiquei feliz, porque pra mim não adianta...eu não quero uma peleja judicial com minha família, que eu acho que isso mataria minha mãe de desgosto. Não quero, não pretendo cortar laços. Obviamente depois que tudo isso passar eu vou me aproximar, vamos conversar... não vou entrar judicialmente contra minha família, até porque mamãe também não tinha dinheiro e o juiz podia compeli-la a ter que pagar, porque de fato tinha sido uma expulsão, eu ainda não tinha trabalho e a lei diz que até os 24 anos ou até você se formar, você tem direito e minha mãe ia ter que pagar uma coisa que tava em juízo e... eu sei que ela tinha outras duas filhas, mas para minha namorada foi providencial, porque o pai sendo pastor tinha outras rendas, outras questões e ela falou: 'ok, é isso mesmo, é meu direito, não é extorsão, vou pegar.'

“Demorou, mas enquanto isso fomos em outras instituições como uma que vai atrás de pessoas que estão sofrendo perseguição religiosa, ou por orientação sexual...fomos em lugares específicos de assistência social que podiam nos ajudar naquela situação em que não tínhamos dinheiro, lugar pra morar e vivíamos por um momento por ajuda de amigos e foi um momento que poderia ter sido muito tenso e foi! Mas engraçado, eu estava achando fantástico! Eu ali, ainda que na dificuldade galgando por um caminho que sabia que era eu que estava escrevendo, era eu que estava galgando. Loucura? Pode ser. Poderia ter dado muito errado, podia...podia ser.”

"Eu praticamente era a mantenedora, mas depois ela conseguiu a pensão dos pais e começou a ajudar no aluguel. Fomos morar em república. Até aí tudo bem. Perceba...nós nos amávamos, o namoro tinha altos e baixos comuns a todo relacionamento, mas a nossa junção dentro de uma casa não foi por uma questão como: eu te amo, já estamos a bastante tempo namorando então, vamos juntar e pensar em casar, não foi. Foi algo alheio que aconteceu e nos juntou. E essa junção não foi saudável porque ela foi carregada de várias coisas, de repente uma certa culpa da minha parte, de repente...se eu não a quisesse, ali eu precisava encontrar amor,

porque velho...eu fiz ela passar por aquilo e a gente vai ter que entrar nessa empreitada juntas e tal. Era algo do tipo: 'vamos ter que dar um jeito!' Essa proposta não foi saudável."

"Não tive medo. Minto, não deu medo com minha própria vida, deu medo de não voltar a ficar as boas com minha mãe e de ela não entender que aquela separação, aquele ato intransigente era necessário pra eu ser feliz também e ao longo disso também ela seria feliz, porque ela me teria mais próxima...depois de um tempo. Era o único medo."

Eu comecei a trabalhar muito e começou a chegar dinheiro. Eu trabalhava e num determinado momento....Ela competiia muito comigo, as vezes, se eu estava com um certo tipo de roupa e ela estava com outro e as pessoas de repente estava com mais olhares comigo, tudo mais, ela tinha um certo ciúme uma certa competição e eu a amava muito e não percebia e alguns amigos começaram a dizer: 'poxa Ruby, não está legal, não faz isso com você, você não merece' e quando eu me dei conta eu falei: 'olha, eu não quero continuar. Eu ainda gosto muito de você, eu te amo, mas não dá pra continuar e eu quando termino sou muito taxativa, posso sofrer ir ao fundo do poço, mas eu não volto, né? "

Nesse meio tempo que eu disse que não estava querendo continuar, ela queria continuar e de alguma forma ela estava me propondo aquele esboço do que se entende por amor livre. Hoje, eu entendo, mas antes eu não entendi. Ela falou: 'não tem problema você ficar com outras pessoas, mas você tem que me ter em primeiro plano.' E eu: 'bem, isso é impossível! Não posso te ter em primeiro plano se eu estiver saindo com outras pessoas, eu posso me apaixonar e a pessoa por quem eu me apaixonar, o meu coração é dela e se eu me apaixonar é pra sempre...até mesmo porque se eu não acreditar que é pra sempre não tem razão de eu me apaixonar.' Brigas acontecendo, mesmo assim a gente ficava junto. Eu querendo me afastar, mas mesmo assim a gente ficava junto. Dentro desse conflito, apareceu outra menina. E começamos a trocar mensagem de vez em quando, não era todo dia, porque não cabia e não era nada do tipo: nossa, tô com saudade de você ou outra coisa do tipo, porque não cabia.

Passou o tempo, muitas discussões com a namorada, várias outras questões, ela foi a mesma que foi expulsa com ela de casa e bla bla bla. Contou pra ela que estava recebendo as mensagens e estava gostando e que a garota a tinha convidado pra sair e a namorada "pede" para que ela encontre a garota pra dizer que tem uma namorada. " Após muitas discussões, Ruby resolve encerrar o flerte que estava tendo em favor do seu compromisso de fidelidade, no entanto, após um desgaste grande na relação e muitos outros problemas, ela relata o fim da mesma, que, segundo sua narrativa, segue com diversas tensões e tentativas de retorno por parte da então ex-namorada.

Racismo na escola de música

Após escutar uma apresentação de música em um de nossos encontros ela comenta as situações de racismo que viveu na escola de música de Brasília. Ruby conta como foi desacreditada. Como um professor quase a fez desistir. Ela chegou a reprovar e conta que uma vez o encontrou na rua e perguntou: "você é o professor Beto, de piano, da escola de música? e ele que estava com a mulher do lado, respondeu: 'sim'. E eu disse: 'vai a merda...você é o pior professor de piano do mundo. Aquilo me fez flutuar. Eu gostei de ter feito isso."

"Esse professor falou que eu não ia passar. As provas eram feitas em banca. Eram seis ou sete pessoas em sala e você tocando. Um avaliava sua postura, outro os dedos, etc. E aí eu comecei a entrar em conflito, porque estava aquela coisa formalista, hermética... e eu não interessava o tanto de tempo que eu houvesse treinado, eu sempre gaguejava nos dedos, dava um tremelique."

"Uma professora falou: 'se você reprovar, tudo bem, não desista, pegue novamente e me peça como professora, meu nome é Eliane. ' Reprovei, ela estava na minha banca e viu as merdas que eu fazia e ela me pegou na turma seguinte. Não sei porque motivo, acontecem anjos as vezes na vida. Nunca mais soube dela, mas ainda tenho o telefone dela gravado. Ela tentou muito e eu cresci bastante. Mas eu estava no piano, porque minha mãe queria, quando você tem onze, doze anos você não tem muita voz e eu fiz, mas não era minha paixão...". A irmã do meio é violinista e irmã mais nova toca piano.

Ana Beatriz: envolvimento rápido, intenso e duradouro

"Foi na época em que eu consegui uma bolsa pro Uruguai, já tinha me desvinculado da UnB e já tinha me matriculado na Universidade de la Republica, no Uruguai, já tinha pago o último aluguel, já tinha vendido algumas coisas, enfim, estava indo. Eu tinha que está em março no Uruguai, mas já ia desde janeiro pra ficar até o carnaval por lá. Já tinha me desfeito de várias coisas e chega a notícia de que fui chamada pra assumir o serviço público de um concurso que eu prestei. Eram vários exames, várias coisas, mas como eu ia fazer isso se nem casa eu tinha mais. Eu já tinha pago o último aluguel e a amiga que dividia a casa comigo já tinha chamado a namorada dela pra dividir o aluguel por que sozinha não ia conseguir, então eu já estava sem

casa, já tinha comprado a passagem e o seguro viagem. Pensei: 'vou fazer os exames, adio a viagem, viajo mais a frente, isso pensando e visando que meu trabalho me dispensasse alguns meses (o do concurso, pensou em assumir e pedir dispensa), o que não aconteceu, mas eu só fui saber que isso não iria acontecer mais a frente, eu não sabia. Mas aconteceu que em janeiro, eu já estava sem casa, sem carro, nervosa, eu tinha que sair em uma semana e meia da casa. Muita coisa acontecendo na vida. O fim de um relacionamento, chorava, concurso, viagem e...

“Fomos a um Show juntas e em determinado momento do show, ela perguntou: o que foi, você está tão aérea...não está falando tanto, você é de conversar mais... e eu falei: ‘não estou só pensativa...’. ‘Mas o que foi?’ Perguntou ela e lá pela terceira vez, eu desabafei tudo: ‘olha, velho, minha vida tá um caos...eu acabei de ganhar uma bolsa pra ir pro Uruguai, aí eu descobro que eu passei em um concurso e que tenho que resolver coisas daqui, tive que mudar o dia da passagem, tenho que mudar do lugar onde eu tô em no máximo cinco dias, porque a pessoa que vai vir morar lá já está se mudando e...eu falei: já não bastasse isso, descobri que tenho um nódulo no seio esquerdo e não sei se consigo um desses lugares pra passar um mês e meio sei lá. Acho que são difíceis. Não sei o que fazer!’ E ela: ‘nossa, mas sua vida está muito boa! Você passou em um concurso, vai estudar fora...se todo problema fosse assim estava muito bom’ aí eu disse: ‘ah, mas tá bem difícil também, né?’ E aí ela perguntou: ‘seu problema é onde morar? Um mês tá bom pra você?’”. Eu disse que sim e fui me mudando aos poucos.”

"A gente começou a sair e tava fazendo programa de casal, onde uma estava a outra estava também e os amigos começaram a fazer piadinhas e nós dizendo que éramos só amiga e eles: 'hum...ahã!'...e eu ainda chorava pela minha ex no colo dela e ela chorava pela ex dela no meu colo. Uma relação terapêutica, veja você (ironia). Um dia tinha uma menina que estava louca por ela. Comprou uns temaquis e uma rosa vermelha liiiinda e tal. Ela deu um fora na menina e ela é extremamente cortês. É um fora que nunca é definitivo. Aí ela me chamou pra comer a comida que a menina levou, pode? Eu disse: 'poxa, você destruiu o coração dela!' E ela: 'mas é melhor falar logo antes que ela crie mais expectativa, eu não estou na vibe de estar com alguém.' Eu: 'melhor, né? Você ainda está chorando pela sua ex, né? eu sei como é.' E a gente conversou muito tempo, comemos temaki, aí começou a chover e eu disse que ia pra casa, eu ainda estava na outra casa, ela perguntou que música eu gostava eu disse que Jazz e ela disse: 'eu também, adoro Aretha Franklin' e aí começou colocar umas músicas da Aretha Franklin e de outros e me lembro que quando eu estava me despedindo dela estava tocando uma música no fundo e a gente se abraçou, foi isso no dia 18 de Janeiro, foi ali que tudo começou (tom poético e romântico). Tava chovendo, eu fui me despedir e a gente se abraçou. E foi um abraço, foi muito lindo! Não dava vontade de soltar, nem ela a mim, nem eu a ela e ficou e parecia que

alvo de chacota como 'Ah, lá vem a monogâmica...', mas como marrenta que sou, não me rendo."

Racismo: cabelo, corpo, Universidade

No último encontro, falamos sobre diversos assuntos que já haviam sido comentados, portanto descreverei aqui o que acredito ter sido o mais importante em nossa conversa: suas experiências e vivências atuais com relação a seu corpo e sua cor, seu posicionamento racial. Ruby me encontrou dessa vez com uma novidade, qual seja, havia cortado o cabelo bem curto. Seu cabelo era um rastafári longo e seu corte gerou várias reações externas e sensações internas.

A primeira coisa que ela pondera, porque parecia incomodada, mas tentou ponderar com o que parecia ser um sincero desejo de compreender o que se passava entre o ecoar de seus sentimentos e o emanar das emoções, falas e gestos externos. A primeira coisa que reverbera é “não foi algo sutil, não foram somente coisas ruins, nem somente coisas boas, mas sem dúvidas não foram sutis, “foi um alarde muito grande! No dia em que apareci com o cabelo cortado fui o foco, no trabalho, praticamente das treze às dezenove horas. ”

Falou que comentou com a mãe e esta disse que sentia que as pessoas gostavam dela e ela responde: “gostam é?!” E a mãe a lembrou de quando ela se acidentou que muitos demonstraram preocupação...os comentários eram: “ficou mais leve! Agora você ficou parecendo aquelas intelectuais, professoras da UnB...mas surgiu também outros do tipo: “Nossa, eu adorei porque agora, você então está no natural e não volte a por as tranças porque estava horrível e agora está bem melhor! ” (comentários da chefe)

A reflexão de Ruby foi: “fiquei pensativa sobre o quanto um elogio vem carregado de uma ousadia e com uma carga que deixa alguém tranquilo pra dizer que deixe o cabelo assim porque de outro jeito estava horrível! E se achando elogiando. ” Comenta que a mãe compartilhou da opinião da chefe quando ela contou e que o comentário que ela mais gostou foi de um colega que disse em tom irônico: "uai gente, a Ruby só aparou as pontinhas e tá todo mundo falando aí eu corto o cabelo e ninguém diz nada."

Diz que queria que as coisas fossem mais naturais. Um, dois, três, quatro elogios até que vai, mas o dia todo e desse jeito é demais...Pergunto se a incomodou mais ser o foco ou ser o foco com a ambiguidade e ambivalência carregada de descobertas de que as pessoas não gostavam tanto de seu cabelo? “As duas coisas! Mas o foco das atenções ela já é em várias

situações e elenca quatro elementos que a colocam no foco 1 -porque é única negra; 2 - porque sendo a única negra faz Relações Internacionais na UnB; 3 - porque está sempre estudando; 4 - porque se posiciona sempre no trabalho” (...) Comenta situações em que é o foco e em que não tem relação com essas questões, depois afirma: ‘Não sei se é preconceito ou se não é...sei que não me deixou à vontade. Os elogios de agora não significam que não tinham me achado bonita antes, mas talvez até uma dificuldade do grupo com mudanças, mas...’ (...) “Como o corpo negro é vulnerável a esse tipo de coisas e a galera fala sem o menor pudor, né?! Talvez se alguém cortasse o cabelo e até ficasse feio, as pessoas teriam um tato maior pra falar, eu não vi! Eu vi muitos elogios, mas eu vi muitos inclusive com depreciações”

“Não fiquei incomodada do tipo: estou feia! O estranhamento foi pra mim. ” Conta que no primeiro impacto não gostou, mas pensou: 'se eu partir com essa ideia as pessoas vão comprar e logo vão começar a dizer que não gostaram também, por isso tenho que mostrar que gostei.' Fala também sobre a namorada e sua relação com o cabelo e a família e ela conta que esse tipo de problema ela passou quando era criança na escola. Conta que a mãe alisou o seu cabelo e de suas irmãs por um bom tempo e diz que sempre ficaram muito bonita também nesse formato e por isso não passava pelas pelezas de quem tinha o cabelo afro assumido e tudo isso pra dizer que a namorada a está ajudando com dicas de como cuidar de um cabelo crespo.

Após o comentário sobre o foco que seu cabelo ganhou a partir do corte, Ruby relata alguns episódios na Universidade. Ruby contou-me que cursa uma disciplina e que decidiu fazer um trabalho com o tema de fundo sendo mediação de conflito. Recentemente, por motivo de trabalho, esteve em contato com leilões de objetos oriundos de crimes e tinha o interesse de compreender as motivações emocionais das pessoas que participam desses leilões...foi falar com o professor sobre esse seu interesse mesmo sabendo que o que estava propondo tinha mais relação com o sociológico, antropológico que o jurídico. O professor comenta que não tem relação com a disciplina e que esse viés mais subjetivo não cabia. Dá exemplos e ela até concordou com alguns e disse que iria incorporá-los ao seu futuro artigo, no entanto respondeu ao professor: ‘Tudo bem, mas não precisava pegar a sua ideia e de uma conversa informal e simples que eu estou tendo contigo de algo que eu quero fazer, você já transformar em uma ideia rasa, sem contato nenhum com o jurídico. Você não precisa me tratorar!’ E ele respondeu: ‘eu gosto de você! Porque eu tratoro, mas você não pense que não me tratorou ao me dar essa resposta e eu prefiro pessoas assim e não sei o que...’e aí vem o “elogio” ‘...Porque engraçado, eu vejo que você tem um bom linguajar, um bom estudo, etc.’”

“Em uma outra aula, tinha uma ópera tocando e o professor comentou: 'nossa, uma ária tocando.' Não era uma ária, era uma ópera e eu não queria dizer, mas ele além de errar o

andamento, errou quem estava tocando. E ele: 'ta vendo, ela sabe!' E esse ela sabe...não sei se ele quis me expor, mas estava querendo dizer, talvez, para os outros alunos que tá vendo enquanto tem uma aluna que estuda...vocês...mas também me trouxe a memória momentos em que as pessoas se espantavam por completo por me ver tocar piano, que sei taquigrafia...e essas são coisas mais recentes que estou me lembrando. ”

Você falou em alguns momentos que sua mãe te defendia, era uma leoa, como você vê isso? “Quando criança, a última coisa que eu pensava era em lutar, em reagir, na verdade só sentia à vontade de ser aceita e de ser igual aos outros, é muito ruim todos os dias você ser o centro do esculacho, é muito ruim. E resistir também é complicadíssimo, porque você também é a única e se você não é a única, tem aquelas pessoas que são da sua cor, mas não se enxergam como tal e já estão agarradas com a galera que faz a chacota com você, então acaba que você é a única. Resistir é muito árduo. Daí o que acontece? Como você não tem como embranquecer e quando você é criança, não quer continuar apanhando então você não quer ir pra escola, em contrapartida quando chega o pai e a mãe e toma as dores, a dor de cabeça vai continuar, a vergonha também, mas você vê que tem algo acontecendo, e como seus pais são seus heróis, você começa a pensar que apesar de tudo tem alguém brigando por mim. Não vai acabar com a dor de cabeça, nem a vergonha. E eu acho que essa conversa tem que começar desde cedo, assim, porque é algo que vários pais não conversam com os filhos e não é uma mentira, se tem um filho negro na escola, meus pais sempre falavam: 'tem que ser o primeiro, porque se você tiver uma falha, ela vai ser vista e vai ser um alarde, se não estudar o bastante, ou estudar pouco, não terá o reconhecimento e as glórias' e aí é muito triste essa posição que a criança negra fica, mas ela tem que ser boa, porque senão é muito simples, ela será descartada. Todos os dias ela sofre essa estafa. Hoje, analisando, eu acho que foi muito bom pra o meu crescimento, inclusive, na educação racial que meus pais tivessem intervido. Muito mais que minha mãe, eu lembro de momentos decisivos em que meu pai esteve lá, com muito amor: 'não faça isso!' Pegou no colo e brigou e tal e era importante, assim, avulso, não é fácil! Por isso que falo que escola é do mal, é triste.”

“Ser combativo todos os dias em algum momento vai comprometer sua saúde mental, todo dia quer que o negro seja combativo e ainda falam: poxa, você só fala disso? Meu amigo, só falo disso porque todo dia vocês só fazem isso...! Eu tenho que sobreviver, mas é cansativo.

ENTRE A DOAÇÃO E A DISPOSIÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DA NARRATIVA DE RUBY

“*Vou me doar para o amor sempre, mas quando paro e penso que as coisas estavam calmas, tranquilas e de repente acabaram...*”. Essa frase de Ruby parece sintetizar a dor e a potência que atravessa grande parte de sua narrativa. A *disposição* é a palavra que dá sentido à emoção ou vontade na qual Ruby se utiliza para tentar definir sua estratégia em lidar com emoções dolorosas. Ela mencionou esse termo quando tentava explicar o que para ela parecia ser muito difícil de traduzir “não sei como faço, só sei que vou, continuo e vou fazendo”. A difícil tradução talvez seja por ser da ordem das emoções, mas também porque em sua narrativa é algo “natural”⁵⁵, recorrente e cotidiano que dispensa reflexão.

Em princípio, disposição parece ser daquelas palavras que dizem tudo e nada ao mesmo tempo, mas é um elemento que aparece na narrativa de Ruby e a caracteriza e diferencia sendo-lhe peculiar. Aparece em sua fala quando questiono da sua forma de lidar com a dor, o que me faz levantar a hipótese deste ser um importante princípio que a permite deixar “desabrochar” o poder de transmutação de algumas feridas e uma luta contra o aprisionamento. O princípio que acompanha a noção de disposição é, na fala de Ruby, o de movimento - “caminhar apesar disso tudo, mesmo não sabendo no que isso vai dar” - e da determinação.

Ao falar sobre sua trajetória, Ruby narra o episódio em que foi expulsa da casa de sua família. Essa situação guarda alguma semelhança com a narrativa de Filipa (capítulo 4), no entanto com importantes diferenças contextuais, nos caracteres, na vivência das relações, na forma de lidar com a situação em si e com seus desdobramentos por parte de ambas as minhas interlocutoras. Ruby, ao contar sobre o episódio enfatiza sua mágoa com o fato de nunca ter dormido fora de casa até os vinte três anos e após três vezes em que isso aconteceu, “de forma intercalada” (ressalta), a mãe a expulsa de casa. Narra sua expectativa de acolhimento no momento, esperando algumas horas e quando sua mãe reafirmou pela segunda vez seu posicionamento, Ruby constata, então, a nova situação com que teria de lidar. Descrevendo seus pensamentos e emoções, ela tenta me passar a tensão do momento e sua “consciência” das possibilidades que se apontavam. Tentando montar uma estratégia de lidar com os problemas

⁵⁵ O termo natural caminha em muitos momentos junto ao naturalizado. Convido o leitor à abrir um parêntese para a reflexão de ao menos um dos desdobramentos dessa naturalização, qual seja, a de que ao atribuir às nossas dificuldades e estratégias de enfrentamento o caráter de natural, de comum acaba-se também, muitas vezes, por gerar a noção de que as dificuldades de outras pessoas em lidar com seus processos dolorosos também é algo natural, comum como se fosse uma ‘vontade ou a falta de’, expressas em frases como: “permanece nessa situação por que quer!” “parece que gosta de viver isso!” Expressões frequentes no senso comum.

que se apresentavam, Ruby caminha e pensa no emprego, no salário, na sua “instabilidade financeira” e na possibilidade de acionar a parceria de amigos. Ao chegar na casa de sua namorada e ter enquanto desfecho também a expulsão de seu afeto, continuam, agora as duas, em busca de formas de lidar com o novo contexto.

O que Ruby faz questão de enfatizar em sua fala é a sensação de alegria pela libertação de “fortes amarras” que vinha com essa situação, apesar da tensão e de nenhuma segurança ou certeza dos acontecimentos futuros. A partir desse momento, segundo a narrativa de Ruby, sua vida sofre importantes mudanças, com fortes cisões e relevantes transmutações. Em busca de parcerias; de viabilizar o próprio sustento e sentindo-se responsável por si e pela namorada, que segundo ela havia sido expulsa por sua “culpa”, Ruby relata a dor do vazio provocado pela ausência de sua mãe e a não aceitação de sua homoafetividade por parte dela - “ela é um porto seguro muito grande pra mim e” (...) “não tê-la por perto me fazia ficar fraca em vários outros pontos e mesmo nessa situação, eu falava: 'vai dar certo, alguma coisa vai acontecer e vai dar certo' e nessa coisa de vai dar certo, a gente vai moldando uma personalidade que não pode se fragilizar” - e a alegria de poder estar sendo “quem eu deveria ser”. Esse episódio sintetiza de um lado parte significativa de algumas dores de Ruby, qual seja, a dor do abandono familiar – da mãe e irmã - naquilo em “que eu deveria ser” e de outro sua *disposição* que sinaliza uma busca, mas não a busca por uma outra pessoa que viabilize seus objetivos, sua autonomia, seus desejos, mas a busca da própria realização.

Ruby dá muita ênfase às questões familiares em suas falas, apontando esse meio como um espaço de vivência de dores e amores muito intensos. As dores relatadas por Ruby vão desde a incompreensão por parte de sua família com relação à sua sexualidade e o fato de não poder tornar público seu afeto nesse ambiente; a impossibilidade, pela distância - tanto por estar longe de casa quanto por ter voltado sua energia aos seus dilemas pessoais por um período - de cumprir uma responsabilidade que ela acredita ser sua com relação às duas irmãs, qual seja, de cuidado e referência até a dor de uma vivência racial atravessada de ambivalências, de lutas e de solidão social. O pai é caracterizado por Ruby sempre em comparação à mãe. Na narrativa dela, esse pai é uma figura distante, ausente, ciumenta, violenta, fracassada e devedora de algo que faltou em sua trajetória e no qual ela não tem conhecimento de sua tentativa em se “melhorar”. O pai é a expressão de um dos lados do abandono, principalmente do cuidado/proteção que é devido a ela e a sua mãe e irmãs na promessa de um ideal familiar heteronormativo e patriarcal. Ruby relata sua expectativa frustrada de proteção e de apoio do pai. Sua mãe do outro lado, ao mesmo tempo em que é uma pessoa romântica - tem sua expectativa de relacionamento profundo com o pai de Ruby frustrada -, é uma mulher sozinha

e vulnerável – “minha mãe possui uma casa sozinha e uma mulher sozinha, a frente dos negócios e tendo que lidar com pedreiro e sem muito dinheiro é treta” - é guerreira, propositiva e impositiva. A mãe é uma figura de ascensão, sucesso e força, para além da dor e do abandono que lhe foi imputado pelo companheiro - “minha mãe foi subindo enquanto meu pai foi caindo”, sendo atribuída a ela uma importante função referencial - a base e a força de Ruby -, ao passo que também lhe é dirigido o afeto e a expectativa de acolhimento e cuidado. Além disso, essa figura materna, na narrativa de Ruby, é uma pessoa que demanda proteção por ter que lidar sozinha com questões próprias do masculino em nossa sociedade e inspira o sentimento de cuidado e responsabilidade por parte de minha interlocutora.

Apesar do jogo de dicotomias presente nas imagens que Ruby tem dos pais e da representação associada à caracteres atribuídos ao masculino e ao feminino em nossa sociedade, essa associação binária não é rígida, extrema e idealizada. Sua mãe, por exemplo, figura uma combinação complexa de elementos como vulnerabilidade, força, autoritarismo, afeto, mesmo que tal complexidade pareça lhe tenha sido legada pelo imperativo do abandono e seja vivido com dor. A não paralisia e engessamento da mãe em um ponto fixo, no geral, o da vulnerabilidade diante do abandono e da dor que isso causa, parece ser a expressão do sentido de *disposição* de que tanto fala Ruby.

O pai por sua vez é uma figura mais estável em sua posição de ausência, inércia e fracasso, como um signo da frustração de sua expectativa em ter a proteção que lhe é devida, bem como da dor vívida e cotidiana, enfim, a imagem do que parece na fala de Ruby precisar ser superado legitimando dessa forma – na sua dinâmica peculiar -, a necessidade da constante disposição que ela, sua mãe e suas irmãs precisam ter diante da vida. Em outras palavras, a ausência da figura masculina é, na narrativa de Ruby, o impulso, o pretexto mesmo que imperativo do desenvolvimento de seu autocuidado e autoproteção, mas também da constituição de uma subjetividade que cuida, protege e se responsabiliza, referenciada na ausência dessas características em sua figura paterna.

No entanto, em sua trajetória e relações a organização das figuras materna, paterna; das representações e signos de masculino e feminino constituídos e reproduzidos socialmente não é feita de forma tranquila, linear e progressiva, mas aparece em suas falas, repleta de conflitos com momentos de extrema dor, introspecção e melancolia associados a momentos de reflexão, superação e reconhecimento de sua força. A vivência dessas sensações, salvo em momentos e circunstâncias extremas, se dá ao mesmo tempo, em conjunto e em conflito nos processos internos e constitutivos de Ruby.

Um exemplo disso é a narrativa dela a respeito de suas irmãs, principalmente sua irmã do meio. Um ano mais nova que Ruby, sua irmã tem um lugar de destaque na narrativa e em sua vida. Ruby a admira como uma pessoa independente, forte e determinada, considerando-a parecida com sua mãe, tanto esteticamente quanto em sua personalidade. A irmã e a mãe são para Ruby imagens de um feminino, na atribuição social, forte, mas a quem ela está em dívida com o cuidado e o cumprimento de responsabilidades a qual deixou de realizar ao sair de casa, expulsa por sua mãe. Lanço a hipótese de que Ruby sente-se abandonando, o que segundo ela, é muito doloroso, pois assume para si, principalmente internamente e em forma de expectativa, a responsabilidade que ela acreditava ser de seu pai e não foi devidamente realizada.

Ruby afirma que “herdou” muito de sua personalidade da mãe, ao mesmo tempo em que relata a importância do pai enquanto uma referência de como não tratar suas mulheres e do quanto se esforça para se afastar da experiência do fracasso, associação feita inicialmente ao pai. Afirma também acreditar que sua irmã por ser heterossexual numa sociedade heteronormativa sente mais a ausência do pai, devido as expectativas sociais que são colocadas sobre ela. Ruby, por outro lado, tem sobre si a expectativa social do anonimato de suas relações e sua expectativa em relação à sua família é justamente de ser aceita e poder sair desse anonimato, dessa invisibilidade. A situação que expressa essa aceitação é o tão almejado almoço em família com sua namorada presente e sua relação aceita e publicizada. A hipótese que lanço aqui é a de que Ruby atribui às figuras de sua mãe e sua irmã uma posição complexa, não reduzida ao binarismo estático, mas ainda assim no campo do feminino, enquanto sua própria figura circula e transita entre posições e símbolos do feminino e masculino. Com isso, Ruby tanto demanda cuidado e proteção quanto se sente extremamente responsável pelo cuidado e pela proteção das pessoas – familiares e relações afetivo-sexual – que em sua dinâmica relacional cotidiana figuram como representações do feminino.

No entanto, mesmo a partir das múltiplas dores apontadas acima, Ruby apodera-se de sua *disposição* e sobe seu condomínio decidida a viver quem realmente acredita ser e a fazer planos para uma nova vida, com novas responsabilidades incluindo a responsabilidade sobre si mesma, rompendo com uma dinâmica constitutiva que em seu relato a paralisava e comprometia outros aspectos de sua vida. O rompimento, contudo, não significa a extinção absoluta da dinâmica que acabo de mencionar, mas sim a emergência de uma prática, de estratégias, de um saber e de novos elementos simbólicos que podem ser acionados quando necessário a fim de romper novos aprisionamentos. A incorporação desse novo saber não fica à deriva esperando a hora e vontade do sujeito de utilizá-la, mas é produtiva e leva a outros rompimentos.

Dessa forma, os conflitos, expectativas e dinâmicas familiares apresentados até aqui foram revividos e experienciados nas relações afetivo-sexuais de minha interlocutora, segundo seu relato. Ruby afirma que numa relação ela procura cuidar, proteger, ser fiel – fidelidade é uma categoria importante nos seus relacionamentos – e demanda dedicação similar de suas parceiras, desenho que socialmente é atribuído a uma leitura idealizada do masculino em suas relações com o feminino. As relações de Ruby, a partir de sua narrativa, são caracterizadas por uma postura sua de extrema responsabilização pelo bem-estar de suas parceiras, associada a uma certeza do abandono e busca por evita-lo, o que lhe causam dor, principalmente quando não correspondida ou da constatação da idealização. A busca por evitar o abandono e a assunção de responsabilidades por parte de Ruby, tenho uma hipótese de que é sintetizada no fenômeno da doação. Tal fenômeno se traduz no ato de cuidar, proteger e se entregar à relação com um perseverante investimento na fidelidade, na estabilidade e longevidade dos vínculos afetivo-sexuais e na busca de uma relação regida a partir de princípios rígidos e sólidos e muitas vezes pautados em ideais moralizados e moralizantes. No entanto, a doação e as concepções de relacionamento de Ruby não são vividos nem como uma fantasia, nem como algo inquestionável, mas como um ideal a ser buscado que pode ou não ser alcançado e que pode ou não ser questionado sem o risco de cisões emocionais profundas, uma vez que em sua fala, muitas de suas vivências têm sido questionadas e transmutadas no seu cotidiano.

Ruby considera-se “marrenta”. Ela faz um esforço a fim de expressar a mim o que define como uma pessoa marrenta. Ao final lança-se da figura metafórica de uma marreta por seu caráter rígido e inflexível, comparando-a a sua personalidade forte e firme em seus princípios e por isso confiável e estável. Na figura da pessoa marrenta, Ruby sintetiza seu firme compromisso com as responsabilidades que assume diante das relações e se aproxima de uma figura ativa, forte e estável no cumprimento de seus ideais. O ser marrenta, possuir a personalidade marreta é um poderoso instrumento a fim de seguir em busca da concretização e manutenção dos seus projetos de doação e disposição. Junto a essa atribuição que ela diz não ser sua e sim de outras pessoas à sua personalidade, Ruby diz que por traz de sua aparente fortaleza em que parece racional, aterrada, ela é na verdade impulsiva, passional, “tudo que eu não podia ser, eu sou” e finaliza declarando viver num constante diálogo maniqueísta. A partir dessas falas questiono se não há uma tentativa por parte de Ruby de se afastar do que é considerado socialmente como uma fragilidade feminina e aproximar-se de atributos reconhecidos como masculinos.

Ruby faz espontaneamente reflexões e digressões em sua memória afetiva sobre sua vivência racial. Ela fala bastante sobre essa experiência desde a infância até a idade adulta. Em

sua narrativa, Ruby afirma que sentiu sofrer mais racismo que lesbofobia e logo em seguida diz: “até porque as pessoas acham que se você é lésbica, você necessariamente precisa ser um macho e eventualmente com seios, gorda, nenhum homem te quis e por isso você é lésbica” e com isso ela se retira da possibilidade de ser reconhecida nesse estereótipo. A minha hipótese a partir da fala de Ruby é que ela ao não conseguir se desviar de situações de racismo já que a cor de sua pele é, no racismo fenotípico brasileiro⁵⁶, princípio que aciona ações racistas, além de impossíveis de mascarar objetivamente, experiencia com mais frequência o racismo, até mesmo porque sua orientação sexual pela sua narrativa foi mascarada durante parte considerável de sua trajetória, o que não a impediu de sofrer a violência lesbofóbica, mas criou talvez possibilidades de deslocamento dessa vivência, ou até de experimentar formas ambivalentes de violência simbólica, onde o mascaramento discursivo confunde e imputa à "vítima" da violência a dificuldade de percebê-la desta forma, o que não acontece com o racismo para uma negra com o tom de pele escuro como o de Ruby. Ruby relata ofensas, humilhações na infância e o desejo infantil de não ser negra expressa no questionamento feito à sua mãe do porque do tom escuro de sua pele. Ruby era a única negra na escola e narra também momentos em que se sentiu fracassada, no qual suas conquistas pareciam não ter um valor ou não serem suficientes.

Um interessante elemento que pode ser comparado entre as vivências raciais e as de sua orientação sexual, narrados em toda a sua trajetória, é a sensação de apoio contidos no compartilhamento da constituição racial com a família e do apoio e proteção sentidos na atitude dos pais em constante luta por protegê-la e conscientizá-la dessa violência. Segundo Ruby, isso não evitou a dor e nem a extinguiu, mas lhe propiciou uma carga de energia, potência e conhecimento para lidar com isso possibilitando-a inclusive de lidar com outras vivências violentas como as relativas à sua sexualidade etc. Do outro lado, sua experiência sexual não encontrou apoio, nem compartilhamento familiar, tendo que buscar isso no meio externo. Assim como as dores estão relacionadas, as formas de superação também. Ruby admite que teve de

⁵⁶Para Nogueira (1979) o preconceito existente no Brasil foi todo construído com base no fenótipo, ou seja, uma espécie de classificação cromática, um preconceito de marca que faz com que quanto mais próximo do fenótipo negro alguém esteja, mais discriminado ele é e vice-versa: “considera-se como discriminação racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações, os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, os sotaques, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico, para que sofra as conseqüências do preconceito, diz-se que é de origem.” (NOGUEIRA, 1979, p. 79).

lidar com a questão sexual sem apoio da família, mas o suporte recebido para manejar as questões raciais contribuiu consideravelmente para que tivesse força em outros aspectos, criando uma “reserva energética” de luta e uma noção mínima de estratégias internas.

A associação entre seu sentimento de fracasso e sua cor da pele como algo construído socialmente e utilizado numa estrutura racializada para gerar dor e legitimar as hierarquias e desigualdades raciais é evidente e no caso de Ruby, quando narra sua vivência na escola de música, nas provas no colégio militar e na Universidade. O signo do fracasso está associado à sua referência paterna, em sua trajetória pessoal, ao mesmo tempo em que o peso e a dificuldade em ter que lutar sozinha pelo sucesso é remetido à sua mãe. Ruby em sua narrativa diz viver diariamente sem descanso, sem possibilidade de fuga e com imensa visibilidade, sentindo-se o foco enquanto ícone do fracasso e da vulnerabilidade do abandono pela sua condição racial. Ruby e sua negritude que não a permite desviar de ser o palco dessas dores, as experimenta interna e externamente em toda a sua intensidade e constância. Se me permite o leitor ousarei fazer a inferência de que inclusive a visibilidade de que fala Ruby, a intensidade e recorrência que experimenta a violência a coloca enquanto negra em caráter de “bode expiatório dessas dores” imputando-lhe a função social de aliviar as dores de mulheres e homens brancos que ao visualizar sua condição pode refestelar-se e dizer: “ao menos sou branca, ou ao menos sou homem, ou ainda ao menos sou homem e branco”.

Lanço, portanto, a hipótese de que as feridas e as dores provocadas pelo racismo associam-se, afetam e transmutam as percepções simbólicas de Ruby associadas ao masculino e ao feminino colaborando na intensidade da sensação de abandono e no sentimento de inescapabilidade do mesmo; na construção de um sentimento de incapacidade nos potenciais socialmente associados ao masculino e das vivências atribuídas ao feminino em nossa sociedade. Grande parte de suas queixas nos relatos que me fez, e de suas dores advindas de situações e vivência de racismo são relativos à associação feita socialmente entre sua cor de pele e sua capacidade intelectual experienciada nas suas relações estabelecidas em escolas e na Universidade. Outra dimensão da vivência racial e corporal que relata Ruby é quanto a sua percepção estética, ou o quanto se considera bela. Quanto a isso Ruby relata uma transmutação da sua baixa autoestima na infância, período em que não se considerava bela e a percepção de sua beleza e da beleza de sua irmã e de sua mãe nos últimos anos, principalmente após entrar em contato com as discussões raciais.

O incômodo de Ruby com o episódio do cabelo nos remete à dinâmica descrita acima quanto a experiência da dor nas relações racializadas. A dimensão que tomou o corte de cabelo de Ruby reverberou sensorialmente e corporalmente. Essa dimensão do racismo veio

acompanhada da reflexão do quanto existe uma licença para ir contra o corpo negro gerando uma tranquilidade em exercer comentários e afirmações racista que, em geral, veem acompanhadas de ambivalências em forma de elogios e isso a incomoda. Ser o foco a fez lembrar situações ruins similares. Foco e ambivalência traz dor a ela e também a dúvida em seus julgamentos, sensação de vulnerabilidade, ao mesmo tempo em que fica sempre na expectativa da repetição dessas situações como a de ser colocada novamente em evidência de forma negativa. Ela se sente inerte de um lado e de outro não sabe se ataca, se acolhe, não sabe se é sincero... Em minha hipótese a sua sensação vai ao encontro da ideia das dores de negras/os servirem ao refestelamento de pessoas brancas. A sensação conflituosa e confusa de Ruby seria o outro lado dessa relação racializada em que negras/os são bode expiatórios e a dor, ambivalência⁵⁷ e “confusão” contribuem para a permanência desses grupos nessas posições e traz sensação de “alívio” à outras posições sociais no jogo das relações de gênero e racializadas.

Retornando à noção de disposição como uma construção feita a *partir de e colaborando para* as transmutações de dores, provocadas pelo abandono que Ruby e sua mãe parecem compartilhar na narrativa, resalto ainda que a *disposição* é um artifício que imprime movimento a vida de Ruby sendo importante aliada em momentos de melancolia e paralisia. A disposição, portanto, seria uma estratégia de Ruby para lidar com essas dores que se alia aos rompimentos em momentos extremos de violência e opressão como a sua saída da casa de sua mãe, mas também de pequenos momentos diários de tentativa de quebra dessa dinâmica simbólica.

⁵⁷“Quando acontece de o preto olhar o branco com ferocidade, o branco lhe diz: ‘Meu irmão, não há mais diferença entre nós’. Entretanto o negro sabe que há diferença. Ele a *solicita*...Então ele teria uma oportunidade única de ‘lhe mostrar’... Porém não acontece nada, nada além da indiferença, ou da curiosidade paternalista” (FANON, 2008, p.183).

Eu diria que o sentimento de indiferença e a curiosidade paternalista de que fala Fanon em alguns contextos, acompanha a ambivalência que possibilita o conforto e a expiação de dores a partir do encontro com o outro que traz no corpo e na história, a marca da dor e um enunciado implícito da impossibilidade de superá-la. Do outro lado o negro tem o sentimento de dor e o “sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência (...) Todos estes brancos reunidos, revólver nas mãos, não podem estar errados. Eu sou culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou um miserável” (IDEM, *Ibidem*, p. 125). Além da dor, a dúvida gerada pela ambivalência, ou a certeza de que o outro está certo como ilustra Fanon no seu texto.

CAPÍTULO 6

DANDARA e seus morangos

Dandara tem 27 anos. Universitária, estudante de pós-graduação, Dandara galgou já várias etapas profissionais, eu diria que social e profissionalmente, ela é considerada uma mulher bem-sucedida. Tem um irmão e seus pais são casados “há mais de 30 anos” (ênfase dela), enfim, “moram junto aí e tal...tão aí”. Saiu da casa dos pais em 2012 e “desde então não voltei mais...saí de casa pra morar com minha companheira na época e a gente terminou e eu continuei no apartamento, morei sozinha e agora estou morando com a minha nova namorada e mais algumas meninas, uma república feminina, só tem menina lésbica”.

ENCONTROS DERRADEIROS, PRIMÓRDIOS DE REFLEXÕES

A última a colaborar com o trabalho, Dandara concordou de pronto a participar dele, após uma breve conversa na Universidade sobre a trajetória da pesquisa até aquele momento, peculiaridades e quão sua história poderia contribuir para conclusão do trabalho e para a expressão de dinâmicas de transmutação de algumas vivências de dor. Peculiaridades tornaram o trabalho mais rápido. Não foi necessário um grande número de encontros, primeiro por ser a última e com isso o trabalho já ter um relativo desenho, como por sua trajetória ser acompanhada de processos de autorreflexão, bem como a forma didática de sua comunicação. Eles aconteceram na Universidade e em sua casa. Nossas conversas fluíram bem, com momentos de troca que a mim parecia um momento em que procurávamos entender certos processos, sensações e emoções que vivemos, como vivemos e em que medida essas construções dinâmicas nos levavam até ali.

A conversa com ela trouxe diversos outros elementos importantíssimos para uma nova etapa do processo de pesquisa, na qual buscava elementos materializados de reordenamento e transmutação da dinâmica e de algumas situações que havia tido contato durante toda a minha trajetória e que sinalizavam caminhos, mas raramente esses estavam tão objetivamente materializados e desenvolvidos para que eu pudesse pontuá-los aqui. Dessa forma, Dandara compõe um time de parceiras generosas que concordaram em a partir da exposição de suas próprias histórias pensar um complexo de relações e de possibilidades de transmutação e dinamicidade de vivências de violência e relações de poder.

Como pontuei acima, a narrativa de Dandara foi didática, fluida de forma que não alterei muita a ordem das nossas conversas, tampouco os links e desenvolvimento de situações que ela mesma foi colocando a partir de nossa interação.

“E É ASSIM QUE EU TENHO LIDADO COM AS ADVERSIDADES...”

O irmão

Seu irmão é casado? “Ele está em vias...já tá casado, já tá morando debaixo do mesmo teto e agora vai formalizar, mas tem pouco tempo que eles se mudaram, assim. Não tem nem um ano que eles se mudaram, meu irmão, a noiva e a filha da noiva dele. ”

Como é a sua relação com ele? “Hoje a gente já tá mais distanciado, deu uma distanciadada boa, se bem que mesmo na mesma casa a gente não era muito próximo não, porque a gente sempre teve horários muitos diferente, programas muito diferentes e a gente era muito diferente, ele era mais rueiro e tal, gosta de sair sempre...sempre tem um aniversário, uma festa e eu não, assim, sempre gostei de trabalhar, chegar em casa, ficar numa boa, sair pouco...então nossos horários batiam pouco e não tínhamos muitos programas em comum. Mesmo assim, nossa relação foi sempre muito tranq...não sempre, né? Depois que a gente cresceu, depois que eu fiz uns 20 anos, assim, de lá pra cá, nossa relação é muito tranquila. A gente se encontra pouco, conversa pouco, convive pouco, mas é uma relação muito amorosa, muito respeitosa. Ele é muito carinhoso, manda mensagem: ‘eu te amo, tô com saudade...ele é muito fofinho, mas do que eu inclusive. ’”

“A gente brigava quando era pequenininho e na adolescência dele, que ele entrou na adolescência antes, né? Achava ele chato pra caramba e eu ficava muito puta, porque ele dava muita preocupação pra minha mãe...que ele tipo, gostava de ir pra festa...ele já era muito festeiro, assim, sempre tinha muitos amigos, era bonitão pra caramba, então, ele sempre tava muito nesses rolês. Festa de quinze anos, quando ele estava nessa idade, ele ia em várias, aí não atendia o telefone e minha mãe ficava preocupada e eu ficava segurando a onda com minha mãe, né? Minha mãe ficava preocupada e eu ficava com ela, mas ficava meio puta, né? Que saco, não precisava ser assim, custa atender o telefone?!...Mas depois assim, acertou, meus pais começaram a lidar de outra maneira com isso, ficaram se preocupando menos e eu também...”

“Eu me preocupava menos que a minha mãe, com certeza, e ficava preocupada mais na medida em que ela se preocupava, não ficava muuuuuito não...achava assim: ‘não, ele tá fazendo as coisas, tá na festa! Daqui a pouco ele liga...’ mas minha mãe ficava mais naquela consumição, assim, né? E eu ficava preocupada com ela...caramba, mas aí depois passou também, aí ficou de boa, aí quando eu entrei na adolescência, fase adulta, aí eu acho que

começaram a rolar umas tensões específicas com ele. Acho que ele rivalizava um pouco comigo, aí eu ficava...muito...era muito estranho porque eu não conseguia entender direito, por exemplo, quando eu tava no ensino médio e ele já tava na UnB, eu achava o máximo que ele chegasse em casa falando aquelas coisas e me interessei por filosofia e também pensei que eu podia passar no PAS, sem fazer vestibular, porque eu tinha pavor de passar um ano fazendo cursinho, aí eu falei: ‘vou fazer filosofia’, a reação dele foi: ‘você não gosta de ler, como você vai fazer?’ Aí minha resposta foi: ‘uai, mas se não gosta, lê mesmo assim, né? O que que tem? Se não gosta, lê sem gostar ou tem que gostar!’ Mas ele sempre ficou muito tenso...aí rolou umas discussões e brigas meio disparata que hoje eu vejo como uma competição” (...) “Na época, só ficava indignada, muita raiva, muita raiva, achava que ele era muito desrespeitoso comigo, tentava me desqualificar muito nas minhas escolhas e tudo mais, depois isso passou, graças a Deus...me lembro que a última briga que tive com ele, foi por causa disso”

“Eu acho que não era explícito, então acho que ele rivalizava com outras coisas, por exemplo: ele era muito chato com computador, lá em casa só tinha um computador e ficava no quarto dele e aí pra eu usar o computador tinha que passar pelo menino (ironiza). Ai que saco, eu ficava indignada: ‘caraca, esse computador é da casa, ele só está no seu quarto por um acaso, porque no meu quarto não cabia, meu quarto era o menor da casa e ele fazia questão do quarto maior e eu não! (faz gesto de não se importar) Então assim, já que você quer ficar com o quarto maior, então fica com o ônus de ficar com o computador e as vezes eu precisar e você não ter sua privacidade, mas ele era muito chato.’” (...) “Ele territorializou o computador e aí chegou um dia, ele saiu e levou o mouse do computador pra eu não usar. Tem noção?! É tipo assim, a pessoa sai de casa, quando eu cheguei no quarto que eu olhei eu disse: ‘não, não tô acreditando, não é possível!’ Eu olhei de novo, procurei e falei: ‘não, ninguém passa e leva o mouse assim embora aleatório’. Aí minha mãe estava dando plantão, minha mãe é enfermeira e eu liguei pra ela: ‘mãe, é só pra compartilha, eu tô muito de cara! Você não precisa ligar pra ele e tal, é só pra dizer que aconteceu, né?’ Conte pra ela, só que eu liguei só depois que eu tinha usado o computador também, porque tem como usar sem mouse e eu não tava nem aí, aí usei o computador, só não entendi a paspalhice da pessoa de levar o mouse.”

“Não falei com ele não! Ele queria acreditar que eu não usei. Eu usei, resolvi e ele acreditou que eu não usei e ficou resolvido, pronto, assim, o mouse voltou depois de...”(...) Consegui olhar pra ele...(risos)? “Acho que eu não consegui olhar muito não...(risos) é tipo, uai...só deixa esse menino, porque pelo amor de Deus, mas aí depois como eu não tinha computador e tinha toda essa treta, minha mãe falou: ‘não, vou comprar um computador pra você usar. Eu já tava na UnB e era toda essa novela pra fazer trabalho e pesquisa, aí ela me deu

um computador e o meu irmão ficou implicando com esse computador e ele implicava de uma maneira com esse notebook e eu ficava: ‘qual o problema de sair de casa com o notebook, se esse é um computador pra sair de casa?’...E ele ficava numa implicância: ‘ah, porque você vai perder, você vai quebrar, você vai dar mole e alguém vai te roubar’. E era só meu, meu, meu, meu. E ele encheu o meu saco e eu me sentia muito desqualificada, né? Poxa, qual é seu problema de eu ter um computador, de eu sair com um computador e se eu for roubada, quer dizer que a culpa é minha? Que eu sou trouxa? Não...eu não sou e achava que ele me desqualificava muito.”

“Acho que ele é a única pessoa do mundo que consegue me tirar de controle, ou conseguia, né? Não sei se ele consegue ainda, porque ele nunca mais tentou. Eu fiquei louca e gritava muito. E ele: porque você está gritando? E eu: ‘porque você não ouve, não é possível uma coisa dessa! Você me desrespeita!’ Foi homérico. Depois disso, não sei o que aconteceu com ele e comigo, mas nunca mais. (...) “A gente ainda continuou morando juntos muitos anos....eu saí de casa antes dele.” Tentava evitar encontra-lo? Usou isso como estratégia? “Não...até que não, até achava meio ruim, porque saía na rua e as pessoas perguntavam ou diziam que o tinham encontrado e eu dizia que as pessoas encontravam ele mais do que eu, porque eu o via muito pouco, mas nunca tentei evitá-lo não, até porque na minha casa, sempre foi assim: se tinha um desentendimento, chegar a uma briga não era comum, nunca foi comum na minha casa e mesmo quando a gente chegava nessas coisas de brigar, a gente nunca ficou sem se falar! Então, nunca teve essa estratégia de evitação, nunca houve esse caminho, assim, tipo rolou esse momento, tá com raiva, vai cada um pro seu lado, mas no dia seguinte, a coisa tá esquisita ainda assim, mas não tem nenhuma evitação, tentar não encontrar, desviar, assim, não.”

“Minha mãe tentava dar uma mediada e tal: para com isso e não sei o que...o meu irmão sentia, inclusive que a minha mãe entrava em minha defesa e lembro dele falar assim muito pequeno, que a caçula tinha proteção e aí minha mãe sempre tentava fazer algumas mediações nesses momentos, mas à medida que fomos crescendo, isso tornou cada vez mais raros, ainda bem”

Você disse que não tinha evitação, mas tinha a evitação do problema? “Isso, eu acho que sim...deixar o tempo resolver...eu na minha relação com os meus pais e irmão sim...é...já tinha brigado, já tinha falado o que tinha pra falar...mas algumas vezes...isso já aconteceu mais de uma vez, de eu estar no meu quarto e meu irmão entrar no quarto e pedir desculpas e conversar, ele já fez esse movimento algumas vezes, várias vezes. Passou esse momento mais turbulento, deu uma respirada, ele vai lá e tenta conversar alguma coisa. Eu não sei se eu voltaria

no assunto. Quando eu estou muito machucada e não vejo muita produtividade em voltar no assunto, eu deixo passar. Mas, se eu acho que tem produtividade e dependendo da pessoa, eu converso. Mas, na minha casa é o espaço que eu tenho mais dificuldade de exercitar isso dessa maneira. ”

“Cara, como a gente tinha essa dinâmica muito desconstruída, pelo menos eu não precisava enfrentar a figura dele novamente e por exemplo, de repente ter uma emoção novamente e ele era de chegar em casa e já ir direto pro quarto, então, não convivia muito nos espaços coletivos da casa, eu também não, mas eu ainda ficava menos sozinha no meu quarto que ele, então tinha isso, mas pra mim foi muito decisivo, pra lidar com minhas emoções foi a terapia, eu fiz terapia por muito tempo, uns seis anos, tanto terapia individual, quanto coletiva. Eu tinha muita raiva, muito ressentimento de muitas coisas e na terapia foi onde eu consegui trabalhar mais, foi bem legal pra mim. Porque, é isso...tem tanta coisa que não tinha mais nem sentido falar com ele! Tipo, lembra aquele dia, eu fiquei muito magoada... não fazia o menor sentido, mas na minha terapia rolava de falar sobre essas emoções todas e de elaborar, foi muito bom, foi fundamental. ”

“Acho que a rivalidade do meu irmão é como eu elaboro hoje, antes eu não conseguia entender, ou só consegui entender isso no meio do processo, mas aí eu já tinha minha própria relação com o curso, já tinha outras coisas que me traziam pra Universidade e não sei, eu também tinha muita vontade de passar no vestibular, por mim, pra não fazer essas coisas de novo, mas também tinha todo um significado para os meus pais e avós, passar no vestibular, sabe? ”

“Eu e meu irmão somos os netos mais velhos da parte materna e era muito importante pra os meus avós que a gente passasse no vestibular, pra mim, pelo menos, tinha um significado dessa dimensão também de trazer motivo de orgulho para os meus pais e fazer isso, então, acho que isso repercutia em mim de uma maneira mais forte do que aquilo que eu não entendia exatamente o que era que meu irmão tava implicando...Na época eu não tinha muita noção, essa elaboração sobre a rivalidade veio mesmo depois. E aí eu fui fazendo, eu queria entrar, aí entrei, blz...Mas durante o curso, tanto me veio essa reflexão com um pouco mais de clareza, quanto meu irmão foi mudando, até mesmo porque mudou a relação dele com o curso também. Ele fez opções diferentes da minha dentro do mesmo curso e nisso já criou uma certa diferença que não tinha como entrar numa rivalidade mais direta. E meu irmão, ele gostava do curso e tal, mas o interesse dele era em fazer concurso público e o interesse dele no curso se tornou secundário. Já o meu se tornou primordial. Eu entrei de cabeça na vida acadêmica e tal e ele não, nunca mais voltou pra academia, não tem o menor interesse em pós-graduação e tal e nisso nós fomos

nos diferenciando no processo. Eu fui vivendo os meus processos com o curso e ele se desligou nessa pegada de ficar rivalizando comigo, pelo contrário, ele começou a comprar as coisas, depois descobri que ele ficava falando de mim pros amigos dele e tinha super orgulho, me chamava de nerd, carinhosamente, até hoje ele me chama assim, dizendo que bota fé. Ele mudou a relação dele com várias coisas e eu fui entrando de cabeça assim, porque eu acho que entrei no curso muito mediada por ele, eu não sabia o que eu ia estudar direito. Entrei mesmo, assim: ‘tem essa parada aqui que meu irmão faz e que eu boto fé e eu tenho nota pra passar, eu dei sorte de gostar, senão ia ser mó...eu ia ter que fazer vestibular de novo. Acabei gostando e dei um jeito de gostar, fui pra uma área que eu gosto e tô nela até hoje e foi assim, com essa pegada que eu consegui lidar com todas essas adversidades. ’

Espaços de reelaboração de emoções

“Sobre essas coisas assim eu conversava muito com um amigo meu, o Henrique, nós somos muito próximos até hoje, não acontecia tanto, mas algumas vezes. Com alguns amigos, a gente conversava e nos abríamos...estávamos trabalhando o processo de nos abrir, porque fazíamos terapia e queríamos lidar melhor com a nossas emoções porque afinal, não estava nos planos de ninguém ficar na terapia a vida toda, né? ” (...) “Mas eu nem entrei na terapia com essa pegada, eu fui conduzida à terapia por esse meu melhor amigo, o Henrique, que fazia terapia com essa moça e que depois foi minha terapeuta e é minha terapeuta até hoje, eu não vou mais nela, mas ela continua sendo minha terapeuta, se eu quiser voltar...é, mas eu não entrei em terapia como uma estratégia pra lidar com minhas emoções foi pra lidar com um momento específico. Lá eu descobri tantas possibilidades que eu acabei trabalhando milhões de coisas, fiquei muito tempo mesmo...inclusive fiquei um tempo, saí e depois voltei de novo. ”

O Henrique já fazia acompanhamento terapêutico, há uns dois anos e um dia me levou pra conhecer a terapeuta dele, ele já estava me chamando, mas eu estava meio resistente e até mesmo porque, pouco tempo antes eu tinha terminado com a minha primeira namorada e tava meio mal, pô, minha primeira namorada e fiquei meio assim, aí quando deu esse negócio com o meu amigo e namorado dele, eu topei e fui lá na terapia. Primeiramente pra lidar com essas emoções, aí eu comecei a fazer terapia com ela e abrir várias coisas, foi uma experiência incrível e fui me envolvendo e fiquei por vários momentos lidando com vários processos. Fiquei por quatro anos, indo regularmente, fizemos trabalho de grupo também nesse tempo e quando eu

acabei o relacionamento de que saí da casa dos meus pais aí voltei, fiquei mais um período, mas foi só pra lidar com algumas coisas específicas desse término, que na verdade eu ainda tô lidando, né? Eu ainda não tinha independência financeira e minha mãe topou bancar, porque não é barato e aí fiquei todo esse período, mas foi muito bom pra mim, foi muito transformador. Tinha toda uma rede de amigos próximos que estavam vivenciando os processos também por meio desse espaço e aí foi muito bacana poder vivenciar isso em grupo e tal, então acho que teve toda essa experiência um tanto coletiva de vivenciar e lidar com sentimentos e terapias...”

“Antes da terapia, eu lidava com as minhas emoções no silêncio, basicamente, que ainda é uma estratégia presente na minha vida, acho que é um traço meu da vida. Eu comecei a compartilhar coisas mais profundamente com meus amigos a partir da terapia, junto com esse processo que eu fui desenvolvendo essa parte de falar mais. Antes, era basicamente em silêncio...eu comigo, sem saber exatamente onde colocar todas essas emoções, nem que nome dar a elas, mas levando as coisas de uma maneira que eu conseguisse ficar mais ou menos bem e sem criar muitos conflitos, eu nunca consegui lidar muito bem com conflitos, até hoje eu sofro muito com bate boca, gritaria, sofro muito, muito...então, sempre tentei lidar dessa maneira, assim, ficar comigo e tentando não criar conflitos assim. A própria possibilidade de criar um conflito, pra mim, já era justificativa pra que eu não falasse nada, ficasse na minha e depois de um tempo, de fato, pelo menos essas emoções mais efervescentes, elas acalmavam, mas aí ficava muita coisa interna, e essas coisas só fui começando a olhar mesmo e trabalhar e elaborar em terapia. Antes era eu comigo e muita coisa eu só ficava mais encostada mesmo...”

O interesse por mulheres

“Desde pequena... (...) nunca namorei meninos, já dei uns beijos na boca e só...eu já apaixonei por meninos também, mas nunca desenvolvi, acho que a minha maior paixão por meninos foi na época da escola, mas ele era muito meu amigo e ele não dava a menor bolota pra mim. Eu era muito amiga dele, e era só amiga dele, eu era a amiga preta e gorda, então, não tinha a menor chance mesmo. Eu acho que eu gostei de um carinha quando eu já tava na UnB, mas eu nem investi, nem nada e aí teve um cara mesmo, que ele era muito meu amigo, que a gente tava numa relação próxima, que a gente chegou a ficar, mas na época, eu já tava ficando com uma outra menina e já tava apaixonada por ela...eu acho que me apaixonei por ele, mas

não tanto quanto por ela e aí não desenvolveu, então nunca me envolvi com caras, nunca tive uma experiência de uma relação mesmo.

Eu acho que me interessei pelas meninas desde muito pequena e eu não entendia, eu achava que era a única pessoa do mundo inteiro que sentia isso. Eu tinha certeza absoluta que eu era a única menina que gostava de meninas. Eu devia ter uns seis anos e eu achava as meninas muito bonitas e tinha uma fascinação pela nuca das meninas e a nuca é uma parte do corpo que a gente sempre observa na escola e eu sempre era muito alta e sentava atrás e sempre via muitas nucas. Eu achava muito lindo e ficava pensando: ‘gente, que maluquice, não é assim que funciona. Eu tinha certeza que era só eu que gostava, mas eu não elaborava sobre isso muito não, eu só sabia que era algo que eu devia esconder, isso eu tinha certeza! Que era algo que eu não podia revelar não’ ”

Mas isso era uma sensação, uma percepção ou teve algum acontecimento específico que te revelou isso, que deveria esconder? “Não que eu me lembre...eu só tinha certeza que era a única pessoa do mundo e que talvez, por isso, não devesse revelar...(..) não elaborava como angústia na época, não nesses termos, mas eu acho que as experiências de sofrimento que eu tive no final do ensino médio, eu acho que tinha a ver com a dificuldade de lidar com a minha sexualidade no geral, mas eu não elaborava desse jeito. ”

“Na época de escola, do PAS, a saída do ensino médio foi de uma turbulência interna muito grande, muito doida e foi um dos processos mais transformadores, inclusive, pra um reflexo externo. Até o terceiro ano do ensino médio, eu tinha 30 quilos a mais, porque eu não sei o que foi que aconteceu comigo, sabe essas crises existenciais mesmo, eu duvidei do fato de que eu existia! Nesse ponto, foi nesse ponto, foi nesse tipo de crise existencial, todas as dimensões. ” (...) “Eu fiquei com um sofrimento tão grande que até eu fiquei preocupada e pensei: ‘gente, o que tá acontecendo comigo?!’ (...) “Era de tal nível a minha desconexão com a minha sexualidade que, por exemplo, eu tinha muito próxima de mim um casal de amigas, que era um casal e eu não sabia! Elas namoraram durante o período da escola, namoraram por dois anos e quando eu descobri, eu fiquei tão atordoada de ver aquilo tão próximo, eu fiquei completamente abalada. Mas eu não conseguia elaborar na minha cabeça, eu só fiquei sentindo uma coisa muito estranha, eu fiquei com um pouco de raiva, e não entendi nada, eu só fiquei muito confusa. Hoje, olhando pra trás, muito do que eu vivi tinha a ver com a dificuldade de lidar com a sexualidade como um todo, a sexualidade mesmo, com o meu corpo, com desejos, com desejos por meninos e por meninas, pelo fato de não ser desejada nem por meninos e nem por meninas e isso tudo eu acho que me causava muito sofrimento, mas eu também nem

elaborava sobre isso, nem me conectava com a sexualidade como um todo, nem com a minha, nem com a dos outros. Quando eu olho pra trás, eu fico de cara, assim, porque era...como eu não vi?! Porque eram tantas, tantas meninas lésbicas na minha escola e eu era amiga de tantas e pensei: ‘nossa, o que estava acontecendo comigo que eu não tava me conectando mesmo’”

“Eu não sei o que eu fiz, o que tinha na minha cabeça que eu não via essas coisas. Tinha pessoas namorando do meu lado que eu sabia, tinha uma menina que eu achava linda, maravilhosa e eu achava que ela super me dava mole, só que ela certamente não ficaria comigo, mas ela me dava muito mole. Ela passava o tempo todo me acariciando, sentava no meu colo e mexia no meu cabelo e fazia carinho e me beijava, me cheirava e eu adorava aquilo, mas não elaborava sobre isso assim...é muito doido! Eu não sei o que fiz na minha cabeça naquele momento, mas eu acho que isso tem conexão com o processo que eu vim a viver depois. ”

“Depois que eu passei por esse processo e entrei na UnB, passei a ficar com meninas, antes não. Eu acho que isso tem a ver com toda a transformação interna e externa que eu vivi...dessa crise existencial que eu tive... eu emagreci, véi, vinte quilos, sei lá! Aí depois eu botei fé de continuar emagrecendo, comecei a malhar, tal, dei uma turbinada, malhava muito! A UnB entrou em greve, então, eu só malhava, passava umas três horas na academia. E nesse processo de eu me ver de outra maneira, me relacionar com meu corpo, ter curiosidade em estar em espaços que tinha pessoas homossexuais, e aí um amigo foi meu grande iniciador. Ele era mais velho e me levava a várias festas, conheci vários gays e lésbicas, reconheci os vários gays e lésbicas que eu já tinha na minha vida, aí com o passar de vários meses, eu fui indo até que eu fiquei a primeira vez com menina, acho que foi na copa de 2006. ”

Compartilho com ela a minha experiência de isolamento na infância e adolescência e a minha sensação de ter criado um mundo à parte, de ter me isolado pra me proteger de algumas coisas externas, dificuldades similares às dela, com o corpo, com a cor, com o fato de não ser desejada etc e como isso foi ruim internamente. Ela disse que tinha essa sensação e que isso aconteceu quando percebeu que não estava se relacionando com as pessoas e que “os amigos não sabiam nada sobre mim, nada! Eu ficava assim (fechada, autoproteção), eu me lembro...só que só fui dar conta da profundidade disso muito tempo depois. Lá pela sexta série, uma amiga me revelou que gostava de meninas. Ela revelou esse super segredo e me lembro que fiquei super mexida e essa menina, inclusive, era uma delas que no ensino médio tinha uma namorada e eu não percebia (Argh!) e eu já sabia que ela era lésbica há muitos anos! Lembro que num jogo, esses de pergunta e resposta, ela virou a garrafa pra mim, e me lembro dela falar que não sabia o que dizer, porque tinha tão pouca informação sobre mim que ela não sabia o que perguntar, nem por onde começar e eu nunca tinha me dado conta. Já tem anos e eu não esqueço

essa história nunca e fiquei: ‘caraca, ela tanto não sabe nada que ela não tem nem pra onde, ela tinha que saber o mínimo pra me perguntar qualquer coisa e ela não tem, só no final do ensino médio que eu fui sacar a profundidade disso. Esse foi o motivo que me fez entrar nesse processo turbilhoso, assim...as pessoas não sabem nada e eu não sabia muita coisa também. Não sabia trocar, não sabia conversar, sabia muito bem ouvir, ouvia muito as pessoas, era super parceira, mas eu não sabia...eu sabia me divertir, tinha amigos maravilhosos, mas não tinha amigos íntimos, nunca tinha aberto esse canal de intimidade com ninguém...guardando, guardando, guardando, e eu nem sabia o que tava guardando, só sabia que eu tava guardando e acho que eu ainda tô descobrindo, de tanta coisa que tem guardada...era muita coisa e eu fiquei com muita raiva!’ ”

“Depois que eu descobri, por exemplo, que muitas das minhas amigas se pegavam, se encontravam e eu pensei: que raiva! Porque toda uma descoberta e um divertimento que eu não participei, fiquei indignada! Mas aí quando eu fiquei solteira, na minha última solteirice, eu recuperei o tempo perdido e pensei: ‘não é possível, todo mundo tem um momento de galinhagem e descoberta, eu também tenho direito, eu mereço!’ Aí eu fiz, mas fiz assim, já adulta. Eu tinha muito nítido que esse era um acerto de contas com meu passado, então eu não tava nem aí. Era pra eu ficar, ficava mesmo! Eu paquerava mesmo, não tava nem aí, porque todo mundo pode, eu também posso e como agora eu posso, eu vou fazer. Foi toda uma tentativa de acertar as contas com o passado de ser não desejada, de não ter vivido experiências de descobertas e de não ter podido viver. ”

Relação com os pais

“Numa apreciação geral, eu diria que a relação com meus pais sempre foi muito tranquila...é...nunca houve grandes conflitos, discussões, nunca aconteceu. Teve uma época que eu era muito ressentida com meu pai, porque meu pai é uma pessoa muito peculiar, ele tem um jeito de ser no mundo - um hipopótamo colhendo morangos - muito bruto, fala alto, gritando, parece que está brigando, mas não está, ele sabe ser muito carinhoso, muito terno dentro da bruteza dele. Ele não sabe não ser bruto, então toda a forma dele se comunicar vai parecer que ele é bruto. Ele não está brigando, não está sendo ríspido, ele realmente não sabe falar de outro jeito e muitas vezes ele realmente está colhendo morangos, ele está sendo muito terno, super de boa, mas eu demorei muito tempo pra sacar que meu pai não tava brigando e nesse meio tempo

eu me desgastei muito, eu fiquei com muita raiva, eu fiquei muito triste, eu falava: ‘gente, o que esse homem tem que ele tanto briga, o tempo todo?! Que coisa doida! Então, acho que isso era mais infância, pré-adolescência... “Na minha adolescência, eu já comecei a sacar a do meu pai...eu já até brincava com ele: ‘então, pai, quando você for falar não precisa falar aSSSim! Se não vai parecer que Você tá briGGGGando e aí de repente, se você tomar um cuidado aqui e outro acolá...’ e ele sempre foi sem jeito com esse negócio de carinho, muito sem jeito assim.”

Ele sempre foi péssimo em dar presentes, ele sempre foi assim, ele melhorou muito, mas foi uma didática que eu desenvolvi com ele. Ele falava: ‘o que você quer? Eu vou comprar e vou te dar ou então vou te dar o dinheiro e você compra’, aí falei: ‘pai, pra você dar um presente, você tem que descobrir o que uma pessoa gosta, você vai observar...um dia você vai perguntar assim sem jeito, né? Ou às vezes um dia ela vai comentar com você e você nem perguntou, aí você vai guardar essa informação, quando chegar um momento de dar um presente, aí você vai lá compra pra pessoa e vai embrulhar, num papel de presente bonito, aí no dia da data você vai entregar. Você não vai entregar antes ou depois, porque ele fazia isso! Mas depois de eu falar várias vezes ele melhorou muito e hoje já tá outro processo, porque assim, as vezes ele não sabe e eu posso falar como eu gosto, mas eu demorei muito pra desenvolver esse canal e esse malabarismo interno, porque antes eu só ficava chateada e muito puta mesmo” (...) “Não sem resistências, eu sei que ele me escuta. ”

“A minha mãe, a gente sempre foi muito cúmplice uma da outra. Se minha mãe precisa de uma força, ela me liga, se eu preciso de uma força, ligo pra minha mãe. Desde muito pequena, eu tive muita certeza que sempre pude contar com minha mãe pra tudo, qualquer coisa e ela também assim, sabe? Se ela precisa, sei lá, qualquer coisa mesmo...geralmente ela não se faz precisar de muitas coisas, ela vai sempre dar um jeito de fazer coisas sozinha, ela me aciona muito pouco e eu também, mas se eu acionar é 100% de certeza que vai rolar...a não ser que...nem a não ser que, mesmo que não possa, ela vai poder em algum momento e vai rolar...ou eu vou esperar no momento que vai rolar. É uma certeza que minha mãe vai me dar uma força se eu precisar. ”

Os pais; a relação deles com sua sexualidade; a relação entre os pais; família e relacionamentos em geral

“Os dois são tanto referenciais quanto parceiros. Decisões muito complexas ou médias, eu sempre converso com eles e eles são sempre muito ternos, na escuta, no aconselhamento...eles dão a opinião deles e sempre fecham falando pra eu escolher o que for melhor pra mim...”(...) “São muito afetuosos, muito apoiadores das minhas decisões, eu acho fabuloso mesmo e eu converso com meus amigos e é uma coisa que é sem precedentes no grupo que eu convivo, o quanto meus pais são parceiros, muito parceiros. Se eu decido entrar num emprego, eu converso com eles sempre e eles dão opinião e tal e apoiam minha escolha sempre, se decido mudar de casa...eles vão...decido fazer um curso...e vai. Eles dão o jeito deles, não sei como eles lidam dentro deles, mas eles dão o jeito deles e eles fazem acontecer. Só teve um momento, que foi quando eu saí de casa, que eu vi que meu pai não botou muita fé. Ee senti isso, porque ele me viu fazendo a mudança toda, fiz no final de semana que minha mãe tava fora de Brasília, nos vários finais de semana que ela passava em Juiz de Fora pra cuidar dos meus avós, porque eles já tavam doentes, assim. Aí, era eu e meu pai em casa só, meu irmão tava viajando também e eu montando caixa e descendo com caixa sozinha e meu pai só observando e não levantou um travesseiro pra me ajudar, entendeu? E levou meses pra ir na minha casa. Acho que isso pra ele foi muito sentido, mas por exemplo, ao mesmo tempo ele foi meu fiador, entendeu? Ele colocou o nome dele, as finanças dele, o pequeno patrimônio dele a disposição das minhas escolhas, entendeu? Eu acho que ele tava lidando ali com as limitações dele e tudo bem pra mim, mesmo nesses momentos em que eu acho que mobilizo muito deles, eles ainda dão um jeito lá de dar uma força...eles são maravilhosos, é impressionante!”

“Nesse sentido, eu me sinto completamente segura com os meus pais, sabe? De eu inventar...agora eles passaram um tempão viajando juntos e eu tô nesse processo de mudança aqui, aí inventei uma moda, né? Mas será que eu não devia pensar em parar com o aluguel e investir numa casa própria...Oh, a viagem da pessoa, e minha mãe: ‘não, vê aí porque se você quiser a gente ajuda aqui. Eles estão num processo de construir um patrimônio da velhice deles e minha mãe coloca isso em jogo pra dar suporte pra minhas escolhas mais esparratadas possíveis, entendeu? Eles estão nesse patamar. Aí, eu tô negociando um apartamento com uma moça e meu pai me liga e fala: ‘não, você já conversou com ela? Porque você tem que ter certeza, tem que ver quem é ela, porque tem que ver se ela não vai pegar seu dinheiro...’ Parece que tá brigando, mas assim, no final das contas é só preocupação, porque a pessoa fazer um interurbano do interior da Bahia pra mim, pra falar isso, tá preocupado, tá muito, muito, muito preocupado, né? Mas dando apoio, tentando me precaver e tal, mas ao mesmo tempo me manda a cópia do documento dele pra ser fiador do apartamento, manda a senha pra eu entrar no sistema do GDF pra pegar o contracheque dele. Eu acho que eles são muito apoiadores, mesmo

nas dificuldades, eles continuam apostando em mim o tempo todo e aí eu me sinto muito segura, muito, mesmo com os constrangimentos nessas situações, eu acho...”

Aproveitando a coisa referencial, como você vê a relação entres seus pais? “Acho que eles são referenciais pra várias coisas, mas acho que a relação deles é muito preta de silêncio. Vários assuntos que eles não tocam entre eles, deles com relação a eles, deles individualmente, minha mãe, por exemplo, tem várias coisas que ela deveria abrir com o meu pai, mas não abre, abre comigo e não abre com eles. Com relação a como se relacionar? Eu não me referencio muito neles não...tem muitos silêncios e não ditos e eu já tenho mania de não falar que eu já aprendi com eles também, então nisso eu não acho muito interessante não. Eles são muito acolhedores, por exemplo, são muito próximos, mas com relação a minha sexualidade não. Minha mãe, ela foi, mas não como ela normalmente é com relação a todas as coisas.”

A relação dos pais com sua sexualidade: o silêncio

“Quando eu falei com a minha mãe, ela me perguntou se eu tava saindo pra encontrar algum gatinho, eu falei: ‘ai mãe, depois a gente conversa’ e ela: ‘e com uma gatinha?’ E eu: ‘ai mãe depois a gente conversa...’ e ela: ‘é?’ E eu: ‘é mãe, estou ficando com uma gatinha’ e aí perguntei pra ela: ‘e aí, o que você acha?’ E ela: ‘ah, o que eu vou fazer? Não era o que eu queria, mas eu não tenho como fazer nada, né?’ Aí eu falei: ‘tem sim, você tem pelo menos como ficar tranquila com a certeza de que eu estou muito tranquila. Eu estou muito tranquila com isso, eu não tô vivendo nenhum grande conflito’(...) eu não vivi esse grande conflito, assim, agora quando a ficha caiu pra mim, não teve nenhum conflito pra mim, só que a ficha demorou vinte anos pra cair, enquanto a ficha ficou no ar, eu vivi várias coisas, mas quando ela caiu, eu falei: ‘eu tô muito tranquila com isso e você pode ficar tranquila com o fato de que eu tô muito tranquila e que meus amigos sabem e eles não tem nenhum problema, eu não me sinto rejeitada, não me sinto julgada nos espaços onde eu tô e não vejo nenhum problema’”.

“Eu conheço minha mãe e sei que ela ficaria muito tensa com isso, né? E aí ela me pediu pra eu não falar nem pro meu pai, nem pro meu irmão.” (...) Ela disse: ‘pro seu irmão, porque ele é muito imaturo e pra seu pai porque ele é preconceituoso’” (...) “Aí pro meu irmão não precisei contar, nem pro meu pai que eu tenho certeza que ele já sabe, mas ele tá lidando de outras maneiras assim. Ele nunca destratou nenhuma namorada minha. Eu tô namorando a Ana

agora, né? Já encontrou com a Ana na rua, abraçou, perguntou como é que tá, as vezes tô saindo de casa tarde e ele me pergunta se a Ana tá comigo, se ela vai me acompanhar até em casa e tal. Eu já fui casada também, né? Então meu pai já foi lá em casa e minha casa tem um quarto e uma cama de casal, então assim, ele sabe, com certeza, eu não sei o que a gente tá esperando, né?”

“O silêncio me incomoda um pouco, porque ele traz algumas...além de ser um tabu, um interdito pra ser conversado...eu tenho várias perdas por conta disso, por exemplo: um almoço de família (aqui novamente o almoço ou reunião de fim de semana em família), as namoradas do meu irmão são explicitamente convidadas e as minhas não. Como elas não são convidadas, a mesa fica em número ímpar e eu sento justamente em frente dela e fico muito sentida, né? ‘poxa, tem uma cadeira vazia que é a cadeira onde poderia estar a minha namorada, a pessoa que podia me acompanhar aqui de casal e ela não tá’” (...) “Já coloquei isso pra minha mãe, que a gente conversa um pouco mais, teve um ano, no final de ano que ela disse: vou comprar presente pra fulano, beltrano e a namorada do seu irmão aí eu: ‘você não vai comprar nada pra a Kátia não? Poxa mãe! Desde então, ela sempre compra pra minhas namoradas também. Quando ela viaja, ela acha alguma coisa que tenha a ver com a minha namorada, ela compra. Às vezes nem é data comemorativa, ela traz presente pra minha namorada. Minha mãe já incorporou isso um pouco melhor, mas ainda é uma dificuldade pra ela lidar...bem menos difícil que quando a gente conversou em 2006, mas mesmo assim ainda não é um assunto simples.”

Isso inclui, quando você se colocou como pessoa que se relaciona com mulheres? “Não, com meu pai ainda não foi, eu ainda não consegui ter uma conversa direta com ele.” (...) “Eu não tenho dúvidas de que ele sabe (...) porque quando eu morava com eles, eu tive uma namorada de três anos e todo o tempo que a gente namorou eu morava com meus pais e ela ia lá, eu dormia na casa dela, a gente viajou juntas mais de uma vez, a minha mãe sabia, né? Minha mãe sacou desde cedo que eu era lésbica, né? Minha mãe descobriu na minha primeira namorada que eu era lésbica. Meu pai, eu nunca consegui conversar com ele diretamente, eu fico pensando várias vezes o quanto eu posso estar subestimando o meu pai, porque há probabilidade dele ser mais um colhedor de morangos que um hipopótamo, mas eu não dou conta, eu não consigo conversar com ele.”

Minha mãe, ela descobriu e ela viveu um processo tenso e talvez por isso, ela ainda viva uma tensão em relação ao meu pai, porque ela pediu pra eu não contar pra o meu pai e pra o meu irmão, só que meu irmão, ele descobriu porque muitas vezes eu esbarrei com amigos dele e eu estava acompanhada e eu: ‘bem, essa pessoa se fizer fofoca, a fofoqueira é ela, porque eu não estou fazendo nada de errado, imagino que meu irmão tenha descoberto assim e também

de ver namoradas indo lá em casa, dormindo lá e tal, é só juntar lé com cré e não é muito difícil. Quando ele veio conversar comigo, não foi A CONVERSA, né? Ele me viu muito triste, porque eu tinha terminado com a namorada de três anos e perguntou o que foi e eu disse: ‘não, nada não’ e ele: ‘fala aí o que foi?’ ... ‘não é que terminei um namoro’...ele: ‘poxa, é difícil mesmo e tal, sem fazer muitas perguntas só dando uma força, mas dias depois, ele veio me perguntar de novo se eu tava melhor e eu tava melhor e coincidentemente, esse dia era aniversário de uma amiga da namorada dele, na época, e ele ia pra essa festa e eu também, aí eu: ‘pô, vou passar na comemoração da formatura da Kátia, vou passar lá’ e ele: ‘Ih, mas vocês estão bem? será que vai dar certo?’ E eu respondi como se não fosse nada, mas dentro de mim estava completamente abalada e ele super: ‘vocês tão bem, acha que vai ser de boa encontrar com ela?’ e eu : ‘uai, acho que sim, ela me convidou! É um momento importante pra ela’ e desse dia em diante falei: ‘nossa, meu irmão é muito fofo, maravilhoso, ele não fez disso um momento tenso, nem nada, ele só foi muito carinhoso e queria saber se eu tava bem’....e meu pai, até hoje não consegui ter a conversa...”

“Ela ainda me coloca dentro do armário pra o resto da família...” (...) “Fica subentendido, mas eu saquei quando ela me colocou dentro do armário na frente da família. Eu tava em Juíz de fora, que é a cidade onde mora a maioria dos irmãos da minha mãe. Tava no carro, meu tio dirigindo, minha mãe do lado e eu atrás com meu afilhado que é filho do meu tio. Aí meu afilhado perguntou com quem eu morava, e na época eu morava com a Flávia, minha ex-companheira. Aí ele perguntou: ‘ah, com quem você mora?’ Aí minha mãe: ‘com uma amiga dela’. Ele perguntou pra mim e ela respondeu. Na hora eu não falei nada e só entendi o recado...ela fechou a porta do armário e eu: tudo bem.”

Você me falou na semana passada, quando eu perguntei nas referências de relacionamentos, se seus pais seriam referência, você me falou que tentava construir algo um pouco além, que você não queria que alguns problemas se estendessem pra os seus relacionamentos. Sobre as suas expectativas, quais seriam em relação a sua dinâmica familiar e o relacionamento de seus pais? O que poderia ter acontecido, dentro dessa configuração familiar que pudesse ter mudado isso que você avalia como algo não tão bacana no relacionamento de seus pais? “Eu acho que se meus pais não tivessem tido filhos, eles teriam conversado muito mais...” Eu me lembro que você me falou que eles passaram a ter mais diálogo quando vocês saíram de casa? “Hunrum, acho que isso confirma minha pseudo tese. Quando eu e meu irmão nascemos, minha mãe investiu talvez o melhor da energia dela em nós. Minha mãe é muito atenciosa, muito amorosa e muito pre...sente. E ela fez questão, ela organizou a vida dela pra que seja assim, sabe? Então... era, enquanto a gente morou aqui no

Cruzeiro até os 14, 15 anos e minha mãe trabalhava no posto de saúde do Cruzeiro, ainda trabalha né? E aí, eu estudava no Guará e meu irmão começou a estudar no plano, quando ele saltou assim, pra sexta série, sétima série e eu continuei estudando no Guará um pouquinho mais. Minha mãe sempre teve essa preocupação de deixar os meninos na escola, pegar os meninos na escola, dar o almoço...sempre, sempre. Ela sempre cozinhou, ela deu a comida, ela sempre lavou roupa e sempre passou roupa, sempre tudo, sempre tudo, tudo, no máximo ela tinha uma faxineira pra fazer uma parte da faxina, uma vez na semana, no máximo! E foi assim, e é assim, até hoje, assim. Quando eu comecei a estudar no plano, todo mundo se mudou pra o plano, porque minha mãe e meu pai queriam conhecer os amiguinhos, a família dos amiguinhos e pegar na escola e levar na escola e dar almoço e não sei o que...É um investimento muito grande em torno de nossas vidas, de nossas necessidades, dos nossos círculos de amizade, das nossas relações e das nossas necessidades sempre e esse é um valor que é muito valoroso pra os meus pais. Imagino o salto que foi pra eles começar a pagar escola no plano, apartamento no plano, muito caro! Eles certamente, certamente tiveram que se organizar loucamente pra proporcionar isso tudo e acompanhar isso tudo. Não é só proporcionar, mas é estar junto em tudo. Então, é um investimento muito grande que eu acho que pra mim isso sinaliza o quanto que eles investiram em nós e talvez pouco neles. Eles não viajavam sozinhos, eles viajavam ou era todo mundo ou era eu e minha mãe, ou era eu minha mãe e meu irmão e meu pai ficava, ou meu pai ia sozinho e ficávamos nós três, então eles não investiam muito neles, na dinâmica deles dois. Quando eu e meu irmão saímos de casa, aí eles começaram a comer mais fora, conhecer restaurante juntos, ir um e outro nos eventos uns dos outros. Minha mãe voltou a ir em São Luís, que era um lugar que ela não visitava a muitos anos, que é onde fica a família do meu pai, meu pai foi muito mais vezes a Juíz de fora e eles viajaram várias vezes juntos. Então, eu acho que se eles não tivessem tido filhos, eles já estavam conversando a muito tempo e muito provavelmente e tariam hoje tendo muitos outros diálogos e aí o fato de eles estarem dialogando muito hoje e de eu chegar lá e encontrar os dois contando caso, conversando, rindo e que é algo que eu não acompanhei pelo menos quando eu morava com eles é muito significativo do quanto o fato de eu e meu irmão existirmos foi absolutamente transformador do relacionamento que eles tinham até então, e o fato de a gente não tá morando com eles eu acho também muito transformador do como eles estão construindo a vida deles hoje”.

Você falou muito, na semana passada, do quanto o relacionamento entre os seus pais é um relacionamento sem muito diálogo, com coisas mais veladas e isso se estende inclusive pra vocês...Você e seu irmão? “Em termos gerais, eu acho que existe um nível de silenciamento pra mim e pra ele, mas com modulações que tem a ver tanto com minha sexualidade, quanto com

como é minha relação com meus pais, que é diferente mesmo. Meu pai é um cara que ele não troca muito, tanto eu quanto meu irmão a gente compartilha mais com minha mãe. Por exemplo, minha mãe e meu irmão, eles se falam todos os dias por telefone. Minha mãe liga pra ele e ele liga pra minha mãe. Eu e minha mãe nos falamos todos os dias, mas eu não tenho esse ímpeto do meu irmão de ligar no meio do dia e contar como está sendo as coisas, eu não tenho isso, nunca tive, então tem algo da dinâmica deles dois que eu acho que possibilita mais trocas e muito provavelmente menos silêncios, mas também acho que minha sexualidade também influi nisso...eu não me sinto muito a vontade de experimentar muitas coisas...eu arrisco muito, eu experimento, assim né? Dou uma testada assim e vejo como recebe...Eu não pergunto, eu falo e fico observando como recebe, então acho que tem uma diferença sim. Eu consigo ver a diferença de como a gente se relaciona e da sexualidade também”

Você falou que seu irmão não costumava ter demonstrações afetivas no ambiente familiar até essa última namorada, você acha que alguma dinâmica dentro da trajetória que você teve com a sua família influencia no sentido de conter as demonstrações afetivas? Você vê algum paralelo com a relação entre seus pais, ou algum tipo de opressão nesse sentido de...?” Hum, acho que não, os meus pais não são pessoas de se tocarem muito...não sei na intimidade, mas não são muito de se tocar, abraçar, dar beijo e acho que isso de certa forma estabelece um parâmetro implícito pra eu e meu irmão de como lidar com carícias na presença deles, mas sei lá...eu não sinto como opressão, no sentido mais lato, de algo que funciona pra mim e meu irmão, mas quando penso individualmente, na minha sexualidade eu penso que tem sim, eu pelo menos me sinto constrangida pelo fato de a pessoa a qual acariciarei ser uma outra mulher, eu sinto que acontece, mas muito assim...bem velado, né? É como assim...e tenho arriscado chamar a Ana de amor na frente dos meus pais e o que eu sinto é um certo climão e para por aí. Nada além. Nenhuma reprimenda, nem com um olhar...é um olhar, por exemplo, ao invés de vir um olhar que reprime na minha direção, é um olhar que se desvia, que também se constrange, eu acho que funciona mais assim, né? Aí eu sinto constrangimento e me constranjo também assim...mas me constranjo e vou tentando também não me constranger, vou trabalhando internamente, tipo: ‘pô, não tô fazendo nada de errado e tal...vou tentando me trabalhar internamente, mas ainda me constranjo””.

Você falou do grande investimento que a sua mãe fez em você, como ela trabalhava, cuidava de tudo e agilizava tudo. E seu pai? Como você via essa combinação? “Acho que meu pai não era o idealizador, o propositor do que ocorreu em torno de nós, nem de mudar de casa e de escola, mas ele topou, sabe? Ele topou mesmo, porque olha, quando nos mudamos, meu pai estava trabalhando em Santa Maria e fazia esse trajetão e tal e ele se sentia muito mais

confortável no Cruzeiro. Hoje não, ele já está mais tranquilo e não quer sair da Asa Norte e tal, mas durante os outros anos não, ele sempre se sentiu muito mais à vontade no Cruzeiro, por exemplo, mas ele topou, sacou? Então, ele não foi o idealizador, ele não era muito cooperativo também, lembro que nesse processo de mudança era eu e minha mãe olhando nos classificados, indo na imobiliária, olhando classificados e fazendo os corres e procedimentos todos, então...nesse sentido ele podia ser muito mais participativo e mais cooperativo, é foda, né? Porque além de ser homem, ele é taurino⁵⁸, se ele está sentado, está sentado, né? ”

Você falou do período de adolescência do seu irmão, sua mãe preocupada, você que estava ali, mas e seu pai? “Ele pelo menos não demonstrava, né? Tsc tsc, que é isso, né? É do jeito dele...é o hipopótamo colhedor de morangos, então, por exemplo, como é importante entender isso do meu pai, porque eu consigo entender como meu pai expressa amorosidade. Então, por exemplo, meu irmão saiu e - isso é muito engraçado, porque isso acontece até hoje com outras situações - minha mãe finalmente deu uma desligada e dormiu. Meu pai acorda, cutuca ela e pergunta se meu irmão chegou. Ele não vai ligar, ele não vai querer...não é ele que vai correr atrás, mas ele acorda, preocupado e aí pergunta PRA MINHA MÃE, se ela já ligou pra ele, se não ligou, se já avisou que horas chega, não sei o que, não sei o que. Aí minha mãe ficava indignada: ‘porque você não liga, que coisa, né? Me acordando pra ligar, me perguntando se eu liguei...ele não ligava não’”

E quando sua mãe questionava, o que ele respondia? “Nada, continuava cutucando” (risos) e ele é assim até hoje, mas ele mudou muito, porque minha mãe está há muitos anos falando e eu já começava a cutucar ele, então, por exemplo, algumas vezes quando ele se preocupa, ele próprio liga e isso é uma transformação dele ao longo desses anos, que era uma coisa que ele não fazia, é...ele liga, quando minha mãe viaja, ele liga e aí ele faz e coloca as preocupações que são dele, né? Por exemplo, comigo ele tem um negócio de saber se eu almocei...Você almoçou? Ou você almoçou onde? Tem esse negócio porque ele acha que eu não almoço. Aí ele fala das preocupações que são dele que são diferentes das da minha mãe. Minha mãe não pergunta se eu almocei, são outras as preocupações dela, então, é do jeito dele...é outro processo. Aí ele me liga e diz que eu sumi, ele reclama, né? Você nunca mais veio aqui e você disse que vinha aqui e não veio! E aí eu escuto: ‘eu estou com saudade, apareça aqui’, mas assim, essa é a minha maneira de escutá-lo, porque ele não vai falar: estou com saudade, ele não vai falar isso, não vai, mas ele está falando, entendeu? Mas foi do meu processo aprender a escutá-lo, com os meus morangos (risos)”.

⁵⁸ Refere-se ao signo astrológico do pai

Você vê algum aspecto de competição entre seus pais? “Olha, acho que não. Minha mãe sempre ganhou mais que meu pai. Minha mãe tem dois empregos e essa renda conjunta sempre foram mais do que meu pai ganhou. Minha mãe tem mais escolaridade que meu pai também, então objetivamente, em termos de grana minha mãe sempre ganhou mais. Meu pai é professor, né? Eu me lembro que faz muitos anos que ele já está em postos de chefia, coordenação, essas coisas e teve um tempo que ele esteve fora trabalhando na administração, na Secretaria de Educação, então em termos profissionais, eles dois se destacaram muito em suas atividades. Eu nunca, nunca senti meu pai rivalizando com o trabalho da minha mãe. E a minha mãe é muito ativa no trabalho e isso é engraçado, minha mãe é muito amorosa e muito terna em casa, pelo menos comigo e com meu irmão e ela é muito ativa no trabalho e com o meu pai também. ” (...) “ah, ela não deixa passar não os desaforos assim, ela acha ruim, ela reclama, ela devolve, o que ela acha ruim ela fala, vai reclamando, reclamando, reclamando...dessas coisas mais profundas, ela não revela muito não e...ah, ela vai resmungando, né?! Ela resmunga de lá e ele resmunga de cá, é muito engraçado! Funciona, do jeito deles lá...(risos)” “...(...) mas meu pai mais resmunga e ele faz muito que não é com ele, muito cara de pau... Nossa! Minha mãe reclama alguma coisa e ele muda de canal e finge que não é nem com ele. Quando eu tô lá, eu falo: ‘pai, você não tá ouvindo não?!’ e ele: ‘hum, o que?’ ...meio folgado as vezes, né? ”

Momentos que ficaram na memória

Se você fosse me dizer um momento mais feliz, mais bacana que você sempre revisita e rememora, viva em sua memória, que momento seria esse? “Tem vários: um momento feliz foi quando meu tio me chamou pra ser madrinha do meu afilhado, loucamente feliz, porque esse meu tio, a gente tem uma relação muito legal e ele sempre trocou comigo o fato de ele querer muito ser pai, aí quando ele me ligou e disse que ia ser pai e que queria que eu fosse madrinha, chorei...eu aqui e ele lá; Quando eu passei no PAS, quando passei no mestrado e no doutorado fiquei muito feliz. Quando eu já estava agora mais velha...depois que terminei o mestrado, comecei a trabalhar como consultora do ministério e um dos meus melhores amigos foi morar no Canadá, ele mudou pro Canadá em 2011, acho, e eu sinto muita falta dele, muita mesmo e aí eu entrei no ministério em 2012 e consegui juntar uma grana e ir visitá-lo em 2013, Nossa, fiquei feliz demais! Foi muito bom, porque foi muito bacana, porque eu estava estável financeiramente, consegui sair da casa dos meus pais, estava casada, não foi a época mais feliz

do meu casamento, pouco meses depois a gente terminou, mas eu estava muito feliz de poder ir, de poder levá-la comigo, de poder bancar a mim e bancar a ela, pra a gente fazer essa viagem e encontrar o João. Aquelas amizades muito rasgadas? ...do tipo de chegar lá e chorar no aeroporto, foi muito bom, esse é um momento que tenho muito carinho, por exemplo, de ter podido ir vê-lo e como ele nunca pode voltar, nunca teve grana pra vir visitar, foi muito legal ter podido ir ficar com ele conhecer a casa dele e a vida dele lá; fiquei muito feliz quando meu irmão ligou pra dizer que estava noivo, chorei muito, porque ele tava muito feliz. Ele tinha acabado de voltar de viagem com a noiva dele. Os dois foram pra Itália e na viagem, eles conversaram sobre o plano de casar e assim que ele chegou, ele me ligou que estava indo comprar as alianças, nunca foi tão assim pleno e tranquilo num relacionamento, aí fiquei feliz demais. Pergunto se ela se considera romântica? Ela diz que sim, que acredita no amor. “Quebro a cara, me apaixono de novo, invisto tudo de novo. Eu confio no amor, acho que dá pra ser feliz no amor, acho que todas as minhas relações deram certo, não acho que o único amor verdadeiro é o amor eterno, acho que amei muitas vezes, fui amada muitas vezes e agora tá dando certo de novo.”

A morte do avô

“A morte do meu avô é muito dura, até hoje eu sofro muito. Ele é muito (chora) referencial pra mim mesmo e nas minhas ações mais corriqueiras eu penso em como eu posso dar orgulho pra ele, porque pra mim é muito potente a figura dele, muito orientadora... Eu não me sinto julgada por ele, eu só penso nele quando tô fazendo uma coisa muito legal e ele me faz muita falta e já tem dois anos e quatro meses que ele faleceu. E... é muito duro assim, acho que toda vez que falo dele, se eu não choro, eu marejo. A morte da minha avó também, mas menos, porque minha vó eu vi morrer, porque aí me dói menos, porque ela morreu, ela passou anos morrendo, definhando, então eu acho que vivi o luto da minha vó e a morte dela com muito mais tempo do que eu tô vivendo do meu avô, assim, eu vi a minha avó morrendo, a figura dela, a relação de vó e neta se desfazer, tudo isso eu vivi assim e eu tive os meus mecanismos pra lidar com isso, né? Me distanciei, não consegui acompanhar muito o processo de adoecimento dela.”

“Ele já tava muito triste com a condição da minha vó, eu acho que ele morreu de tristeza, na verdade...ele foi se debilitando muito, ele falava com muita clareza: ‘não me conformo, não

me conformo de jeito nenhum’, mas a não conformação dele não foi na raiva, mas na tristeza. Então, ele foi, assim, ficando muito chateado, cada vez mais dentro de casa... e ele saía muito, tinha muitos amigos, foi perdendo o apetite pela vida e foi emagrecendo, emagrecendo e ficou cego de um olho e o maior gosto da vida dele era ler. Ele lia muito, ele lia muito e acho que ele ficando cego foi dando mais desgosto pra ele e aí minha vó entrando na UTI, ele já tava meio no corre de inventariar e testamentar as coisas dele, ele já tava meio nessa preparação. Ele teve um problema pulmonar, entrou na UTI, aí eu fui visita-lo inclusive e foi péssimo! Foi muito ruim ver meu avô assim, aí ele teve uma pequena melhora e faleceu. Nessa época, ele tava na UTI. Quando ele entrou, minha vó já estava na UTI, porque como minha vó estava acamada há muito tempo, ela tinha muitas infecções urinárias e ela tava numa dessas e foi pra UTI. Meu avô que sempre disse que não sobreviveria a morte da minha avó, morreu antes. Eu descobri essa história que meu avô falava isso no velório dele, que um dos amigos dele contou esse segredo, né?! E ele foi, e eu acho que...Caraca, ia ser pra ele...ele já tava morrendo de tristeza, né?!”

Pra mim ele é muito referencial. Na minha conduta com as pessoas, na forma de ser e me relacionar no trabalho, com os estudos...ele é muito referencial pra mim” (...) “Com relação ao estudo, trabalho, meu avô valorizou sempre isso muito, muito, então, assim, acho que os primeiros frutos que eu colhi dessa referência não foi com ele, foi com a minha mãe...meu avô sempre cultivou muito isso com os filhos dele. Ele teve seis filhos e colocou todos na Universidade, todos sem exceção, todos se formaram, minha mãe foi a primeira, apesar de não ser a mais velha, porque meu tio não passou no primeiro vestibular pra medicina, passou na particular, mas meu avô não tinha como pagar, então ele ficou mais um tempo estudando até passar. E todos os outros meus tios entraram em Universidades públicas para cursos diferentes, ninguém fez o mesmo curso, todos na área de saúde, exceto meu tio mais novo que é advogado como meu avô foi, porque depois que meu avô colocou todos na Universidade e todos se estabilizaram um pouco financeiramente, aí ele bancou Universidade pra ele próprio, ele fez Direito...Ele queria muito e era muito cabuloso pra ele, porque ele conseguiu um desconto e ele trabalhava nos correios e telégrafos. Mas, por exemplo, ao mesmo tempo que ele colocava jornal na sola do sapato, ele fazia o curso de direito e eu achava maravilhoso todo o corre que ele fazia pra estudar...Me lembro de ele contar as histórias da mãe dele, que também fazia esse corre com os filhos dela e que os meninos iam pra escola e meu avô era dos mais aplicados, aí eu achava isso muito massa, eu sentia essa referência muito forte assim.”

“A minha sensação era de que ele tinha muita determinação, ele queria ser advogado e mesmo que ele tivesse que passar muito tempo pra isso, ele ia ser. Mesmo que ele tivesse que

enfrentar tudo o que enfrentou, porque eu me lembro dele falar, não com a palavra racismo, mas por falar da experiência dele, homem negro dentro desses espaços assim, né? E dele ter criado vários homens e mulheres negras que também frequentaram esse espaço, ainda mais onde ele morava, em Juíz de fora, porque a casa dele é em um bairro nobre, mas quando ele construiu não era. Quando ele construiu era a única casa da rua, era um descampado, mas depois de uns anos, esse bairro se tornou um dos bairros mais nobres da cidade e ainda tinha uma família negra no meio cheia de gente rica branca, então, a maneira que ele lidou foi a forma que ele ensinou os filhos dele a lidarem... Sai de casa todo mundo impecável, com roupas impecáveis, comportamento impecável, modos impecáveis, por que não se podia dar motivo pra as pessoas falarem nada além da que elas já fariam. Porque o corre dele é sempre dessa pegada, queria muito ser, mas sentia que o processo dele era o tempo todo tentando ter uma conduta absolutamente irretocável com as roupas, sapatos, etc...”

“O meu avô era muito amoroso, muito afetivo e muito emotivo. Ele é muito lindo, muito fofinho...tava conversando com ele, ele tá contando um caso e chora, lembrou de uma parte da história chora, lembrou da filha que perdeu chora, nasceu neto chora, passou no vestibular chora e eu pra entender a personalidade afetiva do meu avô (...) “ele era muito tranquilo, ele chorava mesmo e até as pessoas: ai não, os meninos, meus tios: ‘ah..não, papai já tá chorando de novo!’ ele tava chorando, uai! E alguns não conseguiam lidar com aquela emoção acontecendo, outros ficavam lá passavam a mão nas costas, esperava ele terminar de chorar e nã nã nã” (...) “Um exemplo que eu gosto de pensar é que meu avô era advogado de família, então chega um casal no escritório dele pra firmar o divórcio, meu vô tentava juntar...Ele perdia o cliente, mas ele não quer... Muito mão aberta...casa aberta, ele era muito amoroso mesmo, com a minha vó, ele era muito afetivo, ele dava umas despistadas nela de vez em quando, queria sair com os amigos pra tomar cerveja e pinga, minha vó não gostava, mas ele sempre voltava pra casa com um salgadinho, um docinho, entendeu? Esperto também. Mas antes desse período de adoecimento, eles tiveram uma velhice que eu admiro muito, que inclusive estou vendo meus pais fazerem agora, que está sendo muito legal de acompanhar. Eles pegam a mala e saíram viajando, inclusive eu já acompanhei eles em umas três viagens quando eu era menor. Quando eu e meu irmão saímos de casa, meus pais se aproximaram, então eu vejo meu pai gritando muito menos, mais manso, mais terno e meus pais agora pegam mala e saem viajando também. Se é pra ir juntos, vão juntos, se é pra ir separados vão separados, então em termos de relacionamento vejo que a relação dos meus pais guarda muitos silêncios, mas vai se transformando, principalmente depois que eu e meu irmão saímos de casa e os meus avós, não sei assim na intimidade deles,

como eram as trocas, mas eu via muita parceria e isso pra mim é muito legal é uma referência muito legal. ”

Relacionamentos afetivos

“O primeiro relacionamento significativo que tive, que durou assim....quase três anos foi com a Kátia que é fotografa. Na época ela era uma estudante de jornalismo e quando a gente já tava no final do relacionamento ela fez vestibular e passou pra artes plásticas na UnB, mas já era fotógrafa, artista, já fazia...já tinha participado de concursos de fotografia e exposição. É dessa pegada mais das artes e fotojornalismo, trabalhou em muitos jornais da cidade...ela foi minha primeira namorada. A Kátia foi minha primeira namorada com relacionamento longo, com muita coisa, assim...mais sólido e tal. A gente ficou junto...foi quase três, mas não chegou a ser três anos.” (...) “Eu a conheci, na época, eu tava um pouco envolvida com alguns coletivos LGBT, não, tava querendo me aproximar assim, e aí ia ter um ENUDS (Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual). A única pessoa que eu acho que não conhecia direito era a Kátia. Fiquei interessada, mas acabou que ela não foi.”

Dandara disse que a encontrou em outros espaços e passou a flertá-la, ela aceitou sair, trocaram telefones, passaram a trocar mensagens e começaram a ficar (...) “É....na época ela tava ficando com várias meninas...e....eu não sabia (esse é um momento tenso na fala, em que ela fala com cuidado e relativa dificuldade), eu me apaixonei relativamente....eu, eu me apaixono rápido, aí me apaixonei rápido e tal, aí um dia ela veio me falar que ficou com uma outra menina, aí eu fiquei péssima, arrasada, chorei pra caramba, mas eu já queria...queria ela, então, eu segurei a minha onda...éééé.....e depois de vários meses, foram muitos meses mesmo, tipo uns 5 meses, nessa de eu querendo aproximar e ela: ‘não, não quero um relacionamento, e não quero ficar com uma pessoa só, não quero ter que ligar pra pessoa todo dia. Depois de vários meses ...a gente viajou pra Juíz de fora e ficamos cinco dias na casa do meus avós e ela falou que estava gostando de mim mais do que ela esperava e aí eu: ‘hum...eu fiquei puta...o que bosta isso significa: estou gostando mais do que eu esperava...hum...como assim? Você não esperava gostar e agora você tá gostando, você não sabe o que você faz...’ e eu não sabia o que isso queria dizer, mas não sabia também exatamente como perguntar. Mas também achei legal, porque de qualquer forma estava dizendo que gostava de mim, aí beleza. Na volta dessa viagem, não consigo me lembrar porque já faz muito tempo...depois que a gente voltou de viagem, a

gente tava com as mesmas amigas no bar e ela falou que tinha vários meses que ela não estava ficando com mais ninguém. Aí eu: ‘huuummm....’ aí depois disso, nós decidimos firmar um namoro, um namoro que a gente não ficava com mais ninguém, não era uma relação aberta.”

“Ela já tava na defensiva, assim, desde sempre muito defensiva...É...porque ela tinha estado num relacionamento muito longo antes, né? Antes de eu encontrar com ela tinha entrado num relacionamento muito longo, muito complexo, tinham morado junto, e...ela não tava afim mesmo, tava afim de curtir, beijar muito na boca, ficar solta, não ter compromisso mesmo né? Mas eu não, eu tava afim de viver um relacionamento e tal.”(...)“Quando eu apaixono, eu invisto muito assim, sabe? Quando tem uma pessoa que me desperta um apaixonamento, as outras pessoas não me interessam e a pessoa por quem eu me apaixonei me interessa muito.”

“Eu achava que a gente se encontrava numa frequência que não era baixa...eu não imaginava...ela trabalhava muito, ela é tipo...viciada em trabalho, até hoje...hoje bem menos, assim... eu nem imaginei mesmo, nem que ela tivesse tempo, mas ela tinha, ela fazia tempo pra isso (a ex-namorada arrumava tempo pra ficar com outras garotas), hum...ela dava o jeito dela. Ela chegou a me contar que na primeira vez que a gente tinha estado no motel, ela tinha estado ali naquele motel com mais outras duas minas, então...ela estava assim, realmente, num momento muito abundante e eu não tinha a menor ideia...até porque pra mim, isso sei lá...eu nem sabia, como é que as pessoas ficavam tanto umas com as outras!”

Isso te incomoda? “Nossa, é muito difícil...até hoje me incomoda muito, me incomoda bem menos, mas eu ainda sofro muito, sofreria muito, se tivesse um relacionamento...é....que vai ficando com outras pessoas”. Nunca teve um relacionamento aberto? “Já. Não funcionou. Ele durou três meses (risos) que foi esse da minha primeira namorada, era um relacionamento aberto, eu não...se hoje eu tenho dificuldades pra lidar e entender e eu já passei por muitas coisas, inclusive, vários anos de terapia e vários relacionamentos...com a Bete, que foi minha primeira namorada então...assim foi muito difícil. Eu namorei com a Bete, eu tinha 19 anos e ela tinha 24 pra 25, e ela sempre tinha tido relacionamentos heterossexuais e aí quando a gente ficou e tal, e quis ficar junto, namorar, não sei o que, a gente pensou: ‘não, vamos fazer um relacionamento aberto...quer sair, sai, quer ficar, fica, mas pra mim não deu certo porque eu só ficava com outras pessoas quando ela me machucava e não foi massa pra mim, eu não tava ficando com outras pessoas porque eu tava na pilha...só quando ficava muito magoada, muito machucada, muito carente, aí eu ficava com alguém. Então, eu acho que não funcionou e no final das contas a gente foi deixando as coisas tão soltas, tão soltas que o laço meio que foi se desfazendo por a gente não construí-lo cotidianamente, né? Aí...eu acho que essa foi uma

relação aberta, por exemplo, que não funcionou. E...eu não sei se funcionaria pra mim., hoje né?! Hoje acho que não funcionaria também pra mim não. ”

Você acha que esse você sentir que um relacionamento precisa ter um investimento te faz ter uma ideia de que você precisa investir nas suas relações na mesma medida? “Uhum, bastante! Pra mim, o amor não é uma ideia nem...ele é investimento também, mas ele é muito trabalho, ele é todo dia e dá trabalho. É todo dia, é chegar e perguntar, é ouvir, aprender e se escutar, é perguntar como foi...demonstrar interesse, mesmo quando não há muito interesse, planejar, construir junto algumas coisas...construir o que é de construir junto, né? Algumas coisas, acho que ainda é de construir separado, cada uma na sua, mas eu acho ué que é muito isso, é um investimento com certeza. ”

Você se sente muito responsável por esse investimento que você coloca como importante no relacionamento? (demora pensando...) “Sim, ééééé...eu acho que só consigo me relacionar se eu sinto que está havendo investimento mútuo, mesmo que seja em diferentes proporções, porque eu acho que as proporções vão sempre oscilando muito. Mas eu acho que eu me responsabilizo, por exemplo, se a pessoa com que eu estou me aponta que eu estou buscando pouco, que eu estou sendo pouco, não sei o que...isso pra mim tem um peso, porque eu acho que tenho responsabilidade sobre isso. E do outro lado, também, se eu acho que a outra pessoa não está se responsabilizando pelo que lhe cabe de investimento na relação, eu acho ruim, assim...eu acho bem ruim. Eu acho que tanto eu me responsabilizo, como eu cobro, não cobrraaando, olha...nã nã nã, mas mesmo que internamente...eu acho que eu...” Como é esse cobrar não cobrando?⁵⁹ Você cobra responsabilidade investindo mais? “Às vezes...as vezes...é uma tentativa de mostrar assim: veja bem, olha só como funciona...agora você (muitos risos)...eu acho que roooola (se dando conta), já fiz, faço, algumas vezes, quer dizer faço, faço, claro que faço!”

De volta ao relacionamento com Kátia...

“Às vezes eu ficava muito triste, porque ela era muito evasiva, né? Chamava pra fazer as coisas e não ia, dizia que ia ligar e não ligava, essas coisas assim...é...e eu acho que hoje eu lidaria diferentemente com uma pessoa que fizesse isso comigo, entendeu? Pra mim, esse é um recado de que você não tá afim, então, eu vou nessa! Mas, na época, eu tinha muito claro que eu queria estar com ela e era com ela que eu queria. Então eu topei e me lembro de uma conversa que tive com um amigo e ele falou: ‘cara, porque você não sai dessa?! e eu disse: cara, eu não

⁵⁹ Em conversa com outras das minhas interlocutoras apareceu algumas vezes a situação de que quando elas percebiam crise no relacionamento, elas faziam um esforço maior de investimento na relação, então trago essa questão a Dandara.

tô preparada pra abrir mão...eu quero tá com ela...o que que eu vou fazer....hum, eu não tinha o que fazer...eu sabia que eu tava tomando a decisão de estar naquele papel e tomando essa decisão eu estava tomando a decisão de estar com ela e não estar com outra pessoa, com mais ninguém...não queria buscar, não queria...nossa, mas pra mim foi muito sofrido, também durante muito tempo...porque também.”

“Ela também pontuava muito que ia se mudar do Brasil e ia passar um tempo, não sei se era Uruguai, Argentina e ela me falava que ela ia e ia...ela não me falava isso à toa e era como se ela tivesse me dizendo: ‘não vai ser você que vai me fazer desistir disso!’ E eu ficava muito mexida com isso...sei lá, não pode nem abrir o coração direito comigo, mas eu não sabia nem se era isso que eu queria, só tava muito envolvida, sabendo que eu queria tá com ela e sofrendo muito com esses processos, né? Eu me lembro também que como eu tinha passado com esse relacionamento aberto, quando ela falou que tinha ficado com outra menina, eu falei pra ela: ‘ok, você vai ficar com outra menina e essa menina que você ficou, você pretende ficar de novo....mas eu não tô na pilha de um relacionamento aberto, e se a gente...se você ainda quiser ficar comigo, eu tenho que sentir que eu sou a prioridade e se você está ficando com outras pessoas, com outras meninas, nos momentos que a gente marcar de tá junta que você esteja sim...que você não deixe de estar comigo para estar com outras pessoas e se a gente estiver no espaço em que essa pessoa tiver, você se vire! Porque eu não quero saber. Por exemplo, se a gente chegar no bar e essa menina tiver lá, você se vira! isso é problema seu (...) “a gente pode estabelecer alguns acordos e limites, sim, porque eu vou te apontar o meu, porque eu tenho os meus, o meu limite é esse aqui: ‘eu tenho que sentir que eu sou prioritária...’Creio que assim foi, porque eu não esbarrei, creio que eu não esbarrei...o que é bom, nunca vi, só soube quando começamos a namorar, porque aí a gente trocou uma ideia e tal, mas durante esse período não e eu nem sei quanto tempo ela voltou a ficar, nem sei se ficou, nem soube assim” (...) “Pra mim, foi o suficiente pra saber que ela, dentre as pessoas que ela queria estar, ela queria estar comigo também, mas não me senti muito segura...sei lá”

“Eu pensava, tipo: ‘eu não sei quem são essas pessoas, mas elas não devem ser tão legais quanto eu, não é possível! Porque eu sou muito legal, quer ver? Tinha um pouco disso também, de investir para pessoa ver que ó: ‘eu sou muito legal, sou muito bonita, sou muito inteligente e boa de cama...’ São mil estratégias de conquista mesmo, né? E muita paciência...muita paciência! Na época, eu fazia uma brincadeira com um amigo que falava assim: ‘cara, ela não quer me namorar, mas eu vou esperar ela me namorar, namorando ela... Deixa ela achar que ela não tá me namorando...porque almoço de família, sou eu que vou, sou eu que durmo na casa

dela, sou eu que conheço a mãe, que conheço a irmã, eu que sou apresentada pra os amigos, deixa ela achar que não tá me namorando. ”

Se sentiu abandonada? “Não sei se sentia abandono, porque ela nunca tinha estado comigo e abandonado. Era uma sensação de não saber se eu podia contar mesmo com ela, com essa relação, a sensação era um pouco essa, até mesmo porque não era tão declarado assim....ela não dizia que não queria namorar, ela soltava no meio da conversa, que estava muito cansada, que esse negócio de namoro e relacionamento fechado pra ela tava um pouco fora de cogitação, não falando diretamente pra mim, mas algo do tipo: ‘ah não, na minha vida agora eu tô a fim de curtir, não quero ficar ligando’. Ela tinha esse negócio de: ‘não quero ter que ligar pra alguém todo dia!’. Eu pensava: ‘Qual o problema de você ligar pra pessoa se você quer falar com a pessoa todo dia?’ Eu não via o menor problema...se eu quero falar com você todo dia, eu ligo pra você todo dia...se você quer falar comigo todo dia, você me liga todo dia, não é porque VOCÊ TEM QUE! Então, ela me apontava assim, sabe? Mas aí eu ficava elaborando...não, mas ela passou por várias coisas, enfim, nã nã nã...mil processos, mas eu sentia sim que eu não podia contar, mas eu tinha alguma *esperança, confiança, audácia*, de que eu talvez pudesse construir esse caminho com ela, assim, né? ”

Você tinha medo de não estar mais com ela? Mesmo nesse momento...? Como você disse, eu nunca estive abandonada, porque ela nunca esteve comigo, mas mesmo ela nunca tendo estado com você tinha medo de perder o que você nunca teve? “ (risos)...Humrum, sim é bem por aí, com certeza”

O relacionamento e a família

“A minha presença na casa dela era diferente da presença dela na minha casa. Na casa dela, ela era assumida já há muitos anos, ela tinha tido namoradas que inclusive já tinham morado na casa dela, então, a minha presença era sempre muito tranquila, a mãe dela era muito acolhedora, a mãe, a irmã...almoços...os pais dela eram separados e eu tinha estado com o pai dela também, na família nova que ele tinha construído...então, na casa dela o esquema era mais aberto. Na minha casa era um esquema mais velado, ela ia mas não ficava na sala trocando ideia com a minha mãe como eu fazia na casa dela, ela pouco conversou com meu irmão, pouco conversou com meu pai, era uma coisa de entrar na casa e já ficar no meu quarto, assistia filme, trocava ideia, dormia e no dia seguinte ela ia embora, ela tinha muito medo que meu pai abrisse

a porta, mesmo ela tando dormindo...ela não gostava de dormir na mesma cama comigo, então, eu puxava a cama debaixo, então era nesse esquema mais assim”.

“A minha expectativa era que os meus pais recebessem as minhas namoradas como recebem as namoradas do meu irmão. Que elas fossem convidadas para os almoços e que isso fosse feito com muito acolhimento ou com certa naturalidade mesmo, né? assim: vamos fazer um almoço, vai ser aniversário da minha mãe, do meu pai...que o convite fosse sempre estendido a elas sem nenhum tipo de constrangimento, ou que no momento quando a gente tivesse lá no almoço, a gente não tivesse que ficar modulando nossa forma de nos dirigirmos uma a outra, por exemplo, quando estou na presença dos meus pais, não chamo minhas namoradas de amor, ou de meu bem...que eu não precisasse colocar em mim todas essas barreiras de constrangimentos quando estivesse na presença deles. Queria que fosse na medida que isso é colocada pro meu irmão, se ele chama de amor, tudo bem chamar também e aí...enfim que a gente pudesse estabelecer possibilidades de convívio e de constrangimento na mesma medida”

“Eu via algumas inseguranças minhas em relação a ela e dela em relação a mim. Por exemplo, ela era mais velha, acho que ela é uns 4 anos mais velha que eu, e eu me formei antes dela, me graduei antes dela, já tava na faculdade a muito teempo e me graduei antes dela e fiz seleção pro mestrado....e acho que isso, talvez desse nela alguma insegurança, porque eu era mais nova e já tava nesse rolê (...) tem toda uma valorização do mestrado e da pós-graduação e eu tava fazendo isso muito mais nova, antes dela se formar. Quando eu entrei no mestrado, ela tinha acabado de entrar em outra graduação na UnB, então acho que isso deixava ela um pouco insegura, mas eu sentia isso vindo muito nas brincadeiras recorrentes. Eu sempre acho que quando uma brincadeira é feita muitas vezes, ela tá comunicando alguma coisa, por exemplo, falando assim: ‘ah...mestranda, mestranda, mestranda e eu fico pensando: ‘porque ela tá me colocando nesse lugar constantemente?!’ Pô véi, tem uma coisa aí que pega e na época não era só ela que ficava me apontando isso, meus amigos também...era mestranda, mestra, não sei o que. Eu ficava tipo: ‘velho, eu continuo sendo a mesma pessoa’”

“No doutorado então...professora, e aí professora, e aí doutora e eu assim: ‘velho, não sou professora de vocês!!! Assim, tô fazendo meu corre, essa é a minha profissão, se eu tivesse escolhido outra profissão, certamente eu estaria fazendo outra coisa, mas eu escolhi essa e preciso fazer isso’, mas eu fico muito desconfortável e cria um distanciamento que eu não gosto....não gosto, não gosto e isso pega em muitas amizades e meus relacionamentos também e eu não gosto também e acho muito estranho.”

“Já refleti porque eu não gosto, eu acho que é porque cria esse distanciamento que eu mesma não viso produzir e na verdade eu acho muito ruim, na verdade essa exposição dos títulos, eu acho a maior bobagem, a maior babaquice, assim, eu não gosto! A Ana (atual namorada) me fala, por exemplo: ‘você tem que ostentar mais, você é uma mulher negra que tá nesse lugar, porque você não fala mais sobre isso?’ E eu: ‘ah, porque eu não boto fé, porque não é por onde eu tento construir meu caminho, sacou?’”

“A minha insegurança com relação a ela por outro lado era esse vício por acúmulo de atividades, ela falava disso como vício, ela se identifica como viciada em trabalho e quanto mais ela trabalhava, menos eu tava com ela, então, assim, eu ficava pensando: ‘caraca, essa menina...ela participava de dois coletivos, fazia curso de foto, tinha um emprego, tinha uma graduação e ia fazer outra graduação, eu pensava: ‘véi, ela não vai me ver! Não vai me ver!’ E eu que já tinha todo um passado difícil de lidar com a indisponibilidade dela, ficava pensando: ‘caracas, né véi, que saco, ficava puta e com medo, sacou?! Isso reverberava pra mim dessa forma’”

Você tinha medo de que, especificamente? "De ficar de lado, jogada pra escanteio! então, nesse sentido, eu acho que eu alimentava uma certa rivalização com as ocupações dela, porque eu tinha medo que elas ocupassem um espaço que eu achava que tinha que ser meu, de tempo dela, de exposição dela, que eu já tinha vivido isso quando ela estava namorando com outras pessoas e nossa, a vida profissional dela era prioridade... trabalho, trabalho, trabalho...hoje eu entendo também de outra maneira, porque como hoje eu to visando muito meu trabalho, acho que eu entendo a cabeça dela naquele momento, mas eu acho que ficava rivalizando, nesse sentido de ficar com muito medo dela ficar indisponível pra mim"

“O que pegou, nessa transição, mesmo, foi que quando entrei no mestrado, ela entrou numa outra graduação. Eu estava na vibe de estudar, tava querendo fazer um mestrado legal e ela tava em outro momento, tava entrando na Universidade, na UnB, vivendo toda essa experiência de encontrar várias pessoas diferentes e várias festas, várias coisas. Eu tinha uma insegurança quando ela tava construindo essa ideia de entrar na UnB, mas quando ela entrou...nosso relacionamento já tava mais desgastado, eu já tava mais cansada de várias coisas...então eu não fiquei buscando acompanhar a vida dela pra dar conta dessa minha insegurança. Eu já tava: ‘véi, vai lá, curte sua vibe, vive suas coisas, porque realmente eu não tô nesse movimento...aí é que foi todo esse distanciamento, até que a gente foi terminando...”

O término

Quem terminou? “Então, a conversa em si foi um acordo de nós duas terminarmos, mas quem teve a iniciativa de fazer a conversa fui eu. Ela tava numa festa das artes e eu pedi pra ela: ‘ah, dá uma descida aí pra a gente trocar uma ideia tal’ e aí a gente conversou. Não sei se ela estava pensando nisso naquele momento...eu imagino que sim. Eu fiquei imaginando que ela devia tá com vontade de ficar com algumas pessoas que ela tava conhecendo...se já não tava ficando, conhecendo e tal...aí eu não sei mesmo como ela tava vivendo, porque a gente realmente tinha dado uma distanciada, de passar dois, três dias sem ligar nem mandar mensagem, sem saber o paradeiro uma da outra. A gente tava nessa pegada, no final do relacionamento, né? Na época, eu falei pra ela...eu já tava muito desgastada e tava afim de viver outras coisas. E...eu abri pra ela só a parte que eu tava afim de ficar com outras pessoas e ela falou que também tava e a gente se apegou nessa “coincidência” e decidimos terminar naquele momento. Aí depois foi todo o processo, né? Ela quis voltar e eu não quis...”

Vocês chegaram a voltar? " Não, acabou, acabou. A gente nem chegou a ficar mais"

Esse processo de investir no curso, você acha que pode ter sido uma forma de ir se distanciando, uma forma de ir acabando gradualmente, já que você...pra além do que você tinha que investir mesmo no curso, você acha que o seu cansaço de algum tempo, você aproveitou esse momento de estar muito cheia de coisas pra ir vivendo esse processo de termino aos poucos? “Ah...acho que sim! Eu acho que...nós duas estávamos em processos absolutamente diferentes no momento e durante os meses que antecederam os términos, né? Eu tava no primeiro semestre do mestrado, que é muito puxado. Pra mim é o mais puxado da vida acadêmica e eu estava trabalhando na época, participando de uma pesquisa nacional, mesmo que tenha sido um semestre de greve,...é...eu trabalhava 20 horas...não de 12 à 16 horas por semana na pesquisa e quando começou a greve, eu investi 40 horas na pesquisa. Então, eu tava trabalhando muito, tinha viagem, organizar campo, equipe de pesquisa e ela tava na pegada de conhecer e curtir a UnB, saborear todas as coisas e tal. Eram processos absolutamente diferentes e nós duas colocamos o melhor de nossas energias nesses processos, então...eu estava sempre trabalhando muito e muito cansada e ela tava assistindo aula no Ca, em exposições, em repúblicas, na casa dos novos amigos e tal e eu acho que isso foi algo que nos....foram espaços nos quais a gente supriu muito da solidão de não estarmos juntas...nós não estávamos juntas mesmo. ”

Mas esse distanciamento, a indisposição em fazer alguma coisa pra o relacionamento continuar, porque a gente sabe que mesmo com um trilhão de coisas, se a gente quiser se relacionar a gente se relaciona, essa indisposição começou de sua parte ou da parte dela? “ (silêncio longo)...Nossa, eu acho que eu fiquei mais indisposta! Eu acho que, eu acho que...ela tentava me chamar mais pra esses espaços e eu...é...ia menos e eu não tava circulando muito nesses espaços sociais. Era realmente de casa pro trabalho e do trabalho pra casa, sem muitas condições mesmo. Então, acho que era mais ela mesmo, que me buscava mais que eu a buscava....Tentava construir momentos para a gente tá junta. Porque quando eu terminei com ela, eu estava muito exausta do trabalho, eu tava muito saturada, muito saturada. Eu tava pensando: ‘cara, eu tenho 22 anos e estava com estafa...eu tô muito nova, não tem condição!’ ”

Com meu trabalho eram duas coisas, assim, pelo menos, uma é que eu tinha 22 anos e estava com estafa e disse: não, eu tô muito nova! Não existe um trabalho que demande tanto de mim e nesse momento da minha vida, isso é muito injusto e eu pensava também que não queria viver isso nunca, então, não posso me desgastar tanto, nesse momento em que estou no mestrado, que foi uma coisa que batalhei muito pra conseguir...foi um processo muito longo. Eu tinha desistido de muitas coisas pra fazer isso e não fazia sentido eu estar muito, muito cansada a ponto que eu não conseguia curtir, porque eu queria muito entrar! No momento que eu consegui entrar, eu coloquei muita energia pra conquistar e tinha rolado! Mas ao invés de está vivendo aquilo ali, eu tava colocando toda a energia no trabalho de pesquisa e tal que eu queria que tivesse vinculado com o mestrado, eu queria trabalhar com o mesmo tema, as mesmas questões, mas não era isso...eu queria fazer um mestrado legal, queria aprender muito, queria estudar muito, queria sair cabeçuda e não tava rolando! E não tinha a menor condição de eu trabalhar não sei quantas horas por semana e chegar em casa, receber uma mensagem do celular pra olhar o e-mail do trabalho e ter não sei quantas páginas pra ler pro dia seguinte e na semana seguinte viajar e passar dez dias fazendo pesquisa, voltar sem ter feito as leituras da semana anterior, da semana que eu cheguei...irrecuperável! ”

“Um stress tremendo! Logo no primeiro semestre em que eu não sabia realmente qual era o nível de rigor, em que eu não sabia o nível de rigor das avaliações e eu não sabia quanto me custaria um MM então pensei: ‘velho, não...não é possível, até porque não quero fazer um mestrado pra tirar MM, quero fazer um mestrado massa. Aí eu larguei, larguei a pesquisa e na época eu tava num surto psicológico grande mesmo e minha terapeuta chegou a sugerir um psiquiatra, porque ela pensou que talvez fosse o caso de usar medicamentos, mas eu não fui e preferi intensificar seções de psicoterapia e depois ficou tudo bem. ”

Com relação ao relacionamento, eu já estava muito cansada mesmo de não me sentir com ela, não me sentir presente. Eu não tava me sentindo buscada em todo esse processo psicológico que eu tava vivendo, ela foi muito ausente mesmo, assim...eu tava na mal. Ela tava na minha casa uma vez, foi me visitar e tentou fazer da melhor forma possível, como eu vejo hoje, me levou um presente..., mas já tava muito: ‘pô velho, onde você estava? Eu tava nesse processo todo aqui e não podia contar com você!’ E acho que eu nem queria contar com ela mais e ela também não esteve, um dos motivos... são os mais legítimos e justificáveis dentro dos processos dela, mas pra mim...e....aí eu....cara, eu queria viver outras coisas mesmo e ela tava com todo esse processo de experienciar esse lance da Universidade e foi pra outro ENUDS, em Campinas, e ia passar uma semana, dez dias com a galera em Campinas e eu em Brasília fazendo terapia 3 vezes na semana e ela em Campinas, sacou? E aí eu falei: ‘ah, quer saber, eu vou viajar também (bem calma).’ Aí peguei e passei a mão no telefone, uma irmã minha, amiga de infância que mora no Rio, falei: ‘Isabela, posso ir pra aí?’ E ela falou: ‘pode.’ Duas horas depois, eu já tava com a passagem aí fui pro Rio, passei um tempo lá e bebi, saí, paquerei, fiz um monte de coisa, quando voltei, terminei, porque eu já tava muito de saco cheio. Nesse tempo que eu passei no Rio, eu acho que a gente se falou...e eu fui e voltei do Rio e ela foi antes de mim e voltou depois, acho que a gente se falou umas duas vezes...em uns dez dias (uma voz pesarosa)...eu tava muito distanciada mesmo, largada. Depois que ela voltou, ainda demorou uns dois dias pra a gente se falar...! Tava uma coisa, assim, realmente...cada uma pro seu lado. Eu não sei o que ela tava fazendo e ela não sabia o que eu tava fazendo, mesmo! Entendeu? Era a gente terminando, né? Só faltava fazer a conversa oficial que foi eu que puxei assim...Depois de uma conversa longa com o Henrique, mais uma vez, aí eu falei: ‘ah, eu não vou ficar esperando amanhã não porque não sou obrigada.’ Aí eu liguei pra ela, ela topou conversar e a gente terminou. Foi nesse processo assim."

DANDARA E SEUS MORANGOS: SUTILEZAS DA AUTONOMIA EMOCIONAL – REIFICAÇÃO OU ROMPIMENTO COM AS BASE DE UMA ESTRUTURA HETERONORMATIVA, PATRIARCAL E RACISTA?

Até o presente momento nesta tese nos encontramos envolvidos por universos diversos, por encontros e desencontros de sentidos e significados atribuídos às relações, à trajetória de vida e à própria subjetividade. Universos tocados a partir dos relatos de vida advindos da

memória afetiva, de observações e vivências minhas empreendidas no trabalho de campo e das trocas de experiência, de afetos, situações e histórias compartilhadas entre eu e outras vinte mulheres negras, com experiência de relações afetivo-sexuais com outras mulheres, no DF.

Dandara, a última de minhas interlocutoras, trouxe-me o sentido, o significado, a leitura não apenas como instrumento interpretativo e de compreensão de determinado universo e complexidade – como o exercício que me propus a exercer neste texto -, mas como ponto de partida, como estratégia, como forma de lidar com as dores que empreendemos no cotidiano, na trajetória de vida. De forma mais objetiva, Dandara em toda a sua narrativa nos mostra como o sentido que imprimiu à algumas relações, pessoas e situações lhe abriu uma gama de possibilidades⁶⁰, imprimindo-lhe um caminho próprio, nas quais ela parece lidar com essas dores não como se estas fossem um imperativo implacável ou protagonista autônomas, mas como elementos em que ela pode imprimir limites de atuação em sua dinâmica interna.

Convido o leitor, portanto, a me acompanhar em alguns detalhes da narrativa de Dandara que remeteram a mim indícios de uma leitura de suas relações que lhe é peculiar e que arrisco a hipótese de que essa leitura, esse sentido é uma interessante estratégia de lidar com suas expectativas, dores, emoções e relações. O primeiro relato feito por ela e que me chamou atenção para os sentidos e significados de Dandara foi a situação que lhe causou e lhe causa muita dor até hoje, qual seja, sua narrativa a respeito da morte de seu avô. Dandara fala sobre a morte dele e o quanto ele é para ela uma figura referencial de muita relevância e na qual ela aciona em diversos momentos a fim de orienta-la, mas também de motiva-la.

Nos relatos de Dandara, seu avô é uma figura forte, determinada e um grande líder a frente de sua família. Ela nos conta alguns de seus feitos, como: “colocou todos os filhos na Universidade (...) depois que todos estavam fazendo faculdade, ele foi fazer Direito que era o sonho dele”. Na fala de Dandara, o avô, uma de suas figuras referenciais, é também amoroso, protetor, muito sensível e com um vínculo intenso com sua avó, parceira de vida até a morte dele. Para me comunicar a amorosidade e sensibilidade de seu avô, Dandara se vale de exemplos, como: “O meu avô era muito amoroso, muito afetivo e muito emotivo, ele é muito lindo, muito fofinho... Tava conversando com ele, ele tá contando um caso e chora, lembrou de uma parte da história, chora, lembrou da filha que perdeu, chora, nasceu neto, chora...” ou ainda “um exemplo que eu gosto de pensar é que meu avô era advogado de família, então chega um

⁶⁰Possibilidades, segundo Tarde (2007), são forças latentes em potencial e teve como origem o primeiro sentimento de dúvida entre nós (Idem, ibidem, p. 193, 194). (...)As possibilidades dependem do arranjo que se faz dos seus elementos. E estes são, por princípio, infinitos em sua potência, no entanto, a potência é bloqueada pela impossibilidade humana de estabelecer todos os arranjos, limitando-os aos elementos que emergem.

casal no escritório dele pra firmar o divórcio, meu vô tentava juntar...ele perdia o cliente, mas ele não quer... Muito mão aberta...casa aberta, ele era muito amoroso mesmo. Com a minha vó, ele era muito afetivo...”. Ao ouvir seu relato, a primeira questão que veio a mim foi: Que possibilidades interpretativas teriam para o comportamento do avô de Dandara numa sociedade patriarcal, heteronormativa e branca como a nossa? E faço essa pergunta a ela, é quando ela me coloca: “até as pessoas... ai não, os meninos, meus tios falavam: ‘Ah...não, papai já tá chorando de novo!’ Ele tava chorando, uai! E alguns não conseguiam lidar com aquela emoção acontecendo, outros ficavam lá passavam as mãos nas costas, esperava ele terminar de chorar e nã nã nã”. O que quero ressaltar com isso é que Dandara imprimia às atitudes, comportamento e personalidade de seu avô um sentido de sensibilidade, amorosidade, força, determinação onde outros familiares viam, pelo seu relato, fragilidade ou ausência dos atributos masculinos⁶¹. Dandara, segundo relata, vale-se dessa imagem do avô para orientá-la em momentos de dificuldade, de tomada de decisão, enquanto motivação etc.

É importante ressaltar que a imagem do avô e a do pai estão até certo ponto em contraposição na narrativa de Dandara. O pai é um hipopótamo colhedor de morangos. Nos relatos de Dandara seu pai é até certo ponto rude e não expressa muita amorosidade e sensibilidade, diferente de seu avô. Dandara relata como a postura de seu pai a deixava aflita, ansiosa e o quanto isso lhe causava um certo sofrimento. No entanto, na sua adolescência começa a compreender a postura do pai como “a sua forma peculiar de se expressar”. De um pai rude, autoritário e distante, Dandara o traz para o lugar de um pai que expressa amorosidade ao seu modo.

Acredito que a essa altura do trabalho e após todas as reflexões aqui empreendidas podemos nos valer do recurso comparativo para compreender melhor o sentido do sentido que Dandara atribui a sua figura paterna e a de seu avô, enquanto referenciais de construtos culturais atribuídos socialmente ao masculino e o mesmo empreendimento feito por outras de minhas interlocutoras nas narrativas de suas trajetórias descritas em outros momentos deste texto. Trago a hipótese de que Dandara em seu empreendimento de atribuição de sentidos não cria uma fantasia com elementos idealizados e rígidos que lhe remete a dor do abandono, mas faz uma leitura dos atributos de seu pai e de seu avô, reconhecendo em vários momentos de sua fala os

⁶¹ É importante ressaltar que nos momentos em que ela fala do avô, assim como em relatos que fala do pai, irmão, namoradas etc, Dandara não deixa de problematizar essas personalidades, observar aspectos de violência, por exemplo. O que chamo de sua leitura é o que ela de forma recorrente afirma ser a forma como ela as/os vê e como se apropria desse capital simbólico para sua vida. Lanço a hipótese de que a forma como Dandara se relaciona com essas pessoas e os elementos simbólicos que atravessam essas relações é uma forma de não mergulhar, não tomar pra si questões emocionais alheias e estabelecer relações a partir de outras óticas.

problemas paternos e as questões que ele precisa resolver; reconhece inclusive que a imagem que tem do seu avô é a forma como ela o vê, reconhecendo vários desdobramentos da postura deles em sua vida, mas interpretando isso como uma característica peculiar de seu pai, por exemplo, aliada a uma formação pautada em princípios heteronormativos e patriarcais. Seu empreendimento de atribuição de sentidos parece a mim ter duas características relevantes: primeiro a possibilidade de deslocar essas figuras das posições fixas, rígidas atribuídas ao feminino e ao masculino numa sociedade patriarcal e segundo descentralizar as dores que as posições e expectativas rígidas acabam por ocupar em algumas trajetórias. Em toda a sua narrativa, após o reconhecimento de atributos marcadamente heteronormativos e patriarcais presentes nas pessoas com as quais se relaciona e que lhe causam dor e desordem, Dandara lança mão das expressões, “mas é isso, é do jeito deles, não é mesmo? (...) É a forma deles de dizer, de sentir, de viver...”, ela atribui os problemas, as dificuldades e os engessamentos advindos do construto social à pessoa a que se refere ou que à possui retirando a centralidade que isso poderia ganhar em sua vida.

Dandara faz isso com seu pai, seu irmão, seu avô e avó, sua mãe e suas namoradas. No entanto, na seara dos relacionamentos afetivo-sexuais podemos retirar de sua narrativa que essa postura pode ser interpretada como uma estratégia para lidar com as feridas, mas não significa, no entanto, que ela não viva em seu cotidiano essa experiência da dor. Uma grande dor é relatada por ela no decorrer da descrição que faz dessa relação, qual seja, a dor da sensação de vivenciar sozinha uma relação e de se aperceber em vários momentos nesse status de solidão mesmo tendo assumido o compromisso de uma relação. O exercício que Dandara empreende com sua família e outras relações torna-se mais difícil quando se trata de seus envolvimento amorosos. Ela ainda o faz. Em vários momentos de sua narrativa sobre o namoro que me contou, ela diz: “ela estava no seu momento...ela tinha razões (...) vinha de experiências que a levavam...etc”. No entanto, suas expectativas de um relacionamento profundo, intenso, estável e monogâmico contrastadas com uma vivência de descompromisso, instabilidade e ausência constantes e em momentos relevantes relatadas em sua fala a põe de frente com o tema da solidão e do abandono, seus desdobramentos e sensações.

Dandara relata seu relacionamento com Kátia, seu encantamento e a resistência da pessoa que lhe provocava desejo. Em seguida ela relata uma série de esforços e investimentos na conquista de Kátia que resultaram no envolvimento das duas e na vivência posterior de uma grande dor ao saber pela Kátia de seu envolvimento com outras pessoas e de seu não interesse em estabelecer um compromisso. Frustrada em sua expectativa de compromisso e fidelidade, Dandara não desiste e segue com seu desejo e investimento em busca da concretização de sua

expectativa de relacionamento e aguarda que Kátia reconheça suas qualidades “...Eu pensava, tipo: ‘eu não sei quem são essas pessoas, mas elas não devem ser tão legais quanto eu, não é possível! Porque eu sou muito legal, quer ver? Tinha um pouco disso também de investir pra pessoa ver que ó: ‘eu sou muito legal, sou muito bonita, sou muito inteligente e boa de cama’...são mil estratégias de conquista, né? ”. Até que Dandara narra o momento em que Kátia declara seu envolvimento e seu desejo de compromisso.

No entanto, apesar do compromisso que em princípio pacificaria os conflitos e angústias internas de Dandara, ela relatou que sofria com o fato de Kátia ser evasiva na relação, além de comunicar sempre um desejo de partir para outros países, o que para ela soava como uma mensagem indireta de recusa em se comprometer de fato⁶². Segundo Dandara, amigos lhe questionaram por diversas vezes sobre sua permanência nessa situação obtendo como resposta dela o fato de não estar preparada para abrir mão disso e que a queria muito e por isso iria continuar. Dandara dizia não se sentir abandonada porque nunca esteve de fato com Kátia e menciona também que seu grande investimento na relação é uma característica sua de quando se vê apaixonada: “Quando eu apaixono, eu invisto muito assim, sabe? Quando tem uma pessoa que me desperta um apaixonamento, as outras pessoas não me interessam e a pessoa por quem eu me apaixonei me interessa muito” e que quando investe espera retorno e quando ele não vem cobra e muitas vezes sua forma de cobrar é investindo mais na relação. ”

Dandara tenta estabelecer o jogo e a estratégia de atribuir um outro sentido para as atitudes de Kátia dizendo que ela vinha de um relacionamento conturbado ou que sua evasão era por ser uma workaholic, no entanto esses outros sentidos não dão conta da dor provocada pela solidão, pelo vazio e em minha hipótese do fantasma do abandono que a acometem: ela foi muito ausente mesmo, assim...eu tava na mal, ela tava na minha casa uma vez, foi me visitar e tentou fazer da melhor forma possível, como eu vejo hoje, me levou um presente nã, nã, nã...mas já tava muito: ‘pô velho, onde você estava? Eu tava nesse processo todo aqui e não podia contar com você e acho que eu nem queria contar com ela mais e ela também não esteve, um dos

⁶² O silêncio da namorada, que sempre insinuava coisas, nunca dizia diretamente, guarda semelhança com a forma como os se comunicam. A ambivalência e ambiguidade na postura silenciosa da namorada a faz rememorar o drama familiar e em princípio, ela age como com a família, e nos dá indício de um reviver aprisionado, silenciado, optando pelo investimento solitário, no entanto, o que a tira dessa posição e da dinâmica do medo do abandono é a disposição em continuar seus projetos, o investimento em si, na possibilidade de reelaborar suas emoções com amigos e em suas relações terapêuticas e o corte que empreende a partir disso. Assim como com os pais, ela empreende uma leitura do comportamento e personalidade da namorada, inicialmente, de forma a não cortar o vínculo, buscando estabilizar seu emocional e não se sentir abandonada. No entanto, esta mesma leitura permite que Dandara não tome para si, como questões suas as questões de Kátia, suas dificuldades em se expressar, se comprometer etc e o que poderia em princípio aprisionar Dandara a possibilita sair da dinâmica seguindo sua vida e deixando os outros com seus problemas.

motivos... *são os mais legítimos e justificáveis dentro dos processo dela, mas pra mim...e...*”. Diz ter se sentido insegura durante o período da relação e quando relata sua insegurança, menciona que seu medo era do trabalho de Kátia tomar ainda mais o espaço e atenção que lhe era devido e até então negado.

Trazendo elementos das narrativas de outras de minhas interlocutoras, sinalizo como hipótese, a partir do que foi narrado por Dandara que o investimento empreendido por ela foi também um ato de doação e concomitante a isso Dandara responsabilizou-se com o bem-estar de Kátia e a continuidade do compromisso. Esse conjunto de ações e de práticas parece ter dentre outras motivações a de evitar a sensação de ser deixada, preterida, abandonada, já que Dandara investia esperando ser correspondida e não uma maior ausência. No entanto, com tudo isso, Dandara nos relata após chegar a seu limite e depois de várias seções de terapia o corte e quebra dessa dinâmica que a aprisionou nas sensações de tristeza, melancolia durante um tempo. Quando decide por um fim ao envolvimento a frase que diz ao amigo: “Ah, eu não vou ficar esperando amanhã não, porque não sou obrigada” contrasta com a frase dita tempos atrás ao mesmo amigo: ‘Cara, eu não tô preparada pra abrir mão...eu quero tá com ela...o que que eu vou fazer....hum, eu não tinha o que fazer...eu sabia que eu tava tomando a decisão de estar...’, nos dando indícios de uma atitude revestida de potência que dá fim a uma dinâmica que a aprisionava de forma simbolicamente violenta.⁶³

Trago à reflexão algumas outras características dessa experiência amorosa e suas vivências dolorosas que são peculiares a Dandara. Se faz relevante pautar que apesar de estar vivendo algo que lhe causava dor e a aprisionava na dinâmica da relação, Dandara não paralisou outras dimensões de sua vida e nesse mesmo período viveu suas relações de amizade, fez uma seleção de mestrado, começou a cursá-lo e realizou vários outros trabalhos⁶⁴. É importante ressaltar que Dandara fez muitos anos de terapia permitindo a ela reorganizar algumas dessas dores. No entanto, retomo aqui aos sentidos que Dandara atribui em suas relações como um importante instrumento para não permitir que dores relativas a ausência ou falta de respeito como relata em sua relação com seu irmão ganhassem centralidade em sua vida influenciando de forma definitiva em suas decisões e escolhas, bem como atravessando também a forma como

⁶³ Assim como a história narrada no início desta tese, qual seja, de Sabrina, Dandara relata não saber porque, mas sabe que quer a relação e não deseja perde-la, ponto. A segunda frase de Dandara parece ilustrar isso contendo a certeza de se estar aprisionando e a sensação de não poder fazer nada quanto a isso... impotência, semelhante a história de Sabrina.

⁶⁴ Ela não escapa ao abandono, nem a sensação dele, tampouco à dinâmica que o envolve, mas não se deixa consumir e aprisionar por ela. A vivência, mas a transcende em sua forma cotidiana de lidar com as dores

constrói, maneja e expressa os aspectos de sua personalidade que são atribuídos socialmente ao feminino e ao masculino.

Peço licença ao leitor para voltar à alguns pontos da narrativa de Dandara que penso são relevantes para a percepção da construção de sua subjetividade e para uma melhor compreensão de suas relações e as dores aí envolvidas. Quando pergunto sobre a relação de seus pais como uma referência para ela, Dandara me responde que não toma como referência essa relação devido aos silêncio e conseqüente falta de diálogo que caracteriza essa relação e que ela diz observar nela enquanto característica de sua personalidade e dos seus comportamentos.

Em seus relatos, o silêncio presente em seu ambiente familiar parece atravessar toda a sua história. Em um primeiro momento ela estabelece uma mudança de conduta com a prática das análises terapêuticas que é a forma como resolvia suas dores e tensões silenciando-as e como a terapia a ajudou a organizar algumas dessas emoções outrora silenciadas. Um outro momento importante de sua narrativa é o de sua crise existencial na adolescência e o quanto o silêncio atravessa esse momento combinado com os já silêncios acumulados de seus desejos sexuais e sua racialidade. E por fim, após avaliar os silêncios presente na relação de seus pais e em sua dinâmica familiar cotidiana, Dandara nos revela a sensação de que esse silêncio é causado por sua existência e de seu irmão e relembra todo o investimento materno e paterno “aos seus modos” em sua vida e na de seu irmão, roubando a energia do casal e não permitindo o desenvolvimento do diálogo entre eles, constatando ainda que após sua saída de casa, seus pais passaram a dialogar mais.

O silêncio que atravessa essa dinâmica familiar até hoje, me faz pensar na hipótese de que esse silêncio se relacione e produza uma sensação de ausência e ainda mais silêncio. A narrativa sobre a família é empreendida com a figura de uma mãe companheira, comprometida com sua responsabilidade materna, preocupada com os filhos e responsabilizada pelo pai por essa preocupação. Uma mãe que ao conversar com ela sobre sua sexualidade a compreende ao seu modo, mas permanece na dinâmica do silêncio ao conduzi-la ao armário como bem diz Dandara e ao pedir-lhe que não contasse ao pai e ao irmão. Com o irmão tem uma relação amorosa que já foi mais conflituosa, com momentos de disputa e em que se viam pouco, estavam sempre nos espaços privados e de silêncio da casa. O pai “ao seu modo” acompanhava a família e exercia o silêncio com os filhos delegando a mãe os momentos de orientação e cobrança, mas que pela avaliação de Dandara está transmutando-se a partir de suas investidas e orientações. Os longos momentos de silêncio que existem no grupo quanto a sua sexualidade. O silêncio é uma linguagem largamente utilizada nas relações familiares, segundo Dandara e participa de forma profunda na constituição de sua subjetividade, tanto na dinâmica de reviver

esses silêncios em sua trajetória, quanto na construção de enunciados e culpas que recaem sobre sua própria existência como da sua constatação de que o fato dela e o irmão existirem foi responsável pelos silêncios estabelecidos entre os pais

Esses silêncios foram revividos nos vários momentos da vida de Dandara: Ao não falar sobre si em suas relações amorosas, com sua condição racial e com sua sexualidade. Os silêncios estavam presentes quando Dandara estava em conflito com sua sexualidade, na infância e na adolescência, quando acreditava ser a única a desejar mulheres, quando se sentia desvalorizada, não desejada por ser negra e gorda. A quebra do silêncio com as conversas entre amigos, com a experiência terapêutica e com as experiências que foram se abrindo parecem ter sido um importante elemento para o rompimento de toda a dinâmica da dor na construção subjetiva que mencionei até aqui na história de Dandara.

Vale lembrar que o silêncio é por excelência uma característica das relações de violência e em especial das que se estruturam em questões de raça, gênero e sexualidade. Finalizo me questionando se: o silêncio a que essas pessoas estão submetidas e vivenciam em seu cotidiano não é uma forma de proteger-se da intensificação da violência que tem como elemento de sua dinâmica transformar negras/os, mulheres e homoafetivas/os em “bode expiatórios”, ícones de dor e elemento tranquilizador das dores dos que ocupam posição de privilégios? Esse silêncio não acabaria por criar ou intensificar essas dores ao revivê-las e não poder comunica-las? Por outro lado, a ambivalência que o caracteriza e ao qual ele carrega e que são práticas comuns nas relações racializadas não seriam formas de sedimentar a dinâmica de aprisionamentos pela dor?

Finalizando de fato, gostaria de enfatizar quatro elementos e ações que caracterizaram a forma peculiar de Dandara lidar com a dor e romper com a possibilidade de estagnação, de melancolia e de aprisionamento, quais sejam, a forma como atribui sentido as suas relações e como se utiliza deles; a quebra gradual do silêncio, a utilização da raiva e da indignação como combustíveis para um momento de dar “uma volta em si” rompendo a dinâmica como em momentos como no relato do fim do relacionamento e da explosão que teve com o irmão e a determinação em continuar com seus ideais pessoais apesar dessas dores (o que Ruvy nomeia de disposição). Me questiono diante disso tudo se as formas que Dandara encontra de estabelecer rompimento com a dinâmica da dor não nos aponta possibilidades de desconstrução de um sistema sólido, rígido e profundo a partir de fissuras e fendas na estrutura patriarcal, heteronormativa e racista que se utiliza largamente dessa dinâmica emocional, silenciosa e profunda para aprisionar indivíduos e grupos em posições, relações de poder e em situações de violência

EPÍLOGO

Dor, Dinâmicas da Subjetividade e Interseccionalidade

DE LAÍSA À DANDARA

A fim de prosseguirmos em nossas reflexões, proponho fazer uma breve síntese dos principais elementos que caracterizaram as histórias que visitamos neste texto para que possamos avançar em algumas reflexões.

Estivemos portanto, nas páginas que antecedem este epílogo a tentar compreender a dor. Como anunciado no prólogo, a dor que buscamos é aquela experienciada na relação com o outro, um terceiro, mas também um outro que habita em si, conflitante dentro do sujeito, sob o modo de uma violência introjetada, de uma desvalor inculcado, que age de si para si, de maneira implacável e insidiosa; o outro que consiste em acatar o olhar de menos-valor lançado sobre si. A dor inescapável que a relação com o outro implica. Para além e enquanto parte do processo de toda a dinâmica que envolve a dor, as relações interpessoais e a construção da subjetividade, estivemos envolvidas/os com a forma como cada uma de minhas interlocutoras em suas histórias lidam com ela. Que estratégias utilizam? Como se valem dos diversos sentidos e desdobramentos que essa dor pode ter em suas vidas.

Ao entrar em contato com Laísa em sua narrativa, tivemos contato também com as especificidades de sua trajetória e do contexto que faz parte. Laísa é uma adolescente, interna de uma instituição socioeducativa e que apresenta uma forma muito peculiar de relação com as pessoas a sua volta e em especial aquelas que representam a instituição da qual faz parte. A dinâmica comunicativa de Laísa e o que chamei de turbilhão de emoções são marcantes no meu contato com ela. Esses traços se fazem importantes quando sinalizo em uma de minhas hipóteses que um interessante potencial de Laísa é sua capacidade combativa, sua indignação, sua disposição à não submissão expressos na sua relação com outras internas, funcionárias, comigo e na narrativa de sua trajetória. Ainda passeando por minhas hipóteses, observando que os conflitos, a instabilidade emocional e sua forma combativa de vivenciar suas relações são significadas por ela e por outras – agentes e técnicas dessa instituição – enquanto rebeldia, impulsividade e agressividade, essas características são combatidas por ela e pelo meio em que vive como responsáveis por seus problemas. Causa-lhe dor a reprimenda e a constatação desse seu traço característico que ela denomina “agir sem pensar”. Concomitante a observação dessa característica reprimida e expressa em pequenas ou grandes explosões, entramos em contato com os sentidos que Laísa dá para suas relações no decorrer de sua trajetória. Em suas falas, Laísa exprime seu distanciamento e sua dificuldade com a figura paterna e uma idealização da

figura da mãe. A mãe é a síntese da perfeição como fala a própria Laísa, é tudo, é objeto de desejo, desejo de ser e de ter e é vulnerabilidade. O pai é o extremo oposto é o abandono, a ausência e o que deve ser afastado. Ao mesmo tempo, Laísa tem uma grande expectativa, qual seja, a de vivenciar um relacionamento perfeito e de constituir uma família perfeita. Esse ideal está de acordo com o ideal heteronormativo (pai, provedor e protetor; mãe, cuidadora, sensível e zeladora dos filhos e da casa; dois filhos, de preferência um casal). Laísa, ao me contar suas relações afetivo-sexuais, descreve a aplicação prática de sua fantasia de relacionamento. Toda essa trama de idealizações e fantasias caminha paralela, mas em conflito nas suas falas com o fato de ter pontos de sua trajetória que se assemelham ao pai, com o fato de já ter tido relações com mulheres, de ter uma estética negra marcante etc. Diante de um pai ausente, de uma mãe vulnerável, inalcançável e que reprime características de sua personalidade e desejos, Laísa se vê diante do abandono e da dor que isso provoca. Em constante busca de diminuir ou extinguir essa dor e a sensação de vulnerabilidade e desordem que ela causa, Laísa sai em busca, uma eterna busca por aquilo ou por alguém que possa lhe trazer equilíbrio, o que há de mais concreto, seguro, tranquilo e aceito: seus ideais pautado em normas e padrões de relacionamentos aos moldes heteronormativos. Essa é a eterna busca de Laísa, que é também a busca por sua estabilidade, no entanto, voltando ao início, isso significa reprimir desejos e potencialidades importantes que poderiam lhe trazer essa estabilidade.

Alice, interna de uma penitenciária feminina relata uma trajetória em que mudanças significativas foram empreendidas em sua vida pautadas nos sucessivos abandonos que foi sofrendo. Na narrativa inicial, a vida de Alice sofre uma primeira grande mudança com a morte de seu pai, período em que é abandonada pela família dele, corta relações com os mesmos e vai morar com uma vizinha, ocasião em que se envolve com drogas. Quando sofre o segundo abandono, que é sentido pela falta de apoio da mãe – já reconhecida como mãe biológica –, Alice já envolvida com drogas, no crime e “fazendo besteiras”, segundo ela por não conseguir resolver os problemas familiares, é condenada a viver muitos anos em uma penitenciária. A falta de apoio da mãe expressa dentre outras coisas pelo fato desta não ter acreditado em sua versão, acrescida à responsabilização de Alice, a faz sentir como se fosse o homem da casa. Alice, então, passa a viver uma inquietude advinda dos constantes relatos que chegam até ela de problemas com a família e com a mãe e da impossibilidade de estar junto a ela protegendo-a como diz que fazia antes. Esse momento é narrado por Alice como um momento de melancolia, “falta de amor próprio”, refletidos em desânimo, falta de vontade de viver e ações que ela caracteriza como ensejando o dar “trabalho ao sistema”, que compreende várias ações contra si e contra outras no interior da instituição, quais sejam, cortes em seu corpo,

incitações à rebelião e várias ações de agressividade. Diante disso, ela resolve cortar laços com a família e pede para que não a visitem mais. É seu terceiro e último momento de abandono na narrativa, talvez o mais longo e definitivo, mas dessa vez ela assume o protagonismo dessa mudança e, a partir desse momento, transmutações importantes acontecem em sua forma de relacionar-se, de expressar-se e considerar-se dentro da penitenciária. Todos esses momentos são atravessados em sua fala de uma extrema idealização da figura paterna que algum tempo depois surge enquanto ausência dos seus registros oficiais. Quando essa ausência é posta no diálogo, quando a confronto com isso, a figura não desaparece dos nossos diálogos, mas concorre com a figura da mãe que surge enquanto símbolo de vulnerabilidade na vida de Alice. Uma importante hipótese que surge a partir do seu relato é que a solidariedade e o sentir-se mais próximo do masculino em Alice não é uma questão apenas de performance, mas um assumir a posição masculina no jogo de suas relações cotidianas, diante do abandono que sofre. Enfim, Pai, enquanto quem significa pra ela os signos de uma figura masculina, nesta senda, é o signo de um menos-valor insuportável, é a figuração de um sofrimento que Alice não consegue confessar nem mesmo de si para si. Finalizo essa síntese pautando a importância da dor do abandono e das responsabilidades assumidas nas relações familiares e na proteção da mãe; as sensações e o lembrar dessa dor em sua trajetória, levando-a a momentos de extrema melancolia, revolta, agressividade, delineando uma trajetória específica e repleta de dor e sucessivos abandonos. Ressalto também o momento em que Alice rompe com essa dinâmica ao romper com o imperativo da responsabilidade que assumia e ao provocar o maior de seus abandonos. Com essa atitude, não extingue sua dor, mas passa a não pautar suas atitudes e nelas e na busca por evita-las. A volta em si que Alice dá rompendo com essa dinâmica e utilizando o seu potencial de fúria, indignação e não submissão a favor do que a estava aprisionando nessa dinâmica. Esse rompimento foi importante, no entanto Alice em seu lembrar, em seu cotidiano permanece em busca da evitação da dor e do abandono, em busca de alguém e de uma situação ideal que a livre desses fantasmas.

Filipa, moradora da Cidade Estrutural, tem em comum com Alice um momento protagonista de explosão e de rompimento da dinâmica simbólica que a aprisionava em suas relações familiares. Na narrativa de Filipa, o sentido atribuído às relações familiares, as expectativas e avaliações dela com relação à dinâmica dessas relações guarda relação estreita com os construtos simbólicos da sociedade patriarcal, misógina e racista em que vive. Filipa, também demonstra sentir dor a partir do abandono e das sensações e memória afetiva dessas relações e sentimentos. No entanto, diferente de Alice e Laísa, Filipa na fantasia de seus relacionamentos não atribui às figuras de feminino e masculino que participam de sua trajetória

uma posição extremamente idealizada e rígida. No entanto, o abandono da mãe narrados por ela a partir da não aceitação da mãe de sua sexualidade em detrimento da aceitação da figura da irmã mais velha; o fracasso do pai são significados potentes impressos a essas figuras que compõem sua cena originária. O rompimento com uma dinâmica familiar dolorosa e que a colocava numa posição de falta, de ausência e de submissão foi importante para que Filipa pudesse apoderar-se de sua autonomia e sua capacidade de protagonizar seu próprio destino. No entanto, Filipa continua em busca de alguém que viabilize sua estabilidade financeira, afetiva e que a proporcione uma relação estável, duradoura e que a respeite dentro da posição que ela ocupa dentro do jogo de relações. Os sentidos que Filipa atribui ao feminino e ao masculino como vulnerável e fracassado respectivamente, parece pautar essa busca por evitar se defrontar com essas posições que lhe causaram tanta dor.

Ruby, apesar de nutrir expectativas relacionais e familiares permeada por construtos simbólicos heteronormativos, atribuindo significados às suas relações e a si mesma pautadas nesses princípios, não idealiza as figuras masculinas e femininas que fazem parte de sua cena originária, promove o rompimento da dinâmica que a aprisionava na dor de imputar-lhe a si própria uma solidão e um abandono em forma de silêncio e não vivência de sua sexualidade; quebra, não definitivamente, com o imperativo da responsabilidade que tomava pra si a partir da ausência do pai e sai em busca. Mas diferente de Laísa, Alice e Filipa, Ruby atribui um sentido diferente a sua busca. Não é a busca de um terceiro que viabilizaria sua tranquilidade, que evitaria o revisitar da experiência da dor, na vivência do abandono, mas é uma busca de objetivos, sonhos e desejos a partir dela mesma. Ruby não deixa de ter expectativas em relação aos seus relacionamentos pautadas no desejo de evitar essas dores, mas além de promover esses rompimentos algumas várias vezes na sua narrativa, não se deixa paralisar pelo desejo de evitar a experiência da dor e pela constatação da impossibilidade de evita-la. A ausência e fracasso de seu pai e os abandonos que sofre em sua trajetória são resignificados por Ruby enquanto pretexto para seguir adiante, o que ela denomina de disposição. Em sua narrativa a fantasia que constrói para suas relações não inclui a sua não responsabilização pelo seu autocuidado e autoproteção.

Dandara, por sua vez, sente a dor da solidão e do abandono em relações afetivo-sexuais, também a responsabilização pelo bem-estar e continuidade das relações, nutre ainda expectativas ideais na fantasia de suas relações e família; sofre com os infinitos silêncios que caracteriza suas relações familiares e com a ambivalência presente nas relações genderizadas, sexistas, heteronormativas e racistas. No entanto, assim como Alice, Filipa e Ruby, Dandara empreende momentos de rompimento de dinâmicas opressoras tanto com relação a seu irmão

quanto com relação às suas relações. Dandara, assim como Ruby, não delega à dor o papel de grande protagonista de sua vida. A sente, ela produz e reproduz sensações e contribui no sentido e expectativa que tem de si e de seus relacionamentos, mas não a paralisa, não a submete não move seus sentidos e significados. Dessa forma, além de todas as estratégias assinaladas acima que Dandara compartilha com as outras histórias, ela demonstra a partir dos sentidos que atribui a suas relações e as figuras que dela fazem parte como o manejo desse sentido é por ela utilizado para retirar de suas fantasias a centralidade da dor e daqueles que em suas relações a promovem, permitindo em suas emoções, em suas sensações e expectativas espaços mais frequentes para a busca de seus desejos, ideais e sonhos.

Após essa síntese ressaltando alguns elementos das histórias, podemos inferir que a dor na trajetória de vida dessas cinco mulheres possuem um relevante protagonismo produzindo sensações⁶⁵, percepções sobre as/os outras/os sobre si mesmo, influenciando de forma significativa na construção da subjetividade de todas elas, algumas em maior e outras em menor grau. É possível perceber também como a dor do abandono e da possibilidade do encontro com o fracasso e o desrespeito são as dores que com mais frequência ocupam esses lugares de protagonismo na vida dessas mulheres, apresentando formas distintas de expressão ou atribuição de sentidos. Observo nos relatos que tivemos contato até aqui, que essas dores guardam um estreito vínculo em sua constituição com os construtos e enunciados de gênero, raciais e da sexualidade e que ganham, no senso comum e na experiência cotidiana e emocional o status de naturais, viscerais e lanço a hipótese de que essa sensação se deve dentre outras coisas ao fato dessas dores e os construtos a que se vinculam incidirem sobre as relações, as emoções a psique, mas incidirem sobre o corpo e a partir dele, o corpo que é pessoal, individual e subjetivo. As histórias nos apresenta também dinâmicas as quais essas dores e suas vinculações e enunciados sócio culturais produzem e interagem com aspectos profundos do emocional de minhas interlocutoras.

A DINÂMICA DE CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE A PARTIR DAS DORES

Mediante os relatos de dor aos quais tivemos acesso e da dinâmica na qual elas fazem parte se faz necessário pensar que sentidos são atribuídos à essas dores, que posição ocupam no

⁶⁵ A sensação seria a maneira pela qual sou afetado e a experiência de um estado de mim mesma. Já a percepção se dá da diferenciação de um objeto do todo homogêneo (MERLEAU-PONTY, 2014)

interior das dinâmicas relacionais e como participam na construção da subjetividade dessas mulheres. Como se reatualizam na trajetória e cotidiano dessas pessoas e na dinâmica social? Nos relatos de minhas interlocutoras as dores protagonizam sensações, reações e emoções profundas que ficam marcadas e estão presentes na memória corporal, psíquica e afetiva de cada uma.

O abandono/ o fracasso e o desrespeito

O abandono é a forma mais comum como essas dores aparecem nomeadas nas narrativas. Na maioria das vezes ele aparece de forma objetiva, mas algumas vezes se apresentam de forma sutil. Aqui o abandono não tem o status apenas de uma ação, mas também de uma sensação, de uma emoção. Em outras palavras, nas narrativas de minhas interlocutoras estão presentes o ato de serem abandonadas, mas a sensação desse abandono e elaboração desse sentimento estão presentes cotidianamente e aparecem enquanto possibilidade futura. O abandono é apresentado nas narrativas enquanto falta, ausência do cumprimento de uma promessa patriarcal e heteronormativa de elementos que lhes são devido. Por exemplo, o respeito ao masculino, a proteção ao feminino.

Enfim, nesses relatos o abandono figura nas emoções dessas mulheres não como uma possibilidade, mas como uma certeza do fim. Em suas narrativas elas apresentam um desempenho que de fundo vão ser abandonadas. Esse abandono tanto enquanto ação que sofrem, quanto como emoção que permanece na memória afetiva estão em suas narrativas ligadas à posição do feminino, são elas, são suas mães que são abandonadas. No entanto, a ação de abandonar, apesar de na maioria das vezes estarem, nas narrativas, ligadas à figura paterna, aparece também relacionada à mulheres quando ocupam *posições*⁶⁶ de poder e hierárquicas na relação. O abandono como expressão da vulnerabilidade do feminino funcionaria como algo que reforça o lugar do feminino, como um mecanismo de aprisionamento, sentido como um vazio, falta de amparo, como se estivesse solta, sem raízes e sem condições de seguir adiante.

O medo do fim, da experiência do abandono combinadas as ausências vividas e experimentadas na prática das relações, aparecem em suas narrativas colocando-as muitas vezes numa posição de eterna busca. Busca por não se encontrarem nessa posição de vulnerabilidade,

⁶⁶ Dessa forma o feminino e o masculino assumem o status de construto simbólico dinâmico que pode ou não está associado aos corpos aos quais são atribuídos usualmente

busca por evitarem a sensação de estarem só, e de serem deixadas, do vazio, da intranquilidade. O conflito que parece fazer parte de suas fantasias e dos sentidos que imprimem às relações se pauta na certeza do fim, na busca por evita-lo e em ações que o antecipem. Lanço a hipótese de que esse medo legitima a posição privilegiada do masculino e traz a sensação de que esse masculino é imprescindível, sedimentando uma dinâmica de relações hierárquicas. A eminência constante do fracasso masculino faz com que para que a relação de poder se mantenha as mulheres precisam crer que eles são imprescindíveis.

O que une, portanto, essas narrativas em suas dinâmicas é uma ausência do masculino e a vulnerabilidade do feminino diante dessa ausência. É comum nas narrativas a tentativa de se afastar dessa vulnerabilidade negando ou sufocando em sua personalidade atributos simbólicos ligados ao feminino e fazendo emergir os atributos considerados socialmente como femininos. Em algumas delas como a Alice, por exemplo, no jogo de negar e tomar para si esses atributos, num exercício de lidar com as dores dessas relações, ela assume a própria figura do masculino de forma intensa e visceral não só performática⁶⁷. A relação intensa e conflituosa que parecem manter com a figura materna, no geral, delega às suas mães a posição de pessoas desejadas, de pessoas que lhes geram também a sensação de abandono e de pessoas que lhe inspiram cuidado.

O fracasso e o desrespeito, abandonos do masculino em sua promessa patriarcal e heteronormativa também é evitada com muito afincamento por minhas interlocutoras, algumas vezes de forma objetiva como em Ruby “tenho medo do fracasso” e outras vezes de forma sutil como em Alice “não quero que sintam pena de mim”. Neste jogo de aproximação e afastamento dos construtos simbólicos com a finalidade de evitar o abandono, a vulnerabilidade, a dor, o cuidado e a responsabilidade da proteção, eles são impressos como sentido de suas ações. Em suas relações estão sempre presente esses dois princípios como centrais para suas ações.

As reações a essas sensações e ao encontro seja com a ação do abandono, seja com a sensação e certeza advinda de uma memória afetiva é relatada nas narrativas enquanto melancolia, insegurança, revolta. A experiência da dor as leva a um mergulho emocional que para além de uma reflexão introspectiva aprisiona e submete. As feridas são revividas e as reações são de diversas ordens já apontadas aqui. Muitas vezes sentidas enquanto uma sensação e não elaboradas ainda enquanto percepção juntamente com os silêncios, a falta de apoio, a dificuldade em se expressar, mas também a violência que é revivida com constância, reafirma e sedimenta esse aprisionamento em forma de paralisia, reatividade e melancolia. O cuidado é

⁶⁷não é performance, a performance é um elemento, uma parte, o construto social superficial é transcendido e absorvido na dinâmica psíquica

algo que elas dizem oferecer, gostariam de receber em troca como uma responsabilidade do outro na relação. A minha hipótese é de que diante da instabilidade gerada pelo medo do abandono e da dor, minhas interlocutoras se valem do que é mais estável e no que lhe traz a sensação de equilíbrio, os princípios e formatos de relação heteronormativo. O cuidado e a extrema responsabilidade assumida por elas é a expressão dessa busca em transformar o ideal em real e de evitar a dor e a sensação de instabilidade. A assunção de responsabilidades traz muitas vezes a sensação de pertença, de estabelecimento de laços e uma noção de concretude no viver cotidiano trazendo a sensação de um caminho a ser percorrido ou metas a serem atingidas trazendo, também, uma sensação de equilíbrio, ligando-o à realidade. No entanto, essa dinâmica é minada e rompida a partir de várias estratégias já delineadas nesse texto. Estratégias que são formas de reflexão e de permitir-se desabrochar em suas potencialidade antes suprimidas ou utilizadas na dinâmica da dor para aprisioná-las. O mecanismo de construção psíquica do poder, como sinalizado por Butler (2001), envolve dar-se uma volta, uma volta em si e contra si, gerando reflexividade, de forma crítica e acusatória.

Para tentar entender a relação do social com o subjetivo no âmbito interno e emocional em um nível mais profundo me recorro a algumas leituras como as reflexões de Butler (1997) sobre os mecanismos psíquicos do poder. Butler discorre sobre a importância em se entender o poder não só como algo externo. Para a autora, a submissão é paradoxal e ao mesmo tempo em que se manifesta de forma externa ela também forma o sujeito proporcionando sua condição de existência e a trajetória de seu desejo. A forma que assume o poder está marcada pela figura de uma volta, um retorno sobre si mesmo ou até mesmo contra si mesmo (BUTLER, 1997, p.14).

Este se apresentaria, portanto, com uma dupla valência, qual seja, de submissão e produção. Apesar de muitas teorias tentarem colocar que a submissão é culpa do submisso que tenta o tempo todo permanecer neste estado (vitimização⁶⁸), Butler prefere acreditar que essa permanência são artifícios do poder (Idem, *ibidem*, p. 17)

⁶⁸ A vitimização é um poderoso enunciado acusatório que é lançado vez ou outra sobre os grupos historicamente excluídos. Pessoas negras, por exemplo são acusadas de usar o racismo enquanto muleta. Deixo a seguinte questão: ele não é criado para dentre outras coisas funcionar como uma muleta? Como algo que aprisiona? Essa é uma das funções que o poder lhe sugere... é criado para ser uma muleta, simbolicamente é o que traz aos negros o sentimento de incapacidade. Ela tem vários formatos de apresentação, mas serve à perpetuação disso. Outra imagem e metáfora que proponho, então seria do racismo como uma âncora: aprisiona, acorrenta, traz sensação de impossibilidade de movimento e o que é mais cruel: pode trazer a sensação de estabilidade, e a certeza que quando você tem autonomia logo algo vai lhe puxar para aquele estado. Essa âncora leva o sujeito, com frequência, a processos de mergulhos emocionais e provocam sentimentos depressivos. Esses dois objetos metafóricos relacionam-se simbolicamente nos discursos e nos valores quanto ao racismo e as questões raciais. É inegável que pessoas negras vivem constantemente situações de racismo e que nessas situações são vítimas. Essas situações geram também projeções e sensações emocionais de vivência contínua e prolongada. Veja bem, não é a consciência de uma estrutura racializada, é o emocional que revivendo esses processos, produzindo medos e comportamentos. Esse é um lado e um atributo do racismo. Esse processo de reviver emocionalmente a dor é nomeado amplamente

Para compreender um pouco da dinâmica de formação e expressão da ambivalência, ela analisa a subordinação e a formação do sujeito do ponto de vista foucaultiano e psicanalítico no qual embora a dependência da criança não seja subordinação política no sentido habitual, a formação da paixão primária a tornaria vulnerável a dependência e exploração e a dependência primária condicionaria a formação e regulação política dos sujeitos, se convertendo em instrumento de sua submissão. Então o que acontece é um movimento de surgimento e negação do vínculo de dependência.

Por outro lado, apesar do círculo vicioso parecer algo sem saída, há um dinamismo e uma complexidade em que esse sujeito pode se apoderar desse poder contra os propósitos para os quais esse poder foi criado. O processo de assumir o poder não consiste simplesmente em pegá-lo de um lado e transferi-lo intacto do outro. A apropriação do poder pode modificar de tal forma que o poder assumido acabe atuando contra o poder que fez possível seu aparecimento, como dito acima. Isso quer dizer que o poder está ligado a subordinação de forma ambivalente, sendo que o poder assumido pode manter e ao mesmo tempo resistir a subordinação. Recuperação do poder e resistência se dão ao mesmo tempo, de forma ambivalente, constituindo o dilema da potência (BUTLER, 1997).

Essa ambivalência aparece o tempo inteiro em campo quando algum acontecimento toca algo doloroso, há uma volta a dor originária, de forma ressignificada, mas num movimento as vezes simultâneo, não há uma tentativa de retorno a um centramento a partir da resistência ou da contestação que se apresenta em falas de “eu não me abalo com isso”, ou de tentativas de se reerguer e permanecer firme a partir da afirmação do próprio poder que a oprime num esforço de se encaixar de forma confortável nas suas premissas, ou ainda na tentativa de se rebelar e contestar essas premissas a partir não de um discurso político simplesmente, mas da apropriação de fato desse poder para si e não contra si .

Para Butler (1997), há de se considerar a ambivalência do lugar do sujeito e das condições de funcionamento, emergindo como *efeito* de um poder anterior e como *condição de possibilidade* de uma forma de potência radicalmente condicionada. Em algum momento se produziria uma inversão e uma ocultação e o poder emergiria como algo que pertence exclusivamente ao sujeito. A potência transborda ao poder que a habilitaria e como os

pela sociedade como uma muleta, o que reafirma a incapacidade e o caráter unicamente prescindindo da agência de quem possui a muleta em largá-la. A muleta simbolicamente é um objeto externo e está na base da noção de vitimização, que discordo, não acredito que recordar e reviver o racismo seja um processo de vitimização, mas uma dinâmica emocional mais próxima de uma âncora que é uma figura que remete a processos internos, emocionais, psíquicos que são estruturais, construídos historicamente. Essa diferença é crucial pra que essa característica pare de ser negada e seja pensada e repensada.

propósitos do poder nem sempre coincidem com os propósitos da potencia, essa se sobreporia. Afirmar que o sujeito supera a dicotomia não significa dizer que ele passaria a viver numa zona fora de sua criação, pois ele supera o que o está prendendo, atando e não a ambivalência em si enquanto dinâmica.

Como é patente nas narrativas, principalmente de Ruby e de Dandara, os rompimentos que sinalizo, contudo, não significa a extinção absoluta da dinâmica que acabo de mencionar, mas sim a emergência de uma prática, de estratégias, de um saber e de novos elementos simbólicos que podem ser acionados quando necessário a fim de romper novos aprisionamentos. A incorporação desse novo saber não fica à deriva esperando a hora e vontade do sujeito de utilizá-la, mas é produtiva e leva a outros rompimentos.

RELAÇÃO ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA – INTERSECCIONALIDADE?

A dinâmica de articulação entre gênero, raça e sexualidade no mecanismo engendrado pela dor é uma articulação complexa que devemos nos deter um pouco mais em sua reflexão. É princípio da interseccionalidade que essas categorias não sejam vistas, nem analisadas separadamente, uma vez que nas relações cotidianas e na constituição subjetiva dessas mulheres essas categorias apareçam em relação (CURIEL, 2005); (ESPINOSA, 2007).

A primeira coisa que gostaria de assinalar é que o corpo⁶⁹ quem atravessa e é palco, receptáculo das violências e emoções que permeiam a dinâmica das dores e é onde ela é replicada, na vivência corporal e nas relações. A grande associação entre essas dores e as categorias gênero, raça e sexualidade ao meu ver acompanha em parte a dinâmica da dor que aprisiona e assujeita; da dor a partir do sentimento de abandono enquanto expectativas

⁶⁹Wacquant (2003), o corpo percebe o simbólico e adquire um lugar social, não inteiramente novo, mas ressignificado.

Para Merleau-Ponty (1999) retoma o corpo em sua relação perceptiva com o mundo. Para o autor, tudo sobre o mundo vivido é construído e esse mundo constitui uma realidade sustentada pela experiência. O corpo entendido como um ato, um sistema corporal é quem realiza a mediação entre o mundo e sua percepção e é onde a realidade é acessada e constituída. O homem se traduz numa relação infinita entre o mundo e as suas percepções. No entanto, considerar essa infinitude de pensamento significaria correr o risco de se perder na imensidão de possibilidades, portanto, o que define o fato de se estar no mundo é a correspondência entre nossas experiências e a realidade. Mary Douglas (1973), indo na mesma direção, evidencia o simbolismo social tendo sua origem no corpo, como uma imagem, uma inscrição. Ao tratar dos rituais públicos, a autora, argumenta que eles apontam para interesses coletivos, para além de individuais, pois se o corpo – próprio do indivíduo – toma parte do ritual, o que marca, se inscreve nesse corpo é a imagem da sociedade (Idem, ibidem, p.143).

frustradas ou destino não cumprido; e da necessidade em dar-se uma volta e de encontrar estratégias de rompimento dessa relação de poder que legitima a exclusão social⁷⁰.

A minha hipótese, no entanto, é que essas dores sejam significadas e expressas tanto de forma distinta como de forma relacional, por minhas interlocutoras e por isso proponho que observemos algumas características dessas dores:

A dor do feminino largamente debatido neste trabalho é constituída a partir da relação entre os construtos e ideários simbólicos de masculino e feminino e se pauta no abandono como sinal de vulnerabilidade desse feminino.

A dor em ser negra, do corpo abjeto, do corpo negado e em contrapartida objeto de sexualização, do intelecto depreciado e negado etc. A dor da cor se expressa em grande medida no silenciamento, na ambivalência dos discursos e na negação absoluta da possibilidade de sair do assujeitamento. Pensando em termos de relação, as relações raciais até certo ponto na sua constituição simbólica se apresentam num jogo entre binários, do branco e não branco, ou do negro e do branco etc. Pensando numa relação entre as dores do gênero e da raça/cor, lanço a hipótese de que um dos artifícios da relação genderizada e racializada com vista a imputação da dor e do conseqüente aprisionamento seria de promover entre os pares de gênero entre mulheres negras e brancas, uma ambivalência e/ou inversão imagética e simbólica do gênero⁷¹ da mulher negra de forma que esta tenha em seu cotidiano negado a possibilidade do reconhecimento estético feminino, a possibilidade do cuidado protetor que traz a sensação de abandono ao feminino e negação do desejo e afeto destinado ao corpo feminino. Como dito no capítulo destinado a narrativa de Ruby, essa negação gera a mais extrema sensação de abandono, por ter na ambivalência delegada a sua posição de gênero, a certeza mais absoluta de seu abandono. Considerando que o abandono relegado ao feminino e objeto de dor atinge o brancas e negras, essa articulação entre as dores de gênero e raça traz consigo a sensação de impossibilidade da mulher negra de sair dessa dinâmica, relegando também a mulher negra a posição de bode expiatório dessa dinâmica de forma que a mulher branca pode olhá-la como num espelho e perceber-se menos abandonada em sua condição.

⁷⁰ Kristeva (1986) entende o sujeito estigmatizado e sujo em meio às relações com o outro. Denomina-o sujeito abjeto e afirma que sua construção se faz através da exclusão e da evitação. A rechaça do indivíduo concretiza identidades na medida em que estabelece o *Outro* mediante a segregação e o subjuço. O que está em jogo no processo de construção de identidades são as relações e suas assimetrias, sendo que a exclusão de um "*Outro abjeto*" corrobora como elemento na definição do "*Euhegemônico*".

⁷¹ Seria uma mudança de posição, mas não seria uma mudança estrutural, a dinâmica interna ainda mediará a leitura dessa mudança de posição, por exemplo, um homem negro, em algumas situações é feminizado, porque a negritude feminiza o homem e masculiniza a mulher diante do seu par de gênero. Isso fica mais marcado em sua relação com o masculino branco, mas ainda assim o seu interno e sua promessa simbólica é enquanto masculino e isso media essas relações. A medida que esses símbolos vão se entrelaçando, isso vai ficando mais complexo.

A dor em ser lésbica se dá tanto na abjeção que esse desejo é visto socialmente e incorporado por muitas de minhas interlocutoras e permeada pela dor do gênero. O conflito que surge a partir da emergência de atributos simbólicos entendidos como masculino causa lhes dor uma dor sentida como “confusão” que não é somente a que habita si mesma, mas também a que submersa na culpa, via se propagar para além e a partir dela mesma, como no emblemático da criança, vista como indefesa e inocente, cuja cabeça Alice não queria confundir. Embora não se suporte reconhecer o menos-valor que lhe é consignado não consegue esconder a dubiedade do juízo que lança sobre si mesma; parece não conseguir se desvencilhar de um sentimento aviltante de que haveria algo de profunda e essencialmente errado com ela mesma. É como se soubesse que em si habita um erro essencial, uma mácula indomável e poluidora, que escapa a todo controle e que não pode deixar de causar um ódio de si, uma aversão ou abjeção contra si mesma.

Minhas interlocutoras vivem o dilema e o desafio de lidar com essas dores em constante relação, qual sejam, a certeza do abandono, a certeza da inescapabilidade dele e a impossibilidade de superá-lo, sensação que acomete as mulheres negras e dificultam o acionar de suas potências; a abjeção de seu desejo e a dor do conflito e tensão social que surge a partir da emergência de atributos entendidos como masculinos. No entanto, a narrativa delas nos mostra a possibilidades de superação desse poder e dessa tentativa de aprisionamento, mostramos a capacidade de todas elas, cada uma ao seu modo, de encontrar fissuras, fendas nessa teia de construção sólida das relações sociais e estruturais, formas de apropriação do poder. De forma ambivalente, ao mesmo tempo em que os construtos simbólicos do masculino podem gerar dor, confusão e aprisionamento, podem ser apropriado como poder para si, para o autocuidado ou o cuidado de outros, para rompimentos etc. Ao mesmo tempo em que o abandono pode gerar dor e aprisionamento na sensação de vazio, pode ser apropriado como abandono de formas opressoras, de responsabilidades excessivas e de valores moralizantes. Ao mesmo tempo em que a certeza da impossibilidade de viver o destino heteronormativo destinado aos brancos/as causa dor e pânico, pode ser a fenda para a negação definitiva dessa poderosa construção de poder estrutural. Enfim, a ambivalência que permeia o poder e a dor, a ambivalência que potencializa o aprisionamento e dificulta sair dele pode ser um poderoso mecanismo de apropriação do poder para si,

Finalizo esta tese, deixando uma última história vivida pela mesma menina Lia e que fala também das relações racializadas e de gênero. Deixo-a como símbolo de que ainda há muito a se pensar, a se compreender e a se construir sobre essas relações, mas diante das reflexões

profundíssimas que Lia empreende em suas falas, diante da sua capacidade de compreensão e de formulação teórica, há também imensas possibilidades que se apontam.

O CASO DA CENTOPÉIA AMARELA

Há vários dias um acontecimento, um comentário me incomodava. A tia de Lia tinha me dito que ela havia dito: “Tia, você sabia que eu sou pretinha?” A tia logo perguntou: quem te disse isso Lia? “Foi o meu coleguinha!” E a tia com suas experiências pessoais armazenadas no estômago, logo tratou de pegar o computador e mostrar pra menina como existiam modelos, presidentes e pessoas importantes em vários espaços que são pretas. A tia contou à mãe que ficou a espreita e algum tempo depois a menina fala pra mãe empolgadíssima: “Mãe, você sabia que todos os presidentes são negros e eles mandam no mundo todo! E tem umas mulheres lindas que também são pretas, sabia mãe?” A mãe: ‘risos’, quem falou isso pra você?Minha tia! É verdade que tem muita gente preta importante! Eles não mandam no mundo todo, mas tem muita gente preta linda, inteligente e poderosa! É muito legal ser preta, você não acha?... É sim, eu acho. Foi então que a mãe perguntou: Um coleguinha seu disse que você é preta? Disse! Foi na escola? Não! Quem foi? Ninguém. Você ficou triste? Não. A mãe voltou ao assunto depois e ela não quis falar. Preferiu esperar e observar então.

Uma semana depois estavam no carro e a Lia tinha uma centopeia amarela de silicone e estava muito intrigada, com tantas pernas e antenas e com um bixinho tão diferente. Brincando de jogar a centopeia na mãe e a mesma preocupada com a direção e o trânsito resolveu pegar a centopeia e colocar em cima da direção. Derrepente, lembrou-se do dia anterior, em que buscava a filha na recreação e resolveu sentar-se para observá-la brincar um pouco: ‘ Há pouco tempo havia chegado no grupo de crianças um menino negro de Cabo-Verde e eu estava curiosa sobre seu processo de socialização. Sentava-se comigo uma das monitoras e comecei a perguntar como estava sendo, se ele estava tendo dificuldades de adaptação. Ela disse que não, o português de Portugal era diferente e ele enrolava um pouco a língua, mas que isso era engraçado e ele não se importava com o que as crianças faziam, por exemplo uma garota estava mostrando uns brinquedos numa rodinha e quando ele se aproximou ela colocou a mão e estava impedindo-o de ver os objetos e ele ficou dando voltas na roda pra ver, foi quando ela chamou os monitores para que eles o contivessem e os monitores então chamaram a atenção dela e como ela se recusou a incluí-lo puniram-na com o fim da brincadeira. Naquele momento vi um garoto

branco, o Daniel, e o comentário da monitora era: “ todos aqui comentam que o Daniel manda nas meninas todas, risos, elas fazem o que ele quer!” A Lia estava incluída nesse grupo de meninas. O garoto de Cabo Verde se aproximou de uma forma meio desordenada e tentando entrar na brincadeira do grupo de três meninas e o Daniel. Quando o Roberto (caboverdeano) se aproximava, o Daniel cochichava algo no ouvido das meninas e uma das meninas sempre dizia: Para! Isso é bullying! Não pode dizer isso e ele saia rindo e o Roberto parecia fingir que não entendia, mas de uma forma violenta, tentava pegar os brinquedos das garotas e entrar na roda, até que minutos depois ele estava brincando mais afastado do grupo.’

Quando voltavam pra casa, a mãe perguntou à Lia: O Daniel não gosta do Roberto? Não! Ele acha ele muito engraçadinho! E você o que acha? Acho ele engraçado, carequinha. Ah, tá! Perguntei: acha ele feio? Não, só engraçado! E ele fala diferente! Tá bom então.

Voltando ao episódio da centopeia, a mãe tenta criar uma história pra ver se ela se comunicava através do brinquedo. Fazendo voz de centopeia disse: “ Lia sou sua amiga, você é minha amiga?” “ Eu sou centopeia, eu adoro você!”; “Será que o Daniel também vai querer ser meu amigo?” “Ah, vai sim, eu vou falar pra ele que você é amarelinha e que amarelo é bonito e se ele não quiser ser seu amigo eu vou brigar com ele e dizer que isso é muito feio, não é mamãe?”, por um instante a mãe diz ter duvidado se conseguiria ir adiante, o estômago e a garganta já travavam, mas decidiu dar continuidade ao processo e com voz de mamãe disse: sim, é muito feio e errado e ela repetia porque todos os presidentes são negros e as modelos etc... eu sou só um pouco pretinha, mas ele disse que tudo bem... Daí a mãe pergunta com voz de centopeia: “ mas é errado, ele não pode fazer isso, porque machuca as pessoas, elas ficam tristes e é legal quando todo mundo brinca juntinho, ele é um garoto chato! É muito chato brincar com quem quer mandar em tudo, dizer o que a gente tem que fazer e se a gente não fizer não quer ser nosso amigo. Vc não acha? Diga pra ele que se ele não tratar as pessoas pretas bem que você não vai querer mais ser amiga dele!“ É...mais eu quero ser amiga dele sim. Ele é muito legal e bonito, eu não vou brigar com ele porque senão ele não vai querer mais ser meu amigo. Mas eu vou dizer pra ele centopeia que amarelo é bonito e ele vai querer ser seu amigo! Obrigada Lia! O Gabriel acha preto feio? É ele acha! Menos eu que sou só um pouquinho pretinha. E você, acha preto feio? Não, acho engraçadinho, o cabelo dele carequinha. Então a mãe diz:“ Eu acho engraçado o Daniel!” espantada Lia diz: “ah é!? O que você acha engraçado?” “ O cabelo...” “ ela começa a brincar e achar divertidas formas de cabelo para o Daniel” e daí a mãe fala: “ acho engraçado também porque ele é branco!” e ela retruca: “Eu não acho engraçado, eu acho bonito branco!”. A mãe diz: “eu acho o preto bonito!” e ela diz: “eu não acho!”. A mãe pergunta:Porque? Porque preto é escuro e aí ninguém vê a pessoa. E logo

começa a fazer comparações: Olha a noite, a noite é escura e ninguém vê nada e aí eu explico do dia, da noite e das estrelas...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a Auto-Estima da Criança Negra. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Cap. 6. p. 117-124.
- APPIAH, Kwame Antony. O pós-colonial e o pós-moderno. In: **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- AUDRE, Lorde. Vivendo com câncer. In: WERNECK, Jurema, MENDONÇA Maisa, WHITE Evelyn C. (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Palla: Criola, 2000.
- BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: UFRJ, v.3 n.2, p.458-463, jul.1995.
- _____. Orfeu e Poder: Uma Perspectiva Afro-Americana sobre a Política Racial no Brasil. **Afro-Ásia**, Rio de Janeiro: UCAM, 1 n.17, 1996.
- _____. Lembrando Lélia Gonzalez. In: WERNECK, Jurema et ali (org.). **O livro da saúde das mulheres negras – nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Criola/Pallas, 2000
- BARROS, Geová da Silva. **Racismo institucional: a corda pele como principal fator de suspeição**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- BATESON, G. **Steps to na Ecology of Mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BELLI, Benoni. **Tolerância Zero e Democracia no Brasil: visões da segurança pública na década de 90**, São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BERTAUX, D. **Biography and society: the life-history approach in the social sciences**. New York, Sage, 1981.
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BICUDO, Virgínia Leone. MAIO, Marcos chor (Org). **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.

BORGES, Antonádia et al. Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 30, n. 2, p.347-369, maio 2015

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembrança de velhos. São Paulo: Edusp, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **La Misère du monde**. Paris: Seuil, 1993

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

BOUZÓN, Patrícia Gino. **Construindo Identidades**: um estudo etnográfico sobre manipulação da aparência em salões de beleza na cidade do Rio de Janeiro. 2010. 321 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

BRASÍLIA. Vara da Infância e Juventude do Df. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios. **Cartilhas e Manuais de Medida Socioeducativa**. Disponível em: <<http://www.tjdft.jus.br/publicacoes/manuais-e-cartilhas/colecao-conhecendo-a-1a-vij-do-df/medidasSocioeducativas.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2015.

BUTLER, Judith. **Mecanismos psíquicos del poder**: Teorías sobre la sujeción. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.

BUTLER. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002. 352p.

BUTLER. Sujeito e poder. In: DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. (orgs.) Michel Foucault **Uma Trajetória Filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995, pp.231-249.

BUTLER. **Vida precária: el poder del duelo y la violencia**. Buenos Aires : Paidós, 2006.

CANO, Gabriela. **Se llamaba Elena Arizmendi**. México: Editorial Tusquet, 2009.

CARVALHO, José Jorge. **O Olhar Etnográfico e a Voz Subalterna**. Horizontes Antropológicos, Vol. 15, 107-147, julho de 2001.

CARVALHO, José Jorge. **Poder e silenciamento na representação etnográfica**. Série Antropologia, Nº 316, Brasília- DF, 2002.

CARVALHO, José Jorge. **Racismo Fenotípico e Estéticas da Segunda Pele**. In: Revista Cinética, 2008. Disponível em: www.cinetica.com.br.

CASTRO-LUCIC, Milka. La cuestión intercultural: de La exclusión a La regulación. In: CASTRO-LUCIC, Milka. **Los desafíos de La interculturalidad** :identidad, política e derecho.Santiago: LOM Ediciones, 2004.

CLASTRES. Pierre. **A sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978

COLLINS, Patricia Hill. **Fighting words**: Black Women and the search for justice. inneapolis: University of Minnesota; 1998.

- CRAPANZANO, Vincent - **Text, transference and indexicality**. In: *Hermes' Dilemma &*
- CRAPANZANO, Vincent. **Tuhami. Portrait of a Moroccan**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- _____. The self, the third, and desire. In: **Hermes' Dilemma...** Cambridge, Mass.: Harvard University Press. 1992b.
- _____. On self characterization. In: **Hermes' Dilemma...** Cambridge, Mass.: Harvard University Press. 1992c.
- CRENSHAW, Kimberly. Documento para o encontro de Especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero, In: **Estudos Feministas**. Ano 10. 1er semestre, 2002.
- CURIEL, Ochy. Identidades Esencialistas o Construcción de Identidades Políticas. El dilema de las Feministas Negras. In: **Mujeres Desencadenantes. Los Estudios de Género en la República Dominicana al inicio del tercer Milenio**. Santo Domingo, INTEC, 2005 (PDF)
- CURIEL, Ochy. Los aportes de las afrodescendientes a la teoría y la práctica feminista. Desuniversalizando el sujeto "Mujeres" en Femenías, In: M. L., **Perfiles del Feminismo Iberoamericano**. vol.III. Catálogos, Buenos Aires, 2007. (PDF)
- DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. Plataforma Gueto, 2013
- DE LA CADENA, Marisol. **La decencia y el respeto: raza y etnicidad entre los intelectuales y las mestizas**, 1997 Disponible en: <http://www.iep.org.pe/textos/DDT/ddt086.pdf>
- DOUGLAS, Mary. Impureza Ritual. In: **Pureza e Perigo**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1976.
- ESPINOSA MIÑOSO, Yuderlys. Etnocentrismo y colonialidad en los feminismos latinoamericanos: Complicidades y consolidación de las hegemonías feministas en el espacio transnacional. In: **Feminismos latinoamericanos**, Revista Venezolana de Estudios de la Mujer, N°33, Vol. 14, 2010 Disponible en: <http://www.scielo.org.ve/pdf/rvem/v14n33/art03.pdf>
- ESPINOSA, Yuderlys. "Hasta donde nos sirven las identidades repensando la política de identidad en los movimiento feministas y étnico-raciales. In: **Escritos de una lesbiana oscura. Reflexiones críticas sobre el feminismo y política de identidad en América Latina**. En la Frontera. Buenos Aires-Lima. Pág. 25-53, 2007 (PDF)
- ESTEVES, Antônio J. **Metodologias qualitativas, análise etnográfica e histórias de vida**. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4257.pdf>- Acessado em 06/2011.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 1ª edição. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.
- EWING, K. (1990). **The illusion of wholeness: Culture, self, and the experience of inconsistency**. *Ethos* 18, 251-278.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Minas Gerais: Editora da UFJF, 2002.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 2008.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Cadernos de Campo: Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, Vol. 14, n°13. 2005.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. São Paulo: Ática, 1978.

FERRAROTI, F. “Sobre a autonomia do método biográfico” In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34

FLAUZINA, Ana Luiza. **Corpo negro caído no chão**: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

FORMIGA, Gleides Simone de Figueiredo. **A cor vigiada**: uma crítica ao discurso racializado de prevenção ao crime. 2010. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **Les anormaux**. Cours au Collège de France (1974- 1975). Paris, Gallimard, 1999.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal , 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997. 288p.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2000.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. v.II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIACOMINI, Sônia Maria. **Mulatas profissionais**: raça, gênero e ocupação. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006

GOLDMAN, Marcio. **Alteridade e experiência**: Antropologia e teoria etnográfica. Etnográfica. [online]. maio 2006, vol.10, no.1

GOMES, Janaína Damasceno. **Os segredos de Virgínia**: estudos de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955). 2013. 180f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2013.

HOOKS, Bell. **Devorar al otro**: deseo y resistencia. Debate feminista Vol. 13, Ano 7, México, pp. 17-38, 1996 (PDF)

KOFES, Suely. “Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites.” Cadernos Pagu, n. 3, p. 117-141, 1994. LE GOFF, Jacques (Coord.) **A história nova**. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

KRISTEVA, Julia. **The power of horror**: an essay on abjection. New York: Columbia University Press, 1986.

LE BRETON, David. **As paixões Ordinárias**: antropologia das emoções. Petropólis: Vozes, 2009

LUGONES, María. Multiculturalismo radical y feminismos de mujeres de color. **Revista Internacional de Filosofía Política**, Núm. 25, 2005. Universidad Autónoma Metropolitana – Iztapalapa. México. Disponible en: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/592/59202503.pdf>

MARCUS, George, 1998(1995): *Ethnography in/of the World System: The emergence of Multi-sited Ethnography*. In: **Ethnography Through Thick and Thin**, New Jersey, Princeton University Press, 1998

MARCUS, George; CUSHMAN, Dick. **Ethnographies as texts**. Annual Review of Anthropology. Volume 11. 1982 pp 25-69. URL: <http://www.jstor.org/stable/2155775>. Mass.: Harvard University Press. 1992.

MENDOZA, Breny. La desmitologización del mestizaje. In Honduras: **Evaluando nuevos aportes**, 2001
Disponible en: <http://collaborations.denison.edu/istmo/n08/articulos/desmitologizacion.html>

MENDOZA, Breny. La epistemología del sur, la colonialidad del género y el feminismo latinoamericano. In: **Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano**. Vol. 1. Yuderky Espinosa Miñoso (coord.). En la frontera, Buenos Aires, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

MICHELAT, G. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: Thiollent, M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo, Polis, 1981. p. 191-211.

MONTORO, Tânia. Notícias de violência. In: SUÁREZ, Mireya, BANDEIRA, Lourdes. **Violência, Gênero e Crime no Distrito Federal**. Brasília, EdUnB, 1999.

MUFFE, Chantal. El problema de la identidad y el feminismo. In: **El Retorno de lo político**. Barcelona: Paidós, Pag. 109 a 113, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional *versus* identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NASCIMENTO, Beatriz. Por uma história do homem negro. In: RATTTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Kuanza, 2007.

_____. A mulher negra e o amor. In: RATTTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Kuanza, 2007.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do corpo negro**. 1998. 146f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 1998.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem, In: **Tanto preto Quanto Branco**. São Paulo: TAQ, 1979.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar**: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. Tese de Doutorado em Ciências Sociais – UNICAMP – São Paulo, 2008.

PEACOCK, James L. & SOURCE, Dorothy C. Holland: The Narrated Self: Life Stories In: **Process**, Ethos, Vol. 21, No. 4, (Dec., 1993), pp. 367-383

PECHINCHA, Mônica. **Uma Antropologia Sem Outro**. O Brasil no Discurso da Antropologia Nacional. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2002.

PINO, N. P. **A teoria queer e os intersex**: experiências invisíveis de corpos des-feitos. Cadernos Pagu, v. 28, p. 149-174, jan./jun. 2007.

PRATTS, Mary Louise. **Ojos Imperiales**. Literatura de viaje y transculturación. Universidad Nacional de Quilmes. Buenos Aires. Páginas 321-342, 1997 (PDF).

QUEIROZ, M. I. P. **Relatos orais**: do "indizível" ao "dizível". Ciêc. Cultura, 39 (3): 272-86, São Paulo, 1987.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**, pp. 225-242, 2000. Disponible en: www.clacso.org/espanol/html/libros/lander/10.pdf

ROLON, Gabriel. **História de Diva**: Oito relatos de vida. São Paulo: Planeta, 2008. 260 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Org.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SCOTT, J. The evidence of experience. *Critical Inquiry*, 17, 773-795. 1991

SEGATO, Rita Bete. **Las estructuras elementales de la violencia**: Ensayos sobre género entre la antropología el psicoanálisis y los derechos humanos. 1ª edição. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003. 264p.

SEGATO, Rita. **A natureza do gênero na psicanálise e na antropologia**. Série Antropologia, nº: 146, Brasília – DF, 1993.

SEGATO, Rita. La Nación y sus Otros. **Raza, etnicidad y diversidad religiosa en tiempos de Política de la Identidad**. Argentina, 2003. ed: Prometeo.

SEGATO, Rita. **Os percursos do gênero na antropologia e para além dela**. Série Antropologia, nº 236, Brasília – DF, 1998.

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Cap. 1. p. 21-38.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. 88p.

VARGAS, Bete Jimena Ordóñez Vargas. **Sobreviver numa penitenciária de mulheres**: quando adaptar-se é resistir. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2005. Falta numero de folhas

VARGAS, Bete Jimena Ordóñez. **É possível humanizar a vida atrás das grades?** Uma etnografia do método de gestão carcerária APAC. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia

Social) - Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10482/10416>. Acesso em: 10 de novembro de 2013.

WACQUANT, LOÏC. A rua e o ringue; Busy louie nas golden gloves. In: **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WERNECK, Jurema. A era da inocência acabou, já foi tarde. In: **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano, 2003.

WITTIG, Monique. Nadie nace mujer. In: **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Barcelona: Egalés. 1996 (PDF)